

- Ensino Sistêmico sobre a Vida Cristã -

Evangelium

Das 1. Capitel.

Von Christi Person und Amt; wie auch von Andrea, Petro, Philippo und Nathanael, seinen Jüngern.

Im * Anfang war das † Wort, und †† Gott war das W

* 1 Mos. 1, 1. † 1 Joh. 1, 1

2. Derselbe * war im Anfang bei Gott, und durch ihn * wurde die Welt gemacht, und ohne dasselbe ist nichts geworden, was durch ihn gemacht ist.

* Ps. 33, 6. Col. 1, 2.

4. In ihm * war das Leben, und durch ihn * wurde das Licht der Menschen gegeben, und das Licht * leuchtete in der Finsternis, und die Finsternis haben es nicht begriffen.

5. Und das * Licht scheinete in der Finsternis, und die Finsternis haben es nicht begriffen.

* c. 8, 12. u. 9, 5.

6. * Es ward ein Mensch von dem Jüden, der hieß Johannes.

7. Derselbe kam zum Zeugnis, daß er dem Licht zeugete, auf daß sie Alle durch ihn glaubten.

8. Er war nicht das Licht, sondern daß er ein

O Evangelho da Justiça de Deus

Série:
O EVANGELHO
As Boas Novas da Parte
de Deus

4ª Edição – Set/2019

Copyright do Autor – Ver Informações de Uso no Próprio Material

Considerações Gerais Sobre o Uso Deste Material:

Este material tem como objetivo servir de apoio ao conhecimento e aprofundamento do estudo da Bíblia e da Vida Cristã.

Tendo como base o entendimento de que na Bíblia Cristã está contida a consolidação dos registros fundamentais e formais dos escritos inspirados por Deus para a humanidade e para cada indivíduo dela, os conteúdos expostos neste material não visam jamais acrescentar algo à Bíblia, e nem jamais retirar algo dela, mas almejam contribuir na exploração daquilo que já foi registrado e repassado a nós pelo Único Criador e Senhor dos Céus e da Terra ao longo de milhares de anos da história.

O que se pretende apresentar são assuntos agrupados, coligados, organizados e sistematizados, visando abordar temas e considerações específicas contidas na Bíblia Cristã, com o intuito de auxiliar nas abordagens de alguns tópicos especiais dentre tão vasto conteúdo que ela nos apresenta.

Eclesiastes 12: 11 As palavras dos sábios são como agulhões, e como pregos bem fixados as sentenças coligadas, dadas pelo único Pastor.

As palavras coligadas, postas juntas, como ditas no texto bíblico acima, servem como pregos de apoio para fixação, sustentação. Assim, um dos objetivos neste material é estudar e buscar um mais amplo entendimento das verdades que nos foram entregues pelo Único Pastor, O Deus Criador dos Céus e da Terra.

Sugerimos que a leitura e o estudo sejam sempre acompanhados da prudência e averiguação devida, considerando que isto é um hábito muitíssimo saudável a ser feito em relação a qualquer material que é apresentado por outrem.

O ato de aceitação, rejeição, ou o “reter o que é bom”, é um atributo pessoal e individual dado àqueles que recebem a sabedoria de Deus e que deveria ser exercitado ou usado por eles em relação a todo o material que chega às suas mãos.

Provérbios 8: 12 Eu, a Sabedoria, habito com a prudência e disponho de conhecimentos e de conselhos.

Atos 17: 11 Ora, estes de Bereia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim.

Provérbios 16: 1 O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do SENHOR.

2 Todos os caminhos do homem são puros aos seus olhos, mas o SENHOR pesa o espírito.

3 Confia ao SENHOR as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos.

Mais detalhes sobre estas considerações de uso foram postadas em www.ensinovidacrista.org.

Ronald Gortz e Irmelin Gortz, servos do Senhor Jesus Cristo!

Considerações Sobre Cópias e Distribuição Deste Material:

Este material específico, impresso ou em mídia digital, está autorizado a ser copiado livremente para uso pessoal. Ele é direcionado àqueles que têm sede e fome de conhecerem mais sobre o Deus Criador dos Céus e da Terra, o Pai Celestial, sobre a Bíblia Cristã, a Vida de Cristo e a Vida Cristã, ou mesmo aqueles que somente querem iniciar um conhecimento sobre estes aspectos.

Apocalipse 21: 5 E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.

6 Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida.

A disponibilização livre desses materiais é tão somente a adoção de uma prática similar do exemplo e da maneira como o Rei dos Reis, O Senhor dos Senhores, distribuiu da fonte da água da vida àqueles que têm sede por ela.

Se uma pessoa, para quem este material for benéfico, desejar compartilhá-lo com outras pessoas, poderá fazê-lo, preferencialmente, indicando o “Site” da Internet sobre este Ensino Sistemático sobre Vida Cristã, onde ele pode ser obtido livremente. (www.ensinovidacrista.org).

Entretanto, se uma pessoa quiser compartilhar este material com alguém que tenha restrições ou dificuldades ao acesso direto do “Site” em referência, ela poderá compartilhar uma cópia diretamente à outra pessoa, impressa ou digital, respeitando a reprodução completa do material, inclusive com as citações sobre os critérios de uso e de cópias.

Enfatizamos, porém, que este material **não está autorizado** a ser copiado e distribuído, sob nenhuma hipótese, quando houver qualquer ação comercial envolvida. Não está autorizado a ser vendido, dado em troca de ofertas, incluído em “sites” com o objetivo de atrair público ao “site”, incluído em “sites” para atrair “clicks” em “links” patrocinados e comerciais, e situações similares. Também **não está autorizado** a ser incluído em materiais de eventos ou cursos ou retiros com inscrições pagas ou para qualquer promoção pessoal de “preletores”, instrutores, instituições ou similares.

A permissão de uso livre tem o objetivo de deixar o material amplamente disponível às pessoas em geral que quiserem ter acesso a ele para sua leitura, estudo e proveito naquilo que lhes for benéfico, bem como para compartilhá-lo, também livremente, àqueles que têm restrições ou dificuldades de acesso direto ao “site” mencionado.

*1Timóteo 2: 3 Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,
4 o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.*

Mais detalhes sobre estas considerações de uso foram postadas em www.ensinovidacrista.org (ou em inglês: www.zoominchristianlife.org).

Conteúdo

Conteúdo.....	4
C1. A Relevância da Justiça de Deus no Evangelho	7
C2. A Provisão Especial para a Compreensão da Singular Justiça de Deus.....	9
C3. Buscai Primeiro a Justiça de Deus.....	13
C4. A Justiça Eterna e Soberana de Deus	16
C5. A Importância do Entendimento de que a Justiça e o Juízo São Aspectos Distintos	28
C6. Ressaltando a Soberania e a Justiça de Deus também em Sua Condição de Justo Juiz	35
C7. Justiça Vingativa, Condenatória, Justificadora ou Reparadora?	44
C8. A Crucial Necessidade do Convencimento Simultâneo e pelo Espírito Santo sobre o Pecado, a Justiça e o Juízo	55
C9. Uma Breve Análise Histórica sobre o Pecado e os Termos Utilizados para o Pecado ao Longo desta História.....	62
C10. A Relevância que Pode Haver na Compreensão da Amplitude de Aspectos por Trás do Pecado para um Posicionamento Adequado em Relação ao Pecado ...	68
C11. O Sutil e Ambicioso Objetivo do Pecado Através do Pecado	78
C12. O Pecado Central Presente nos Demais Pecados	84
C13. Os Limites, Os Meios, a Tentação e a Participação das Pessoas na Atuação do Pecado.....	91
C14. O Corpo do Pecado.....	108
C15. O Pecado Visto Sob a Ótica da Ofensa	124
C16. Considerações Adicionais sobre a Variedade de Características ou Etapas da Atuação da Ofensa	131
C17. Os Meios Ineficazes e Falsos que Tentam Lidar com o Pecado e com o Conjunto de Aspectos Derivados do Pecado.....	149

C18. A Revelação do Pecado e da Justiça “Antes de Cristo” e “Depois de Cristo” .	162
C19. A Justiça de Deus Revelada como um Dom Celestial.....	169
C20. A Sublimidade do Dom da Justiça Manifestada na Justificação dos Pecadores	173
C21. O Propósito Reconciliatório da Justificação dos Pecadores	183
C22. A Disponibilidade e a Aceitação do Dom da Justiça.....	189
C23. Fatos ou Mudanças das Condições de um Indivíduo que Acompanham o Recebimento do Dom da Justiça.....	205
C24. A Vida Após o Recebimento do Dom da Justiça e a Justificação de Pecados Cometidos Após Receber este Dom.....	211
C25. A Perseverança na Rejeição à Sujeição ao Pecado, e o Anelo pela Condutas Segundo a Justiça Celestial após Receber o Dom da Justiça	221
C26. O Recebimento do Dom da Justiça e a Abstenção da Associação com a Injustiça ou com um Jugo Desigual	232
C27. A Luz Celestial e a Virtude de Discernimento do Bem e do Mal Associadas à Palavra da Justiça.....	252
C28. A Posição de Alto Risco à qual um Cristão Pode Ficar Sujeito ao Negligenciar o Crescimento na Palavra da Justiça ou na Vida Cristã	257
A. A Necessária Participação Pessoal do Cristão quanto à Permanência e Crescimento na Justiça de Deus.....	257
B. A Necessidade de Cada Cristão Receber as Dádivas da Justiça de Deus com a Atenção que lhe São Devidas.....	269
C. A Necessidade de Cada Cristão se Alimentar Pessoalmente da Palavra da Justiça ou do Alimento Sólido	273
D. A Necessidade de Cada Cristão se Dispor Pessoalmente para Ser Guiado pelo Espírito Santo.....	283
C29. O Fruto da Justiça	297
C30. Cristo: O Renovo da Justiça, O Sol da Justiça, A Raiz do Justo e o Rei da Justiça segundo a Ordem de Melquisedeque	304

C31. Visão Resumida sobre a Justiça de Deus	309
Bibliografia	312

C1. A Relevância da Justiça de Deus no Evangelho

O assunto tratado neste novo material refere-se a mais um dos temas que compõem a série [O Evangelho, As Boas Novas da Parte de Deus](#), e a qual já conta com os seguintes temas anteriores:

- ⇒ 1) Muito Mais do que Uma Mensagem: Uma Oferta de Vida!
- ⇒ 2) O Limite do Evangelho Ilimitado;
- ⇒ 3) O Evangelho do Criador;
- ⇒ 4) O Evangelho de Cristo;
- ⇒ 5) O Evangelho do Reino.

Nos estudos citados acima, foi explanado o aspecto de que o Evangelho de Deus se refere a uma oferta de novidade de vida apresentada diretamente por Deus à humanidade e cuja amplitude é tão extensa e abrangente que se faz necessário o uso de diversos nomes compostos para expor a sua grandeza e a diversidade de suas características.

Entendemos ser importante frisar que os distintos nomes compostos não compõem evangelhos distintos. Há somente um único Evangelho de Deus. Os diversos nomes compostos do Evangelho somente evidenciam as grandes facetas deste único Evangelho.

O Evangelho de Deus apresenta uma ampla variedade de características, pois é por meio do Evangelho que Deus oferece toda a provisão necessária para que os seres humanos possam estar plenamente amparados para viverem segundo o querer do Senhor. Cada uma das grandes facetas do Evangelho de Deus é vital ou essencial, pois elas se complementam mutuamente para que o propósito de Deus possa se cumprir na vida daqueles a quem o Evangelho é destinado.

E apesar de muitas pessoas não se darem conta disto, a justiça de Deus, por sua vez, também é um desses aspectos imprescindíveis que têm um papel fundamental para a vida de todos os seres humanos e em toda a oferta de vida que Deus oferece por meio do Seu Evangelho.

Se a justiça de Deus não estivesse prevista e incorporada no Evangelho de Deus, o Evangelho jamais poderia ter sido apresentado com um mínimo de coerência e consistência, pois a justiça de Deus é uma das partes do Evangelho do Senhor que mais confere validade e credibilidade ao Evangelho e tudo o que é oferecido por meio dele aos destinatários desta oferta, conforme pode ser visto no seguinte texto:

Romanos 1: 16 Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;

17 visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

Revedo o texto citado acima, pode ser observado que o Evangelho de Deus somente é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que nele crê porque neste mesmo Evangelho está contida a revelação da justiça de Deus que permite um indivíduo chegar à condição de justificado perante o Senhor ou de um justo que vive por fé.

O entendimento da justiça de Deus, ainda que gradual ou de fé em fé, é um dos aspectos mais necessários e favoráveis para uma pessoa vir a crer no Evangelho de Deus como o meio para alcançar a salvação eterna e a novidade de vida que o Senhor oferece a partir do seu reino celestial.

O Evangelho de Deus, a atuação da justiça de Deus, a fé em Deus, a salvação eterna e a novidade de vida oferecida pelo Criador Eterno são aspectos inseparáveis do propósito do Senhor de oferecer a todos os seres humanos o caminho para alcançarem e viverem a vida eterna que dos céus lhes é proposta, conforme Paulo, um apóstolo do Senhor Jesus Cristo, descreve no último texto acima referenciado e em todas as suas cartas.

Portanto, tendo em vista que o Evangelho de Deus contém tanto a revelação como o oferecimento da justiça de Deus aos seres humanos, consideramos que seria bastante adequado fazer a opção de utilizar a expressão justiça de Deus também como um dos nomes compostos do Evangelho do Senhor e como um dos nomes compostos para abrigar um estudo mais pormenorizado sobre este atributo tão essencial à vida e a todos os outros itens do Evangelho.

O Evangelho de Deus é o meio pelo qual Deus oferece a restauração da comunhão dos seres humanos com Ele e com a Sua palavra, mas é somente por meio da justiça de Deus que esta restauração pode ser estabelecida justamente ou sobre um fundamento justo, o que faz da justiça um aspecto tão especial, essencial ou crucial em todo o Evangelho.

A justiça de Deus depende do Evangelho para ser revelada, mas o Evangelho também depende da justiça de Deus para que possa ser oferecido de forma apropriada, para que possa ser crido e para que possa ser experimentado de maneira crescente na vida daquele que passa a crer no Senhor por causa do Evangelho e por causa da justiça de Deus revelada através deste mesmo Evangelho.

A justiça de Deus fundamenta o Evangelho como uma oferta reta, justa e sem aceção de pessoas, mas, ao mesmo tempo, Deus escolheu que a própria justiça fosse revelada também no Evangelho que ela fundamenta, mostrando, assim, que a justiça e o Evangelho são aspectos que jamais podem ser dissociados.

Uma proposição de um Evangelho dissociado da plena justiça de Deus jamais será verdadeiramente um Evangelho, jamais será de fato uma “boa nova” eterna. E uma proposição de comunhão com Deus dissociada da justiça de Deus jamais será uma proposta válida ou aceitável diante do Senhor.

A justiça de Deus é digna de honra, é digna de destacada atenção e é digna de uma especial dedicação, porque ela é parte integrante e essencial do fundamento de toda a novidade de vida oferecida e concedida pelo Senhor, bem como também da vida que há no próprio Deus.

Uma vez que a base do relacionamento de uma pessoa com o Senhor está firmada na justiça de Deus, e não na justiça dos homens, torna-se também tão importante e imprescindível que a justiça do Senhor seja amplamente conhecida, crida e recebida conforme ela é apresentada no próprio Evangelho do Senhor.

C2. A Provisão Especial para a Compreensão da Singular Justiça de Deus

O tema da “*justiça*” faz parte de qualquer sociedade humana e permeia a vida de todas as famílias, povos e nações.

O que as pessoas compreendem por justiça, entretanto, pode variar muito de nação para nação, de povo para povo dentro da mesma nação, de famílias para famílias dentro do mesmo povo e de pessoas para pessoas dentro das mesmas famílias.

Para algumas pessoas, a palavra justiça pode soar como a realização de obras e tarefas que são feitas em concordância com os padrões considerados como justos e corretos em uma determinada sociedade, para outras pode soar como um conjunto de ações necessárias para que uma injustiça seja vingada, e ainda para outras, o termo justiça pode ter a conotação de estabelecimento de leis e sistemas de julgamentos das práticas das regras estabelecidas, e assim por diante.

No presente estudo, contudo, não queremos nos ater na diversidade dos sistemas de justiça humanos, pois não é esta a justiça que o Senhor nos instruiu a buscar em primeiro lugar. O Senhor Jesus Cristo não instruiu aos seus discípulos a, simplesmente, buscarem justiça ou aquilo que as pessoas entendem por justiça, mas Ele os instruiu a buscarem especificamente a justiça de Deus.

A justiça de Deus é grandemente diferenciada de qualquer justiça que há na Terra, e a sua origem e definição não estão sujeitas ao que as nações, os povos e as pessoas falam sobre ela.

Assim como o reino de Deus é diferente de todos os demais reinos, a justiça de Deus também é única, singular e incomparável. E assim como o reino de Deus é revelado e esclarecido somente por Deus aos seres humanos, assim também a justiça do Senhor somente pode ser conhecida por aquilo que Deus nos permitir conhecer sobre ela.

Da mesma maneira que a definição do que é o reino dos céus e o que nele está contido pertence a Deus, também a definição da justiça de Deus e do que nela está contido pertence ao Senhor Eterno.

A instrução sobre a justiça de Deus tem sua origem nos céus e ela é repassada aos seres humanos pela via que os céus o estabeleceram e estabelecem, conforme já foi visto no capítulo introdutório do presente estudo e conforme pode ser observado mais uma vez nos textos apresentados a seguir:

Salmos 97: 6 **Os céus anunciam a sua justiça, e todos os povos veem a sua glória.**

Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;**

17 **visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.**

João 16: 7 Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei.

8 Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo.

O conhecimento e o relacionamento com a justiça de Deus pode ser crescente e pode atingir níveis mais aprofundados, assim como uma pessoa pode se relacionar de forma não superficial e mais intensa com Deus e com o Seu reino.

As Escrituras bíblicas nos apresentam um grande número de informações concedidas pelo reino dos céus para que as pessoas possam iniciar o conhecimento sobre a justiça de Deus, mas um entendimento mais preciso e mais aprofundado da justiça celestial também precisa ser regado pela comunhão com o reino dos céus através do Espírito Santo, Aquele que foi designado por Deus para tornar a justiça do Senhor conhecida pelas pessoas que habitam na Terra.

No presente material pretendemos abordar diversas considerações sobre o que as Escrituras nos apresentam sobre a justiça de Deus, mas também gostaríamos de sugerir acentuadamente que o leitor deste estudo tenha em mente que a efetiva compreensão deste assunto somente pode lhe ser concedida pelo Espírito Santo de Deus, o qual já foi designado pelo Senhor para nos instruir neste tema.

O Evangelho de Deus é o meio pelo qual Deus nos oferece a comunhão com Ele e com a Sua palavra, e é também pela comunhão com o Senhor e com a sua palavra, por meio do Espírito Santo, que a justiça celestial é desvendada para aquele que caminha de fé em fé naquilo que lhe é oferecido pelo Evangelho em referência.

“A justiça de Deus”, como os demais aspectos do Evangelho de Deus, também é imensurável, mas isto não implica em que os pontos que nos são necessários para o tempo presente não possam desde já ser conhecidos e experimentados.

O Espírito Santo de Deus nos é concedido para que conheçamos o que nos é dado gratuitamente por meio do Evangelho de Deus, e isto também inclui a grande dádiva da justiça celestial.

O Espírito Santo recebeu a designação de Deus para convencer o mundo todo da justiça de Deus, mas Ele também recebeu a designação de Deus para mostrar esta justiça de forma mais aprofundada para aqueles que recebem o Espírito do Senhor e a Sua justiça em seus corações.

1 Coríntios 2: 12 Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.

A capacidade de entendimento da justiça de Deus não está no espírito do mundo e não está na habilidade intelectual das pessoas. A capacidade de compreensão da justiça de Deus, assim como ocorre em relação às demais dádivas celestiais, também está na instrução do Espírito do Senhor para aqueles que se permitem ser instruídos por Ele.

*1 Coríntios 2: 13 **Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais.***

*14 **Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.***

Sabendo que a justiça de Deus não é compreensível à luz do mero conhecimento humano, Deus nos enviou um “Ajudador” para que esta tarefa possa ser alcançada. Ainda que o assunto da justiça de Deus possa ser desafiador, ele é possível de ser compreendido amplamente quando uma pessoa se deixa auxiliar e guiar pelo Espírito do Senhor.

*Romanos 8: 26 **Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis.***

*João 16: 7 **Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei.***

*8 **Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo:***

9 do pecado, porque não creem em mim;

10 da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais;

11 do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

*12 **Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora;***

*13 **quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.***

Para compreender os princípios da justiça de Deus as pessoas necessitam ir além do entendimento intelectual humano e precisam se abrir para a voz e para o ensino do Espírito Santo. Uma pessoa pode até ter informações sobre a justiça de Deus, dialogar e fazer discursos sobre ela, mas se o Espírito do Senhor não a ensinar e convencer do que é de fato a justiça de Deus, ela não a compreenderá e não terá uma firme e apropriada convicção interior sobre ela.

A instrução do Espírito Santo não somente permite que as pessoas conheçam a verdade mais profundamente, mas ela também permite que as pessoas alcancem a posição e a condição na qual a verdade revelada pelo Senhor venha a fazer parte das suas vidas e iluminem os seus corações e o seu caminhar nas mais diversas circunstâncias.

Quando as pessoas buscam a justiça de Deus onde ela deve ser buscada e através do meio que o Senhor as instrui para a buscarem, elas a encontrarão.

Provérbios 29: 26 **Muitos buscam o favor daquele que governa, mas para o homem a justiça vem do SENHOR.**

C3. Buscai Primeiro a Justiça de Deus

Antes de dar prosseguimento sobre algumas características específicas da justiça de Deus e sobre como uma pessoa pode experimentar esta justiça ou conviver com ela, nós gostaríamos de falar, neste novo capítulo, sobre a importância da busca desta justiça em “primeiro lugar”.

Em suas pregações e ensinamentos, o Senhor Jesus Cristo diversas vezes fez referência à justiça de Deus e, especificamente em uma destas menções, ele equiparou a importância da busca da justiça de Deus com a busca do reino de Deus em primeiro lugar, como pode ser observado no texto a seguir:

*Mateus 6: 33 **Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. (RC)***

Assim como o Senhor Jesus Cristo ensinou aos Seus discípulos a relevância do reino de Deus e qual é o lugar de importância que a busca pelo reino de Deus deveria ter, assim Ele também ensinou sobre a condição proeminente da justiça de Deus e qual é o lugar de importância que a busca pela justiça celestial deveria ter na vida daqueles que querem seguir ao Senhor.

O Senhor Jesus Cristo não somente ensinou que a justiça de Deus deveria ser buscada com afinco, mas também ensinou que a justiça de Deus deveria ser buscada antes de qualquer outra coisa, mesmo antes daqueles aspectos que podem parecer mais essenciais para a vida e para a sobrevivência, tais como a comida, a bebida e o vestuário.

O mesmo grau de importância que o Senhor atribuiu à busca pelo reino de Deus também foi atribuído à busca pela justiça de Deus, pois a busca pela justiça não aparece como um item secundário à busca pelo reino de Deus.

A busca pelo reino de Deus e a busca pela justiça de Deus, no texto acima referenciado, estão apresentadas no mesmo nível de importância, sendo que nenhum dos dois itens é superior ou inferior ao outro. O fato da menção sobre a busca do reino de Deus aparecer antes é uma questão de ordem de busca e não de importância, pois a expressão buscar em primeiro engloba os dois itens, sem o favorecimento de um ou do outro.

O chamado para a busca da justiça de Deus, todavia, necessita de um destaque especial, pois muitas pessoas que se dizem dedicadas a buscarem o reino de Deus ou que declaram estar empenhadas em conhecer o reino celestial raramente fazem citações do assunto da justiça de Deus ou da busca pela justiça de Deus.

A questão de ordem do assunto da busca do reino de Deus e da busca da justiça de Deus é relativa à sequência necessária para a busca, ou seja, a justiça de Deus é definida e encontrada no reino de Deus, por isto que é necessário buscar o reino de Deus para nele encontrar a justiça de Deus.

Por outro lado, as definições do reino de Deus e da justiça de Deus são tão próximas que elas se fundem entre si, conforme anunciado no seguinte texto:

Romanos 14: 17 ***Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.***

O reino de Deus é justiça de Deus, portanto, buscar o reino de Deus é buscar a justiça de Deus e buscar a justiça de Deus também é buscar o reino de Deus.

Em outras palavras, talvez, poderia ser dito que buscar primeiro o reino de Deus e a Sua justiça é buscar em primeiro lugar a característica do reino que deve ser buscada por primeiro para depois estar devidamente amparado para buscar as demais facetas do reino dos céus.

A busca do reino de Deus associada à busca da justiça de Deus expõe um foco ainda mais preciso sobre aquilo que deve ser buscado primeiramente ou prioritariamente no reino de Deus.

A busca pelo reino de Deus associada à busca da justiça de Deus não é um chamado para duas ações distintas, mas é um chamado para uma mesma ação, é um chamado para buscar simultaneamente dois aspectos que se complementam.

A justiça de Deus tem um papel tão fundamental que os demais itens citados sobre o reino de Deus no texto de Romanos 14, verso 17, somente podem ser alcançados se, primeiramente, uma pessoa tiver alcançado a justiça de Deus.

Sem a justiça de Deus, uma pessoa não é apta a receber a paz de Deus e também não é apta a receber a alegria do Espírito Santo, pois o Espírito do Senhor não se regozija com a injustiça e nem concede a paz onde a justiça de Deus não está presente.

Enfatizando ainda o aspecto de buscar a justiça de Deus por primeiro, relembramos também que a palavra “*buscar*”, usada para descrever a postura que os discípulos do Senhor Jesus Cristo deveriam ter em relação à justiça de Deus, e também descrita no estudo sobre O Evangelho do Reino, está correlacionada com o firme propósito de “*procurar a fim de encontrar*”, “*procurar a fim de descobrir*” ou com “*o empenho de investigar algo visando de fato alcançar o que está sendo investigado*” (segundo comentários da Online Bible associados ao léxico grego de Strong).

Buscar algo em primeiro lugar, por sua vez, é então buscar algo **por primeiro em tempo, posição e lugar** (segundo comentários da Online Bible associados ao léxico grego de Strong).

Buscar algo em primeiro lugar é buscar algo antes de qualquer outra coisa ou é colocar a busca de algo específico na frente das outras coisas.

Buscar a justiça de Deus em primeiro lugar, portanto, engloba, inclusive, postergar a busca de algumas outras coisas para depois que a busca pela justiça de Deus já esteja em curso.

No texto de Mateus 6, verso 33, fica muito claro que a busca pela justiça de Deus não é algo a ser postergado para o futuro próximo ou para um futuro distante, e nem ela é uma atitude para ser postergada para o tempo após a vida na Terra, pois a busca pela justiça de Deus está contraposta, pelo Senhor Jesus Cristo, com a busca das coisas materiais mais elementares para a sobrevivência física ou terrena.

Quando o Senhor nos chama para que a justiça de Deus seja buscada em primeiro lugar, Ele o faz porque a justiça de Deus pode de fato ser alcançada por aqueles que a buscam em primeiro lugar e por aqueles que a buscam segundo o Evangelho do reino.

É importante saber que aquilo que o Senhor instruiu para ser buscado em primeiro lugar também é possível de ser encontrado em primeiro lugar, pois antes de o Senhor nos chamar para fazer algo, Ele já fez a provisão para que aquilo que Ele nos pede também possa ser realizado por meio Dele.

A justiça de Deus não é um atributo do reino de Deus que precisa ser criado ou que precisa ser desenvolvido. A justiça de Deus já existe, já está definida e já está estabelecida, e, portanto, também já está disponível para ser encontrada.

O conhecimento da justiça de Deus é dado dos céus para os seres humanos e revela uma característica do próprio Deus. A proclamação da justiça de Deus é uma manifestação da própria glória do Deus Eterno.

*Salmos 97: 6 **Os céus anunciam a sua justiça, e todos os povos veem a sua glória.***

No capítulo anterior, no texto de Romanos, capítulo 1, foi visto que a justiça de Deus é revelada pelo Evangelho, e uma vez que ele já nos foi oferecido de forma completa, fica implícito também dizer que a justiça de Deus contida neste Evangelho também já está completa para ser buscada, encontrada e desfrutada para uma nova condição de vida.

*Romanos 5: 17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.***

O fato de o Senhor orientar que a busca pela Sua Justiça seja realizada por primeiro tem o objetivo central de nos beneficiar, pois a Sua justiça é necessária em todas as circunstâncias para todo aquele que almeja viver de acordo com a vontade de Deus.

C4. A Justiça Eterna e Soberana de Deus

Quando o assunto da justiça é colocado em pauta, discussão ou reflexão, muitas pessoas podem vir a pensar ou considerar que a justiça ou que um sistema de justiça lida prioritariamente com a resolução de situações causadas pelas práticas de atos ou ações de injustiça. Esta ótica, porém, não se mostra correta ou completa quando a justiça é observada a partir dos seus aspectos fundamentais.

Apesar do conjunto de aspectos a serem considerados como parte do conceito de justiça também necessitar prever a provisão para lidar devidamente com o julgamento e as consequências de erros, transgressões, pecados ou iniquidades, todo conceito de justiça, antes de tudo, também deveria contemplar uma ampla série de aspectos que cooperam para a prática do que é bom ou apropriado, assim como para que haja aspectos de prevenção contra a prática do que é inadequado.

Assim, antes ou além da justiça ser um aspecto que lida com as consequências das práticas da injustiça, a justiça de Deus, em sua base ou fundamento, é um atributo eterno do Senhor e é uma virtude que fundamenta todos os juízos e atos que Deus realiza.

*Salmos 116: 5 **Compassivo e justo é o SENHOR; o nosso Deus é misericordioso.***

O Senhor Deus é justo em tudo o que faz, porque tudo o que Ele julga e faz tem a sua justiça por virtude ou fundamento, assim como a verdade e a graça lhe precedem.

Sem a justiça de Deus, a própria posição de domínio do Senhor sobre o universo não existiria. O próprio trono de Deus não poderia subsistir sem a justiça celestial, pois somente aquilo que é firmado na justiça eterna de Deus é que também subsiste em retidão para a eternidade.

*Salmos 97: 1 **Reina o SENHOR. Regozije-se a terra, alegrem-se as muitas ilhas.***

2 Nuvens e escuridão o rodeiam, justiça e juízo são a base do seu trono.

*Salmos 89: 11 **Teus são os céus, tua, a terra; o mundo e a sua plenitude, tu os fundaste.***

12 O Norte e o Sul, tu os criaste; o Tabor e o Hermom exultam em teu nome.

13 O teu braço é armado de poder, forte é a tua mão, e elevada, a tua destra.

14 Justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem.

E por que é tão significativo ou vital saber que a justiça de Deus é, antes de tudo, uma virtude ou um atributo eterno do Senhor e que jamais pode ser separado dele?

Saber que a justiça de Deus é um atributo do próprio Senhor é um aspecto de tão elevada proeminência ou relevância pelo fato de que o conhecimento desta justiça é um dos pontos mais cruciais na constituição da fé ou da confiança de uma pessoa em Deus, conforme o texto que repetimos mais uma vez abaixo:

*Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;***

*17 **visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.***

Considerando que aquilo que uma pessoa crê sobre Deus pode vir a ter um papel crucial na sua confiança ou fé no Senhor, e mediante a qual ela é chamada por Deus para viver na condição de novidade de vida em Cristo, o entendimento e o que uma pessoa crê sobre quem é Deus e como Deus age também pode ter um papel determinante em relação à fé desta pessoa no Senhor.

Se um indivíduo não tem a convicção de entendimento de que Deus é justo ou de que Ele em tudo age em conformidade com uma reta justiça eterna, este indivíduo também tenderá a não crer em Deus na medida apropriada ou tenderá a não depositar a confiança dos mais diversos aspectos da sua vida nas mãos do Senhor.

E, por sua vez, quando uma pessoa não confia no Senhor, ela também fica fragilizada no que se refere a “vencer o mundo”, pois a fé ou a firme confiança no Senhor também é um dos aspectos centrais que confere vitória a um indivíduo sobre os mais diversos aspectos do presente mundo.

*1 João 5: 4 **Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.***

*5 **Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?***

Em suas aflições de ordens naturais ou na fragilidade, torpor e inconstâncias de suas religiões, as pessoas se afligem em suas almas pelo fato de ignorarem ou não crerem que apesar das injustiças que presenciam ao redor delas, há um Deus soberano que tem a justiça como uma das virtudes inseparáveis do seu ser e pela qual Ele age sempre em justiça visando o bem dos seres humanos.

Portanto, quando o Senhor Jesus Cristo chama as pessoas a buscarem a justiça de Deus em primeiro lugar, Ele o faz para que elas não precisem ficar sujeitas meramente às tentativas humanas de conceituar a justiça ou de como agir em justiça. O Senhor chama as pessoas para que venham a conhecer por primeiro a justiça segundo o reino celestial e a fonte da qual ela procede para que não fiquem restritas somente ao conhecimento natural.

Quando o Senhor Jesus Cristo destaca a necessidade de seus discípulos buscarem primeiro a justiça de Deus, Ele está destacando a necessidade que cada ser humano apresenta no que tange conhecer a Deus, em sua virtude de justiça, antes ou acima de tudo para que também a confiança de

cada um deles possa ser estabelecida e fortalecida segundo a verdade e a bondade que há no Senhor.

Tendo em vista que o aspecto essencial da vida eterna para a qual Deus nos chama é conhecer ao Senhor, e considerando que a justiça de Deus é um atributo do Senhor, o chamado para buscar primeiro a justiça de Deus é um chamado para que primeiramente venhamos a conhecer a Deus que nos oferece a vida eterna e para que entre os seus muitos atributos venhamos a conhecer primeiramente a sua virtude de justiça eterna.

*João 17: 3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.***

*1 Coríntios 1: 30 **Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,**
31 **para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.***

Através do chamado para conhecermos primeiro o seu reino, Deus nos chama para conhecermos primeiramente a Ele como o Senhor Eterno e Soberano sobre tudo e sobre todos para sabermos que somente Nele está a provisão de salvação e sustentação de novidade de vida eterna.

Entretanto, através do chamado para também conhecermos primeiro a sua justiça, o Senhor nos chama para sabermos que a sua posição de Deus não é somente soberana sobre tudo e todos, mas que ela também é uma posição soberana e eterna porque o Senhor em tudo atua segundo a justiça e o reto juízo.

Quando passamos a saber que a justiça faz parte das virtudes do Senhor, é possível observar que ela não se restringe a lidar com aspectos causadas pela injustiça, mas que ela também é acentuadamente atuante no próprio Senhor para que nenhuma das ações de Deus seja praticada em associação com a injustiça. Portanto, por causa da justiça como uma de suas virtudes, não há no Senhor qualquer ação de injustiça.

*2 Crônicas 19: 7 **Agora, pois, seja o temor do SENHOR convosco; tomai cuidado e fazei-o, porque não há no SENHOR, nosso Deus, injustiça, nem parcialidade, nem aceita ele suborno.***

Repetindo mais uma vez, o Senhor Eterno é um Deus justo porque esta é uma característica do seu ser e que faz com que todas as suas obras sejam feitas a partir da sua eterna justiça.

A justiça de Deus não surgiu em função de uma necessidade de propor uma solução para os erros e pecados da humanidade, e nem ela surgiu em função da oposição de Satanás contra Deus. A justiça de Deus, assim como o reino de Deus, é eterna e inabalável, a qual, portanto, sempre existiu e sempre esteve em Deus.

A justiça do Senhor é uma justiça que nunca sofreu ou sofrerá mudanças. E o que Deus estabeleceu por parâmetros do que é justo diante

dele não mudou e nunca mudará nem com as circunstâncias que ocorrem na vida dos seres humanos e nem com o passar dos anos e séculos.

Salmos 119: 142 **A tua justiça é justiça eterna, e a tua lei é a própria verdade.**

...
144 **Eterna é a justiça dos teus testemunhos; dá-me a inteligência deles, e viverei.**

Quando Deus nos chama a conhecer a sua justiça em primeiro lugar, Ele nos chama para nos revelar, através do seu Evangelho, que um dos aspectos vitais para a nossa fé ou confiança Nele é sabermos que Nele a justiça é perfeita e que todas as suas obras são justas, porque Deus não realiza juízos e não estabelece caminhos que não estejam permeados pela justiça, pela integridade e pela verdade.

Salmos 19: 9 **O temor do SENHOR é límpido e permanece para sempre; os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos.**

Salmos 111: 2 **Grandes são as obras do SENHOR, consideradas por todos os que nelas se comprazem.**

3 Em suas obras há glória e majestade, e a sua justiça permanece para sempre.

Salmos 145: 17 **Justo é o SENHOR em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras.**

As obras de Deus têm o esplendor que a tudo supera somente porque todos os seus feitos são permeados pela verdade e por sua justiça.

Apocalipse 15: 3 **E entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações!**

Por mais que muitas pessoas, o mundo e os poderes das trevas procurem desacreditar a justiça de Deus, Deus nunca se afasta da sua justiça, Ele nunca cometeu ou comete atos injustos, e o Senhor jamais realizou ou realiza um ato sequer dissociado das características da sua inabalável e eterna justiça. Razão pela qual, o Senhor chama as pessoas a buscarem o conhecimento da sua justiça por primeiro Nele ou em seu reino, e não nos conceitos que as pessoas dissociadas do Senhor e do seu reino procuram disseminar até de forma muito acentuada.

Conforme já comentamos anteriormente, a desconfiança causada pela dúvida se Deus é justo ou se Ele atua em justiça é um dos fatores mais perigosos que existem no mundo para abalar a fé de uma pessoa no Senhor, e ela é um dos itens que o diabo mais procura explorar para que as pessoas se afastem de Deus em seus corações.

Uma vez que o diabo não é Deus, e não pode se elevar à posição de Deus, ele, desde o princípio da criação do ser humano, tenta propor o pensamento de que alguma injustiça ou uma suposta injustiça possa ser encontrada em Deus a fim de tentar reduzir ou igualar a imagem de Deus a uma posição de criatura, ou a fim de tentar levar as pessoas a pensarem que Deus é injusto para que elas não o busquem como o Deus eternamente justo e santo.

Também nos dias em que o Senhor Jesus Cristo estava em carne na Terra, o diabo e as pessoas que se dispuseram a servir intensamente as trevas procuraram encontrar, das formas mais variadas, alguma falta no Senhor Jesus Cristo para que pudessem atribuir a Ele um grau de injustiça, objetivando, assim, desmerecer a obra do Senhor e a sua credibilidade para que as demais pessoas não viessem a crer em Cristo como o Filho do Deus Altíssimo e para que não obtivessem a salvação eterna no Senhor e na sua justiça.

O Senhor, contudo, mesmo quando estava na condição de Filho do Homem no mundo, e sendo tentado em todas as coisas que os seres humanos são tentados, demonstrou a grandeza da sua justiça celestial para que as pessoas pudessem e possam depositar a confiança delas em um Deus santo, reto e justo em todos os Seus atos.

*Hebreus 4: 15 **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.***
*16 **Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.***

Por um lado, o Senhor Jesus Cristo foi tentado pelas exaltações que as pessoas inapropriadamente quiseram lhe atribuir, às quais Ele não sucumbiu em orgulho e soberba. Por outro lado, o Senhor também foi tentado pelas perseguições e aflições que lhe imputaram de forma impiedosa e violentamente cruel, e às quais, da mesma forma, Ele não sucumbiu, demonstrando a retidão da justiça de Deus também nas situações mais extremas de aflição da vida humana.

Em Cristo Jesus, Deus se mostrou justo e incorruptível também vivendo entre a criatura e em condições similares às condições de vida da criatura.

Se o Senhor Jesus Cristo, em sua condição de Filho do Homem, tivesse anunciado uma mentira ou tivesse praticado somente um ato de injustiça, Ele jamais poderia ser O *JUSTO* que deu a Sua vida pelos injustos, o inocente ou sem pecados que deu a sua vida em prol da salvação dos pecadores.

Somente um único ato de infidelidade de Cristo para com o Pai Celestial e com a orientação de vida que Ele recebia do Pai, por meio do Espírito Santo, já seria suficiente para anular todo o propósito da Sua vinda em carne ao mundo. Se o Senhor Jesus cometesse uma só injustiça, a Sua condição de retidão, também como o Filho de Deus, já não seria mais válida diante do Deus da justiça verdadeira. Um só ato de injustiça do

Senhor Jesus já seria motivo para que as promessas de Deus por meio de Cristo não pudessem ser cumpridas, tornando o próprio Deus em um Deus de mentiras.

A vida reta e santa que Cristo viveu entre os seres humanos é mais uma demonstração da santidade e da justiça de Deus para que as pessoas possam depositar a sua confiança no Senhor e Criador do céu e da Terra.

Mesmo quando Deus se apresentou em carne ao mundo através do Seu Filho Unigênito, e até quando Deus foi ultrajado, maltratado, desprezado e rejeitado pela Sua própria criação ao ponto de crucificarem a Cristo na cruz do Calvário, Deus não agiu, em nenhum momento, dissociado ou fora dos limites da Sua justiça.

O testemunho profético que precedeu a Cristo, o próprio testemunho de Cristo, o testemunho presencial dos governantes diante do Filho de Deus, as declarações de um soldado romano e de um ladrão diante de Cristo na cruz do Calvário, e também os testemunhos escritos posteriores à vinda do Senhor em carne ao mundo, são unânimes em declarar a contínua justiça em Cristo Jesus ou que Nele nunca foi encontrada qualquer injustiça.

O Senhor Jesus Cristo, como o enviado do Pai Celestial, ainda que rodeado de pecados, ofensas, abusos, mentiras e injustiças de toda ordem contra Ele, jamais abandonou a justiça celestial e jamais se portou segundo algum preceito da injustiça, conforme declarado, por exemplo, na lista de textos que seguem abaixo:

- Isaías 53: 1 Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR?*
- 2 Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse.*
- 3 Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.*
- 4 Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.*
- 5 Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.*
- 6 Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.*
- 7 Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.*
- 8 Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido.*
- 9 Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca.*

João 7:18 **Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça.**

Lucas 23: 4 **Disse Pilatos aos principais sacerdotes e às multidões: Não vejo neste homem crime algum.**

...
 14 **disse-lhes: Apresentastes-me este homem como agitador do povo; mas, tendo-o interrogado na vossa presença, nada verifiquei contra ele dos crimes de que o acusais.**

...
 22 **Então, pela terceira vez, lhes perguntou: Que mal fez este? De fato, nada achei contra ele para condená-lo à morte; portanto, depois de o castigar, soltá-lo-ei.**

23 **Mas eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado. E o seu clamor prevaleceu.**

24 **Então, Pilatos decidiu atender-lhes o pedido.**

Mateus 27: 17 **Estando, pois, o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo?**

18 **Porque sabia que, por inveja, o tinham entregado.**

19 **E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito.**

Lucas 23: 47 **Vendo o centurião o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente, este homem era justo.**

1 Pedro 3: 18 **Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito.**

1 João 2: 1 **Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo.**

Acima nos céus, bem como vivendo em carne entre os homens, Deus jamais abandonou a Sua justiça para praticar qualquer ato de injustiça. Quer nos céus ou quer na Terra, a justiça de Deus sempre esteve presente com o Senhor e sempre fundamentou todos os seus pensamentos e ações.

Assim como em muitas situações pode parecer aos seres humanos que o reino de Deus está ausente da vida dos reinos da Terra, que aquilo que ocorre nos reinos do mundo aparenta não estar sob a vista do Senhor e que o reino de Deus não é sempre

soberano, assim também pode ocorrer em relação à justiça de Deus. Contudo, sem a posição soberana do Senhor e da sua justiça, os reinos do mundo e os seres humanos não poderiam sequer ter subsistido ao longo de tantos séculos.

Inclusive quando o Senhor não encontrou mais nenhuma pessoa que buscasse a sua justiça, Ele não permitiu que a injustiça se impusesse ou estabelecesse uma vitória sobre a sua justiça, mostrando-nos que nem a soma de todas as injustiças praticadas no mundo poderá sufocar, extinguir ou abalar a justiça soberana e celestial de Deus.

O Senhor pode manifestar a sua justiça a quem e onde ele quiser que ela seja manifesta, ainda que a sua justiça seja amplamente rejeitada por muitos na Terra.

A justiça de Deus não está sujeita aos seres humanos para ser manifestada. A justiça de Deus é soberana assim como Deus é soberano. E Deus sempre é poderoso para manifestar a Sua justiça de forma renovada, inclusive como um renovo que brota de um tronco antigo, conforme nos mostram os textos a seguir:

- Isaiás 59: 14 **Pelo que o juízo se tornou atrás, e a justiça se pôs longe, porque a verdade anda tropeçando pelas ruas, e a equidade não pode entrar.***
- 15 **Sim, a verdade desfalece, e quem se desvia do mal arrisca-se a ser despojado; e o SENHOR o viu, e foi mal aos seus olhos que não houvesse justiça.***
- 16 **E viu que ninguém havia e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; pelo que o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve;***
- 17 **porque se revestiu de justiça, como de uma couraça, e pôs o elmo da salvação na sua cabeça, e tomou vestes de vingança por vestidura, e cobriu-se de zelo, como de um manto. (RC)***

*Jeremias 33: 15 **Naqueles dias e naquele tempo, farei que brote a Davi um Renovo de justiça, e ele fará juízo e justiça na terra.***

Aqueles que se sujeitam às injustiças que veem ao redor, e às quais também se rendem para serem praticantes ou cúmplices delas, também são aqueles que almejam introduzir o pensamento de que a justiça do Senhor pode chegar ao ponto de se prostrar diante da injustiça ou que a injustiça, por fim, pode vir a aniquilar a justiça.

E declarar que a injustiça pode ser soberana sobre a justiça é tão perverso e corrupto como tentar propagar a ideia de que Deus não existe. É tão perverso e mal como tentar repassar o conceito de que a verdade pode ser vencida pela mentira.

Entretanto, nem a impiedade e nem a mentira que atuam em conjunto com a injustiça podem vencer a verdade e a justiça de Deus e do seu reino, pois o Senhor é verdade e justiça eternamente.

Dizer que a justiça pode ser sucumbida pela injustiça é uma proposição tão néscia como dizer que Deus é equivalente à criatura ou que a criatura é igual a Deus, conforme já foi mencionado acima e abordado mais amplamente no estudo sobre O Evangelho do Criador, e do qual relembramos dois textos a seguir:

Salmos 14: 1 **Disseram os néscios no seu coração: Não há Deus. Têm-se corrompido, fazem-se abomináveis em suas obras, não há ninguém que faça o bem. (RC)**

Romanos 1: 16 *Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego.*

17 *Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé.*

18 **Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça;**

19 *porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou.*

20 *Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis;*

21 *porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu.*

22 **Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos.**

23 **E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. (RC)**

Uma justiça soberana e perfeita somente é plenamente justa se ela se mantém justa também diante da plena rejeição e desprezo a ela mesma ou diante de uma ampla injustiça contrária a esta justiça.

Portanto, a justiça de Deus é tão soberana que mesmo quando rejeitada completamente pelos seres humanos, ela se manteve reta e justa. A justiça de Deus se mostrou soberana mesmo quando foi rejeitada integralmente por todos as pessoas do mundo.

A justiça de Deus é tão soberana que a soma universal de injustiças e ações contrárias à justiça do Senhor jamais a puderam macular.

E retornando àquilo que já foi comentado acima, a prova mais expressiva diante da qual a justiça de Deus se encontrou exposta foi manifestada na crucificação do Senhor Jesus Cristo, mas também foi diante desta tão ampla oposição que ocorreu a demonstração mais marcante da perfeição e soberania da justiça celestial e eterna de Deus.

Romanos 3: 23 **Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,**

24 **sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus,**

25 **a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;**

26 tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

Através do posicionamento do Senhor Jesus Cristo em todo o processo de sua crucificação na cruz do Calvário, Deus demonstrou que a Sua justiça é infinitamente superior ao conjunto de todas as injustiças que as pessoas praticaram em oposição à vontade do Senhor. Ainda que exposto ou colocado sob tão fortes objeções, opressões, angústias e fraquezas, o Senhor continuou a amar as pessoas e a oferecer a elas as facetas centrais da sua justiça, as quais incluem o seu eterno amor e perdão.

João 3: 16 Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Ainda que injustiçado ao extremo pela criação, a justiça de Deus prevaleceu e prevalecerá eternamente.

Lucas 23: 34(a) Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.

- 1 Coríntios 1: 18 Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus.***
- 19 Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.***
- 20 Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?***
- 21 Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação.***
- 22 Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria;***
- 23 mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios;***
- 24 mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.***
- 25 Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.***
-

Depois que a injustiça teve um tempo para se revelar proeminentemente entre os seres humanos, Deus revelou a soberania da Sua justiça diante das mais agressivas ações da injustiça. E uma vez que a justiça de Deus foi demonstrada diante da grande oposição a ela levantada, o Senhor jamais permitirá que a injustiça venha a ocupar um espaço de manifestação tão amplo como ela já ocupou, pois a partir do momento que Deus introduziu e revelou a justiça onde ela havia sido abandonada ou rejeitada em extremo, a justiça também se manifestará de forma crescente por meio Daquele que

ficou encarregado de estabelecer a justiça celestial nos corações daqueles que a querem receber, a saber: O Senhor Jesus Cristo!

Isaías 9: 6 **Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.**

7 Do incremento deste principado e da paz, não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora e para sempre; o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto.

Assim como o Deus nunca pôde ser corrompido, assim também a justiça celestial nunca pôde ser corrompida, inclusive quando o Senhor viveu por um determinado período em carne no mundo.

Pelo fato de muitos fitarem os olhos prioritariamente na injustiça que encontram ao seu redor, e não na justiça de Deus e do seu reino, muitos também procuram imputar a injustiça que veem ao Senhor em vez de reconhecerem que é pelo afastamento delas do Senhor que a injustiça tanto se propaga, razão pela qual também não encontram a paz que tanto almejam.

Quando, porém, alguém fita os seus olhos por primeiro no Senhor e na sua justiça, ele também se coloca em linha com o fruto, a colheita ou o resultado da ação da justiça a seu favor. Aspecto este a ser abordado mais amplamente mais adiante, mas em relação ao qual entendemos ser propício já mencionar aqui os seguintes textos:

Hebreus 12: 1 **Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,**

2 olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.

3 Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma.

Isaías 32: 17 **O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre.**

João 16: 33 **Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.**

Finalizando, então, o presente capítulo, gostaríamos de ressaltar mais uma vez que é também por causa da condição imaculável e inabalável da sua justiça que o Senhor nos chama a crer Nele e viver de fé em fé Nele. E isto, a fim de que não estejamos mais debaixo das aflições daqueles que não confiam na justiça do Senhor quer por pensarem que a vida em seu final não tem nenhum propósito ou por pensarem que através de suas condutas religiosas poderão estabelecer a sua própria justiça.

O Senhor é eternamente reto e a Sua justiça eternamente inabalável como tudo o que faz parte do reino de Deus. Não há corrupção, não há engano, não há suborno, não há qualquer injustiça que possa mover o Senhor da Sua justiça, e também por isto, Ele é um Deus eternamente digno de confiança, honra e temor.

*2 Crônicas 19: 7 **Agora, pois, seja o temor do SENHOR convosco; tomai cuidado e fazei-o, porque não há no SENHOR, nosso Deus, injustiça, nem parcialidade, nem aceita ele suborno.***

*Romanos 14: 17 **Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.***

*Hebreus 12: 28 **Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor;**
29 **porque o nosso Deus é fogo consumidor.***

*Salmos 33: 2 **Celebrai o SENHOR com harpa, louvai-o com cânticos no saltério de dez cordas.***

*3 **Entoai-lhe novo cântico, tangei com arte e com júbilo.***

*4 **Porque a palavra do SENHOR é reta, e todo o seu proceder é fiel.***

*5 **Ele ama a justiça e o direito; a terra está cheia da bondade do SENHOR.***

C5. A Importância do Entendimento de que a Justiça e o Juízo São Aspectos Distintos

Apesar de alguns reinos na Terra e muitas pessoas com frequência confundirem os termos “*justiça*” e “*juízo*”, um dos primeiros pontos a ser destacado quando assunto da justiça celestial é abordado, é que nas Escrituras a “*justiça*” e o “*juízo*” são aspectos muito distintos.

Embora todo e qualquer juízo de Deus seja feito em justiça ou que a justiça do Senhor também contemple as suas ações de juízo, a justiça e o juízo ainda continuam a ser aspectos diferenciados.

O juízo de Deus está associado às tomadas de decisões e aos julgamentos que Deus faz. O juízo de Deus está associado também às sentenças que Deus designa a partir dos julgamentos que realiza.

A justiça de Deus, por sua vez, permeia e fundamenta todo o juízo de Deus para que todo juízo de Deus seja feito em plena retidão. A justiça de Deus já está estabelecida eternamente, conforme vimos no capítulo anterior, e ela é a mesma independente de quantos juízos Deus já realizou ou ainda vai realizar.

Quando, por exemplo, olha-se para o mundo natural, talvez inicialmente seja mais fácil perceber que de fato há uma distinção entre os termos “*justiça*” e “*juízo*”, pois no mundo natural uma pessoa pode realizar um juízo com base em parâmetros de justiça ou pode realizar um juízo com base em parâmetros de injustiça. Evidenciando, assim, que o juízo e a justiça são itens distintos apesar de poderem estar muito próximos e poderem ser encontrados nos mesmos cenários ou nas mesmas causas.

O ato de realizar um juízo e a base de parâmetros utilizados para este juízo são aspectos diferentes. Por isto, no mundo, uma pessoa pode fazer um juízo justo ou amparado na justiça, ou pode fazer um juízo injusto ou amparado em aspectos da injustiça.

As avaliações de situações, as decisões, os julgamentos e as sentenças que advém destas avaliações são a parte relativa ao juízo, mas aquilo que estes atos virão a expressar são resultantes dos parâmetros de justiça ou da injustiça que foram usados para a realização dos julgamentos.

Portanto, em certo sentido, o juízo é uma ação a ser realizada enquanto a justiça pode ser aquilo que fundamenta, ampara ou baliza a ação a ser realizada.

O próprio Senhor Jesus Cristo em suas pregações, enquanto estava em carne no mundo, expressou a possível ação cooperativa, mas distinta, da justiça e do juízo.

*João 7: 24 **Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça.***

O juízo fundamentado na perfeita justiça é a razão pela qual Deus jamais toma uma decisão em favor do mal ou para que Deus jamais pratique um ato de maldade.

O juízo fundamentado na justiça, por exemplo, também é a base para que uma pessoa não venha a fazer uma escolha em favor da prática de um pecado ou de uma mentira, evidenciando assim o aspecto preventivo e de proteção que a justiça celestial concede àqueles que necessitam exercer algum juízo ou tomar alguma decisão.

Se, porém, uma pessoa não conhece a justiça de Deus, como ela poderá realizar juízos ou julgar segundo a reta justiça?

Se uma pessoa não busca a justiça de Deus ou a reta justiça antes de realizar a avaliação das opções que ela tem diante dela e de como irá se posicionar diante destas opções, como ela poderá ter certeza para decidir por algo segundo a reta justiça de Deus?

A justiça de Deus é muito diferente da justiça dos homens e, conforme já mencionado no presente estudo, ela procede dos céus, procede do reino de Deus e é revelada de fé em fé para aqueles que recebem o Evangelho que contém a justiça do Senhor.

A revelação da justiça de fé em fé pode ser aplicada tanto para um conhecimento crescente da justiça de Deus como para a diversidade de situações em que é requerido realizar algum julgamento. A revelação da justiça de fé em fé é crescente, mas também pode se manifestar a cada nova ocasião em que um julgamento é necessário.

Neste ponto, algumas pessoas talvez estejam se fazendo algumas indagações sobre o papel delas em exercerem o juízo, pois as Escrituras também registram que uma pessoa não é chamada a julgar ao seu semelhante ou não deve se constituir como juiz sobre o seu semelhante, como, por exemplo, no capítulo 2 do livro de Romanos.

Entretanto, quando o assunto sobre o juízo ou sobre a realização de julgamentos é observado mais amplamente nas Escrituras, pode-se notar a necessidade de uma abordagem ou perspectiva também mais ampla, pois o ato de julgar segundo a reta justiça envolve uma diversidade de fatores e não se limita somente à circunstância descrita no capítulo 2 de Romanos.

Exercer um juízo, realizar um juízo, fazer um julgamento ou exercer o ato de julgar envolve várias ações e etapas distintas, e aplica-se a muitas situações distintas da vida. Portanto, a situação específica de não julgar ao seu semelhante, citada nas Escrituras do livro de Romanos, capítulo 2, não deveria ser confundida com a prática geral da ação de julgar ou de exercer o juízo em relação às mais diversas situações da vida.

Se a exortação específica de Romanos 2 para não julgar o próximo tivesse o objetivo de estabelecer uma restrição geral da prática do juízo ou de julgamentos, um conjunto amplo de outros textos da Bíblia perderia a sua razão de existir.

Há muitos textos nas Escrituras que apontam para a necessidade constante da prática de julgamentos, do exercício de juízos, ou da vital atuação do discernimento, conforme pode ser visto nos dois textos abaixo:

*1 Coríntios 14: 20 Irmãos, **não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos.***

*1 Coríntios 2: 15(a) Porém **o homem espiritual julga todas as coisas.***

E como um indivíduo poderia se apartar da injustiça, da iniquidade, do mal ou até de várias pessoas que optam por servir o mal se ele não tivesse ao seu dispor a possibilidade da prática do juízo ou do discernimento entre o bem e o mal?

Também as expressões exemplificadas abaixo, tais como **acautelai-vos**, **vigiai**, **guardai-vos**, **noteis bem**, **aparte-se da injustiça**, e várias outras, não apresentariam qualquer sentido se elas fossem dissociadas do exercício de juízo ou da prática do discernimento.

*Lucas 12: 15 Então, lhes recomendou: **Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui.***

*Marcos 8: 15 Preveniui-os Jesus, dizendo: **Vede, guardai-vos** do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes.*

*Filipenses 3: 2 **Acautelai-vos** dos cães! **Acautelai-vos** dos maus obreiros! **Acautelai-vos** da falsa circuncisão!*

*Romanos 16: 17 Rogo-vos, irmãos, **que noteis bem aqueles** que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes; **afastai-vos deles,***

*18 **porque esses tais não servem a Cristo, nosso Senhor, e sim a seu próprio ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos incautos.***

*1 João 5: 21 Filhinhos, **guardai-vos** dos ídolos.*

*1 Pedro 3: 10 **Pois quem quer amar a vida e ver dias felizes refreie a língua do mal e evite que os seus lábios falem dolosamente;***
*11 **aparte-se do mal, pratique o que é bom, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la.***

*2 Timóteo 2: 19 Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: **O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor.***

Quando em alguns pontos específicos as Escrituras nos admoestam para não julgar o próximo, elas não nos instruem para deixarmos de discernir o próximo e as suas atitudes, pois isto seria algo amplamente incoerente com as demais Escrituras e iria contra toda a instrução de usar continuamente o discernimento.

Assim, entendemos que convém salientar neste ponto, que a utilização do juízo ou a prática de julgar engloba várias etapas, podendo envolver (1) a coleta de informações, (2) o discernimento do que está correto e do que não está correto, e (3) a determinação de uma sentença sobre algum assunto ou pessoa em específico.

Julgar, no sentido de discernir o mal e apartar-se dos que se entregam ao mal, é uma prática salutar, preventiva, necessária e orientada pelo próprio Senhor aos seres humanos em muitos pontos das Escrituras.

Ter sido chamado para apartar-se do mal e até de algumas pessoas, sob a orientação de Deus, significa, por exemplo, que um cristão de fato é chamado para julgar, no sentido de discernir, as mais diversas circunstâncias e pessoas ao seu redor. Isto, porém, não significa que ele também deveria exercer a parte da prática de julgar naquilo que se refere a sentenciar dano sobre os seus semelhantes.

Ainda em complemento ao que já foi dito acima, a instrução específica para uma pessoa não julgar os seus semelhantes também não significa que as funções de muitos magistrados ou governantes que existem na vida civil devam ser extintas, pois a existência destes também é reconhecida pelo Senhor para que cooperem para um funcionamento mais apropriado das diversas sociedades humanas, conforme segue:

*Romanos 13: 3 **Porque os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal. Queres tu não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela,***
*4 **visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem.***
Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal.

Portanto, por um lado, e **respeitado o devido limite, a parte que cabe a cada pessoa realizar quanto ao discernimento, a prática do juízo ou ato de julgar em conformidade com a justiça de Deus deveria ser amplamente praticada por todas as pessoas e jamais deveria ser abandonada.**

Por outro lado, **o julgamento que objetiva deliberar sobre os seres humanos em questões eternas é a um atributo exclusivo do Senhor, e se alguém quiser tomar esta posição para si, ele está querendo assumir uma condição que não cabe a nenhum ser humano assumir.**

Apesar do ser humano ser chamado a exercer juízo ou discernimento continuamente segundo a justiça de Deus para as mais diversas circunstâncias de sua vida, isto não lhe confere o direito de proferir sentença de condenação sobre a vida eterna dos seus semelhantes, pois isto, ressaltando mais uma vez, pertence exclusivamente ao Senhor.

Quando o Senhor Jesus Cristo foi crucificado, um dos malfeitores que estava crucificado ao seu lado disse sobre si mesmo que ele estava sendo condenado justamente pelos homens, mas ainda assim apelou para a misericórdia do Senhor em relação à sua salvação e vida eterna. E apesar do Senhor não livrar este malfeitor da cruz imposta pelos homens, Ele o absolveu de uma condenação eterna.

Ainda que condenado pelos homens, o malfeitor encontrou salvação no Senhor, pois a condenação ou absolvição eterna pertence exclusivamente a Deus, o qual tem pleno poder de operar a salvação e a vivificação espiritual de um indivíduo até mesmo quando a condenação do mundo para com este tenha sido severa ao extremo.

*Lucas 23: 39 **Um dos malfeitores crucificados blasfemava contra ele, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também.***

- 40 ***Respondendo-lhe, porém, o outro, repreendeu-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença?***
- 41 ***Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez.***
- 42 ***E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino.***
- 43 ***Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.***
- 44 ***Já era quase a hora sexta, e, escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra até à hora nona.***

1 Pedro 4: 5 ... os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos;
6 pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus.

O cenário dos fatos ocorridos nos momentos finais da crucificação de Cristo é muito impressionante ou digno de especial atenção, pois até quando a Terra toda foi coberta de escuridão e trevas, o poder de salvação de Deus estava presente entre os seres humanos, salvando eternamente uma pessoa malfeitora e julgada ao mais severo julgamento humano.

Até quando os seres humanos, nos seus tribunais terrenos, condenam as pessoas a um fim completo quanto à existência de um indivíduo no mundo natural, Deus pode remir esta pessoa eternamente diante do tribunal eterno.

Uma condenação ou absolvição humana nunca é o estágio final do julgamento da pessoa diante do Pai das Luzes e que a todos julga em um tribunal completamente fundamentado na justiça celestial.

Uma pessoa pode admoestar ou alertar outros sobre os principais parâmetros que regem o tribunal celestial e eterno, mas a designação de uma sentença final de condenação ou absolvição sobre um ser humano é exclusivamente do Senhor, e a nenhuma pessoa é dado este atributo. Semelhantemente ao ladrão na cruz, todas as pessoas, de uma ou de outra forma, se sujeitaram ao pecado, e nenhum ser humano na Terra é suficientemente justo para ser o juiz das questões eternas dos seus semelhantes segundo a reta justiça.

Assim, julgar segundo a reta justiça também envolve saber discernir o que cabe ou que não cabe a uma pessoa julgar. Também engloba uma pessoa saber até que ponto é justo ela julgar as circunstâncias e as atitudes das pessoas ao seu redor, e em que ponto ela precisa parar de julgar e deixar o julgamento a quem o juízo é devido.

1 Pedro 2: 21 Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos,
22 o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca;
23 pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente,

24 carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados.

1 Pedro 4: 5 ... os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos;

*1 Coríntios 4: 3 **Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo.***

*4 **Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero justificado, pois quem me julga é o Senhor.***

*5 **Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá de Deus o louvor.***

Somente Aquele que sempre atuou e sempre atua em plena justiça ou somente Aquele que deu a Sua vida em plena retidão pelos outros é que está autorizado por Deus para ser o juiz eternamente justo sobre todas as coisas, nações e pessoas.

*Atos 10: 39 **E nós somos testemunhas de todas as coisas que (Cristo) fez, tanto na terra da Judéia como em Jerusalém; ao qual mataram, pendurando-o num madeiro.***

*40 **A este ressuscitou Deus ao terceiro dia e fez que se manifestasse,**
41 **não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus antes ordenara; a nós que comemos e bebemos juntamente com ele, depois que ressuscitou dos mortos.***

*42 **E nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos.***

*43 **A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele creem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome.***

Lembramos aqui ainda que o tema sobre a prática de julgar ou discernir designada aos cristãos encontra-se também descrito no Ensino Sistemático sobre a Vida Cristã sob o título A Lei do Entendimento, razão pela qual também não iremos nos prolongar mais sobre ele neste ponto.

Por fim, neste capítulo, reiteramos mais uma vez que um entendimento mínimo ou sóbrio sobre a distinção entre a justiça e o juízo é um aspecto que deveria ser de conhecimento de todas as pessoas, pois sem ele uma pessoa pode vir a ter dificuldade para compreender que um dos papéis da justiça inclusive é poupar as pessoas que a recebem de serem expostas a um julgamento ou juízo desfavorável em relação à sua vida eterna, conforme segue:

João 3: 16 **Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.**

17 **Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.**

18 **Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.**

C6. Ressaltando a Soberania e a Justiça de Deus também em Sua Condição de Justo Juiz

Tendo ainda em mente os aspectos considerados nos últimos dois capítulos, ou seja, o fato de que aquilo que uma pessoa pensa ou compreende sobre a justiça de Deus também pode afetar a confiança ou a fé dela no Senhor, e que os termos “justiça” e “juízo” podem apresentar aspectos distintos, gostaríamos de nos ater ainda um pouco mais na questão específica da condição do Senhor como o Justo Juiz devido a este aspecto também poder ser muito representativo no que se refere à fé pessoal em Deus.

Embora muitas pessoas até considerem ou aceitem a ideia de que Deus, em sua justiça, também pratica atos de justiça, muitas destas não apresentam a mesma convicção quando o assunto se refere aos juízos ou às condições de julgamentos que o Senhor adota ou anuncia que irá adotar em relação a cada um dos seres humanos.

Apesar de algumas pessoas até concordarem com o ensino das Escrituras de que Deus faz todas as suas obras em justiça, várias delas não têm a mesma convicção de que Deus saiba ou saberá julgar a todos com justiça, ou até de que o Senhor de fato conhece todas as circunstâncias e injustiças que são praticadas no mundo.

Portanto, assim como a dúvida se o Senhor de fato age em plena justiça nas ações que Ele pratica pode se opor agressivamente à fé em Deus de um indivíduo, assim também a dúvida sobre a condição do Senhor como o Justo Juiz pode vir a se opor intensamente à confiança que uma pessoa é chamada a depositar em Deus.

A posição de Deus como o juiz de todo universo é uma das questões que mais intriga e desafia a mente humana, pois talvez em relação a ela, o ser humano se depare com uma das circunstâncias onde há uma das maiores evidências da limitação da criatura, o quanto ela não tem controle sobre as circunstâncias eternas, o quanto ela depende do Criador e o quanto cada indivíduo está e estará exposto à luz do Senhor.

Questões sobre o começo exato da vida, sobre as mais diversas circunstâncias e propósitos pelas quais uma pessoa nasceu e onde nasceu, o que aguarda cada indivíduo após a vida na Terra, qual é a base de julgamento após a morte natural, e várias outras, são questões que expõem em muito a gigantesca fragilidade do ser humano em sua mera condição temporal ou natural.

Apesar da quantidade e da grandiosidade de feitos que Deus permitiu aos seres humanos realizarem nos seus diversos séculos, o fato do mundo presente e da vida natural serem temporais ou passageiros evidencia o quão pequeno e o quão limitado é o ser humano diante dos pontos mais cruciais da vida, como, por exemplo, a justiça e o juízo para a vida eterna.

Assim, também é em relação à justiça do Senhor na sua posição de Justo Juiz que fica amplamente evidenciada a diferença que há entre os seres humanos e Deus. E quando as pessoas procuram conhecer estes assuntos tão vitais e preciosos prioritariamente ou somente a partir de seus próprios pontos de vista, elas acabam expressando a profunda ignorância que pode haver nelas em relação àquilo que mais importa para as suas vidas, conforme está exposto, por exemplo, no texto que segue abaixo:

- Jó 35: 1 Disse mais Eliú:*
- 2 *Achas que é justo dizeres: Maior é a minha justiça do que a de Deus?*
- 3 *Porque dizes: De que me serviria ela? Que proveito tiraria dela mais do que do meu pecado?*
- 4 *Dar-te-ei resposta, a ti e aos teus amigos contigo.*
- 5 *Atenta para os céus e vê; contempla as altas nuvens acima de ti.*
- 6 *Se pecas, que mal lhe causas tu? Se as tuas transgressões se multiplicam, que lhe fazes?*
- 7 *Se és justo, que lhe dás ou que recebe ele da tua mão?*
- 8 *A tua impiedade só pode fazer o mal ao homem como tu mesmo; e a tua justiça, dar proveito ao filho do homem.*
- 9 *Por causa das muitas opressões, os homens clamam, clamam por socorro contra o braço dos poderosos.*
- 10 *Mas ninguém diz: Onde está Deus, que me fez, que inspira canções de louvor durante a noite,*
- 11 *que nos ensina mais do que aos animais da terra e nos faz mais sábios do que as aves dos céus?*
- 12 *Clamam, porém ele não responde, por causa da arrogância dos maus.*
- 13 *Só gritos vazios Deus não ouvirá, nem atentará para eles o Todo-Poderoso.*
- 14 *Jó, ainda que dizes que não o vês, a tua causa está diante dele; por isso, espera nele.*
- 15 *Mas agora, porque Deus na sua ira não está punindo, nem fazendo muito caso das transgressões,*
- 16 *abres a tua boca, com palavras vãs, amontoando frases de ignorante.*

Diante do mal que veem no mundo, muitas pessoas se indignam com os posicionamentos do Senhor e clamam a Deus com gritos vazios ou desprovidos de propósitos adequados. Entretanto, a posição de Deus como o Justo Juiz jamais poderá ser abalada ou alterada por meio das ações humanas, quer sejam boas ou más, assim como estes tipos de gritos jamais podem de fato beneficiar àqueles que querem que Deus atente à situação deles a qualquer custo ou independentemente da Sua justiça.

A vida dos seres humanos no mundo é permeada de injustiças, mas o mundo presente não é o estágio final de todo o processo. E este é um dos fatores que tanto aborrece a muitas pessoas, pois isto ressalta a posição de que elas não podem ter um controle sobre Deus, sobre a criação e, principalmente, sobre diversos aspectos cruciais das suas próprias vidas.

Como o Justo Juiz, o Senhor de fato precisa dar uma designação a todo ato de injustiça para que, como regente do universo, Ele não seja um juiz conivente ou complacente com qualquer injustiça. Contudo, o tempo que o Senhor estabelece para o juízo para que Ele seja justo para com todos e justo ao final do tempo de vida na Terra de cada indivíduo é que muitas vezes frustra tanto as pessoas.

Apesar de muitos pensarem que Deus não vê a todos ou a todas as coisas, nada fica fora da observação do Senhor, o qual, no devido tempo,

também saberá lidar ou julgar justamente a tudo aquilo que será posto diante do seu juízo.

Nada do que aconteceu e acontece em todo o universo pode se furtar de ser visto e julgado por Deus, pois este é o papel de Deus como o juiz de toda a criatura e o que certamente Ele não deixará de exercer no devido tempo.

*Salmos 7: 11 **Deus é justo juiz, Deus que sente indignação todos os dias.***

*Salmos 9: 7 **Mas o SENHOR está assentado perpetuamente; já preparou o seu tribunal para julgar.***

8 Ele mesmo julgará o mundo com justiça; julgará os povos com retidão. (RC)

*Hebreus 4: 13 **E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.***

Somente a partir de uma visão global sobre todos os atos praticados no universo e em todos os tempos do mundo é que um julgamento pode ser estabelecido com plena justiça. E somente o Senhor Deus Criador é que detém esta posição de Onisciência, pois somente ele é Deus sobre tudo e sobre todos os tempos.

Apesar de que diante de muitos tribunais humanos é possível que muitos fatos sejam distorcidos ou encobertos por visões parciais da verdade, por limitadas apurações dos eventos e até por mentiras ou falsas alegações de justiça, resultando inclusive em muitos julgamentos humanos injustos por causa de suas limitadas condições, isto não ocorre diante da justiça e do trono eterno de Deus. Diante de Deus nada pode ficar oculto ou encoberto, ainda que o Senhor espere o tempo apropriado para manifestar o seu juízo.

Diante da presença de Deus, os fatos estão descobertos e patentes. E as mais profundas raízes que levaram os atos a serem praticados não conseguem se ocultar, razão pela qual nenhuma pessoa alcançou por si mesma uma condição satisfatória de retidão diante de Deus. Não há como uma pessoa cometer um ato de injustiça sem que este ato fique exposto também ante a justiça e o juízo de Deus. Todo ato de injustiça é patente diante de Deus ainda que aquele que praticou o ato não esteja consciente da sua injustiça ou mesmo que aquele que o praticou tente negá-lo por simulações ou dissimulações.

Apesar de muitas injustiças e muitos pecados passarem despercebidos diante dos seres humanos e até diante daqueles que são eleitos para julgarem os seus semelhantes nos tribunais humanos, nenhum pecado passa despercebido por Deus e, conforme já foi comentado anteriormente, nenhum ato de injustiça pode ser apagado diante de Deus pelos próprios seres humanos.

Também em sua posição de Juiz sobre tudo e sobre todos, Deus não se compraz jamais com a injustiça ou com o pecado, e nunca é cúmplice da

iniquidade de qualquer ser humano, independente de quem a tenha cometido. Em sua posição de juiz, Deus não utiliza de parcialidade diante das injustiças cometidas.

*Atos 10: 34 Então, falou Pedro, dizendo: Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas;
35 pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável.*

Romanos 2: 11 Porque para com Deus não há acepção de pessoas.

1 Pedro 1: 17 Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação.

O conhecimento da posição de Deus como Justo Juiz, que julga tudo segundo a reta justiça, é um dos conhecimentos mais centrais sobre todo o tema de justiça, juízo e sobre a própria vida, pois é a partir da fé em Deus ou da confiança no Senhor, também como o Justo Juiz, que tantas outras áreas da justiça celestial são conferidas aos seres humanos.

Procurar compreender a justiça de Deus para saber como ela atua em tudo o que o Senhor faz, inclusive em todos os Seus julgamentos, em vez de querer descobrir se Deus é ou não é justo, pode mudar em muito a perspectiva sobre o aprendizado da própria justiça.

Quando uma pessoa passa a crer que Deus é sempre justo em tudo o que faz, assim como naquilo que julga, ela também passa a se colocar em uma posição onde o entendimento da justiça que fundamenta Deus em tudo que Ele faz se torne mais amplamente compreensível e acessível para ela.

Deus não atende ao clamor daqueles que lançam gritos vazios no ar sobre a justiça e o juízo do Senhor, mas atende aqueles que buscam a justiça de Deus porque têm fome e sede da verdadeira justiça que procede do Senhor eternamente justo.

Para receber amplamente a justiça de Deus, é necessário primeiro receber o reino de Deus, pois a o reino de Deus é justiça do Senhor. O reino celestial, porém, é dado aos humildes de espírito, àqueles que são humildes para reconhecerem as suas limitações e que, ao mesmo tempo, também reconhecem a posição justa dos juízos que Deus realiza em relação a eles e aos demais seres humanos.

Mateus 5: 3 Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

...
6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

A justiça de Deus é revelada de fé em fé para aqueles que vivem mediante a fé em Deus e para aqueles que não se cansam de confiar nos pareceres, instruções ou juízos do Senhor.

*Romanos 1: 17 ... visto que **a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.***

*Hebreus 11: 6 **De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.***

Nos salmos apresentados nas Escrituras pode ser visto, por diversas vezes, que os salmistas experimentaram grandes aflições diante das injustiças e dos males que se manifestaram no contexto de suas vidas. Entretanto, estas aflições não puderam lhes abater a fé em Deus pelo fato de se manterem firmes em reconhecer ao Senhor como o Rei Justo, Reto, Eterno e que executa todo o juízo ou julgamento em plena justiça. Ainda que diante de muitas injustiças no mundo, os salmistas, ao manterem a confiança no Senhor, passavam de fé em fé a enxergar cada vez mais a sublimidade e grandeza da justiça celestial.

Assim, reconhecer a justiça de Deus em todos os seus juízos também pode vir a ser vital ou crucial para um indivíduo permanecer em conexão e comunhão com a única fonte de perfeita justiça e vida eterna. E por isto, uma pessoa jamais deveria acolher em seu coração a tentação de duvidar da reta posição de Deus como o Justo Juiz Eterno, conforme nos mostra o importantíssimo Salmo apresentado a seguir:

- Salmos 37: 1 **Com efeito, Deus é bom para com Israel, para com os de coração limpo.***
- 2 **Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos.***
- 3 **Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos.***
- 4 **Para eles não há preocupações, o seu corpo é sadio e nédio.***
- 5 **Não partilham das canseiras dos mortais, nem são afligidos como os outros homens.***
- 6 **Daí, a soberba que os cinge como um colar, e a violência que os envolve como manto.***
- 7 **Os olhos saltam-lhes da gordura; do coração brotam-lhes fantasias.***
- 8 **Motejam e falam maliciosamente; da opressão falam com altivez.***
- 9 **Contra os céus desandam a boca, e a sua língua percorre a terra.***
- 10 **Por isso, o seu povo se volta para eles e os tem por fonte de que bebe a largos sorvos.***
- 11 **E diz: Como sabe Deus? Acaso, há conhecimento no Altíssimo?***
- 12 **Eis que são estes os ímpios; e, sempre tranquilos, aumentam suas riquezas.***
- 13 **Com efeito, inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência.***
- 14 **Pois de contínuo sou afligido e cada manhã, castigado.***

- 15 Se eu pensara em falar tais palavras, já aí teria traído a geração de teus filhos.
- 16 Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim;
- 17 até que entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles.
- 18 Tu certamente os pões em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição.
- 19 Como ficam de súbito assolados, totalmente aniquilados de terror!
- 20 Como ao sonho, quando se acorda, assim, ó Senhor, ao despertares, desprezarás a imagem deles.
- 21 Quando o coração se me amargou e as entranhas se me comoveram,
- 22 eu estava embrutecido e ignorante; era como um irracional à tua presença.
- 23 Todavia, estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita.
- 24 Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória.
- 25 Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra.
- 26 Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre.
- 27 Os que se afastam de ti, eis que perecem; tu destróis todos os que são infieis para contigo.
- 28 Quanto a mim, bom é estar junto a Deus; no SENHOR Deus ponho o meu refúgio, para proclamar todos os seus feitos.
-

Ao ser humano não é concedido morrer várias vezes para conhecer mais de perto os detalhes da sua situação vindoura e para depois retornar novamente à sua condição natural na Terra a fim de que saiba o que lhe aguarda depois do tempo no mundo presente, e nem para que ensine os outros sobre o que está porvir na eternidade. Após o devido tempo no mundo presente, o ser humano inevitavelmente tem um encontro com um julgamento para a eternidade, e nada poderá mudar isto ou fazer com que ele retorne várias vezes à vida no mundo presente, conforme nos ensina o texto que segue:

Hebreus 9: 27 ... aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo, ...

Conforme a narrativa do Senhor Jesus Cristo no capítulo 16 do livro de Lucas, depois da morte deles e depois de conhecerem o julgamento sobre suas vidas, nem Lázaro e nem o rico puderam voltar para alertar os irmãos do rico sobre o estado que este passou a estar após a morte e por ter desprezado a Deus e à sua justiça, aspecto este que continua inalterável também até os dias presentes. Por mais influente que um indivíduo tenha sido no mundo presente, por mais intrépido ou ousado que tenha sido mostrado em suas orações ou palavras, ou por mais recursos naturais que tenha alcançado, ninguém pode retornar ao mundo presente após ter recebido o julgamento derradeiro sobre a sua alma.

Entretanto, o encontro de uma pessoa com o juízo eterno não necessariamente precisa ser um encontro de medo ou pavor, pois se, por um lado, o juízo eterno se dá em condições nas quais nenhum ser humano tem os critérios para ser aprovado, por

outro lado, Deus se oferece a auxiliar a todos para que estejam amparados pelo próprio Senhor para serem expostos a um juízo segundo o dom redentor da justiça celestial.

João 3: 18 Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.

19 O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.

20 Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras.

21 Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.

1 João 2:1 Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;

2 e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.

Romanos 8: 15 Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai.

Salmos 98: 5 Cantai com harpa louvores ao SENHOR, com harpa e voz de canto;

6 com trombetas e ao som de buzinas, exultai perante o SENHOR, que é rei.

7 Ruja o mar e a sua plenitude, o mundo e os que nele habitam.

8 Os rios batam palmas, e juntos cantem de júbilo os montes,

9 na presença do SENHOR, porque ele vem julgar a terra; julgará o mundo com justiça e os povos, com equidade.

2 Timóteo 4: 8 Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.

Se uma pessoa se priva de conhecer a justiça de Deus, ela também pode se colocar em uma posição de falta de conhecimento apropriado de Deus quanto à misericórdia e à graça que o Senhor oferece a todos. Ela pode se colocar em sujeição ao medo da condenação eterna devido ao fato de ter se privado de conhecer o caminho de justificação que o Senhor oferece em Cristo, conforme exposto no texto a seguir:

Romanos 8: 32 Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?

- 33 Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica.**
- 34 Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.**

Por outro lado, se uma pessoa se priva de conhecer alguns aspectos centrais sobre o juízo de Deus e sobre a posição firme do Senhor como o Justo Juiz, ela pode incorrer no pensamento leviano e inapropriado de que Deus não julgará de fato aqueles que não receberam a justificação diante do Senhor através da fé na justiça que há em Cristo, não se atendo assim as seguintes palavras:

Gálatas 6: 7 Não vos enganéis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.

8 Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna.

Romanos 8: 13 Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis.

Tiago 5: 1 Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão.

2 As vossas riquezas estão corruptas, e as vossas roupagens, comidas de traça;

3 o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos e há de devorar, como fogo, as vossas carnes. Tesouros acumulastes nos últimos dias.

4 Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos.

5 Tendes vivido regaladamente sobre a terra; tendes vivido nos prazeres; tendes engordado o vosso coração, em dia de matança;

6 tendes condenado e matado o justo, sem que ele vos faça resistência.

7 Sede, pois, irmãos, pacientes, até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas.

8 Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima.

9 Irmãos, não vos queixeis uns dos outros, para não serdes julgados. Eis que o juiz está às portas.

10 Irmãos, tomai por modelo no sofrimento e na paciência os profetas, os quais falaram em nome do Senhor.

11 Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo.

*Hebreus 10: 30 Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo.
31 Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.*

*Romanos 6: 11 **Assim** também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.
12 Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões;
13 nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.
14 Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.
15 E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!
16 Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?*

Portanto, crer na soberania de Deus sobre todo o universo e crer que esta soberania é exercida em plena justiça pelo Senhor também em sua posição de Juiz Eterno são aspectos que sempre deveriam ser vistos conjuntamente por aqueles que querem desfrutar da justiça de Deus e caminhar segundo o querer do Senhor Eterno.

Salmos 48:10 Segundo é o teu nome, ó Deus, assim é o teu louvor, até aos confins da terra; a tua mão direita está cheia de justiça. (RC)

Isaías 33: 22 Porque o SENHOR é o nosso juiz, o SENHOR é o nosso legislador, o SENHOR é o nosso Rei; ele nos salvará.

Deuteronômio 32:4 Ele é a Rocha cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos juízo são; Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é. (RC)

*Salmos 99: 1 Reina o SENHOR; tremam os povos. Ele está entronizado acima dos querubins; abale-se a terra.
2 O SENHOR é grande em Sião e sobremodo elevado acima de todos os povos.
3 Celebrem eles o teu nome grande e tremendo, porque é santo.
4 És rei poderoso que ama a justiça; tu firmas a equidade, executas o juízo e a justiça em Jacó.*

C7. Justiça Vingativa, Condenatória, Justificadora ou Reparadora?

Outro aspecto muito significativo a ser observado mais de perto quando se aborda o tema da justiça de Deus, conforme já foi citado anteriormente, é que a justiça celestial é o que ela é ou o que o Senhor estabelece sobre ela, e não aquilo que as pessoas pensam que ela é ou o que gostariam que ela fosse.

Entendemos que o aspecto mencionado no parágrafo anterior convém ser ressaltado continuamente, pois também pelo fato de muitos “*sistemas judiciários*” do mundo serem denominados de “*sistemas de justiça*”, facilmente uma pessoa pode vir a pensar que a “*justiça*” é um sistema de julgamento com vistas a punir aqueles que praticam a injustiça no sentido de tentar conter o crescimento da injustiça.

Muitas pessoas inclusive chegam a pensar que a justiça deveria ser um conjunto de ações de vingança dos injustiçados para com os que praticaram a injustiça, cujo pensamento é admirado e até largamente divulgado em literaturas e filmes que consideram como heróis aqueles que supostamente vingam os chamados “inocentes” e punem severamente aqueles que praticaram a “injustiça”.

Entretanto, um aspecto relevante a ser observado nas proposições humanas de condenação das pessoas que praticam a injustiça, é que estas condenações, em grande parte dos casos, jamais podem prover a reparação de todos os danos que a injustiça praticada gerou para aqueles que foram injustiçados ou até para aqueles que foram iludidos pelo mal para praticarem a injustiça pensando que através dela poderiam alcançar alguns supostos benefícios.

Ainda que um homicida, por exemplo, seja condenado à pena máxima pela morte que ele causou, a condenação do homicida jamais poderá restaurar a vida daquele de quem a vida foi tomada e jamais poderá restaurar esta vida para aqueles a quem ela também era preciosa.

Por outro lado, gostaríamos de comentar aqui como uma ressalva, que o fato de muitas leis condenatórias não poderem prover as restaurações de vários tipos de danos causados, não necessariamente implica em dizer que esta realidade deva ser confundida com a ideia de que as leis que regulamentam a vida civil de uma nação ou de um povo não são necessárias ou não são úteis na cooperação da justiça e da contenção das práticas das injustiças. Há diversas leis para o contexto das sociedades humanas que são necessárias para que as injustiças não se alastrem ainda mais ou de forma largamente desenfreada. As leis civis no mundo, em muitos casos, podem ser necessárias e podem ser cooperativas para resistirem à proliferação dos comportamentos maus ou danosos, conforme é exposto nos textos a seguir:

- 1* **Timóteo 1: 8 *Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo,***
*9 *tendo em vista que não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores e rebeldes, irreverentes e pecadores, ímpios e profanos, parricidas e matricidas, homicidas,*
*10 *ímpuros, sodomitas, raptos de homens, mentirosos, perjuros e para tudo quanto se opõe à sã doutrina,*
*11 *segundo o evangelho da glória do Deus bendito, do qual fui encarregado.****

Eclesiastes 8: 11 Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal.

Provérbios 19: 19 Homem de grande ira tem de sofrer o dano; porque, se tu o livrares, virás ainda a fazê-lo de novo.

Se todas as pessoas se rendessem as suas vidas à direção de Deus, as leis das sociedades humanas não seriam necessárias, pois todos os indivíduos estariam sendo instruídos em justiça e caminhariam em retidão através da justiça de Deus, assim como Deus é justo em tudo o que faz. Esta condição, porém, não é uma realidade no mundo presente em que vivemos, pois neste mundo as pessoas podem optar, e de fato optam, por não seguir as instruções que Deus lhes oferece.

Em seu desprezo por Deus e por seus semelhantes, muitos indivíduos inclusive chegam a decretar leis específicas para amparar as suas injustiças como se a criação de uma lei pudesse aplacar a perversidade de suas práticas. Diante Deus, porém, a criação de leis para mascarar a prática da injustiça é uma das marcas mais acentuadas da rendição de uma pessoa à impiedade ou iniquidade.

Salmos 94: 20 Pode, acaso, associar-se contigo o trono da iniquidade, o qual forja o mal, tendo uma lei por pretexto?

21 Ajuntam-se contra a vida do justo e condenam o sangue inocente.

Isaias 10: 1 Ai dos que decretam leis injustas, dos que escrevem leis de opressão,

2 para negarem justiça aos pobres, para arrebatarem o direito aos aflitos do meu povo, a fim de despojarem as viúvas e roubarem os órfãos!

3 Mas que fareis vós outros no dia do castigo, na calamidade que vem de longe? A quem recorrereis para obter socorro e onde deixareis a vossa glória?

Salmos 50: 16 Mas ao ímpio diz Deus: Que tens tu que recitar os meus estatutos e que tomar o meu concerto na tua boca,
17 pois aborreces a correção e lanças as minhas palavras para detrás de ti?

18 Quando vês o ladrão, consentes com ele; e tens a tua parte com adúlteros.

19 Soltas a tua boca para o mal, e a tua língua compõe o engano.

20 Assentas-te a falar contra teu irmão; falas mal contra o filho de tua mãe.

21 Estas coisas tens feito, e eu me calei; pensavas que era como tu; mas eu te arguirei, e, em sua ordem, tudo porei diante dos teus olhos.

22 Ouvi, pois, isto, vós que vos esqueceis de Deus; para que vos não faça em pedaços, sem haver quem vos livre.

Se todos os atos dos seres humanos fossem realizados a partir da justiça de Deus, não haveria a necessidade de que o tema da condenação fosse colocado em pauta, pois se as pessoas seguissem a instruções de Deus para as suas vidas, elas não se submeteriam à prática de pecados e nem iriam praticar a injustiça. Conforme está exposto no último texto de 1Timóteo mencionada acima e no texto a seguir, a lei não precisa ser promulgada para quem é praticante do bem e para quem anda segundo a direção do Espírito do Senhor.

Gálatas 5: 22 Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei.

Conforme também já comentamos acima, há algumas leis restritivas que são necessárias nas sociedades humanas e podem cooperar para o bem delas. Por outro lado, porém, a cooperação das leis restritivas é muito limitada para impedir que toda e qualquer injustiça seja praticada e é muito limitada também quanto à reparação de diversos danos causados por certos tipos injustiças realizadas.

Por mais que um adequado sistema de justiça necessite prever condenações, ele jamais será pleno e perfeito se ele também não tiver condições de fazer a restauração das perdas mais significativas aos que foram injustiçados.

Apesar da vida no mundo necessitar de “sistemas judiciários” que prevejam condenações aos que infringem aquilo que é tido como correto ou àqueles que praticam a injustiça, nenhum sistema de justiça do mundo poderá reparar os principais danos que as injustiças praticadas causam para as pessoas.

Portanto, assim como os reinos da Terra não podem prover aquilo que exclusivamente o reino de Deus pode prover, inclusive aqueles que são benevolentes e cooperadores com os seus cidadãos em muitas áreas, assim também a justiça dos reinos da Terra jamais poderá prover o que exclusivamente a justiça do reino de Deus poderá prover.

Apesar de Deus permitir que os reinos da Terra e os seus sistemas judiciários ou de magistrados sejam meios para que as pessoas também possam receber benefícios através deles, tanto os reinos da Terra como as suas estruturas judiciárias nunca puderam e nunca poderão suprir aos seres humanos os aspectos mais elevados e mais necessários da justiça.

Se uma pessoa abordar o tema da justiça de Deus somente no nível dos denominados sistemas de justiça ou magistraturas das sociedades ou dos reinos da Terra, esta pessoa se coloca em uma posição onde também fica privada de ver a glória superior que há na justiça de Deus em relação à glória limitada que há nos sistemas humanos e que não conseguem alcançar uma verdadeira e plena reparação dos danos causados pelas injustiças.

Alguns sistemas com critérios de condenação podem até apresentar benefícios ao apontar para as consequências da prática da injustiça e ao conter uma parte do avanço

desenfreado das injustiças, mas eles não têm e jamais terão a provisão de restituir ou reparar mais amplamente, e de forma justa, os danos que a prática da injustiça produz.

Algumas leis que propõe condenação têm aspectos cooperativos para a finalidade que ela se propõe e quando usadas legitimamente para inibir os que insistem na transgressão, conforme já vimos em um dos textos acima expostos, mas elas são completamente incapazes de prover soluções para diversas finalidades mais elevadas que as pessoas que se depararam com a injustiça necessitam alcançar.

Assim, **a justiça de Deus é superior ao sistema de leis dos reinos terrenos porque ela também usa critérios ou características superiores aos que os seres humanos usam em suas leis.**

*2 Coríntios 3: 4 **E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus;***

*5 **não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus,***

*6 **o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica.***

*7 **E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente,***

*8 **como não será de maior glória o ministério do Espírito!***

*9 **Porque, se o ministério da condenação foi glorioso, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça.***

Se as pessoas nunca fossem expostas às leis de condenação, muitas delas também não teriam conhecimento dos seus atos de injustiça. Entretanto, se uma pessoa somente tomar conhecimento da prática da injustiça e da possível condenação que pode advir dela, e jamais tomar conhecimento da justiça superior que pode inclusive restituir o que é devido em relação aos aspectos mais danosos causados pela injustiça praticada, que bem lhe poderia acrescentar a mera condenação?

*Romanos 3: 20 **Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.***

+

*Gálatas 3:10 **Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las. (RC)***

E ainda outro aspecto que é muito relevante a ser observado quando é abordado o tema da justiça em relação à condenação e à restituição é a questão do tempo em que a justiça se manifesta ou pode vir a operar.

Desta forma, tendo este último aspecto em mente, se o tema da justiça frente à injustiça for visto somente a partir da ótica humana e da ótica temporal da vida, um

indivíduo não poderá chegar a uma conclusão minimamente razoável sobre uma justiça verdadeira e duradoura.

Se a justiça de Deus se limitasse somente aos aspectos da vida temporal, ela seria incompleta ou muito falha, pois se a justiça de Deus não pudesse oferecer uma provisão devida de restituição eterna dos danos mais significativos causados pela injustiça temporal a uma pessoa, esta justiça jamais poderia ser considerada como perfeita.

A justiça de Deus é uma justiça perfeita também porque ela é capaz de prover, ainda que no porvir, a devida restituição eterna dos danos mais significativos causados pelas mais diversas injustiças praticadas. Mas sem entender a questão do tempo em que esta justiça atua nesta reparação, é muito difícil compreender a justiça celestial como sendo uma justiça justa.

No mundo, e inclusive nos próprios sistemas judiciários dos seus reinos ou nações, há muitos casos de injustiça causados pelo simples fato deles estarem sujeitos a prazos muito limitados ou temporais para estabelecerem os seus julgamentos.

No mundo, há muitos casos de julgamento já realizados que se mostram altamente equivocados depois que são expostos a novos fatos que são conhecidos com o passar do tempo. E aqui novamente, também é impossível que todos os danos causados por estes erros sejam reparados ou restituídos por completo pelos sistemas de justiça do mundo.

O tempo de vida que uma pessoa injustiçada pela denominada justiça dos homens perdeu, por exemplo, não poderá jamais ser reparado no sentido daquilo que poderia ter ocorrido na vida dela se ela não tivesse sofrido a referida injustiça.

Portanto, crer em Deus como um Deus justo ou reto em todos os Seus atos criativos e de sustentação do mundo é um nível de fé no Senhor. Mas crer que o Senhor também é um Deus justo ou reto que faz e fará a justa restituição dos danos mais significativos causados pelas injustiças cometidas, ainda que nem todos aspectos desta reparação sejam alcançadas no tempo de vida na Terra, é outro nível de confiança em Deus, razão pela qual ***a justiça de Deus é revelada no Evangelho de fé em fé.***

Crer no Senhor como o Deus que julga todas as coisas retamente, e crer em Deus como aquele que é justo e poderoso para reparar devidamente os danos de toda a injustiça praticada, ainda que não necessariamente no tempo em que uma pessoa quisesse que esta restituição fosse manifestada, pode vir a causar uma implicação benéfica enorme de mudança nas expectativas de vida e dos atos de uma pessoa.

Crer que a justiça de Deus não falhará, ainda que às vezes pareça tardar, não é algo sempre fácil de ser assimilado pela alma e tendo em vista que a justiça de Deus é alcançada de fé em fé, e não por vista. Além disso, esperar pela justiça de Deus ou confiar nela também não significa dizer que uma pessoa não passará por aflições enquanto espera por uma intervenção mais específica do Senhor, assim como também o próprio Senhor Jesus Cristo passou por aflições.

Lucas 18: 7 Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?

8 Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?

João 16: 33 *Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.*

As Escrituras nos ensinam que quando o Senhor Jesus Cristo estava como Filho do Homem no mundo, Ele continuamente ou em tudo confiava no Pai Celestial como um Deus justo e que sempre era reto em tudo o que Ele lhe instruía a fazer. E ainda que a maior parte da justiça celestial seria revelada através ou após a sua morte na cruz do Calvário, Cristo também continuamente cria que o Pai Celestial trataria com retidão e justiça toda a injustiça que a Ele foi direcionada tão severamente enquanto estava em carne na Terra, conforme pode ser visto mais uma vez no texto que repetimos abaixo:

1 Pedro 2: 21 *Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos,*
22 *o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca;*
23 *pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente,*
24 *carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados.*

Se o alcance da atuação da justiça de Deus se limitasse ao tempo de vida de uma pessoa na Terra, ou se a justiça de Deus não fosse poderosa para também prover a ressurreição dentre os mortos e a devida restituição eterna dos danos mais significativos que aqueles que creem no Senhor sofreram, as pessoas mais injustiçadas ou mais infelizes de toda a existência humana seriam precisamente aquelas que buscaram e buscam exatamente esta justiça do Senhor.

1 Coríntios 15: 12 *Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?*

13 *E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou.*

14 *E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé.*

15 *E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não ressuscitam.*

16 *Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou.*

17 *E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados.*

18 *E também os que dormiram em Cristo estão perdidos.*

19 *Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.*

- 20 Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem.**
- 21 Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.**
- 22 Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. (RC)**
-

Ressaltamos, então, mais uma vez, que nem todos os que praticam intensamente a injustiça e nem todos os praticam acentuadamente a justiça veem o fruto ou o resultado completo de suas obras em seu tempo de vida natural.

Eclesiastes 8: 12 Ainda que o pecador faça o mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus.

1 Timóteo 5: 24 Os pecados de alguns homens são notórios e levam a juízo, ao passo que os de outros só mais tarde se manifestam.

2 Coríntios 4:17 Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, 18 não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.

A justiça de Deus tem uma marcante e constante presença na vida na Terra em todos os tempos de sua existência, mas ela não é limitada a atuar somente nas coisas temporais da vida natural e nem é limitada somente a reparações materiais, terrenas e transitórias.

Por mais que a injustiça terrena e temporal seja difícil de ser assimilada pelos seres humanos, uma pessoa jamais deveria deixar de olhar para a característica eterna da justiça do Senhor a fim de que não precise colher o fruto eterno da injustiça.

Por mais que uma pessoa tenha sido injustiçada ou até por mais que uma pessoa tenha sido praticante da injustiça, Deus não quer que ninguém colha eternamente o fruto da injustiça, e por isto, muitas vezes, retém a condenação ou a reparação por um determinado tempo, conforme pode ser visto também no texto a seguir:

2 Pedro 2: 1 Amados, esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo; em ambas, procuro despertar com lembranças a vossa mente esclarecida, 2 para que vos recordeis das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, bem como do mandamento do Senhor e Salvador, ensinado pelos vossos apóstolos,

3 tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarneceadores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões

4 e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.

5 Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus,
6 pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água.

7 Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios.

8 Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia.

9 Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.

10 Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas.

11 Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade,

12 esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão.

13 Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça.

No mundo, há muitas pessoas que fazem questão de anunciar os seus clamores pela justiça e que inclusive procuram atribuir a culpa da condição de injustiça do mundo a Deus, a uma suposta ausência da intervenção do Senhor no mundo ou até a uma suposta inexistência de Deus. Entretanto, estes que o fazem, e muitas vezes o fazem até de uma forma muito enfática, ignoram que é para o arrependimento deles mesmos e por causa da salvação deles que Deus ainda não elimina por completo a injustiça do mundo. Pois se o Senhor assim o fizesse prontamente, Ele também teria que separar e condenar todos aqueles que praticaram alguma injustiça na sua vida e que ainda não aceitaram a provisão de justiça celestial que lhes permite receber o perdão de suas próprias transgressões.

Enquanto muitas pessoas do mundo se julgam no direito de bradar a Deus pela condenação do seu próximo ou dos seus semelhantes, inclusive em relação à condição eterna destes, o Senhor oferece, primeiramente, o arrependimento e a salvação a todos, inclusive aos acusadores dos seus semelhantes para que estes não sejam vítimas da mesma condenação que reivindicam para os outros.

Desta forma, antes das pessoas bradarem pela justiça de Deus, elas deveriam aprender a dissociar a justiça do Senhor do juízo condenatório, pois Deus não faz acepção de qualquer pessoa nem quanto à Sua justiça e nem quanto ao Seu juízo, sendo que todos aqueles que não recebem a justiça de Deus estão igualmente sujeitos à condenação diante do Senhor.

- Romanos 2: 1* **Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que sejas; porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas.**
- 2* **Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade contra os que praticam tais coisas.**
- 3* **Tu, ó homem, que condenas os que praticam tais coisas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus?**
- 4* **Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?**
- 5* **Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus,**
- 6* **que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento:**
- 7* **a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade;**
- 8* **mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça.**
- 9* **Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego;**
- 10* **glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem, ao judeu primeiro e também ao grego.**
- 11* **Porque para com Deus não há acepção de pessoas.**

Romanos 5: 12 **Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.**

- Romanos 3: 9* **Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado;**
- 10* **como está escrito: Não há justo, nem um sequer,**
- 11* **não há quem entenda, não há quem busque a Deus;**
- 12* **todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.**
- ...
- 23* **pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.**
-

Enquanto o mundo clama pelo juízo condenatório de Deus ou clama a Deus para que o Senhor condene a todos que cometeram ou cometem injustiças, sob o pretexto de chamar este juízo de justiça de Deus, o Senhor oferece primeiramente um juízo justificador e salvador revestido de uma verdadeira justiça, de misericórdia e de salvação uma vez que todos os seres humanos igualmente necessitam deste juízo redentor e pelo fato de que o Senhor não quer que ninguém se perca eternamente.

*Salmos 94: 15 **Mas o juízo se converterá em justiça, e seguiu-la-ão todos os de coração reto.***

*Isaiás 30: 18 **Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vós, e se detém, para se compadecer de vós, porque o SENHOR é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que nele esperam.***

Deus é Justo Juiz, e por isto não deixa de julgar e punir toda a injustiça praticada, mas em conjunto com o anúncio da sua posição de Juiz, o Senhor também revela um atributo da sua justiça que pode restaurar as pessoas a uma posição eterna de justiça inclusive depois que elas chegaram a estar sujeitas à injustiça ou ao pecado.

*Romanos 6: 23 **Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.***

Toda obra de injustiça praticada na Terra passa pelo julgamento do Senhor, mas não sem Deus oferecer antes às pessoas a característica da justiça celestial que precede o juízo do Senhor a fim de oferecer a todos os indivíduos uma provisão para não sofrerem o dano da condenação ou do veredito eterno de vingança da injustiça praticada.

O Senhor, portanto, é digno de exaltação por sua condição de Justo Juiz que não permitirá que o pecado e a injustiça prevaleçam no dia do juízo, mas o Senhor também é digno de toda exaltação por oferecer antes a Sua justiça perfeita para que o Seu juízo não seja de condenação para a morte e sim de concessão de novidade de vida para todo aquele que aceitar a oferta de justificação, salvação e novidade de vida que há no seu Evangelho eterno.

*Isaiás 5: 16 **Mas o SENHOR dos Exércitos é exaltado em juízo; e Deus, o Santo, é santificado em justiça.***

A justiça de Deus é a justiça que lida justamente com aquele que foi injustiçado, mas ela também lida justamente com a injustiça, com os danos que esta produz e com aqueles que realizaram a injustiça, mas, prioritariamente, buscando a possibilidade de redenção e salvação eterna tanto do injustiçado como daquele que praticou a injustiça, fazendo com que este nível de justiça seja completamente único e que somente pode ser desempenhado pelo Senhor Eterno.

Portanto, para finalizar o presente capítulo, repetimos mais uma vez um exemplo marcante sobre como somos chamados a nos portarmos diante das injustiças quando a justiça reparadora do Senhor parece tardar. Exemplo este, que nos foi dado pelo próprio Senhor Jesus Cristo para que no próprio Senhor tivéssemos mais um parâmetro ou firme referência de postura ou atitude apropriada enquanto ainda aguardamos alguns aspectos conclusivos da manifestação eterna da justiça e do juízo celestial.

*1 Pedro 2: 23 **Pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente.***

C8. A Crucial Necessidade do Convencimento Simultâneo e pelo Espírito Santo sobre o Pecado, a Justiça e o Juízo

Na vida em geral, há diversos assuntos, conceitos ou palavras cujos respectivos significados podem apontar em uma direção quando analisados de forma isolada, mas que talvez não se mostrem precisos ou amplos suficientes se eles também não forem observados em conjunto com outros aspectos que apresentam alguma relação com eles ou até que os contrastem.

Conforme foi visto nos capítulos precedentes, a justiça de Deus e o juízo do Senhor são exemplos de temas que se enquadram na consideração do parágrafo anterior, ou seja, eles são assuntos cujos significados ou definições podem ser observados mais precisamente ou mais amplamente se eles também forem vistos conjuntamente.

Nos capítulos anteriores, já foi visto, por exemplo, que a despeito da justiça e do juízo serem itens distintos, eles estão constantemente em atuação conjunta, pois um fundamenta a ação do outro e um também esclarece mais amplamente o objetivo do outro.

Portanto, continuando ainda a explorar o tema do Evangelho da Justiça ou do Evangelho através do qual uma pessoa pode conhecer a justiça de Deus de fé em fé, gostaríamos de ressaltar, a partir deste novo capítulo, que além da compreensão da justiça de Deus estar associada à compreensão conjunta de vários aspectos do juízo do Senhor, ela também está muito associada a uma compreensão mais ampla sobre o pecado, a prática do pecado e as consequências que podem sobrevir a uma pessoa por sujeitar-se ao pecado.

Tendo em vista que a compreensão do oposto de um aspecto também pode cooperar para a compreensão do aspecto que alguém está procurando conhecer, e tendo em vista que a injustiça é o oposto da justiça, o tema sobre a compreensão de vários aspectos sobre o pecado torna-se crucial, pois nas Escrituras, este último de certa forma também é um sinônimo da injustiça, conforme apresentado no texto abaixo:

*1 João 5: 17(a) **Toda injustiça é pecado.***

Devido à frequente atuação no mundo presente de um em oposição ao outro ou de um em complemento ao outro respectivamente, os temas do pecado, da justiça de Deus e do juízo do Senhor são assuntos que inevitavelmente são mencionados muitas vezes conjuntamente nas Escrituras, das quais inicialmente destacamos neste capítulo o texto a seguir:

*João 16: 7 **Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei.***

*8 **Quando ele (o Espírito Santo) vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo:***

*9 **do pecado, porque não creem em mim;***

*10 **da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais;***

*11 **do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.***

O fato de uma adequada percepção do pecado, da justiça e do juízo depender também de uma percepção conjunta destes três itens, e de como cada um atua em relação ao outro, torna a tarefa da compreensão de cada um destes aspectos ainda mais ampla e desafiadora, mas, por outro lado, também esclarece pontos essenciais que jamais poderiam ser compreendidos se eles fossem vistos isoladamente.

Por um lado, uma parte da compreensão sobre o mal ou sobre a injustiça somente pode ser adquirida quando uma pessoa conhece o que é o bem ou a justiça, e, por outro lado, uma parte da compreensão do bem ou da justiça somente vem a se tornar evidente quando uma pessoa se depara com uma exposição do que é mal ou injusto.

Talvez por recearem uma compreensão maior sobre o que vem a ser o pecado ou por não se disporem a conhecer mais profundamente este tema, algumas pessoas também acabam se privando de conhecer mais sobre a justiça de Deus e sobre o justo juízo do Senhor, ou vice-versa.

E ainda outro aspecto crucial a ser levado em consideração na compreensão ou discernimento tanto do bem como do mal ou da justiça e da injustiça também está relacionado com a maneira ou o meio através do qual uma pessoa pretende adquirir esta compreensão ou discernimento.

Quando Deus, por exemplo, chama as pessoas a terem uma maior compreensão sobre a injustiça e o que o pecado pode causar àqueles que se rendem a ele, o Senhor não está chamando as pessoas para que se entreguem a toda a sorte de pecado para, então, discerni-lo. Este, simplesmente, não é o caminho mais apropriado para conhecer a injustiça ou o pecado.

Considerando que um dos aspectos inseparáveis das proposições do pecado é que aqueles que o praticam sejam cada vez mais enganados, entorpecidos e escravizados a ele ou à condição de injustiça, o caminho da rendição ao pecado jamais é o caminho para uma pessoa vir a compreender apropriadamente o que vem a ser de fato o pecado.

Nos capítulos anteriores, foi exposto que a justiça de Deus e o juízo do Senhor não podem ser conhecidos somente pelas informações que os seres humanos propõem em sua condição meramente natural. Pelo fato da justiça e do juízo de Deus serem aspectos celestiais e pertencentes ao reino do Senhor, o conhecimento deles somente pode ser alcançado satisfatoriamente se o Senhor, através do Espírito Santo, conceder que um indivíduo os compreenda. No tempo em que uma pessoa habita na Terra, somente há uma via pela qual uma pessoa possa conhecer adequadamente e verdadeiramente o que lhe é necessário compreender sobre a justiça e o juízo de Deus.

E se retornarmos ao ponto acima mencionado de que a injustiça ou o pecado se apresenta como o oposto à justiça do Senhor que somente pode ser conhecida apropriadamente através do Espírito do Senhor, fica evidente que também a compreensão do que é injustiça ou pecado depende daquilo que o Senhor nos revela através do seu Espírito sobre este assunto.

O fato da justiça de Deus somente poder vir a ser compreendida verdadeiramente a partir do que o reino de Deus revela ou expõe sobre ela, somado ao fato de que a injustiça é o oposto da justiça, implica em que também o pecado somente possa ser conhecido verdadeiramente a partir do que o reino de Deus expõe sobre a justiça e a injustiça.

Somente a partir do conhecimento do que verdadeiramente é justo que a definição do que é injusto pode ser compreendida apropriadamente, ou somente conhecendo o que verdadeiramente é a justiça eterna que a compreensão do que é injustiça pode ser alcançada de forma mais precisa.

Há várias questões na vida humana que somente podem ser conhecidas se um aspecto maior apresentar a exposição mais precisa sobre elas. O que é feito em trevas, por exemplo, somente é revelado plenamente pela luz. Enfermidades ficam evidentes porque as pessoas sabem um conceito maior do que é ser saudável. A morte física é evidente porque ela contrasta a vida natural. E uma limitação qualquer fica mais evidente quando as pessoas também passam a ter noção de algo que vai além daquela limitação. E assim por diante.

Assim, o fato do pecado, da justiça e do juízo aparecerem conjuntamente em diversas partes das Escrituras não é um mero acaso. Pois sem a luz do Senhor, manifestada pelo Espírito Santo simultaneamente sobre o pecado, a justiça e o juízo, a compreensão do pecado pode se tornar grandemente equivocada e pode acabar desembocando em um mar de confusões sobre o que de fato é o pecado, quais são os aspectos mais necessários de serem compreendidos sobre ele e quais são as consequências que podem vir a derivar da prática dele.

Quando o Senhor Jesus Cristo disse em uma mesma sentença que o Espírito Santo convencerá o mundo do pecado, da justiça, e do juízo, o Senhor também o fez para que saibamos que há uma grande relevância em conhecer conjuntamente estes aspectos e em entendê-los através do convencimento ou da instrução que o Espírito Santo confere sobre cada um destes pontos.

A atribuição que o Senhor conferiu ao Espírito Santo para a realização da tarefa de convencimento do mundo simultaneamente do pecado, da justiça e do juízo de Deus não visa dificultar o tema ou fazer com que seja mais difícil de ser acessado. Pelo contrário, o papel que o Senhor conferiu ao Espírito Santo visa, acima de tudo, o bem eterno das pessoas e tem por objetivo mostrar a elas que no Senhor existe uma alternativa de perdão, remissão e salvação dos pecadores que é perfeitamente fundamentada na justiça celestial.

A designação, por parte do Senhor, do Espírito Santo para convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo foi assim estabelecida, em um dos seus principais propósitos, para evidenciar que a justiça de Deus, acima de tudo, oferece o caminho de perdão, redenção e salvação às pessoas a despeito da malignidade do pecado com o qual se envolveram e da severidade do juízo do Senhor sobre o pecado e sobre aqueles que insistem em permanecer sob a escravidão da injustiça.

Sem a compreensão da justiça de Deus, as pessoas facilmente podem desfalecer em sua esperança de serem perdoadas e libertas das consequências de seus pecados ou podem até render-se ainda mais à escravidão ao pecado por pensarem que de uma ou de outra forma já estão destinadas a uma eterna condenação.

O fato do pecado, da justiça e do juízo aparecerem citados conjuntamente nas palavras do Senhor sobre uma das atribuições do Espírito Santo em relação ao mundo é de imprescindível relevância, pois a compreensão de uma pessoa sobre cada um destes

três aspectos pode ter implicações muito expressivas no que ela vai experimentar em relação a cada um deles.

Quando o Espírito Santo convence uma pessoa sobre o pecado, a condição vil e perversa do pecado fica muito mais evidente do que qualquer outra exposição que possa existir sobre o pecado. Por outro lado, porém, a compreensão que o Espírito Santo concede a um indivíduo sobre o pecado é maravilhosa, pois Ele o faz apresentando também a provisão que Deus concede às pessoas para serem perdoadas e libertas do jugo do pecado, e para que saibam que a justiça de Deus é a perfeita provisão para serem remidas da eterna condenação de suas almas.

Até nos tribunais humanos, algum conceito de pecado, de justiça e de juízo sempre faz parte de qualquer julgamento, quer de condenação ou quer de reparação ou restituição, sejam eles formais ou informais, pois um julgamento somente pode ser desenvolvido razoavelmente se antes houver uma qualificação do que é considerado ou convencionado correto, do que é considerado um delito ou um crime, e quais são as condições para tratar a reparação do que é correto ou a condenação do que é considerado como delito.

Apesar do fato de algumas pessoas tentarem propor que a ignorância sobre as características de atuação do pecado possa até lhes ser benéfica, a falta de discernimento adequado do pecado é um caminho extremamente perigoso, pois se uma pessoa não compreende as características básicas que o Senhor nos ensina sobre o pecado, ela poderá estar exposta à prática do pecado e das consequências que advém dela sem sequer estar consciente do mal ao qual está sujeita.

O conhecimento demasiadamente limitado ou equivocado sobre o pecado, a justiça e o juízo, ou o ato de simplesmente fechar o coração em uma redoma de ignorância sobre o bem e o mal, não representam qualquer garantia de escusa ou proteção para que uma pessoa seja preservada de ser envolvida pelo pecado, pois uma grande parte da prática dos pecados ocorre exatamente pela ignorância, pela falta de um discernimento mais amplo do pecado, da justiça e do juízo ou, ainda, pela resistência que as pessoas têm para com o aprendizado sobre estes três temas de tão grande importância.

Quando uma pessoa despreza a ação do Espírito Santo, no sentido de ser instruída por Ele apropriadamente sobre o pecado, a justiça e o juízo, o conhecimento ao qual ela passa a se inclinar sempre estará aquém do que lhe é necessário, pois desprovida da luz do Senhor oferecida por Deus através do Espírito Santo, um indivíduo acaba se colocando em caminhos de erro, engano ou trevas.

Em sua resistência a Deus, muitas pessoas, o mundo e os poderes das trevas também acabam apresentando os seus próprios conceitos de pecado, de justiça e de juízo com a finalidade de prolongar os seus ensinamentos corrompidos. Em suas proposições, o pecado não somente se apresenta como instrumento para tentar levar às pessoas a ações de injustiça, mas também para tentar corromper a compreensão das pessoas sobre o próprio pecado e, conseqüentemente, sobre a justiça e o juízo. O ser humano em sua condição de soberba e sujeição ao pecado, o mundo e os poderes das trevas também tentam definir o pecado, a justiça e o juízo de acordo com os seus próprios critérios, os quais, contudo, visam mergulhar as pessoas em circunstâncias cada vez mais profundas de entrega à injustiça ou a uma vida de oposição ao Senhor Eterno, conforme exemplificado nos dois textos abaixo:

2 Ts 2: 9 Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, 10 e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos.

João 3: 20 Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras. 21 Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.

Uma vez que trevas não conseguem iluminar os olhos das pessoas nem para que estas vejam com sobriedade aquilo ao qual estão sujeitas, e nem é o intento das trevas fazer isto, o próprio Senhor, em sua misericórdia e bondade, se oferece para conceder luz através do seu Espírito àqueles que por si mesmos jamais podem ver com a clareza necessária aquilo que lhes escravizou, a condenação à qual ficaram sujeitos e a justiça que pode lhes remir de um caminho de tão densas trevas.

A atribuição que o Senhor conferiu ao Espírito Santo para convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo tem por objetivo, antes de tudo, uma ação de misericórdia da luz para com aqueles que já não conseguem mais discernir estes aspectos devido ao fato de sua condição de sujeição às trevas.

Mateus 4: 16 O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz.

1 Coríntios 2: 12 Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.

Repetindo, então, mais uma vez, a apresentação simultânea do que vem a ser o pecado, a justiça de Deus e o juízo do Senhor foi confiada pelo Pai Celestial e pelo Senhor Jesus ao Espírito Santo, pois, por fim, o Senhor almeja que o convencimento conjunto destes três temas resulte numa exposição clara da salvação que há em Deus apesar das grandes injustiças já praticadas pelas pessoas no mundo.

Embora os temas sobre o pecado, a justiça e o juízo possam parecer desconfortáveis ou até assustadores para algumas pessoas, o Senhor não chama as pessoas para serem instruídas pelo Espírito Santo sobre estes aspectos para que elas fiquem ainda mais assustadas ou até amedrontadas, pois o mesmo Espírito Santo que foi designado pelo Senhor para esta tarefa também foi designado para ressaltar a glória de Cristo Jesus como o Libertador e Salvador de todo aquele que crê na justiça do Senhor.

*João 15: 26 **Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim.***

Apesar de que o ensino do Espírito Santo sobre o pecado, a justiça e o juízo também almeje expor as terríveis consequências às quais uma pessoa fica sujeita se ela permanecer em sujeição ao pecado, as Escrituras e o Espírito do Senhor também sempre apontam para o caminho de salvação e novidade de vida que há para todo aquele que recebe a justiça redentora e salvadora do Senhor.

Assim como a luz atua para que uma pessoa veja o caminho no qual as trevas não podem prevalecer sobre a sua vida, assim também, quando uma pessoa é instruída pelo Espírito Santo sobre o pecado, a justiça e o juízo, ela é ensinada a ver que a justiça do Senhor prevalece sobre a injustiça e que a justiça celestial oferece um caminho para que o juízo de Deus anunciado sobre um indivíduo seja de paz e de vida eterna no Senhor.

*Romanos 4: 6 **E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras:***
*7 **Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos;***
*8 **bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado.***

A atuação do Espírito Santo no sentido de convencer as pessoas sobre os aspectos centrais do pecado, da justiça e do juízo almeja, acima de tudo, enaltecer o fato de que Deus já tornou amplamente disponível uma provisão de redenção para todos os pecadores, a qual é oferecida indistintamente a cada ser humano e pode ser recebida por todo aquele que crê na salvação que o Senhor oferece em Cristo Jesus ou no Filho do Seu Amor.

*Mateus 1: 21 **Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.***

*João 1: 4 **A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.***

...
*9 **a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem.***

*João 1: 29 **No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!***

*1 João 3: 5 **Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado.***

*João 3: 16 **Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.***

*17 **Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.***

*18 **Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.***

*Salmos 79: 9 **Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso, pela glória do teu nome; livra-nos e perdoa-nos os pecados, por amor do teu nome.***

C9. Uma Breve Análise Histórica sobre o Pecado e os Termos Utilizados para o Pecado ao Longo desta História

Uma vez que é conhecido o fato de que em Deus, por meio do Senhor Jesus Cristo, há uma perfeita provisão para o perdão dos pecadores e para que o pecado não prevaleça na vida de uma pessoa, não há mais razão para que um conhecimento mais aprofundado concedido pelo Espírito Santo sobre o pecado seja evitado.

Assim, e tendo em vista a significativa relevância de um entendimento mais aprofundado e mais estruturado sobre a ampla gama de aspectos associados ao pecado, parece-nos ser importante fazer uma introdução sobre o pecado e alguns dos seus mais destacados efeitos também na ótica histórica apresentada sobre ele nas Escrituras, bem como na ótica geral dos termos utilizados nelas para se referir ao pecado.

Para cooperar, então, com o objetivo que está proposto no parágrafo anterior, gostaríamos de expor neste capítulo partes do texto do Novo Dicionário da Bíblia pelo fato destas partes, em específico, apresentarem uma grande quantidade de aspectos sobre o pecado de uma forma bastante concisa ou condensada, mas sem deixar de ser também muito amplo e rico em alguns detalhes que nos parecem poder cooperar no entendimento de diversos pontos que objetivamos apresentar nos próximos capítulos.

Desta maneira, abaixo segue o referido texto:

Pecado - segundo O Novo Dicionário da Bíblia:

1) O Pecado e a Sua Definição:

Os termos bíblicos para designar o pecado são variados. ... Existem distinções expressas através desses termos; refletem eles os diferentes aspectos mediante os quais o pecado pode ser contemplado. O pecado é fracasso; é erro, é falta de lei, é injustiça. É um mal insolúvel. Porém, a definição do pecado não pode ser derivada simplesmente dos termos bíblicos para denotá-lo.

A característica mais notável do pecado, em todos os seus aspectos, é que ele é orientado contra Deus. Davi expressou essa verdade em sua confissão: “Pequei contra ti, contra ti somente” (Salmos 51: 4), e a expressão de Paulo em sua acusação: “o pendor da carne é inimizade contra Deus” (Romanos 8: 7). Essa orientação não deve ser esquecida quando consideramos os diferentes termos usados.

Qualquer concepção sobre o pecado que não coloca em primeiro plano a contradição que ele oferece contra Deus, é um desvio do ensinamento bíblico a respeito. A noção comum de que o pecado é egoísmo revela uma falsa avaliação sobre sua natureza e gravidade. Desde o início e através de todo o seu desenvolvimento, o pecado é orientado contra Deus, e somente essa análise pode explicar a diversidade de suas formas e atividades.

...

2) O Pecado e a Sua Origem:

O pecado já estava presente no Universo antes mesmo da queda de Adão e Eva. Isso é evidente pela presença e pelas alegações do tentador, no jardim do Éden. Foi por motivo da tentação que nossos primeiros pais caíram. Porém, o que nos preocupa no momento é a origem do pecado na família humana. A Bíblia nos fornece informação sobre essa questão, ainda que não apresente quaisquer informes que digam respeito à queda do diabo e de seus anjos.

Gênesis 3 descreve para nós o processo, enquanto 1Tm 2: 14 é o comentário inspirado desta descrição (cfme Tiago 1: 13 e 14). Quando lemos: “Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento ...” (Gênesis 3: 6) não somos justificados ao inferir disso que o pecado começou com a concupiscência sensual, ou mesmo com a concupiscência dos olhos. Pois tal aquilatação não aprecia devidamente o gênio do assalto do tentador e o engano mediante o qual Eva foi iludida. O ataque de Satanás foi desfechado contra a integridade e a veracidade de Deus (cfme Gênesis 3: 4), e a alegação mediante a qual ele seduziu a mulher foi que ela e seu marido seriam tais como Deus, conhecendo tanto o bem como o mal (cfme Gênesis 3: 5). Foi para essa ímpia aspiração que a atenção da mulher foi atraída, e é especificamente na reação dela, indicada pelas palavras “árvore desejável para dar entendimento” que encontramos o movimento de desvio e de apostasia no coração e na mente de Eva. Essa reação demonstra que o tentador havia ganhado a confiança de Eva, que ela havia concordado com seu assalto contra a veracidade de Deus, e que desejava aquilo que o tentador assegurava, querendo ser Deus, conhecendo o bem e o mal. Portanto, a narrativa bíblica lança nossa atenção para esse tipo de concupiscência, como sendo a origem do pecado. Eva cedeu ao tentador o lugar que pertencia exclusivamente a Deus, aceitou o mais blasfemo dos assaltos contra a integridade de Deus; cobiçou para si mesma as prerrogativas divinas.

Em sua disposição de confabular com o tentador, no ato de não ter reagido com horror contra as suas sugestões, e em sua aquiescência, fica desvendado o processo que precedeu o ato de comer da fruta proibida. Aqui temos a origem do pecado, sendo-nos exibido seu verdadeiro caráter. O pecado não se origina em ação ao acaso, mas procede do coração e da mente. A depravação do coração se expressou na transgressão contra o mandamento; Adão e Eva primeiro se alienaram de Deus, e depois cometeram a transgressão propriamente dita. Mas foram impelidos por sua própria concupiscência, e assim caíram na tentação. Como isso poderia ter acontecido no caso deles é o mistério da origem do pecado.

A gravidade do primeiro pecado aparece no fato que o mandamento violado era a síntese exibida da autoridade, da bondade, da sabedoria, da justiça, da fidelidade e da graça de Deus. A transgressão significou o repúdio à sua autoridade, a dúvida sobre a sua bondade, a disputa acerca de sua sabedoria, a rejeição da sua justiça, a contradição contra a sua veracidade, e o desprezo à sua graça. Em todos os aspectos da perfeição de Deus, o pecado era a exata contradição. E esse será sempre o caráter do pecado.

3) O Pecado e as Suas Consequências:

O pecado de Adão e Eva não foi um acontecimento isolado. As consequências no tocante a eles, à posteridade e ao mundo, tornam-se imediatamente evidentes, conforme:

a) A atitude do homem para com Deus:

A atitude alterada para com Deus, por parte de Adão e Eva, deixa transparecer a revolução que então tivera lugar em suas mentes. Eles “esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim” (Gênesis 3: 8), e procuraram encobrir-se com aventais de folhas (Gênesis 3: 7), o que sem dúvida foi associado com o mesmo complexo de emoções. Criados para andar na presença e em comunhão com Deus, agora temiam encontrar-se com Ele (cfme João 3: 20). A vergonha e o medo eram agora as emoções dominantes (cfme Gênesis 2: 25 e 3: 7 e 10), indicando a deterioração que se processara.

b) A atitude de Deus para com o homem:

Não apenas houve alteração na atitude de nossos primeiros pais para com Deus, mas também na atitude de Deus para com eles. Reprovação, condenação, maldição, expulsão do jardim são todas elas indicações sobre essa revolução da atitude de Deus para com eles. O pecado só vem do lado do homem, mas as suas consequências não. Voltam-se contra Adão e Eva aspectos do caráter divino dos quais não tinha havido qualquer indicação anterior à desobediência dos mesmos. O pecado faz surgir a ira e o desprazer de Deus, e é

necessariamente assim, pois o pecado é a contradição daquilo que ele é. É impossível para Deus ser complacente para com o pecado. Deus não pode negar a si próprio.

c) As consequências para a raça humana:

A história subsequente do homem fornece um catálogo de seus vícios (Gênesis 4: 8, 19, 23 e 24 e Gênesis 6: 2, 3 e 5). A sequência de abundante iniquidade demonstra seus resultados na destruição da humanidade, com a exceção de oito pessoas (Gênesis 6: 7 e 13 e Gênesis 7: 21 até 24). A queda tivera efeitos permanentes não somente sobre Adão e Eva, mas igualmente para todos os seus descendentes; há uma solidariedade racial no pecado e na iniquidade.

d) As consequências para a criação:

Os efeitos da queda se estenderam até o cosmos físico. "... maldita é a terra por tua causa ..." (Gênesis 3: 17; cfme Romanos 8: 20). O homem é a coroa da criação, feito à imagem de Deus e, por consequente, vice-regente de Deus (Gênesis 1: 26). A catástrofe da queda do homem trouxe a catastrófica maldição contra tudo aquilo de que ele era a coroa, e sobre o que lhe fora dado domínio. O pecado foi um acontecimento na dimensão do espírito humano, mas teve tremendas repercussões sobre a criação inteira.

e) O aparecimento da morte:

A morte é a epítome da penalidade imposta ao pecado. Essa era a advertência ligada à proibição do Éden (Gênesis 2: 17), e é a sua execução que emana da maldição proferida por Deus (Gênesis 3: 19). A morte, no fenômeno dos acontecimentos externos, consiste na separação dos elementos integrais do ser do homem. Essa dissolução exemplifica o princípio da morte, a saber, a separação, e chega à sua expressão mais externa na separação entre o homem e Deus, o que é ilustrado já no início pelo fato do homem haver sido expulso do jardim (Gênesis 3: 23 e 24), pois o Éden servia de símbolo da presença e do favor de Deus.

4) Pecado e a Sua Imputação:

O primeiro pecado de Adão teve uma significação sem igual para a raça humana inteira (Romanos 5: 12, 14 até 19; 1Coríntios 15: 22). Aqui encontramos uma ênfase constante sobre aquela única transgressão, daquele único homem mediante o que o pecado, a condenação e a morte vieram a reinar sobre a totalidade dos homens. Tal pecado é identificado como "a transgressão de Adão", a "ofensa de um só", "uma só ofensa", a "desobediência de um só homem", não podendo restar qualquer dúvida que está aqui em foco a primeira transgressão de Adão. Isso explica a cláusula de Romanos 5: 12: "porque todos pecaram", que não se pode referir aos pecados individuais de todos os homens, e muito menos à depravação hereditária com que todos os homens são afligidos, mas antes, ao pecado de todos no pecado de Adão. Pois no verso 12 a cláusula em questão assevera claramente o motivo pelo qual a "morte passou a todos os homens", enquanto nos versículos seguintes a ofensa única aparece como razão do reinado universal da morte. Se o mesmo pecado não estivesse em vista, Paulo estaria afirmando aqui duas coisas diferentes com relação ao mesmo tema e no mesmo contexto. Isso não podemos supor. A única explicação sobre as duas formas de afirmação é que todos pecaram no pecado de Adão. A mesma inferência pode ser extraída de 1Coríntios 15: 22, "... em Adão todos morrem ...". A morte é o salário do pecado, e somente do pecado (Romanos 6: 23). Se todos morrem em Adão, é porque todos pecaram em Adão.

Segundo as Escrituras, a espécie de solidariedade com Adão que explica essa participação de todos no pecado de Adão é a mesma espécie de solidariedade que Cristo mantém para com aqueles que com ele estão unidos. O paralelo existente em Romanos 5: 12 até 19 e 1Coríntios 15: 22 e 45 até 49 entre Adão e Cristo indica o mesmo tipo de relação em ambos os casos, e não temos necessidade nem base para postular qualquer coisa mais definitiva, no caso de Adão e da raça humana, do que aquilo que encontramos no caso de Cristo e seu povo. No caso deste último temos Cristo como cabeça representativo, e isso é tudo quanto é necessário para basear a solidariedade de todos os homens no pecado de Adão. Adão pecou; portanto, todos pecaram. Dizer que o pecado de Adão é imputado a todos é dizer

apenas que todos foram envolvidos pelo seu pecado por motivo de ser ele o cabeça representativo da raça.

Há bons motivos para insistirmos em que essa imputação do pecado de Adão foi imediata. Quando Paulo reitera que foi mediante a transgressão e a desobediência de um só que muitos foram feitos pecadores, que o julgamento condenatório foi pronunciado contra todos, e que a sentença de morte se estendeu a todos, há a imediata conjunção da transgressão de Adão, por um lado, e o pecado, a condenação e a morte de todos, por outro lado. Não podemos introduzir qualquer outro pecado de Adão e o pecado de todos, como sendo a razão para o envolvimento de todos no pecado de Adão e nas suas consequências. A única base deste envolvimento é a união estabelecida entre Adão e a sua posteridade. O pecado de Adão sustenta uma relação direta para com a condenação e a morte de todos, como sustentou a relação para com a sua própria condenação e morte. Isso é o que está envolvido em Romanos 5: 12 e 15 até 19 e 1Co 15: 22.

A rejeição a essa doutrina deixa transparecer não somente o fato que tal indivíduo não aceita o testemunho das passagens relevantes, mas também o fato que não aprecia devidamente a íntima relação existente entre o princípio que governa nossa relação com Deus e o princípio governante da economia da salvação. O paralelo entre Adão, como primeiro homem, e Cristo, como último Adão, demonstra que a realização da salvação em Cristo se baseia no mesmo princípio operador mediante o qual todos nos tornamos pecadores e herdeiros da morte. A história da humanidade se pode resumir sob dois complexos: pecado-condenação-morte e justiça-justificação-vida. O primeiro tem origem em nossa união com Adão, e o último se deriva de nossa união com Cristo. Essas são as duas únicas órbitas onde nos é possível viver e mover. O governo de Deus sobre os homens é orientado nos termos dessas duas relações. Se não levarmos Adão em consideração não podemos compreender acertadamente a Cristo. Todos quantos morrem, morrem em Adão; todos quantos são vivificados, são vivificados em Cristo.

5) O Pecado e a Sua Depravação:

O pecado nunca consiste meramente num ato voluntário de transgressão. Toda violação procede de algo que é mais profundo do que a própria violação, o que igualmente sucede à violação pecaminosa. Um ato pecaminoso é a expressão de um coração depravado (cfm Marcos 7: 20 até 23 e Provérbios 4: 23 e 23: 7). O pecado sempre deve incluir, por conseguinte, a perversidade do coração, da mente, da disposição e da vontade. Isso sucedeu verdadeiramente, conforme já verificamos, no caso do primeiro pecado, e se aplica igualmente a todos os demais pecados. A imputação do pecado de Adão à sua posteridade, por conseguinte, deve envolver a perversidade, sem a qual o pecado de Adão não teria significado e sua imputação seria uma abstração impossível. Paulo escreve que “... pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores ...” (Romanos 5: 19). A depravação que o pecado contém e com a qual todos os homens entram no mundo, é, por esse motivo, uma implicação direta de nossa solidariedade com Adão no seu pecado. Existimos como indivíduos, mediante a geração natural, e, como indivíduos, nunca existimos à parte do pecado de Adão, que se nos atribui. Por isso é que Davi disse: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe” (Salmos 51: 5), enquanto nosso Senhor ensinou: “O que é nascido da carne, é carne” (João 3: 6).

O testemunho das Escrituras sobre a universalidade e totalidade dessa depravação é explícito. Gênesis 6: 5 e 8: 21 proveem um caso comprovado. Há ali a intensidade da depravação, – “a maldade do homem se havia multiplicado na terra”; há ali o seu caráter íntimo, – “era continuamente mau todo desígnio do seu coração”; expressões essas não ultrapassadas nas Escrituras no sentido de indicar que os movimentos mais rudimentares do pensamento eram perversos; e há ali a totalidade dessa depravação, – “todo desígnio”; também na constância, – “continuamente”; seu exclusivismo “continuamente mau”; sua manifestação desde o princípio, – “desde a sua mocidade”. Dessa maneira, a acusação de Gênesis 6: 5 não se restringe ao período anterior ao dilúvio, o que também se demonstra por Gênesis 8: 21. Trata-se antes de uma condição permanente que nenhuma catástrofe externa pode remediar. Não há como escapar do que fica subentendido nesse testemunho,

registrado nas primeiras páginas da revelação divina. Não deixa qualquer via de escape para qualquer outro veredito senão que essa depravação é total, tanto intensiva como extensivamente. Prolonga-se até os mais profundos movimentos do coração humano e caracteriza a humanidade inteira.

As aquilatações bíblicas posteriores sobre nossa condição pecaminosa seguem a mesma direção. O Senhor sonda o coração e testa os rins (cfme Jeremias 17: 10) e o seu juízo então é: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?” (Jeremias 17: 9). Em Romanos 3: 10 até 18, Paulo reproduz várias passagens do Antigo Testamento, extraídas particularmente de Salmos 14 e 53, onde as mais severas acusações se fazem ao homem. Que não há exceções aparece tanto no contexto como nas próprias acusações. Em Romanos 3: 9 é claro que os versículos que seguem são aduzidos para apoiar a proposição que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo de pecado, e para demonstrar aquilo que está envolvido nesse pecado. Em termos negativos, essas acusações dizem “Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus ... não há quem faça o bem, não há nem um sequer ... não há temor de Deus diante de seus olhos”. De qualquer ângulo do qual se examina o homem há a ausência total daquilo que é bom e agradável a Deus. Considerando-se a questão de maneira mais positiva, todos se desviaram do caminho de Deus, todos se corromperam, e os membros do seu corpo servem de instrumentos de iniquidade. Dessa maneira, considera-se o largo escopo da função e da atividade humana, enquanto que os exercícios mais determinativos da personalidade humana são isolados como exemplos, a fim de mostrar a completa ausência do bem e a presença total do mal. Nada mais, além do juízo de depravação total, é o sumário dessa passagem. Em Romanos 8: 5 até 7, Paulo fala sobre a mente da carne; e a carne, quando usada eticamente conforme é obviamente o caso nessa passagem, significa a natureza humana orientada e governada pelo pecado. Que a carne assim caracterizada pertence a todos quantos são naturalmente procriados, é o pronunciamento de nosso Senhor: “O que é nascido da carne, é carne” (João 3: 6). Portanto, quando Paulo diz que “o pendor da carne é inimizade contra Deus” (Romanos 8: 7), estava caracterizando “a mente” que pertence a todos os homens por natureza: é inimizade contra Deus. Nenhum juízo condenatório mais violento poderia ser apresentado, pois significa que o pensar do homem natural está condicionado e é governado pela inimizade contra Deus; e não só isso, – está identificado com essa inimizade. É seu exercício nativo e característico. No ponto no qual as exigências da glória de Deus se fazem mais manifestas, é justamente onde a sua hostilidade é mais violenta.

Não há graus de depravação. Há, todavia, graus de cultivo e expressão. A depravação não é registrada através das transgressões reais numa proporção idêntica em todos. Existem múltiplos fatores restringidores. Deus não entrega todos os homens à imundícia, às afeições vis, e a mentes reprovadas, da maneira em que Paulo fala em Romanos 1: 24, 26 e 28. A depravação total não é incompatível com o exercício das virtudes naturais e com a promoção da justiça cívica. Os homens não-regenerados ainda estão dotados de consciência ... (Romanos 2: 14 e 15). ... Embora os homens depravados possam fazer coisas de conformidade com a lei, não estão, apesar disso, sujeitos à lei de Deus, e é a inimizade contra Deus, e não o amor a Deus, que governa os seus corações. (Romanos 8: 7; 1Coríntios 2: 14; cfme Mateus 6: 5 e 16; Marcos 7: 6 e 7; Romanos 13: 4; 1Coríntios 10: 31 e 13: 3; Tito 1: 15 e 3: 5; e Hebreus 11: 4 e 6).

6) O Pecado e a Sua Incapacidade:

A incapacidade diz respeito à impotência que se origina na natureza da depravação. Já que a depravação é total, então a incapacidade do homem para com o que é bom e agradável a Deus é completa. Não somos capazes de mudar nosso caráter ou de agir de modo diferente do mesmo. O testemunho das Escrituras é claro a esse respeito. Na questão do entendimento, o homem natural não pode compreender as coisas do Espírito de Deus, visto que elas só podem ser espiritualmente discernidas (1Co 2: 14). No que tange à obediência a lei de Deus, o homem não somente não está sujeito à lei de Deus, mas também não pode estar (Romanos 8: 7). Aqueles que estão na carne não podem agradar a Deus (Romanos 8:8). Uma árvore corrompida não pode produzir bom fruto (Mateus 7: 18). A

impossibilidade, em cada caso, é inegável. Nosso Senhor é quem afirma que até mesmo a fé nele é uma impossibilidade à parte do dom e da eficácia do Pai que a tanto capacita o homem (João 6: 44, 45 e 65). Esse testemunho de sua parte tem o mesmo peso que a sua insistência que à parte do nascimento sobrenatural mediante a água e o Espírito ninguém pode ser dotado de apreciação inteligente, nem pode entrar no reino de Deus (João 3: 3, 5, 6 e 8; cfme João 1: 13; 1João 2: 29, 1João 3: 9; 1João 4: 7; 1João 5: 1, 4 e 18).

A necessidade de uma transformação e recriação tão radical e importante como é a regeneração, é a prova da impotência de nossa condição pecaminosa. O cerne de todo o testemunho bíblico sobre a escravidão ao pecado é que se trata de uma impossibilidade psicológica, moral e espiritual para homem natural receber as coisas do Espírito de Deus e fazer o que é agradável aos seus olhos, ou confiar em Cristo para a salvação de sua alma. E essa escravidão que é a premissa do evangelho, e a glória do evangelho consiste em prover a libertação das algemas de nossa servidão. É o evangelho da graça e do poder para os incapacitados.

C10. A Relevância que Pode Haver na Compreensão da Amplitude de Aspectos por Trás do Pecado para um Posicionamento Adequado em Relação ao Pecado

Tendo em mente as considerações do capítulo anterior, pode ser observado o quão significativo é que o convencimento sobre o pecado não fique limitado somente à definição do que é o ato de pecar propriamente dito e nem fique dissociado de um claro entendimento sobre a provisão que há na justiça de Deus para lidar com o pecado em cada uma das suas diversas características ou áreas de atuação.

Um convencimento mais amplo e proveitoso sobre o pecado, portanto, também deveria englobar a compreensão dos diversos aspectos que estão associados à atuação do pecado, tendo em vista que o pecado visa:

- ⇒ 1) Sujeitar as pessoas ao pecado em seu sentido global ou mais amplo;
- ⇒ 2) Levar as pessoas à prática de pecados;
- ⇒ 3) Levar as pessoas a colherem aqueles aspectos que derivam ou resultam da associação ao pecado ou da prática do pecado.

No estudo sobre o conceito de Palavras Coligadas que é utilizado nas Escrituras, bem como no tema introdutório da série de estudos sobre o Evangelho, foi abordado o aspecto de que na vida em geral e também nas Escrituras ocorre, por diversas vezes, o uso especial de algumas palavras para associar a elas mais itens do que o mero significado linguístico que geralmente é exposto em relação a estas palavras nos dicionários.

Se, por exemplo, observarmos a palavra *sabedoria* no dicionário linguístico, poderemos encontrar algumas poucas definições sobre ela, mas se olharmos o que as Escrituras associam à palavra *sabedoria*, pode ser percebido que há uma enormidade de versos que procuram mostrar os detalhes e a grandeza que há na sabedoria do Senhor, culminando, inclusive, na definição de que o próprio Senhor é a nossa sabedoria e de que no Senhor Jesus Cristo estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento.

E similarmente ao termo *sabedoria*, as Escrituras também fazem referência ao pecado de uma forma muito mais ampla do que somente aquilo que em geral é associado diretamente ao termo *pecado*. A palavra usada em grego para o *pecado* no Novo Testamento, no sentido mais restrito do significado linguístico dela, representa o ato de errar um alvo objetivado ou é o ato de transgredir ilegalmente algo que não deveria ser transgredido. As referências nas Escrituras, entretanto, não se limitam a dizer que o pecado é simplesmente o cometimento de um erro ou de uma transgressão, mostrando-nos que por trás do termo *pecado* há uma quantidade de fatores muito mais extensa do que as pessoas em geral conhecem ou consideram sobre ele.

Sob um conceito mais amplo, o pecado não é somente um mero ato isolado que acontece no universo quando uma pessoa comete uma transgressão e cujos efeitos mais superficiais são brevemente dissipados. Além do ato da prática de um pecado, as Escrituras englobam debaixo do termo *pecado* todo o potencial de mal que há no pecado antes mesmo dele ser praticado, bem como também incluem todos os aspectos posteriores que derivam da sua prática ou da sujeição a ele.

Se o conceito do pecado fosse somente restrito ao “*ato de transgressão*” ou ao “*ato da prática do pecado*”, o pecado não poderia ser resistido ou não poderia ser combatido como as Escrituras sugerem que seja feito.

Se o conceito do pecado fosse limitado somente a uma ação que erra o alvo, o pecado também não poderia ser “*tirado*” da vida de uma pessoa depois que ele já fosse consumado, pois se ele fosse somente a ação de pecar, ele iniciaria na ação do pecado praticado e o seu fim coincidiria com o término da referida ação.

O termo *pecado* nas Escrituras, portanto, engloba:

- ⇒ 1) A prática de um pecado específico;
- ⇒ 2) Os itens que atuam em prol do cometimento de um pecado, ou seja, os itens que precedem à prática de um pecado e que atuam para que ele seja praticado;
- ⇒ 3) Os itens derivados ou que resultam da prática do pecado e que atuam em associação ao pecado após ele ter sido praticado.

O fato do termo *pecado* nas Escrituras abranger atos que precedem a prática do pecado, atos da efetiva prática do pecado e atos pós-prática do pecado, por sua vez, sinaliza também que o tempo de atuação do pecado não se restringe somente ao momento em que um pecado está sendo executado.

Conforme já foi mencionado acima, se o conceito do pecado contemplasse somente a execução de um ato de injustiça ou de uma transgressão, o tempo do pecado seria limitado ao início da sua prática até o último instante em que ele estivesse sendo realizado, findando definitivamente após o breve momento da sua realização.

Portanto, o início do tempo do que as Escrituras denominam de pecado não está no início da prática de um pecado em específico, e o fim do tempo do processo daquilo que as Escrituras chamam de pecado também não está no ato da consumação da prática de um pecado específico.

Segundo as Escrituras, o pecado já é atuante antes mesmo dele ser praticado e pode continuar sendo atuante por um tempo muito longo após o ato da consumação de uma determinada injustiça ou transgressão. Para que o pecado possa vir a ser praticado, ele já precisa existir como uma possibilidade antes mesmo de ser praticado. E uma vez que o pecado produz efeitos reais que se estendem além do tempo da sua consumação, ele se mostra presente, ou deveria ter as suas ações levadas em consideração, inclusive após a sua consumação.

De uma forma resumida, os tempos do pecado no mundo podem ser divididos, então, basicamente em:

- ⇒ 1) O tempo antes do primeiro pecado ter sido praticado por um ser humano;
- ⇒ 2) O tempo antes da prática de algum pecado específico;
- ⇒ 3) O tempo do início até o fim da consumação de algum pecado específico;
- ⇒ 4) O tempo em que os efeitos derivados do pecado consumado têm algum espaço concedido para atuarem;
- ⇒ 5) O tempo em que já há uma provisão disponível para solucionar os efeitos derivados da prática de um pecado;

- ⇒ 6) O tempo em que a provisão para solucionar os efeitos derivados da associação ao pecado ou da prática de um pecado já foram utilizados.

A compreensão de cada um dos momentos e tempos relacionados à atuação do pecado expostos acima é muito relevante ou até crucial, pois em cada um deles o pecado atua sob prerrogativas e características diferentes.

Neste ponto, entendemos que um tópico muito significativo a ser destacado sobre os vários aspectos do conceito sobre o pecado ou dos momentos da sua atuação é o fato das Escrituras fazerem referência ao pecado tanto no sentido plural do termo como no seu sentido singular.

E por sua vez, as referências das Escrituras ao pecado no plural estão mais associadas, em geral, às práticas e às manutenções da prática de algum pecado ou de uma série de pecados em particular, enquanto as referências ao pecado no singular mostram a diversidade e a amplitude dos conceitos e atuações do pecado no sentido global do termo.

Quando uma pessoa comete o que é considerado um pecado específico, como, por exemplo, uma ação contrária à vontade de Deus, ela está agindo na ideia plural do pecado. Entretanto, ao cometer um pecado específico, uma pessoa também pode estar se associando, ou se associando ainda mais, com o pecado no conceito mais amplo definido sob a ótica das referências ao pecado no singular.

Apesar da atuação do pecado, por um lado, somente se manifestar se uma pessoa praticar alguma transgressão em particular, o pecado, por outro lado, está em constante atividade no mundo e representa um conceito muito mais amplo ou global do que as referências das Escrituras ao pecado no sentido plural do termo.

No sentido global ou singular do termo, o pecado, primeiramente, é um potencial do mal que está presente no mundo antes mesmo de uma pessoa praticar o mal, e ainda que fosse possível que ninguém o acionasse, ele está disponível e presente em todo o mundo que cerca os seres humanos na Terra.

Neste último sentido, o tempo de existência do pecado precede, inclusive, o tempo da criação dos seres humanos.

Por outro lado, mencionamos aqui a título de observação, que o pecado, obviamente, não tem atuação independente, ele não é um sujeito que tem autonomia em si mesmo para realizar uma ação, mas como potencial de ser praticado, ele já existe antes do primeiro ser humano vir a existir. Assim como sabemos, por exemplo, que a força precede aos seres humanos, mas que ela não tem a capacidade de atuar sem que haja agentes que a coloquem em operação, assim também o pecado depende de que alguém o coloque em operação. De forma similar como é dito que a força realiza isto ou aquilo, também é dito que o pecado realiza isto e aquilo, mas em ambos os casos, sabemos que eles somente são operacionais se alguém der vazão à atuação deles.

Assim, em relação ao sentido global ou às referências ao pecado no singular, o conceito do pecado engloba a possibilidade real de que o mal seja praticado, mas não necessariamente que ele tenha que ser praticado de fato, pois as Escrituras nos ensinam que o pecado também pode ser resistido ou rejeitado.

Convém frisar aqui também que o mal e o pecado não são exatamente a mesma coisa, apesar de todo pecado ser mau.

Em seu sentido global, em seu conceito como um substantivo, em seu conceito inicial e até antes mesmo de ser praticado por um indivíduo, o pecado é:

- ⇒ 1) Parceiro do mal;
- ⇒ 2) O meio pelo qual o mal procura transformar o seu potencial maligno em uma atuação concreta em áreas ou escalas que vão além do espaço ou da escala que o mal detém antes da prática do pecado;
- ⇒ 3) A ferramenta objetiva através da qual o mal procura se multiplicar e procura expandir a sua esfera de atuação.

Apesar do pecado, no sentido plural do termo ou em seu conceito como um verbo, se manifestar de formas muito diversificadas ou através de variadas ações das pessoas, toda e qualquer ação prática de um pecado em específico têm uma associação com o pecado no sentido global ou está conectada aos intentos do pecado em seus aspectos globais.

Por trás de um pecado específico, no sentido plural ou como uma ação de prática do mal, há uma enormidade de detalhes relacionados ao pecado no seu sentido singular ou global.

Somente a título figurativo, o pecado, no sentido singular do termo ou em seu conceito de substantivo, é como uma represa que armazena uma enormidade de males que podem vir a ser praticados pelas pessoas se elas também cederem ao pecado em seu conceito de verbo ou da ação de praticar o mal.

Em outras palavras, o pecado, em seu conceito de verbo ou da prática de um mal em específico, nunca está dissociado totalmente do pecado em seu conceito global e no qual o pecado pode vir a chegar ao ponto de apresentar um potencial de desencadear uma enxurrada de males também associados ao pecado em sua condição mais ampla.

O fato de todos os pecados, no sentido plural, estarem também conectados ao pecado no sentido singular ou global, faz com que o ceder a um pecado em específico também implique no risco de desencadear, simultaneamente, um conjunto incalculável de danos associados ao pecado em seu conceito global. Ainda que que nem sempre todos os danos que podem vir a ser causados pela prática de um pecado sejam vistos e percebidos de imediato, a conexão da prática de pecados específicos com o aspecto global do pecado jamais deveria ser menosprezada ou vista com leviandade.

*Romanos 6: 15 **E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!***

*16 **Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?***

O pecado como um potencial para que o mal seja praticado já é um inimigo terrível e precisa ser tratado com muita atenção e cuidado, mas quando um espaço maior de ação é dado ao pecado, todo um novo cenário de situações a serem levadas em conta pode vir

a se manifestar. Quando o pecado não é resistido apropriadamente ou quando ele é acatado de alguma forma, os efeitos do pecado na vida dos seres humanos podem ir muito além do que qualquer pessoa sequer possa pensar ou imaginar. E estes efeitos, somente podem ser conhecidos se Deus, por meio Espírito Santo, permitir que venhamos a ter o entendimento sóbrio daquilo que nos é necessário saber sobre eles.

O mal associado à prática de um pecado pode não ficar restrita ao mal específico de um ato em particular, pois a prática de um pecado é também uma conexão com o mundo do mal. E é possível que a prática de um só pecado venha a imputar um fardo de escravidão imensamente maior do que o ato específico que foi praticado e por um tempo muito mais amplo do que o mero tempo da realização da parte mais visível de um pecado específico.

Assim como, por exemplo, uma simples gota que cai num lago irradia o movimento da água muito além do local em que ela caiu, assim também a sujeição ao pecado ou os danos causados pela prática de pecados específicos pode vir a ter o potencial de se irradiar muito além do que inicialmente possa parecer.

Eclesiastes 9: 18 **Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra, mas um só pecador destrói muitas coisas boas.**

Quando Adão pecou, ele não somente transgrediu uma instrução de Deus para não se apropriar de algo material que lhe era indevido. Adão não somente consumiu um dos frutos que ele não estava autorizado a consumir. Ele não ficou devedor a Deus somente de um mero fruto e não ficou devedor da restituição do fruto que ele comera. Se o dano causado pela prática de um pecado fosse meramente proporcional ao ato externo específico da violação realizada, muitos danos causados pela prática dos pecados poderiam ser restaurados ou restituídos de forma muito mais simples.

A prática de pecados específicos, porém, pode vir a ter reflexos amplos e profundos que não podem ser restaurados por um gesto exatamente inverso ao pecado realizado, conforme já foi visto no capítulo sobre a justiça de reparação ou de restituição.

Pela prática do pecado, Adão, por exemplo, e entre outros aspectos, também:

- ⇒ 1) Deixou de ser um homem justo e se tornou um homem injusto;
- ⇒ 2) Passou para o status e a condição de pecador ou, em outras palavras, deixou de ser um homem sem pecado e sem culpa;
- ⇒ 3) Passou a estar debaixo de condenação;
- ⇒ 4) Passou a estar debaixo de novas limitações, fraquezas e de uma ampla quantidade de maldições, sendo a principal delas a morte.

Entre outros aspectos, o cometimento de um único pecado:

- ⇒ 1) Gerou uma injustiça que se estendeu por milênios;
- ⇒ 2) Mudou a condição do ser e da existência daquele que praticou o pecado;
- ⇒ 3) Mudou a condição do relacionamento do praticante do pecado com Deus;
- ⇒ 4) Gerou uma escravidão do praticante do pecado ao pecado no seu sentido geral e às suas condenações;

- ⇒ 5) Gerou um ambiente de escravidão também a todos aqueles que passaram a descender daquele que cometeu o primeiro pecado humano. Uma vez que aquele que cometeu o pecado ficou sob a escravidão, as sementes existentes neste mesmo indivíduo também passaram a nascer em um ambiente que estava sob as condições da escravidão daquele que os gerou. O pecado de um só fez com que as sementes derivadas de uma fonte escrava ao pecado também estivessem sob algum tipo de efeito da mesma escravidão.

Resistir ao pecado em sua condição de tentação com vistas a que o mal não seja praticado já é algo muito desafiador, mas resistir ao mal depois que o indivíduo cedeu à tentação do pecado é ainda muito mais desafiador.

Quando um pecado passa do nível da tentação para o nível de ter sido praticado, ele pode vir a manifestar uma série de novas e terríveis características. Quando uma pessoa confere o espaço para a prática do pecado, ela também se coloca sob o risco de ficar sujeita às consequências de sua prática e de todo um conjunto de atuações e de poder que não podiam operar em sua vida antes de ocorrer o evento da sujeição ao pecado.

Um pecado praticado coloca aquele que o pratica sob o risco de poder vir a ter a sua relação com o próprio pecado alterada significativamente, pois a prática de um pecado em particular pode vir a mudar a própria posição e condição de uma pessoa em relação ao pecado no sentido global do termo.

Enquanto uma pessoa não se sujeita ao pecado ou resiste às suas tentações, ela não é cúmplice, parceira e nem agente do pecado, mas quando está sujeito ao pecado, a sua relação com o pecado também pode vir a ficar significativamente modificada.

A prática do pecado pode vir a estabelecer uma associação de uma pessoa com o mal em um nível antes desconhecido. A sujeição ao pecado pode vir a inaugurar um tempo muito distinto na relação com o pecado e na posição que uma pessoa ocupa em relação a ele.

Com a prática do pecado, uma pessoa fica sob o risco de passar de uma condição de liberdade e opositora ao pecado para a posição de cooperadora ou serva do pecado e devedora a ele. E se uma drástica solução para os danos da sujeição ao pecado não for alcançada e adotada, a prática do pecado pode vir a inaugurar um tempo e um fluxo intenso de gravíssimas consequências na vida de um indivíduo e que podem se estender por um período muito longo e até eterno.

A posição em que uma pessoa se encontra em relação ao pecado pode alterar drasticamente as condições para ela lidar inclusive com o próprio pecado.

Posicionar-se em relação ao pecado preventivamente, posicionar-se em relação ao pecado diante da tentação de praticá-lo, posicionar-se em relação ao pecado para praticá-lo, ou posicionar-se em relação ao pecado depois que ele já foi praticado, são aspectos muito distintos e que expõem facetas muito diferentes de como lidar com o pecado.

Portanto, conhecer mais amplamente as diversas características que as Escrituras expõem sobre o pecado pode vir a cooperar significativamente na percepção do fato de que cada pessoa está exposta a lidar com o pecado a partir do ponto em que ela se encontra em relação ao pecado, e não a partir do ponto que um indivíduo gostaria ou pensa que pode lidar com o pecado.

Quem não está sujeito ao pecado, por exemplo, pode lidar com a postura de não se sujeitar a ele, mas aquele que já está sujeito ao pecado precisa lidar com ele na perspectiva que o conduza à condição de liberdade em relação à escravidão do pecado. Na oposição ou na resistência ao pecado, é imprescindível compreender, por exemplo, que a condição de quem está livre da escravidão do pecado para vencer o pecado é muito distinta daquele indivíduo que ainda está debaixo da escravidão do pecado. Para uma pessoa que já se encontra escravizada ao pecado poder adotar uma posição de não mais servir ao pecado, ela primeiramente precisa ser liberta do “conjunto de consequências que é constituído a partir da sujeição ao pecado e ao qual ela foi escravizada”.

Tomar consciência da condição real que uma pessoa se encontra em relação ao pecado como um todo pode ser vital para que uma correta solução contra o pecado, em todos os sentidos em que o termo *pecado* é usado, possa ser buscada, encontrada, compreendida e utilizada.

Por outro lado, não diferenciar o que é o pecado nos seus diversos conceitos, tempos e modos de atuação limita, e pode até confundir, a compreensão de uma série de textos das Escrituras bíblicas que se utilizam do mesmo termo *pecado* para expor os diversos aspectos vistos acima sobre o pecado.

A falta de percepção de que o pecado apresenta características distintas em sua posição global ou como um meio que se oferece para que o mal seja praticado, em sua posição da própria ação da prática do mal e em sua posição de atuação por meio das consequências advindas de sua prática, e, ainda, que existem maneiras específicas para lidar com o pecado em cada uma das suas posições, pode manter um indivíduo sujeito ao pecado não necessariamente porque este tenha o desejo de servi-lo, mas por ele não diferenciar o pecado em cada uma das suas condições específicas de atuação.

Reconhecer a multiplicidade de aspectos do pecado e como o pecado age em cada um deles, ou nos diversos tempos relacionados a eles, pode elucidar muitos pontos que envolvem o posicionamento de uma pessoa em relação ao pecado, pois cada aspecto distinto do pecado também necessita ser visto e abordado de forma específica.

Quando uma pessoa não percebe as diversas distinções que há no uso do termo *pecado*, ela poderá tentar se posicionar em relação ao pecado de uma forma equivocada, desembocando em tentativas frustradas de resisti-lo ou vencê-lo causadas pelo mero fato de não abordar o pecado segundo o ângulo que ele deveria ser abordado em algumas situações ou momentos específicos.

A abordagem do pecado através de perspectivas que são incompatíveis com as diversas situações em que é necessário lidar com o pecado é uma das principais razões pelas quais muitas pessoas são derrotadas tão seguidamente e tão intensamente pelo pecado. Devido ao fato de desconhecerem algumas das principais características do pecado, muitas pessoas acabam experimentando uma sucessão de desgastes e profundas frustrações em vez da liberdade que almejam.

O discernimento da posição que alguém se encontra em relação ao pecado pode parecer ser muito desafiador e até constrangedor para algumas pessoas, mas, ao mesmo tempo, uma real consciência da posição em que uma pessoa se encontra para com o pecado também é um dos primeiros passos para que ela possa tornar-se ciente do quanto necessita de libertação e de ajuda para que esta libertação seja experimentada.

Um sóbrio discernimento sobre os danos que podem ser causados pelo pecado e pela fragilidade que um indivíduo apresenta em si mesmo para lidar com o pecado, quando alguém já está na posição de escravidão ao pecado, pode ser um dos principais e mais cruciais passos para que uma pessoa passe a reconhecer a necessidade de ser liberta desta escravidão.

Aquele que já está sob o jugo da escravidão, e não percebe ou não reconhece a sua condição, nega um fato verdadeiro e coloca diante de si um dos maiores impedimentos para ser liberto deste jugo. Entretanto, aquele que reconhece a posição desfavorável na qual ele já se encontra, ou seja, aquele que aceita ver de forma verdadeira os fatos diante dos quais ele se encontra, por mais triste ou constrangedora que seja a sua posição, já começou a abrir o seu coração para a luz celestial que ilumina, inclusive, o que há nas trevas. E se a luz de Deus é poderosa para mostrar o que há oculto nas trevas, quanto mais esta luz não iluminará também o próprio caminho de luz para que uma pessoa possa vir a se tornar livre da sujeição às trevas?

Por mais triste e vil que seja o fato de alguém estar sujeito ao pecado, isto nunca foi impedimento para que Deus intervisse em favor de alguma pessoa que reconhece a sua precária situação. E esta intervenção de Deus, para que aqueles que estão debaixo das mais terríveis escravidões do pecado possam ser libertos do pecado, também é parte integrante da justiça de Deus.

Romanos 5: 8 Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.

9 Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.

10 Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida;

11 e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.

A percepção dos diversos modos e tempos de atuação do pecado, ou da duração da ação do pecado antes e além do tempo da prática de um pecado específico, talvez inicialmente possa deixar algumas pessoas ainda mais alarmadas, pois ela amplia a percepção de como o pecado atua em cada situação. Entretanto, ou ao mesmo tempo, uma compreensão mais ampla sobre o pecado também pode ser um ponto crucial ou imprescindível para que a alternativa de libertação, oposição e resistência prática em relação ao poder do pecado passe a ficar em maior evidência.

Assim, a título de mais alguns exemplos sobre o que foi mencionado nos parágrafos acima, listamos abaixo alguns textos sobre a intervenção de Deus em favor dos seres humanos precisamente em cenários de grande escuridão e aflição que cercavam as pessoas por causa da escravidão ao pecado em suas múltiplas facetas. E isto, para que estas palavras do Senhor também cooperem na exaltação da justiça de Deus e apontem para o fato de que em Deus há a possibilidade de resgate de uma pessoa da escravidão ao pecado em seu conceito global, dos pecados específicos cometidos por ela e do conjunto de consequências mais severas advindas da prática ou da sujeição ao pecado.

Mateus 4: 16 O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz.

Lucas 5: 32 Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento.

Romanos 7: 14 (b) ... eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado.

15 Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto.

16 Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa.

17 Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim.

18 Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo.

19 Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.

20 Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim.

21 Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim.

22 Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus;

23 mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros.

24 Desventurado homem que sou!

Quem me livrará do corpo desta morte?

25 Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado.

1 Coríntios 15: 56 O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.

57 Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.

Romanos 6: 6 Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos.

Por fim, neste capítulo, gostaríamos de reforçar mais uma vez que o objetivo de expor uma multiplicidade de aspectos sobre o pecado não é o de exaltar o pecado e nem de intensificar um medo pelo pecado e pela sua força de atuação, mas visa expor as diversas características do pecado para que também a provisão de Deus para vencer o

pecado e os aspectos derivados dele seja mais amplamente exaltada e conhecida a fim de que as pessoas venham a se beneficiar da justiça de Deus que já lhes está disponível em Cristo Jesus.

O convencimento sobre o que é o pecado e como ele atua não é um ponto a ser temido quando ele é realizado pela direção do Espírito Santo, pois quando o Espírito Santo convence do pecado, Ele o faz com o objetivo de oferecer a justiça de Deus que já derrotou o pecado e pela qual uma pessoa pode se associar a esta vitória a fim de que o pecado seja tirado da sua vida e para que a sua vida de fé em Cristo Jesus possa ser estabelecida eternamente.

A boa notícia anunciada pelo Senhor Jesus Cristo de que o convencimento do pecado será feito pelo Espírito Santo está no fato de que o Espírito do Senhor o faz apresentando o pecado simultaneamente com a justiça de Deus, na qual, por sua vez, há a perfeita provisão para que uma pessoa que a recebe também veja o cessar dos danos mais profundos que o pecado produz ou tenta produzir, e ainda para que ela seja restaurada a uma condição de bem-aventurada eternamente diante de Deus.

*Romanos 5: 20 (b) ... mas **onde abundou o pecado, superabundou a graça, 21 a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.***

Paulo, apóstolo do Senhor Jesus Cristo, após expor vários aspectos do pecado e da sua posição em relação ao pecado, registra nas Escrituras que a vitória sobre o pecado não pode ser alcançada pela mera compreensão natural do pecado, a mera compreensão segundo a carne. A vitória sobre o pecado, tanto no seu sentido singular como no seu sentido plural, somente pode ser alcançada por meio do Senhor Jesus Cristo e através do entendimento que o Senhor concede sobre toda a questão do pecado e sobre a justiça que há em Deus.

*Romanos 7: 25 **Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado. (RC)***

Nos próximos capítulos, procuraremos, então, expor os tópicos mencionados neste capítulo de uma maneira ainda um pouco mais ampla, visando cooperar para que o conhecimento do pecado e suas formas vis de agir também estejam mais expostos àqueles que não querem mais permanecer no desconhecimento dos modos de atuação do pecado e para que também conheçam mais profundamente a ampla graça e a benção do Senhor que a eles está disponível na provisão da sua inabalável e eterna justiça.

C11. O Sutil e Ambicioso Objetivo do Pecado Através do Pecado

Nos capítulos anteriores, foi visto que o termo *pecado* é usado nas Escrituras de forma múltipla e, assim, ele pode ser usado no mínimo para os seguintes aspectos:

- ⇒ 1) O pecado como um potencial de mal, mesmo antes de ser praticado;
- ⇒ 2) O pecado como uma tentação para que o mal seja praticado;
- ⇒ 3) O pecado como uma injustiça, sendo que toda injustiça é pecado;
- ⇒ 4) O pecado atuante na própria prática de um pecado;
- ⇒ 5) O pecado atuante por meio das consequências derivadas ou resultantes da prática de um pecado;
- ⇒ 6) O pecado tentando atuar mesmo depois que as consequências de uma prática de pecado já foram tratadas ou solucionadas.

O uso do termo *pecado* nas Escrituras para as múltiplas variações de suas proposições e atuações pode representar uma grande vantagem na abordagem dos temas relacionados a ele, pois o agrupamento sob um mesmo termo da vasta amplitude do que está associado ao pecado permite a obtenção de uma perspectiva mais completa, detalhada e objetiva sobre o pecado.

Contudo, conhecer somente o que está compreendido sob o conceito múltiplo do pecado ainda pode não contemplar a exposição clara do que o pecado almeja atingir. Estar informado sobre as múltiplas facetas do pecado facilita a percepção de como ele procura atuar e como procura imputar aos seres humanos a adesão a ele e ao conjunto de consequências que derivam da sua atuação, mas os principais pontos a serem desvendados ainda continuam sendo os propósitos que estão por trás da atuação do pecado.

E a ação do Espírito Santo de convencer o mundo sobre o pecado certamente também engloba a exposição do âmago ou das características centrais do pecado, pois esta ação não iria se privar de desnudar as principais finalidades que o mal visa atingir através da atuação do pecado.

Quando uma pessoa começa a observar nas Escrituras de forma mais ampla e profunda o que é o pecado, ela perceberá que o mal mais profundo do pecado não está somente naquilo que o pecado propõe que seja feito, mas está naquilo que o mal almeja alcançar por meio do pecado.

O que o pecado oferece e propõe as pessoas é muito diferente do que aquilo que ele almeja alcançar em relação às pessoas. O que o pecado oferece e propõe é um artifício sutil e vil para mascarar o que o mal realmente visa atingir.

O pecado não é uma mera proposta de prática de um ato maligno isolado, de uma prática de uma mera transgressão ou de uma injustiça, e nem visa somente trazer alguns poucos prejuízos às pessoas. **O pecado é o meio pelo qual o mal procura estabelecer os seus mais profundos objetivos em relação às pessoas a quem ele procura enredar. O pecado é uma ferramenta pela qual os poderes das trevas procuram estabelecer o seu domínio sobre as pessoas.**

Uma das razões pelas quais os poderes das trevas são tão ávidos para associar o pecado ao maior número possível de pessoas também se dá ao fato de o pecado poder ser comparado, em alguns sentidos, com uma semente.

A semente é um dos aspectos mais valiosos para a manutenção de muitos tipos de atuação. Através das sementes, um semeador pode colher uma multiplicação de frutos para realizar uma diversidade de outros objetivos com aquilo que for colhido. Por outro lado, se uma semente não puder ser semeada, o semeador também não tem a colheita para realizar outros propósitos que ele visa atingir, levando-o a uma condição cada vez mais privada e restrita de atuação.

Assim, se todas as pessoas sempre confiassem em Cristo, a própria instrução de Cristo lhes orientaria a não darem espaço à semeadura do mal em suas vidas, o que também faria com o que o mal perdesse espaço de atuação entre os seres humanos. Não havendo semeadura do pecado, o mal também fica desprovido da colheita que lhe fortalece para multiplicar a sua atuação entre os seres humanos.

Usando ainda outra maneira para expressar a ideia de semeadura e colheita relacionada ao pecado, pode ser observado nas Escrituras também o princípio referente ao salário que é requerido ou devido por algum ato, conforme abaixo:

Romanos 6: 23 (a) ... porque o salário do pecado é a morte ...

O pecado é também um meio pelo qual um salário específico pode ser obtido, e os poderes das trevas são ávidos para conquistar o crédito deste salário visto que por meio da dívida deste salário ele procura imputar o seu domínio sobre as pessoas.

O pecado não almeja levar um indivíduo a um mero tropeço ou a uma mera prática de uma transgressão para que a pessoa experimente somente as consequências do delito específico. O pecado, quando se apresenta, vem acompanhado de uma intenção que visa impor um jugo pesado e de longo prazo sobre a pessoa a quem ele se apresenta.

O termo *jugo*, citado nas Escrituras, está relacionado a uma canga que une animais de carga para que estes andem em conjunto enquanto realizam um trabalho sob a direção daquele que lhes coloca o jugo, como, por exemplo, uma dupla de bois unida para tracionar um arado. E ainda outra característica inerente a alguns tipos de jugo é que uma vez que eles estão postos sobre algo ou alguém, eles dificilmente podem ser removidos por aquilo ou aqueles sobre os quais eles foram colocados.

Por isso, quando as Escrituras descrevem o pecado, elas também apresentam o pecado com o poder de impor um jugo que pode vir a ser colocado sobre a vida daquelas pessoas que passam a se alinhar e enquadrar nas situações que concedem as devidas condições para que um jugo impróprio lhes seja colocado, e do qual passam a ficar escravizadas.

O pecado, por si só, como um mero potencial do mal, não gera dano a uma pessoa. Entretanto, uma vez que é dado espaço ao pecado para atuar, ele almeja uma alta posição na vida de uma pessoa. O pecado almeja “reinar” sobre todos os atos daqueles que se sujeitam ao seu jugo, procurando impor-lhes uma carga cada vez mais intensa e por um tempo cada vez mais longo, e, se possível, inclusive para a eternidade.

O que o pecado almeja por trás de qualquer ação que ele venha propor é a sujeição daqueles que o praticam aos poderes do mal, os quais, por sua vez, usam do pecado como um meio para reinar ou dominar aqueles que se submetem ao pecado.

O que o pecado almeja é a subjugação das pessoas ao seu domínio para que elas passem a ser servas dele, mas principalmente para que passem a estar sujeitas aos poderes do mal ou ao trono da iniquidade que se utilizam do pecado para estender o seu raio de ação.

O pecado não atua sozinho e tem relações estreitas com os poderes que se opõem ao verdadeiro bem de um ser humano, e, também por isto, deve ser evitado e resistido apropriadamente, conforme está instruído no texto a seguir:

*Romanos 6: 12 **Não reïne, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões;***

*13 **nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.***

*14 **Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.***

A expressão *reinar*, usada como referência a uma capacidade de atuação do pecado, é mais uma indicação de que o pecado, no sentido singular ou global do termo, não se restringe somente ao ato de uma prática de uma transgressão. A palavra *reinar*, usada de forma associada à atuação do pecado, tem a raiz na mesma palavra *reino* utilizada tanto para os reinos terrenos como para o reino de Deus, mostrando que também existe um conjunto de poderes do mal e cujo trono está baseado na iniquidade, no pecado e na morte que eles procuram reproduzir.

*Salmos 94: 20 **Pode, acaso, associar-se contigo o trono da iniquidade, o qual forja o mal, tendo uma lei por pretextos?***

Os poderes das trevas se valem do pecado para tentar gerar escravidão para a morte e se valem das ações da morte ou do temor a ela para tentar intensificar ainda mais a posição do pecado. O pecado e a morte trabalham um em prol do outro quando lhes é dado espaço para atuarem.

O pecado é um meio pelo qual as mais vis cargas e as maiores dívidas que existem no universo podem vir a ser atribuídas à vida daqueles que se rendem e permanecem sob o jugo do pecado.

*Romanos 5: 21 (a) ... a fim de que, **como o pecado reinou pela morte ...***

*Tiago 1: 15 **Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.***

1 Coríntios 15: 56 **O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.**

Romanos 5: 12 **Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.**

Ainda outro aspecto que também é interessante ser observado no contexto deste capítulo é que a morte à qual as Escrituras fazem referências em relação ao pecado não é, em primeira instância, a morte física, mas a posição em que uma pessoa se encontra em relação ao pecado e em relação a Deus.

Dependendo do nível de escravidão de uma pessoa em relação ao pecado, ela já é considerada como uma pessoa que está em condição de morte, mesmo que ainda não tenha experimentado a morte natural.

A morte que o pecado tenta causar, em primeira instância, nem sempre é a morte natural, mas é a condição da pessoa estar sujeita a um impedimento que procura se interpor no relacionamento adequado dela com a única fonte de novidade de vida eterna.

Uma vida que não produz nada que seja útil para os tempos eternos, pelo fato de não receber novidade de vida celestial da fonte verdadeira e eterna, é considerada nas Escrituras como uma existência sob um tipo de estado de morte. As Escrituras nos ensinam que para Deus, a ausência da vida que é de acordo com a vontade celestial já é um estado de morte. E é isto que o pecado introduziu na vida natural dos seres humanos quando ele foi praticado pela primeira vez pela raça humana e quando todas as outras pessoas também ficaram sujeitas a esta mesma maneira de viver.

A ausência da comunhão com Deus e com as suas instruções, e em vez disso, a sujeição a direções meramente carnis ou aos poderes das trevas, expressam uma vida sem vida ou uma vida debaixo do reinado da morte. Ainda que um indivíduo tenha vida física ou natural intensa ou vigorosa, ele pode estar sujeito a uma condição considerada pelo Senhor como um estado privado da vida mais sublime que o Senhor oferece a todos mediante o seu Evangelho, aspecto que se encontra descrito de forma explícita no texto abaixo e que faz a menção do tipo de vida infrutuosa da qual o Senhor liberta todo aquele que recebe a salvação eterna oferecida por Ele a partir do reino celestial:

Efésios 2: 1 **Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados,**
2 nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência;
3 entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais.

Os delitos e pecados podem se tornar caminhos pelos quais uma pessoa se mostra muito ativa ou podem se tornar em trajetórias pelas quais um indivíduo chega a pensar que está usufruindo a vida que lhe é concedida na Terra, mas ressaltamos mais um vez que diante de Deus, estas ações estão associadas ao estado ou ao caminho de morte e não de verdadeira liberdade e vida.

O pecado pode tentar se mostrar com aparências aprazíveis ou mediante atrativas paixões, mas uma proposição dele nunca vem separada de outros intentos, pois o pecado continua sendo sempre o aguilhão da morte que objetiva ferir, subjugar e, por fim, destruir a vida daquele que se sujeita ao seu domínio.

As proposições ou instruções para que uma pessoa ceda a algum pecado específico, ou a algum pecado no sentido plural da palavra, são conselhos vis e que têm embutido neles um objetivo de fazer com que uma pessoa venha adentrar de forma mais aprofundada no pecado no sentido global, no sentido singular do pecado. As proposições do pecado, por mais glamurosas que possam se apresentar, na sequência visam sujeitar as pessoas ao domínio pesado e perverso dos poderes das trevas.

Apesar do entendimento sobre o pecado não ser necessariamente prazeroso, diferenciar os principais propósitos do pecado das principais formas de sua atuação pode ser muito significativo para uma atitude ainda mais firme para resistir o pecado, pois o mero desprezo do entendimento sobre estas diferenciações não ajudará as pessoas a evitarem o pecado. Conforme já foi comentado anteriormente, a ignorância sobre o pecado é uma das maiores causas da propagação do pecado.

O fato de uma pessoa cometer um pecado debaixo de ignorância, não a exime de ser vitimada pelas consequências que o pecado tenta imputar por meio de um jugo de escravidão. Assim como a ignorância sobre a lei da gravidade não protege uma criança em caso de uma queda ou se ela pular de um lugar alto, assim também a ignorância deliberada sobre o pecado, seus objetivos e seus efeitos não representa uma garantia para as pessoas contra as duras consequências do pecado.

Portanto, compreender os aspectos das distintas facetas da atuação do pecado, conjuntamente com os principais objetivos do pecado, permite abordar o tema do pecado e de como lidar com ele de uma maneira mais ampla e objetiva para que ele não continue a reinar sobre a vida das pessoas que não querem mais estar sujeitas a ele.

Romanos 6: 6 (b) ... e não sirvamos o pecado como escravos.

*Gálatas 5: 1 **Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.***

O convencimento sobre o pecado, assim como sobre os seus objetivos, quando realizado pelo Espírito Santo e pelas Escrituras, visa expor a sutileza da malignidade do pecado em todas as suas partes a fim de que a necessidade da provisão da justiça de Deus para livrar as pessoas dos alvos mais cruéis do mal fique também sobremaneira evidenciada.

O fardo pesado que as pessoas recebem como consequência da sujeição ao pecado ou porque incorreram na prática de uma transgressão não precisa ser o seu destino ou o seu estágio final. Se elas, mediante a fé, tão somente buscarem Àquele que através da sua justiça venceu o pecado e a morte, e é poderoso para libertar a todos que estão debaixo de fardos pesados, a saber, o Senhor Jesus Cristo, elas podem também experimentar a salvação celestial e a novidade de vida que o Senhor lhes oferece.

Para aqueles que estão em Cristo Jesus e em sua justiça, o propósito sutil do pecado de subjugar e manter as pessoas sob seu domínio não consegue mais se manter oculto e nem consegue mais manter o seu estado de dominação.

Mateus 11: 27 Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

28 Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.

29 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma.

30 Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

Romanos 8: 2 Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte.

C12. O Pecado Central Presente nos Demais Pecados

No capítulo anterior, foi exposto que o objetivo do pecado, por trás ou através do pecado, é fazer dele uma ferramenta ou um meio pelo qual os poderes das trevas procuram subjugar as pessoas para que lhe sirvam, pois o mal existente ganha maior força de expressão e de manifestação quando o pecado consegue um espaço mais amplo de atuação e quando consegue angariar mais pessoas sujeitas ao seu controle e domínio.

Saber que o pecado é um mal que potencialmente pode ser praticado, saber que o pecado é o ato de praticar o mal, saber que o pecado engloba o conjunto de consequências derivadas da adesão ao pecado e saber que o pecado é uma ferramenta dos poderes das trevas com o intuito de reinar sobre as pessoas já amplia em muito a compreensão sobre a extensão do significado da palavra *pecado* nas Escrituras. Entretanto, as exposições do que é o pecado, vistas até o presente ponto, ainda podem ocultar alguns aspectos cruciais da definição do que o pecado vem a ser.

Embora as considerações acima sobre o termo *pecado* já possam contribuir significativamente com a compreensão do que o pecado representa e o quão oposto ele é à justiça do Senhor e ao bem de cada um dos seres humanos, entendemos ser crucial destacar aqui ainda que uma das principais características associadas ao pecado é que as suas proposições ou tentativas de atuação também se encontram intrinsecamente associadas às tentativas de engano ou da ocultação de grande parte da sua atuação.

Conforme pode ser observado no texto abaixo, as obras más são inerentes às trevas e, portanto, opostas à luz do Senhor ou à exposição clara e verdadeira dos seus atos.

*João 3: 19 **O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.***

*20 **Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras.***

Como uma ferramenta na mão dos poderes das trevas e daqueles que se sujeitam a eles, o pecado procura esconder ou ocultar as suas partes mais obscuras de diversas maneiras, inclusive através de proposições de definições menos profundas ou superficiais do que o pecado vem a ser.

E entre as principais maneiras pelas quais o pecado procura se ocultar ou tentar atuar de forma enganosa está a tentativa de ocultar o fato de que ele faz uso da sua atuação que deriva de outros pecados como uma de suas principais características e forças.

Assim, se uma pessoa não compreender o princípio da atuação do pecado a partir de outro pecado, a possibilidade de compreender como ela poderá resistir ao pecado e não mais se sujeitar a ele também será mais difícil de ser alcançada.

Portanto, entre os aspectos para que uma pessoa conheça mais amplamente a extensão da atuação da justiça de Deus em favor dela, também se encontra a necessidade de um indivíduo ser instruído pelo Senhor sobre os pecados que são facilitadores de outros pecados ou sobre o fato de que o pecado, muitas vezes, não atua através de um único pecado, mas por meio de um encadeamento de vários pecados.

Diante de Deus, que é luz, nenhuma proposição do pecado pode se esconder, e nem os pecados que dão origem a outros pecados podem ficar ocultos. E uma vez que a oferta da justiça de Deus ao mundo também é apresentada para que as pessoas possam optar pela provisão de Deus que pode livrá-las de fato do jugo do pecado, esta oferta obviamente também não pode se abster de revelar os aspectos mais profundos das tentativas de atuação do pecado.

A oferta de Deus para que as pessoas venham a receber a luz celestial que tanto necessitam para conhecerem o caminho da novidade de vida também é, ao mesmo tempo, a oferta de luz para que não precisem mais estar sujeitas às diversas formas ocultas pelas quais as trevas procuram atuar, conforme pode ser compreendido também a partir dos textos exemplificados abaixo:

João 8: 12 ***De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarรก nas trevas; pelo contrรกrio, terรก a luz da vida.***

Joรกo 12: 46 ***Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim nรกo permaneça nas trevas.***

Joรกo 3: 21 ***Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque sรกo feitas em Deus.***

Salmos 18: 28 ***Porque fazes resplandecer a minha lâmpada; o SENHOR, meu Deus, derrama luz nas minhas trevas.***

Por mais que o pecado procure se ocultar em trevas ou procure atuar mediante o engano, mas nรกo pode fazê-lo aos olhos de Deus, assim tambêm as suas tentativas de atuar a partir de algumas proposições que procuram usar outros pecados como base nรกo pode se ocultar do convencimento que a luz do Senhor traz sobre o pecado.

Desta forma, e tendo em vista tornar ainda mais evidente que o pecado procura atuar a partir de um ponto mais central, retornamos abaixo mais uma vez a uma parte do texto jรก mencionado nos capítulos anteriores, a saber:

Joรกo 16: 8 ***Quando ele (o Espírito Santo) vier convencerรก o mundo do pecado, da justiça e do juízo:***
9 do pecado, porque nรกo creem em mim.

Olhando para o texto exposto acima, pode ser observado nas palavras do Senhor Jesus Cristo que de forma geral, ou em essência, a definiçáo bรกsica do pecado tambêm estรก associada a um aspecto muito simples ou direto, pois o conceito bรกsico do pecado estรก na expressáo: ***porque nรกo creem em mim.***

Através da exposição do motivo pelo qual o mundo precisa ser convencido a respeito do pecado, o Senhor Jesus Cristo evidencia que o pecado se expressa basicamente no fato das pessoas não crerem Nele, e, por consequência, não crerem em Deus.

Sob a perspectiva das palavras do Senhor Jesus, a não confiança em Deus e no Seu Filho Unigênito, por um lado, é o resumo do que é o pecado ou do que é um ponto central de partida para que as pessoas passem a se associar ao pecado ou passem a ficar sujeitas a ele.

Não crer na pessoa do Senhor Jesus Cristo assim como Deus o apresenta ao mundo e não confiar nas suas instruções é a base do pecado e é a posição pela qual as pessoas ficam sujeitas ao objetivo que se encontra no pecado, enquanto o crer no Senhor Jesus Cristo é o caminho para a libertação do pecado, do jugo do pecado e do salário do pecado, conforme similarmente os textos abaixo expõem:

*João 8: 24 **Por isso, eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque, se não crerdes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados.***

*João 3: 18 **Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.***

*1 João 5: 10 **Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho.***

*Romanos 14: 23 ... **e tudo o que não provém de fé é pecado.***

*Atos 10: 43 **Dele (o Cristo) todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo aquele que nele crê recebe remissão de pecados.***

*João 12: 44 **E Jesus clamou, dizendo: Quem crê em mim crê, não em mim, mas naquele que me enviou.***

O pecado é o conceito oposto da principal obra que Deus espera que cada ser humano pratique continuamente. O pecado é a posição contrária à principal obra ensinada pelo Senhor Jesus Cristo para ser realizada por todos os seres humanos, conforme exposta no texto a seguir:

*João 6: 28 **Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?***

*29 **Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.***

Desde o princípio da humanidade, a não confiança em Deus e no Senhor Jesus Cristo ou a dúvida em relação ao Senhor e à instrução que procede dele permeou o pecado e continua a fazê-lo também em nossos dias, pois sem confiança em Deus é impossível agradar a Deus uma vez que a direção para a uma vida fundamentada na justiça celestial somente procede de Deus e através do Senhor Jesus Cristo.

Hebreus 11: 6 ***De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.***

João 15: 5 ***Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.***

Toda instrução e força para caminhar em retidão e justiça procedem exclusivamente de Deus. E quando as pessoas rejeitam a confiança em Deus, a comunhão com Ele e a direção do Senhor, elas ficam sujeitas a realizar atos à parte da vontade de Deus. Ou seja, elas ficam sujeitas a cometerem atos dissociados da justiça de Deus ou que são caracterizados como ações de injustiça, lembrando aqui mais uma vez que toda injustiça é também pecado.

Se todos os atos dos seres humanos fossem realizados mediante a fé no Senhor e segundo a confiança na instrução que Cristo tem para dar a eles, o pecado perderia o espaço de propagação da sua injustiça, pois jamais Cristo deu, dá ou dará uma orientação que contrarie a justiça eterna e celestial de Deus.

Portanto, um dos problemas mais expressivos relacionados ao pecado é a não crença das pessoas no Senhor Jesus Cristo, pois quem não confia no Senhor também não se dispõe a seguir as Suas instruções como Ele orienta que sejam seguidas.

Se todos os atos dos seres humanos fossem realizados sob a confiança em Deus e sob a direção de Cristo, o pecado continuaria a ser um potencial do mal que poderia vir a ser praticado, mas o qual teria os seus efeitos muito restringidos pelo fato de ninguém mais optar em se sujeitar a ele.

E ainda outra maneira de dizer que a não confiança em Cristo e na sua justiça é uma das principais expressões do pecado e que atua conjuntamente com os demais pecados também está exemplificado nos textos que seguem abaixo:

Romanos 3: 11 ***... não há quem entenda, não há quem busque a Deus; ...***

Provérbios 31: 4 ***Olhar altivo e coração orgulhoso, a lâmpada dos perversos, são pecado.***

Provérbios 24: 9 Os desígnios do insensato são pecado, e o escarnekedor é abominável aos homens.

Sofonias 3: 1 Ai da cidade opressora, da rebelde e manchada!

2 Não atende a ninguém, não aceita disciplina, não confia no SENHOR, nem se aproxima do seu Deus.

3 Os seus príncipes são leões rugidores no meio dela, os seus juízes são lobos do cair da noite, que não deixam os ossos para serem roídos no dia seguinte.

Quando um ser humano começa a pressupor que ele pode conduzir a sua vida ou a vida de outros através da sua capacidade ou da capacidade que ele vem a crer que aspectos criados supostamente poderiam vir a ter, ele entra no caminho de um aspecto central do pecado que serve de base para os outros pecados, e onde os demais pecados representam somente uma sequência de atuação de um dos aspectos centrais do pecado ao qual uma pessoa se associou por primeiro.

O pecado central que está presente nos outros pecados é um pecado que procura estabelecer o rompimento da conexão de um indivíduo com a luz celestial ou da confiança nesta luz a fim de que ele sirva as trevas precisamente pela ausência de luz ou da pela falta de confiança nela.

No sentido global do termo, o que o pecado procura realizar para atingir o seu objetivo é fazer com que as pessoas se associem ao pecado central de uma forma cada vez mais constante e intensa, pois uma vez que as pessoas se distanciam da confiança em Deus, da comunhão com Ele e da instrução do Senhor, elas também passam a ficar muito vulneráveis a uma diversidade de outros pecados.

Isaías 30: 1 Ai dos filhos rebeldes, diz o SENHOR, que executam planos que não procedem de mim e fazem aliança sem a minha aprovação, para acrescentarem pecado sobre pecado!

Assim, considerando ainda a posição estratégica ou de força que o pecado central procura ter em relação às demais proposições do pecado, torna-se evidente que também esta é uma das principais características do pecado que precisam ser resistidas ou vencidas primeiramente ou prioritariamente, conforme nos é ensinado também nos seguintes textos:

Hebreus 3: 12 Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo;

13 pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.

14 Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos.

Hebreus 2:1 **Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos.**

A incredulidade em relação a Deus, que também se expressa pela confiança inapropriada na sabedoria da criação, engloba, ao mesmo tempo, um afastamento do bem e uma associação ao mal, mas a fé ou confiança no Senhor torna-se a expressão, ao mesmo tempo, de uma posição de associação com o bem e de um apartar-se do mal.

Jeremias 17: 5 **Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR! ...**

7 Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR.

8 Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, no ano de sequidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto.

9 Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?

10 Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações.

Salmos 40: 4 **Bem-aventurado o homem que põe no SENHOR a sua confiança e não pende para os arrogantes, nem para os afeiçoados à mentira.**

Provérbios 3: 5 **Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento.**

6 Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.

7 Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal.

Na incredulidade ou na desconfiança em relação a Deus encontram-se vários pontos centrais da adesão a uma sucessão de outros pecados, razão pela qual o pecado procura atuar tão intensamente contra a fé ou a confiança de um indivíduo em Deus. Entretanto, mediante a confiança em Deus, e na sua justiça, uma pessoa pode encontrar os pontos centrais que definem o fundamento para resistir o pecado inclusive em seus pontos mais ocultos e perigosos.

Romanos 5: 1 **Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;**

2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

Hebreus 10: 35 Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão.

C13. Os Limites, Os Meios, a Tentação e a Participação das Pessoas na Atuação do Pecado

Depois de conhecer diversos aspectos mencionados nas Escrituras que estão associados ao termo *pecado*, e quais são alguns dos principais propósitos das proposições do pecado quando este é oferecido às pessoas no mundo, entendemos também ser benéfico avançar aqui um pouco mais sobre algumas considerações de alguns aspectos práticos relacionados à esfera de atuação do pecado e às maneiras pelas quais o pecado procura atuar na vida dos seres humanos.

Além de expor diversos aspectos que mostram a amplitude de características do pecado para que as pessoas também compreendam a grandeza ou a amplitude da justiça de Deus que pode perfeitamente ajudá-las a serem libertas da escravidão ou do jugo do pecado, as Escrituras também apresentam diversas informações a respeito das condições e dos meios pelas quais o pecado procura ampliar a sua atuação para que também em relação a estes aspectos as pessoas possam estar instruídas para que não mais se sujeitem ao pecado.

A justiça de Deus é o único meio pelo qual uma pessoa pode resistir ou vencer o pecado e o seu conjunto de proposições, conforme procuraremos expor de forma mais ampla nos capítulos mais à frente, mas isto não significa que uma pessoa não deva estar instruída sobre as condições e os meios pelos quais o pecado procura atuar em relação à sua vida.

Se uma pessoa não discernir as condições e as maneiras pelas quais o pecado procura atuar em sua vida, ela também tenderá a ter dificuldades para discernir a grandeza da provisão da justiça de Deus que já lhe está disponível no Senhor para ser liberta do pecado e para resistir às novas tentativas ou investidas do pecado contra a sua vida.

Através do seu Evangelho, Deus oferece a provisão da sua justiça a todos. Entretanto, se uma pessoa desconhece os principais aspectos para os quais ela necessita da justiça do Senhor e desconhece aquilo que procura se opor ao estabelecimento da justiça do Senhor em sua vida, ela também pode ficar exposta ao risco de não discernir e reconhecer quais são as características da justiça celestial que o Senhor lhe oferece especificamente para que possa vencer as tentativas da ação do pecado contra ela.

Portanto, estar devidamente instruído sobre as condições e os principais meios pelos quais o pecado procura atuar pode vir a ser um assunto tão relevante quanto saber a amplitude de características do pecado e dos propósitos que ele almeja impor sobre cada pessoa, pois de certa forma é precisamente nas condições e nos meios de atuação do pecado que uma pessoa pode rejeitar mais objetivamente as tentativas de ação do pecado.

O conhecimento sobre o contexto, as condições ou as maneiras pelas quais o pecado procura atuar se mostra especialmente relevante quando é observado nas Escrituras que também é em relação a estes aspectos que o pecado, apesar de ser vil e procurar agir enganosamente, está sujeito a determinados critérios, que ele não está autorizado a agir fora de uma série de limites que estão estabelecidos para ele e que ele não está autorizado a avançar de forma totalmente indiscriminada.

Quando as características do pecado são vistas de forma conjunta com as condições ou os meios pelos quais ele procura agir, pode ser observado também que o fato do pecado buscar escravizar a todos debaixo do seu jugo não significa que ele tem a capacidade e a permissão para fazê-lo sempre que intentar este objetivo.

O fato de haver a presença do mal no mundo não implica em dizer que automaticamente uma pessoa tenha que praticá-lo e não implica em dizer que uma pessoa deva deixar de fazer oposição e resistência ao pecado. O fato do mal se encontrar disponível para ser acessado no mundo não implica em dizer que ele também deva ser usado, que ele deve ser praticado por todos ou que ele possa estabelecer as consequências que derivam dele sobre todos indiscriminadamente.

Na perversidade do seu objetivo maior de subjugar as pessoas a si mesmo, aos poderes das trevas e ao castigo de morte eterna, o pecado procura se valer de todos os recursos e meios que lhe estiverem ao alcance. Em seu vil propósito, o pecado é cruel e completamente desprovido de compaixão e bondade, e, se permitido, não poupa qualquer tipo de pessoa, pois conforme foi visto nos textos mencionados nos capítulos anteriores, o pecado é parceiro da morte e a morte do pecado. Entretanto, o fato de o pecado almejar atuar ou reinar indiscriminadamente sobre todas as pessoas não significa dizer que o pecado pode fazê-lo com total liberdade de ação ou que o pecado tem poder e a autoridade para atuar em todos ou sobre todos de acordo com os seus maus propósitos.

Apesar de o pecado procurar atuar por meio de toda a sorte de expedientes escusos e procurar desrespeitar tudo o que é bom, justo e reto, isto não significa dizer que o pecado pode agir de forma totalmente indiscriminada em relação aos princípios do reino de Deus e também não significa que o pecado pode prevalecer sobre o reino da luz, lembrando mais uma vez que:

*João 1: 5 **A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.***

Apesar de o pecado ser desrespeitoso para com uma parte das leis de Deus, ele continua sujeito a uma outra parte das leis de Deus ou a um conjunto de fronteiras ou limites firmemente estabelecidos pelo Senhor.

Apesar de o pecado procurar atuar pela via da transgressão e do engano em relação à verdade e aquilo que realmente é benéfico para as pessoas, o próprio pecado está sujeito a regras superiores que ele não pode transgredir e as quais Deus estabelece de forma inabalável para que a atuação do pecado não possa ser expandida sem que haja qualquer controle sobre ele.

Conforme já foi comentado em capítulos anteriores, Deus é o Justo Juiz sobre tudo e sobre todos, e como o Juiz que age fundamentado sobre uma justiça perfeita e justa em relação a tudo o que acontece no universo, Ele certamente não permite que o pecado se mova além do que dos céus lhe é permitido atuar.

Apesar do pecado também ser apresentado pelas Escrituras como o ato de transgredir, ou seja, a transgressão daquilo que é justo ou visto como legal perante os olhos de Deus, conforme mencionado na carta de 1João 3, verso 4, as próprias proposições do pecado estão sujeitas a agirem por alguns caminhos sujeitos a autorizações em suas tentativas de se expandirem em seus intentos perversos.

Os limites que Deus firmemente estabeleceu à atuação do pecado são para a proteção e benefício das pessoas, mas se as pessoas não conhecem as maneiras pelas quais o pecado se apresenta e quais são os limites dele, o pecado poderá tentar enredá-las inclusive na ignorância delas sobre a sua forma de atuação e sobre os seus limites.

Se, por exemplo, uma pessoa pensa inapropriadamente que o pecado não tem limites em seu poder de atuação, ela também estará mais vulnerável a pensar que para ela não há de fato uma maneira apropriada e real pela qual possa resistir às investidas do pecado contra a sua vida.

Por outro lado, se uma pessoa está instruída sobre o fato de que diante da justiça de Deus o pecado encontra uma série de restrições quanto a possibilidade de sua atuação, esta pessoa também poderá compreender que muitos dos aspectos usados pelo pecado ao longo da história e muitos dos aspectos da atuação do pecado contra a sua vida pessoal não precisam mais ser aceitos.

Ao cometer o primeiro pecado praticado por um ser humano, Adão, como consequência, deixou a todos os seus descendentes uma natureza pecaminosa e um ambiente terrivelmente propenso e favorável à realização de mais práticas do pecado. O pecado de Adão teve um grande efeito sobre toda a raça humana e mudou o estado da humanidade para um cenário hostil a Deus. Entretanto, diante da justiça de Deus e do caminho de redenção que esta justiça proveu e oferece aos seres humanos, esta condição de natureza pecaminosa não precisa mais prevalecer na vida de um indivíduo. Em sua misericórdia e justiça, o Senhor permite que as pessoas que recebem esta redenção sejam libertas da predominância do jugo da natureza pecaminosa e, assim, estabeleçam limites nesta atuação histórica do pecado e sobre suas vidas.

Romanos 6: 6 Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos.

A partir da revelação do caminho da redenção do ser humano, provido pela justiça de Deus em Cristo Jesus, a possibilidade das pessoas se amparem no Senhor para estabelecerem limites às tentativas de atuação do pecado em suas vidas passou a ter uma perspectiva completamente nova. Razão pela qual, também é tão importante conhecer quais são os limites de atuação do pecado sob a ótica da justiça oferecida pelo Senhor em Cristo Jesus e quais ainda são as maneiras pelas quais o pecado procura atuar depois que a justiça do Senhor foi revelada tão amplamente ao mundo.

E entre os pontos que limitam a atuação do pecado, Deus também estabeleceu que uma parte dos limites da atuação do pecado esteja relacionada diretamente às atitudes que os seres humanos adotam quando as proposições de pecado lhes são apresentadas.

Entre os aspectos que restringem a atuação do pecado também se encontra o posicionamento que cada pessoa adota em relação às proposições que o pecado lhe faz ou em relação aos meios pelos quais o pecado tenta sujeitar uma pessoa a ele.

Por mais que a atuação do mal, por meio do pecado, possa ser muito poderosa, Deus oferece a sua justiça como um dom aos seres humanos que vivem na Terra para que possam rejeitar ou resistir as proposições que o pecado lhes oferece, estabelecendo assim que uma parte da atuação do pecado não pode prosperar em seus intentos perversos se as pessoas não aceitarem as suas proposições, conforme as descrições que encontramos também nos textos abaixo:

1 Coríntios 10: 13 Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.

***Efésios 4: 17 Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos,
18 obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração,
19 os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza.
20 Mas não foi assim que aprendestes a Cristo,
21 se é que, de fato, o tendes ouvido e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus,
22 no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano,
23 e vos renoveis no espírito do vosso entendimento,
24 e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.***

Devido à provisão de ajuda que Deus lhes oferece, as pessoas no mundo são chamadas pelo Senhor a abster-se do mal, são chamadas a confiar no Senhor para serem guardadas do mal e, ainda, são chamadas a entender o fato de que uma maldição sem causa também fica privada de vir a se cumprir, conforme as Escrituras nos ensinam em mais alguns textos a seguir:

***Salmos 34: 13 Refreia a língua do mal e os lábios de falarem dolosamente.
14 Aparta-te do mal e pratica o que é bom; procura a paz e empenha-te por alcançá-la.***

Provérbios 4: 27 Não declines nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal.

Provérbios 26: 2 Como o pássaro que foge, como a andorinha no seu voo, assim, a maldição sem causa não se cumpre.

*Salmos 97: 10 **Vós que amais o SENHOR, detestai o mal; ele guarda a alma dos seus santos, livra-os da mão dos ímpios.***

Similarmente ao aspecto de que o Evangelho de Deus apresenta pleno poder ou provisão para salvar todas as pessoas, mas cuja salvação se torna uma experiência pessoal somente para que aqueles que recebem o Evangelho, assim o pecado, em certo sentido, tem um imenso poder de destruição associado a ele, mas que somente pode atuar mais amplamente no seu objetivo se as pessoas optarem por ele, não se despojarem dele ou não o resistirem apropriadamente.

Se por um lado o pecado e o imenso poder de destruição associado a ele existem independentemente de as pessoas optarem ou não optarem por eles, por outro lado, este poder pode vir a se deparar com significativas limitações se as pessoas não aderirem às proposições que estão relacionadas à prática do pecado ou à sujeição a ele.

Apesar das proposições do pecado sempre envolverem a transgressão do bem e do que é correto aos olhos de Deus, o Senhor, principalmente a partir da revelação do dom da justiça celestial, também revelou que o próprio pecado somente tem a permissão de continuar avançando ou aumentar a sua esfera de atuação no mundo se isto lhe for concedido pelas pessoas que habitam na Terra.

Após a revelação do dom da justiça que Deus oferece a todos os seres humanos, o pecado obrigatoriamente precisa passar por um processo pelo qual lhe é concedido um certo tipo de autorização de ação pelas pessoas para que ele ainda possa obter espaços para introduzir as suas atuações que escravizam os indivíduos ao seu domínio.

Em outras palavras, após a revelação ao mundo do dom da justiça que Deus oferece a todos os seres humanos, uma exposição mais ampla sobre o pecado também engloba tornar conhecido que o jugo de escravidão do pecado não pode mais ser imputado sobre uma pessoa se ela, através da justiça de Deus, não mais permitir que ele lhe seja imputado.

Após a revelação do dom da justiça que Deus oferece a todas as pessoas no mundo, o Senhor também tornou mais notório que o pecado, de certa forma, precisa tornar-se “pessoal” na vida de um indivíduo para que possa colocar o seu jugo de escravidão sobre ele.

Aqui, entretanto, gostaríamos ainda de fazer uma ressalva de que pode haver uma significativa distinção entre estar pessoalmente sob o jugo da escravidão do pecado ou sofrer as consequências do pecado alheio ou do mundo como um todo.

Diversas consequências advindas da multidão de pecados que há no mundo refletem sobre todos aqueles que nele estão, mas isto é muito diferente do que uma pessoa estar sujeita ao pecado devido ao fato dela pessoalmente rejeitar o dom da justiça de Deus ou por ter se associado ao pecado pela prática de pecados específicos.

Apesar de todos os seres humanos, de certa forma, estarem expostas a uma série de consequências das práticas de pecados alheios ou de outras pessoas, inclusive alguns danos causados pelos pecados de gerações passadas e principalmente pelo pecado de Adão, o pecado, a partir da revelação do dom da justiça de Deus, não pode mais reinar sobre aqueles que se colocam alinhados com as devidas condições providas por Deus para que o pecado não reine sobre eles.

Romanos 6: 14 **Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.**

Após a revelação da justiça que Deus oferece em Cristo Jesus, o pecado, apesar de ser poderoso em vários sentidos, somente pode ampliar o espaço de sua atuação se os seres humanos o aceitarem voluntariamente, o aceitarem por ignorância ou se eles fizerem a opção de não o resistir através dos meios que a justiça do Senhor lhes oferece para fazê-lo.

Todos os descendentes naturais ou do sangue de Adão herdaram consequências do pecado dele e herdaram uma natureza inclinada ao pecado, mas a partir da revelação do dom da justiça que Deus oferece a todas as pessoas, a continuidade da imputação do jugo do pecado não precisa mais permanecer sobre a vida de um indivíduo se ele receber este dom em sua vida.

Por um só pecado, o pecado, que já existia antes da criação do homem, entrou no mundo e teve largo espaço de atuação em seu objetivo de exercer o seu poder para que todos os descendentes de Adão também viessem a ficar associados ao pecado, ainda que eles não praticassem o mesmo ou o primeiro pecado singular de Adão. Entretanto, este cenário teve uma marcante mudança com a revelação do dom da justiça de Deus, a qual, por sua vez, também revelou de forma mais específica ou clara que o pecado e os seus intentos de dominação podem ser rejeitados ou resistidos por cada pessoa que recebe o referido dom da justiça em sua vida.

Conforme já vimos nos capítulos anteriores, o pecado de uma pessoa pode implicar em várias consequências prejudiciais à vida de muitas outras pessoas, mas sob a perspectiva do dom da justiça de Deus, uma pessoa que sofre as consequências dos pecados alheios não precisa permanecer sob o jugo da escravidão aos quais os outros se submeteram. Aspecto este, também já pré-anunciado nas Escrituras pelos profetas da antiguidade, mostrando-nos a diferença que há entre a alma que permanece se sujeitando ao pecado, e assim permanece sob o jugo do pecado, e a alma que se associa à justiça de Deus, conforme pode ser visto no texto a seguir:

- Ezequiel 18: 1* **Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo:**
2 Que tendes vós, vós que, acerca da terra de Israel, proferis este provérbio, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram?
3 Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, jamais direis este provérbio em Israel.
4 Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá.
 ...
20 A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai, a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este.

Algumas consequências de um pecado específico podem se estender sobre muitos, mas isto não implica em que aqueles sobre quem uma parte das consequências se reflete tenham que permanecer sob o domínio do pecado. Através do profeta Ezequiel, Deus declara que assim como o pai que fica com os dentes embotados por comer uvas verdes (não maduras) não transmite automaticamente dentes não afiados ao filho que

nasceu dele, pois a condição dos dentes que o filho recebe vem dos genes dos pais (DNA), e não do estado dos dentes que o pai adquiriu durante a sua vida pessoal, assim também, à luz do dom da justiça, o pecado ou a culpa de uma pessoa não precisa ter continuidade na vida de outros.

A partir da revelação do dom da justiça de Deus, a revelação de que o pecado tem limites muito claramente estabelecidos diante da justiça celestial se tornou ainda mais notória, assim como as Escrituras também passaram a tornar mais evidente de que cada indivíduo tem um papel crucial para que o pecado não volte a ter domínio sobre ele, conforme mais um texto exemplificado abaixo:

*Romanos 6: 12 **Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões;***

*13 **nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.***

...

*16 **Não sabeis que daquele a quem vos oferecis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?***

E tendo em vista que a partir da revelação do dom da justiça de Deus também ficou mais evidente que o pecado pode ter o seu poder de atuação restrito quando as pessoas optam por não permanecer sob seu domínio, quando elas o rejeitam ou quando elas o resistem, torna-se também evidente a necessidade de saber como o pecado procura atuar preponderantemente após a revelação do dom da justiça, assim como uma pessoa pode agir para não mais ser enredada ou vencida pelo pecado.

Uma percepção mais ampla e mais adequada do cenário em que os limites de atuação do pecado ficam mais expostos também permite que uma perspectiva mais ajustada e adequada sobre as proposições do pecado comece a ficar mais amplamente desvendada e usada pelas pessoas para não se deixarem envolver pelos intentos sutis do pecado ou por aquilo que ele propõe a cada indivíduo.

Assim, enfatizando mais uma vez o ponto de que o pecado tem limites de atuação estabelecidos pelo Senhor e o ponto de que parte da operação destes limites também engloba a atitude das pessoas em relação à justiça de Deus e ao pecado, gostaríamos de destacar aqui que este tema é tão importante ou significativo que as Escrituras, inclusive, atribuem um nome específico ao conjunto das proposições do pecado que podem e deveriam ser rejeitadas ou resistidas pelas pessoas, denominando-o de *“tentação do pecado”*.

O assunto da *“tentação do pecado”* é uma parte muito peculiar em todo o tema da atuação do pecado. E como tal, ele também apresenta várias características peculiares que lhe são especificamente pertinentes e cujo discernimento pode ser crucial para toda pessoa que anela não estar mais subjugada ao pecado ou intenta não mais ser enredada por ele.

Anteriormente já foi comentado que a existência do pecado precede a criação do ser humano, e sobre isto as pessoas não têm nenhum controle. Entretanto, quando a

atuação do pecado passa a ser vista por meio da tentação, os vários tempos e etapas de operação do pecado podem ser vistos sob uma condição muito mais clara ou objetiva, e em relação à qual, a percepção da participação de cada indivíduo também passa a ser muito mais próxima ou tangível.

O assunto da tentação do pecado pode desvendar um novo leque de aspectos sobre a atuação do pecado e, assim, também nos desafia a adotar novas e práticas posturas para lidar com o pecado. Quando a tentativa de atuação do pecado através da tentação é mais amplamente compreendida, também uma série de aspectos específicos sobre a possibilidade de rejeitar o pecado e de como ele pode ser resistido pode vir a ser conhecida ainda mais precisamente.

A exposição do fato de que a tentação do pecado é a via pela qual o mal tenta fazer com que as pessoas venham a aderir ao pecado talvez para alguns indivíduos represente uma determinada medida de temor em relação ao poder maligno que há nas tentações. Entretanto, esta exposição também pode trazer abundante luz e um significativo alento às pessoas pelo fato delas poderem compreender que é no aspecto do pecado ser dependente da aceitação da tentação que também os limites ou a restrição da sua atuação ficam amplamente expostos, conforme está apresentado no texto mais uma vez exposto a seguir:

*1 Coríntios 10: 12 **Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia.**
13 **Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.***

Tendo em mente que a tentação do pecado, em diversos aspectos, é a última fronteira que separa uma pessoa da associação ao pecado, podemos também considerar que o posicionamento pessoal em relação à tentação do pecado é, então, um dos pontos mais importantes para que um indivíduo não venha a incorrer na sujeição ao mal que o pecado objetiva para ele.

Portanto, tendo por objetivo cooperar para que as características da tentação sejam mais conhecidas ou estejam mais evidenciadas para que as pessoas estejam mais bem informadas para rejeitá-la ou resisti-la, procuraremos detalhar a seguir um pouco mais alguns pontos específicos relacionados a ela.

Assim, como primeiro ponto, gostaríamos de abordar a questão sobre a tentação ainda não ser equivalente a um pecado ou se ela já se caracteriza como um pecado?

Apesar de várias pessoas afirmarem que a tentação ainda não é um pecado propriamente dito, é preciso averiguar este ponto mais amplamente a partir de ângulos distintos.

Apesar da tentação nem sempre ser uma expressão de pecado daquele que está sendo exposto a ela, pois uma pessoa pode ser tentada e não vir a pecar, a tentação sempre é uma variação ou uma forma do mal se apresentando às pessoas, conforme nos é ensinado no texto abaixo:

Tiago 1: 13 Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta.

Alegar que a tentação ainda não é um pecado somente contempla uma parte do processo da tentação, pois para que uma tentação venha a ser construída e oferecida a um indivíduo, já houve a atuação do mal ou do pecado, ao menos, naquele que é o agente repassador da tentação.

A tentação do pecado pode ainda não ser o pecado específico consumado por aquele que está sendo tentado, mas ela já é uma atuação do pecado no indivíduo que se presta a ser o agente que apresenta a tentação. Ou seja, a atuação da tentação precisa ser observada ao menos por dois ângulos, o agente que propõe a tentação e o indivíduo a quem a tentação é direcionada.

Quando, por exemplo, o diabo procurou a Cristo para tentá-lo, o diabo já operava movido pelo mal, ele já estava atuando em pecado como o faz desde o princípio. Assim, por um lado, a tentação era uma ação explícita do pecado, mas, por outro lado, ou naquilo que se refere ao posicionamento de Cristo em relação ao pecado, a tentação nunca se concretizou num pecado. O Senhor, prontamente refutou a tentação e não permitiu que ela encontrasse amplo espaço em Sua vida, e nem que o pecado encontrasse qualquer oportunidade para se multiplicar por meio da Sua vida.

1 João 3: 8 Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo.

Hebreus 4: 14 Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.

15 Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.

O tema da tentação do pecado é algo que precisa ser visto com especial atenção, pois se, por um lado, a tentação pode ainda não ser a prática do pecado para aquele que está sendo tentado, por outro lado, a tentação é uma proposição vil para um contato direto com a prática do mal. A tentação do pecado já é um pecado em movimento de pelo menos um agente do pecado para tentar envolver outros no pecado ou para tentar conduzir um pecador a ser ainda mais intenso em suas práticas de pecado.

Em outras palavras, apesar de uma tentação em muitas situações ainda não ser uma prática do pecado daquele que está exposto à tentação, a tentação é precedida de uma atuação do pecado que pode ter agido de forma ativa muito antes de um pecado vir a ser proposto através da tentação.

E uma vez que uma tentação, em suas proposições, já é uma expressão ou uma forma ativa de atuação do pecado para tentar aumentar o seu raio de ação, gostaríamos de destacar, como um segundo ponto, que o potencial de maldade que já há na tentação jamais deveria ser menosprezado.

Assim como em relação ao próprio pecado, a tentação do pecado também jamais deveria ser vista de forma leviana, pois pelo fato de a tentação ter a um agente corruptor por trás ou estar associada a ele, dar mais espaço à tentação do que ela deveria ter também representa dar mais espaço e proximidade ao agente corruptor ou ao pecado que atua por trás da tentação.

Uma vez que a tentação está associada ao mal em suas proposições, sendo por isto também uma forma do mal se apresentar, as pessoas, além de serem chamadas pelo Senhor a não cederem à tentação, também são chamadas por Deus a serem ativas em se distanciarem, toda vez que é possível, já da própria esfera de atuação da tentação.

As Escrituras orientam as pessoas a manterem uma distância apropriada de qualquer forma do mal, conforme segue:

*1 Ts 5: 22 ... **abstende-vos de toda forma de mal.***

*Efésios 4: 27 **nem deis lugar ao diabo.***

Embora nem todas as tentações possam ser evitadas por quem vive no presente mundo, ceder mais espaço ou oportunidades às tentações do que elas deveriam ter também é mal ou também pode vir a representar um “mal proceder”.

Embora a tentação ainda não seja, por parte daquele que está sendo tentado, o cometimento do pecado especificamente proposto, permitir que a tentação venha a ter um espaço maior do que deveria ter é também permitir uma aproximação mais intensa e mais perigosa do pecado, conforme Deus instruiu a Caim sobre a sua postura ou atitude dele em relação ao bem e também em relação ao pecado.

*Gênesis 4: 6 **Então, lhe disse o SENHOR: Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante?***

7 Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo.

Através das palavras de Deus a Caim, o Senhor nos ensina que a postura de uma pessoa em relação ao bem também pode ter reflexo na proximidade da tentação do pecado para com esta pessoa. Segundo as palavras proferidas a Caim, entendemos ser razoável concluir que se uma pessoa atua de acordo com o que é apropriado, ela também encontra uma condição favorável diante do Senhor que provê uma guarda maior contra a atuação do pecado, mas se uma pessoa procede mal, a tentação do pecado passa a residir muito mais próximo dela. Embora o pecado específico que “jaz à porta” ainda possa ser um pecado não praticado, ele é uma proposição de pecado muito próximo de ser praticada e que procura irromper para dentro desta porta de forma muito mais determinada do que uma tentação mais longínqua.

Portanto, despender tempo excessivo com a tentação do pecado ou não agir previamente para evitar que a tentação do pecado se torne muito

próxima também pode fazer com que a possibilidade de realização do pecado ou a sujeição a ele se torne muito mais real ou iminente do que ela deveria ser.

Apesar da tentação do pecado em geral propor a prática de um pecado específico, uma forma inadequada de lidar com a própria tentação e o tempo de atuação da tentação também já pode, por si só, vir a se caracterizar como a ação do pecado na vida de um indivíduo.

Despender tempo excessivo com a tentação do pecado, quer por dar espaço indevido a ela ou por não ter agido anteriormente para se prevenir contra ela, pode consumir muitas horas de vida de um indivíduo e pode levar uma pessoa a se sujeitar à atuação do pecado precisamente pela perda do tempo com a tentação ainda que ela não venha a cometer o pecado específico que a tentação está propondo.

Apesar da tentação do pecado em muitos casos estar direcionada às tentativas de levar uma pessoa à prática de um pecado mais específico, é importante não esquecer que o pecado, em suas proposições, age de forma sutil e que o objetivo dele é envolver a pessoa em qualquer forma do mal, e não somente no pecado específico para o qual ela está tentando uma pessoa. Os pecados colaterais que uma tentação de um pecado específico pode causar, se uma pessoa se deixar envolver por uma tentação além do que deveria, muitas vezes precisam ser observados até mais atentamente do que a tentação do pecado específico que está sendo proposto.

Ainda em outras palavras, quer por ignorância ou por não agirem preventivamente para se cercarem do bem e se absterem de toda a forma do mal, muitas pessoas se expõe às tentações em uma intensidade muito maior do que seria necessário, e também por isto que, diversas vezes, se veem em condição tão fragilizada diante das proposições do mal.

Quando o pecado se apresenta em operação através de uma tentação, ele não se limita a buscar uma única via para tentar envolver aqueles a quem são apresentadas as suas proposições. O pecado é ambicioso em seus intentos e procura os mais diversos tipos de espaço para tentar enredar as pessoas e para tentar impor-lhes o jugo ou fardo pesado de escravidão que acompanha a sujeição ao pecado.

Se uma pessoa não estiver consciente da malignidade do pecado já na tentação, se ela não se dispuser a perceber isto, ou se ela não resistir a esta prévia atuação do pecado, ela poderá estar se colocando em sujeição ao tempo da atuação do pecado ou ao jugo do pecado mesmo antes de ter praticado um pecado específico que uma tentação propõe para ser praticado.

Por via da tentação, o pecado não se apresenta como ele realmente é, assim como ele procura não mostrar o que ele principalmente intenta alcançar na vida do indivíduo exposto à tentação. Enquanto tentação, o pecado não evidencia o seu objetivo de impor um jugo de escravidão sobre aqueles que cedem à tentação ou até mesmo sobre aqueles que se deixam ser envolvidos pela tentação em uma proximidade ou por um período além do que seria devido.

Considerando que uma das principais definições atribuídas ao termo *pecado* se expressa pelo conceito de um indivíduo errar o alvo almejado ou errar o alvo que seria apropriado para a sua vida, se, através do envolvimento de um indivíduo com a tentação, o pecado conseguir impedir que ele avance na carreira que Deus tem para ele, o pecado já conseguiu levar esta pessoa a errar o alvo ainda que ela nem tenha praticado o ato mais explícito proposto através de uma tentação específica.

Quando as Escrituras nos ensinam a não nos embarçarmos com qualquer forma de pecado que tão de perto nos rodeia, isto inclui também não deixar que a tentação se estabeleça excessivamente próxima, razão pela qual, o Senhor Jesus Cristo nos instrui a oramos ao Pai Celestial para que Ele nos guarde para que nem cheguemos a “cair” ou “entrar” na “esfera da atuação da tentação”.

A orientação do Senhor para a resistência ao pecado não engloba somente atos passivos daqueles a quem a tentação se apresenta, mas ela inclui instruções de ações ativas especificamente direcionadas a lidar com a tentação inclusive antes que ela se apresente ou para que ela nem venha a se apresentar tão intensamente ou diretamente a uma pessoa.

São vários os exemplos das Escrituras que tratam de ações ativas e preventivas para que uma pessoa não fique tão intensamente ou longamente envolvida nem mesmo com a tentação do pecado, dos quais citamos mais alguns abaixo:

*Hebreus 12: 1 Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, **desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,***

*2 **olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.***

*Mateus 6: 13 ... **e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém!***

*Mateus 26:41 **Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.***

*1 Coríntios 10: 11 **Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado.***

*12 **Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia.***

*13 **Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.***

*14 **Portanto, meus amados, fugi da idolatria.***

Em diversas partes das Escrituras, o Senhor chama as pessoas a perceberem que a oposição ao pecado ou a rejeição do mal engloba uma ativa prática do bem e que, de forma alguma, esta prática é desprovida de ações preventivas.

Romanos 12: 21 **Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.**

Salmos 139: 23 **Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos;**
 24 **vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno.**

Salmos 91: 9 **Pois disseste: O SENHOR é o meu refúgio. Fizeste do Altíssimo a tua morada.**
 10 **Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda.**
 11 **Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos.**
 12 **Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra.**
 13 **Pisarás o leão e a áspide, calcarás aos pés o leãozinho e a serpente.**
 14 **Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei; pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome.**
 15 **Ele me invocará, e eu lhe responderei; na sua angústia eu estarei com ele, livrá-lo-ei e o glorificarei.**
 16 **Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação.**

Salmos 119: 9 **De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra.**

Salmos 1: 1 **Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores.**
 2 **Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite.**

A vigilância e o combate contra o pecado já nas ações preventivas contra a tentação do pecado podem ser utilizados como ações ativas e crescentes em favor do bem para que a esfera de atuação do mal seja mantida mais afastada inclusive nas proposições das tentações.

Lembramos aqui somente que a lei do Senhor e o guardar a palavra do Senhor, citados em alguns dos últimos textos acima, são aspectos muito diferentes do que querer guardar a chamada lei de Moisés ou as palavras da lei de Moisés, conforme está exposto no estudo sobre A Adequada Divisão da Palavra da Verdade e em alguns detalhes que serão vistos em alguns capítulos mais à frente também do presente estudo.

E continuando ainda a dar sequência sobre algumas características relacionadas à tentação, gostaríamos de destacar também, como terceiro ponto, que nem todas as tentações são ocasionadas por agentes externos ao indivíduo que está sendo tentado.

No tema sobre as características das tentações, entendemos também ser crucial ressaltar que várias tentações que se apresentam a uma pessoa são, na realidade, uma sequência de outros pecados que a própria pessoa já abrigou e mantém no seu coração, conforme nos é alertado pelo texto a seguir:

*Tiago 1: 13 **Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta.***

*14 **Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz.***

*15 **Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.***

*16 **Não vos enganéis, meus amados irmãos.***

Relembrando alguns aspectos comentados no ponto anterior, podemos ver que se uma pessoa não age preventivamente para que a cobiça não lhe atraia e seduza, ela também se coloca sob uma condição de estar mais exposta a outras tentações ou formas de tentações em sua vida.

Uma pessoa que, por exemplo, dá espaço à inveja também se coloca sujeita a um conjunto de outras diversas tentações ou entra na esfera de outras diversas atrações inadequadas que procuram atuar a partir de um coração invejoso.

*Tiago 3: 16 **Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins.***

Assim como na maioria das situações em que uma pessoa é atraída a praticar um roubo ela é tentada pelo fato de que primeiramente estabeleceu a plataforma desta tentação ao cobiçar o que é alheio, algo que é impróprio ou algo antes do tempo, assim também a cobiça serve de plataforma de lançamento para inúmeras ou as mais diversas tentações contra a vida daquele que permite a cobiça atuar como um pecado primário em seu coração.

Além disso, se um indivíduo não se ater ao fato de que ele mesmo pode estar sendo a fonte geradora de novas investidas de tentações na sua vida ao dar guarida prévia a alguns pecados, ele se coloca sob uma atitude que inclusive chega ao ponto de ser equiparada, pelas Escrituras, a um autoengano ou a uma posição onde a pessoa atua para enganar a si própria.

Este último aspecto pode ocorrer, por exemplo, também quando uma pessoa nunca é grata ou não se contenta com aquilo que o Senhor confere aos mais diversos momentos e etapas de sua vida, portanto:

*Provérbios 1: 7 **O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino.***

*Salmos 119: 36 **Inclina-me o coração aos teus testemunhos e não à cobiça.***

A cobiça, a inveja, o amor do dinheiro, e outras condutas similares, quando lhes é dado espaço de ação, são coisas que podem levar as pessoas a tentações e atitudes muito insensatas ou impróprias.

Assim, destacamos mais vez que embora uma tentação em particular ainda não represente necessariamente a prática de um pecado específico por parte de quem está sendo tentado, toda tentação, propriamente dito, é essencialmente derivada de alguma ação do mal ou do pecado, e desta forma também deveria ser vista pelas pessoas e evitada inclusive na raiz das ações que permitem que ela venha a se fortalecer e multiplicar contra as suas vidas.

Provérbios 23: 17 **Não tenha o teu coração inveja dos pecadores; antes, no temor do SENHOR perseverarás todo dia.**
18 Porque deveras haverá bom futuro; não será frustrada a tua esperança.

Hebreus 13: 5 **Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei.**

1 Timóteo 6: 9 **Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição.**
10 Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.
11 Tu, porém, ó homem de Deus, fuge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão.

Por fim, neste capítulo, gostaríamos, então, como o quarto ponto, abordar ainda algumas considerações sobre o aspecto de que quando Deus chama as pessoas para não darem lugar à tentação e ao pecado, Ele não as chama para tentarem vencer as ofensivas do mal através de suas próprias forças ou de suas próprias concepções sobre como elas deveriam lidar com o pecado em suas múltiplas facetas.

O Senhor optou para que o convencimento do mundo sobre as diversas características do pecado seja feito principalmente pelo Espírito Santo também por causa do potencial ardiloso e vil que está no pecado inclusive já na tentação, pois através do seu Espírito, o Senhor também expõe o fato de que a tentação somente pode ser vencida por um indivíduo pelo amparo e pela instrução concedida a ele pelo reino celestial.

Para resistir ao pecado, também nas suas tentações, é necessário muito mais do que uma intenção ou de uma atitude pessoal de um indivíduo no sentido de não querer mais cometer pecados e delitos, pois por mais determinada ou disciplinada que possa ser este propósito, ele não será suficiente para resistir ou vencer a atuação opostora do pecado e das suas tentações.

Em suas capacidades naturais ou carnis, os seres humanos apresentam várias limitações para resistirem ou vencerem o mal. E somente pelo auxílio do Senhor para com elas que as pessoas podem praticar o bem e, através deste, vencer o mal, conforme também está exemplificado respectivamente abaixo:

Romanos 7: 18 **Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo.**

19 **Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.**

Gálatas 5: 16 **Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne.**

Romanos 8: 11 **Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita.**

...
13 **Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis.**

Para compreender e crer que a tentação do pecado somente pode ser enfrentada apropriadamente com a capacidade e a instrução que Deus concede pode vir a ser importante entender que o pecado se utiliza dos mais variados aparatos vis das trevas. O pecado, já na atuação da tentação, é parceiro da mentira, do engano e da tentativa de imputação do medo, e ele não se priva de utilizar estes expedientes simultaneamente. O pecado é ardiloso, trapaceiro e sujo quando procura se apresentar às pessoas, pois ele procura se valer de aparência aprazível, astutas ciladas e artimanhas cujo discernimento vai além da simples capacidade racional ou intuitiva do ser humano.

Sem a cooperação da atuação do Espírito Santo para que uma tentação do pecado seja evidenciada, uma pessoa pode vir a ficar sujeita a uma situação em que ela nem percebe o quanto está sendo exposta às tentações do pecado e o quanto ela, repetidamente, está cedendo a muitas tentações que lhe são oferecidas. E por mais que uma pessoa não o perceba ou não o reconheça, se nela ainda há um grau razoável de discernimento de algumas tentações do pecado, isto somente está presente na vida dela pela bondade e misericórdia de Deus para com a sua vida.

Definitivamente, lidar com a tentação do pecado não é algo fácil, simples e possível de ser realizado somente sob a sabedoria natural, pois o conjunto de aspectos que podem estar envolvidos em uma única tentação é muito maior do que uma pessoa sequer pode compreender naturalmente.

Voltando a relembrar, então, que o ponto central almejado pela atuação do pecado é fazer com as pessoas se mantenham distantes ou se desconectem da comunhão com o Senhor e das instruções de Deus,

também este será o foco associado a todo processo de tentação, pois uma vez que uma pessoa se afasta da luz que há no Senhor e na sua instrução, ela se coloca em uma posição muito fragilizada diante das demais tentações.

Quando uma pessoa vigia e resiste adequadamente às tentações do pecado estando em comunhão com o Senhor, avançando na carreira que o Senhor lhe propõe ou estando com olhos fitos em Cristo, o pecado também não alcança um maior espaço ou força para sujeitar esta pessoa novamente ao seu domínio. Entretanto, quando o pecado consegue levar uma pessoa a ser obediente às propostas que as afastam de Deus e do olhar firme para o Senhor Jesus Cristo, o pecado consegue ganhar um espaço maior para introduzir um número cada vez mais crescente de tentações.

Portanto, conforme veremos ainda várias vezes no presente material, o único lugar para um indivíduo estar verdadeiramente seguro contra o pecado e a tentação do pecado é ele estar e permanecer em Deus.

No texto de Hebreus 12, verso 1 e 2, visto recentemente acima, pode ser observado que **o oposto de permanecer envolto com o pecado, inclusive com as tentações que ele apresenta, é correr com perseverança a carreira que nos está proposta por Deus e com os olhos fitos no Senhor Jesus Cristo.**

Desta forma, saber que o pecado precisa passar pela tentação antes de poder agir na vida de uma pessoa é um conhecimento que pode ser crucial para uma pessoa não se render aos intentos do pecado, pois apesar de um conhecimento mais amplo sobre o pecado e a tentação também evidenciarem mais a condição vil que já há inclusive na tentação, este conhecimento também expõe a fragilidade e a limitação que há no pecado precisamente por ele ter que agir primeiramente pela tentação e assim poder ser resistido através da provisão que Deus oferece às pessoas através de sua justiça eterna.

*Hebreus 5: 13 **Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança.***

*14 **Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.***

Para aquele que de fato passa a viver e andar em Cristo, as características do pecado, da tentação do pecado e a falácia de que uma pessoa não pode ser liberta da escravidão do pecado são aspectos que não precisam mais ficar obscuros e passam a ser desvendados ou expostos pela luz celestial. Em Cristo, opera uma lei que é superior à lei do pecado e da morte, a qual é a lei da vida pelo Espírito de Deus e que jamais poderá ser vencida por qualquer forma de pecado.

*Romanos 8: 2 **Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte.***

C14. O Corpo do Pecado

O pecado é uma expressão objetiva do mal, ou seja, o pecado é o meio pelo qual o mal existente procura ganhar força de expressão no mundo e pelo qual uma pessoa que o pratica ou se sujeita a ele também se conecta ou associa ao mal.

O pecado é mau como potencial maligno, ele é mau na tentação e ele é a expressão do mal durante qualquer prática do pecado, mas gostaríamos de ressaltar mais uma vez aqui que a condição vil do pecado também fica muito acentuada pelas más e terríveis consequências que a sujeição ao pecado pode vir a causar.

A maldade do pecado, se não for devidamente interrompida, ainda pode vir a se estender sobre uma pessoa também pelo tempo em que as diversas consequências que advêm do cometimento do pecado ou da sujeição a ele ainda estiverem em curso.

E, por sua vez, o conhecimento sóbrio de que o tempo de duração da atuação do pecado e dos efeitos que ele causa podem ir muito além do tempo da sua prática pode ser de muita ajuda para quem pretende não se render ao que o pecado objetiva alcançar e manter. Ter conhecimento sobre quando de fato ocorre o fim da atuação de um pecado pode ser crucial para vários aspectos da vida de uma pessoa, pois o fim da sua atuação nem sempre ocorre de acordo com um fim aparente e nem as suas consequências findam quando aparentemente o cometimento do pecado teve o seu fim.

Um ladrão, por exemplo, pode ficar envolvido pelas consequências de um roubo por muito mais tempo do que ele imagina, pois um ladrão, ainda que devolva os bens roubados, pode vir a se tornar um réu de condenação de prisão por causa da sua associação com o ato de roubar e não somente por aquilo que ele roubou. No aspecto da sociedade civil, um processo judicial desencadeado pelo roubo, por exemplo, somente é encerrado quando todas as penas condenatórias tiverem sido cumpridas. E além disto, o ladrão ainda pode sofrer rejeições na sociedade mesmo após o cumprimento das penas a ele atribuídas.

Portanto, a prática do pecado ou a sujeição a ele pode vir a abrir todo um novo e extenso capítulo sobre a atuação do pecado após uma pessoa se associar a ele. E entender os princípios da atuação do pecado após ele ter sido praticado, ou após uma pessoa se sujeitar a ele, permite que a percepção da ação do pecado se torne ainda mais ampla ou esclarecedora.

O pecado é vil desde a concepção de sua proposição, ele é vil já no momento que se apresenta para ser praticado, mas a continuidade da atuação do pecado, mesmo depois que ele já foi praticado, denuncia ainda mais quão ampla é a extensão da perversidade que o pecado objetiva infligir sobre as pessoas.

Assim, para cooperar com uma percepção ou compreensão mais ampla e objetiva do fato de que a atuação do pecado pode vir a se estender, em muito, após ele ter sido praticado por um indivíduo, as Escrituras nos apresentam uma expressão muito esclarecedora e útil para condensar todo o conjunto das diversas consequências que podem derivar da prática do pecado ou da sujeição a ele, conforme pode ser observado nos dois textos a seguir:

*Romanos 6: 6 **Sabendo isto: que foi crucificado com ele (com Cristo) o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos.***

*Romanos 7: 24 **Desventurado homem que sou!**
Quem me livrará do corpo desta morte?*

O conjunto de fatos que podem vir a se manifestar a partir da prática do pecado ou da sujeição de uma pessoa a ele é considerado pelas Escrituras tão próximo ao pecado que ele várias vezes também chega a ser denominado simplesmente de pecado ou como mais uma das características do pecado. Entretanto, para que este conjunto de itens que derivam da prática do pecado ou da associação a ele também seja percebido de forma destacada, as Escrituras ainda lhe atribuem a expressão “o corpo do pecado” ou “o corpo da morte” advindo da sujeição de um indivíduo ao pecado.

Ainda em outras palavras, a prática do pecado almeja gerar um conjunto amplo de consequências sobre aquele que se sujeita ao pecado, ou seja, a prática do pecado tem por objetivo produzir um “corpo do pecado” sobre o indivíduo que praticou o pecado para que este continue associado ao pecado mesmo depois que a prática de um pecado específico tenha sido concluída.

Se o máximo que a atuação do pecado pudesse alcançar fosse o nível da perturbação da tentação ou até um desconforto nas pessoas enquanto elas praticam o pecado, a extensão da ação do pecado brevemente iria expirar ou desvanecer. Entretanto, o pecado é tão perigoso também por causa do pacote de consequências advindo de sua prática e que ele procura tão insistentemente vincular às pessoas, pois é através do “corpo do pecado” colocado sobre as pessoas que o pecado consegue ainda mais intensamente o espaço almejado para escravizá-las aos seus propósitos.

É a partir do “corpo do pecado” imputado sobre as pessoas que o pecado procura exercer de forma ainda mais intensa a posição que ele almeja para reinar sobre as suas vidas, tentando desta forma colocar sobre elas também os resultados da adesão às propostas enganosas que por ele foram apresentadas durante o tempo da tentação.

Por isso, ao descrever aquilo que poderia vir a ser um motivo de imensa aflição sobre a sua vida se ele tivesse que vencer o pecado somente em suas condições naturais, Paulo não se omite de mencionar diretamente o “corpo do pecado”, conforme exposto mais uma vez a seguir:

*Romanos 7: 24 **Miserável homem que eu sou!**
Quem me livrará do corpo desta morte? (RC)*

A diferença entre a posição de uma pessoa na tentação do pecado e depois que o pecado foi praticado é gritante. A tentação do pecado, por exemplo, é como uma armadilha que está pronta para aprisionar uma pessoa. O “corpo do pecado”, entretanto, engloba todo o tempo e todos os aspectos que só se dão a conhecer depois que uma pessoa já se tornou aprisionada na armadilha. A proposição da prática do pecado vem acompanhada do alvo de colocar todo o peso da armadilha e do aprisionamento sobre a pessoa que o praticou. E dependendo da armadilha que foi armada, é muito lamentável observar como um passo em falso pode mudar tão significativamente o cenário de vida da pessoa que se deixa envolver por ela.

Compreender, então, com clareza, que através da associação a ele, o pecado também almeja gerar, produzir ou deixar um corpo após a sua prática, ou ainda, procura colocar um conjunto de consequências sobre indivíduo que se sujeita a ele, pode soar estranho ou até parecer bastante assustador para alguns. Mas isto, na realidade, pode ser muito esclarecedor tanto preventivamente para que um indivíduo não se entregue à sujeição ao pecado, assim como para que uma pessoa possa encontrar o entendimento de como é possível agir para não permanecer sob a escravidão do “*corpo do pecado*” caso ela já tenha incorrido na sujeição ao pecado.

Assim, visando tentar ampliar as considerações sobre o assunto exposto nos parágrafos acima de maneira mais prática ou para que não fique muito subjetivo, entendemos ser necessário avançar ainda um pouco mais sobre este tópico para conhecer quais são alguns dos principais aspectos que podem estar englobados no chamado “*corpo do pecado*” ou “*corpo desta morte*”.

Se olharmos primeiramente na esfera da vida natural, poderemos constatar que os itens que compõem aquilo que as Escrituras denominam de “*corpo do pecado*” podem variar muito em função do tipo de pecado que a pessoa praticou e dos danos que ela veio a causar a si mesma ou a outros.

Entretanto, no âmbito espiritual, os aspectos que compõem o chamado “*corpo do pecado*” têm, em geral, características similares ainda que eles advenham de tipos de pecados distintos, apresentando entre os seus principais itens, os seguintes pontos:

- ⇒ 1) O engano do pecado;
- ⇒ 2) O castigo do pecado;
- ⇒ 3) O escrito de dívida advindo da associação ao pecado.

A começar pelo engano do pecado, o primeiro ponto citado no parágrafo anterior, gostaríamos de enfatizar que as Escrituras intensamente alertam os seres humanos para que ninguém seja leviano com qualquer parte relacionada com o pecado e com a prática dele, pois as consequências da prática do pecado ou da sujeição a ele podem vir a afetar os sentidos das pessoas sobre os aspectos mais essenciais da vida.

Um dos efeitos do pecado, como uma das características do “*corpo do pecado*”, é a sua atuação similar à lepra, mas no âmbito intelectual, emocional e espiritual, podendo vir a causar uma diminuição gradativa ou até repentina da sobriedade ou do discernimento de uma pessoa em relação ao que passa a acontecer ao redor dela e inclusive em sua vida.

O pecado tenta enganar as pessoas já nas tentações que ele apresenta, mas a sua ação de engano pode se acentuar de uma forma ainda muito mais profunda e vil após a prática do pecado ou a sujeição de uma pessoa a ele.

A tentação acatada, o pecado praticado ou a sujeição ao pecado pode vir a afetar profundamente o coração e o entendimento daquele que sujeitou ao pecado, pois o endurecimento do coração, causado pelo engano do pecado, é uma das consequências do pecado ou do “*corpo do pecado*” mais terríveis que podem vir a se estabelecer na vida daquele que se sujeitou ao pecado, conforme mostrado em alguns textos abaixo:

*Hebreus 3: 12 **Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo;***

*13 **pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.***

*2 Coríntios 11: 3 **Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo.***

*Oséias 4: 11 **A sensualidade, o vinho e o mosto tiram o entendimento.***

*Eclesiastes 7: 7 **Verdadeiramente, a opressão faz endoidecer até o sábio, e o suborno corrompe o coração.***

As piores consequências do pecado não estão relacionadas somente aos danos externos ou naturais que a sua prática pode gerar, mas também o que elas podem causar no coração ou na mentalidade da pessoa que se sujeita ao pecado.

Quando olhamos o exemplo do pecado de Adão, podemos ver que as consequências sobre a sua alma ou mente foram imediatas, fazendo com que ele ficasse sujeito ao medo, à vergonha e a uma postura de autoproteção através do qual passou a acusar aos outros pelo erro que ele próprio deliberadamente havia cometido.

Durante a tentação, o pecado procura afastar uma pessoa da confiança em Deus e das instruções do Senhor ainda que por um breve momento, pois a não confiança no Senhor, por parte de um indivíduo, é um dos elementos centrais que fragiliza uma pessoa diante de outras proposições de pecados. Entretanto, na etapa em que uma pessoa já está escravizada ao “*corpo do pecado*”, a possibilidade de o pecado atuar através do engano é ainda muito mais forte.

O “*corpo do pecado*”, quando associado a uma pessoa, pode se tornar extremamente danoso para a vida dela, pois ele buscará atuar na mente desta pessoa através da sugestão da multiplicação de novos atos pecaminosos, através das tentativas de contaminação ou distorção do conhecimento sobre tudo aquilo que procede de Deus para esta pessoa, assim como ele pode chegar ao ponto de propor que aquele que lhe está sujeito venha até a considerar tentar assumir a posição sobre a sua vida que deveria ser exclusivamente de Deus.

*2 Ts 2: 3 **Ninguém, de maneira alguma, vos engane, porque não será assim sem que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição,***

4 o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus. (RC)

Tende em mente que o coração de uma pessoa que crê no Senhor também é considerado como um local ou um santuário da habitação de Deus, e que é através da presença de Deus no coração que um indivíduo tem ao seu dispor a fonte de vida ou da água viva, não é de se admirar que também este local é o espaço que o pecado mais almeja alcançar para instaurar o “*corpo do pecado*” com a finalidade de enfraquecer e contaminar a fé das pessoas em seu Criador.

Ao tentar associar as pessoas ao pecado, os poderes das trevas almejam imputar sobre as pessoas um “*corpo de pecado*” que as atraia cada vez mais para a mentira, para as tentativas de distorção ou descrédito da verdade e, ainda, para que as pessoas se afastem cada vez mais do amor da verdade e do amor que há no Deus Único e Eterno que as criou, fragilizando-as, assim, ainda mais diante de novas tentações e enganosa.

- Provérbios 4: 14* **Não entres na vereda dos perversos, nem sigas pelo caminho dos maus.**
- 15** *Evita-o; não passes por ele; desvia-te dele e passa de largo;*
- 16** *pois não dormem, se não fizerem mal, e foge deles o sono, se não fizerem tropeçar alguém;*
- 17** *porque comem o pão da impiedade e bebem o vinho das violências.*
- 18** *Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.*
- 19** *O caminho dos perversos é como a escuridão; nem sabem eles em que tropeçam.*
- 20** *Filho meu, atenta para as minhas palavras; aos meus ensinamentos inclina os ouvidos.*
- 21** *Não os deixes apartar-se dos teus olhos; guarda-os no mais íntimo do teu coração.*
- 22** *Porque são vida para quem os acha e saúde, para o seu corpo.*
- 23** *Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida.*
- 24** *Desvia de ti a falsidade da boca e afasta de ti a perversidade dos lábios.*
- 25** *Os teus olhos olhem direito, e as tuas pálpebras, diretamente diante de ti.*
- 26** *Pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos sejam retos.*
- 27** *Não declines nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal.*
-

Dando sequência, agora, ao segundo ponto mencionado mais acima sobre as características do “*corpo do pecado*”, ou seja, o castigo do pecado, entendemos que seria interessante observá-lo inicialmente sob a ótica do conceito da colheita advinda de uma sementeira visto que o “*corpo do pecado*” resulta da prática do pecado ou da sujeição de uma pessoa ao pecado.

Ao abordarem o assunto da sementeira e colheita quanto às atitudes dos seres humanos, as Escrituras alertam a todas as pessoas a estarem continuamente atentas

aos princípios deste tema, pois perante Deus, conforme texto descrito abaixo, cada indivíduo também tem sua parte de responsabilidade sobre aquilo que semeia durante o curso da sua vida, o que certamente também se aplica ao pecado e à colheita que advém dele denominada como o “*corpo de pecado*”.

Gálatas 6: 7 **Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.**

8 Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna.

Um indivíduo que se entrega à prática do pecado ou se sujeita a ele se coloca em linha para colher o “*corpo do pecado*” sobre a sua vida, o que também engloba o castigo associado à prática do pecado. Se a sujeição ao pecado ou a semeadura dele não estivesse também relacionada à possibilidade da colheita de punição, o mal poderia ser praticado livremente sem causar nenhuma consequência para aqueles que o praticam, e, assim, para estes, o mal não seria de fato mau.

Se não existisse a punição do pecado, Deus, como o Justo Juiz sobre todo universo, não estaria fazendo caso do mal, e as Escrituras não estariam expressando a verdade sobre as consequências da prática do pecado. Entretanto, conforme mencionado em capítulos anteriores e em mais alguns textos abaixo, Deus não é cúmplice do mal praticado.

Provérbios 11: 19 **Tão certo como a justiça conduz para a vida, assim o que segue o mal, para a sua morte o faz.**

20 Abomináveis para o SENHOR são os perversos de coração, mas os que andam em integridade são o seu prazer.

21 O mau, é evidente, não ficará sem castigo, mas a geração dos justos é livre.

Isaías 10: 3 **Mas que fareis vós outros no dia do castigo, na calamidade que vem de longe? A quem recorrereis para obter socorro e onde deixareis a vossa glória?**

Isaías 29: 6 **Do SENHOR dos Exércitos vem o castigo com trovões, com terremotos, grande estrondo, tufão de vento, tempestade e chamas devoradoras.**

As Escrituras Bíblicas descrevem que no mundo há pessoas que creem e advogam que a associação delas ao mal não causará danos a elas de fato ou que o Deus que pune o mal não está realmente vendo a perversidade que se pratica no mundo, zombando estas pessoas, assim, das implicações do “*corpo do pecado*”, do próprio Deus e de toda a Sua justiça e juízo, conforme segue:

Salmos 10: 3 **Pois o perverso se gloria da cobiça de sua alma, o avarento maldiz o SENHOR e blasfema contra ele.**

- 4 O perverso, na sua soberba, não investiga; que não há Deus são todas as suas cogitações.**
- 5 São prósperos os seus caminhos em todo tempo; muito acima e longe dele estão os teus juízos; quanto aos seus adversários, ele a todos ridiculiza.**
- 6 Pois diz lá no seu íntimo: Jamais serei abalado; de geração em geração, nenhum mal me sobrevirá.**
- 7 A boca, ele a tem cheia de maldição, enganos e opressão; debaixo da língua, insulto e iniquidade.**
- 8 Põe-se de tocaia nas vilas, trucidada os inocentes nos lugares ocultos; seus olhos espreitam o desamparado.**
- 9 Está ele de emboscada, como o leão na sua caverna; está de emboscada para enlaçar o pobre: apanha-o e, na sua rede, o enleia.**
- 10 Abaixa-se, rasteja; em seu poder, lhe caem os necessitados.**
- 11 Diz ele, no seu íntimo: Deus se esqueceu, virou o rosto e não verá isto nunca.**

Além disso, pode ser percebido também nos dias contemporâneos, que muitos dos que falam palavras similares às mencionadas no Salmo acima inclusive expressam as mesmas ideias de maneiras ainda mais perversas ou aprimoradas no mal. Baseando-se em uma alegação da existência de um suposto “tempo ou dispensação da graça”, na qual Deus supostamente não estaria mais vendo o pecado ou sob a qual Deus irá perdoar tudo e todos independentemente de como cada pessoa se portou em sua vida, vários indivíduos não somente se assemelham às características dos ímpios narradas no Salmo 10, mas também se mostram em posição muito assemelhada daqueles que são citados no seguinte texto da carta de Judas:

- Judas 1: 3 Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos.**
- 4 Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.**

Menosprezar o pecado e o castigo que advém dele, contudo, é loucura, pois o corpo que é gerado pela associação ao pecado não pode simplesmente ser desprezado se ele não for eliminado adequadamente e no tempo em que é devido lidar com ele.

- Provérbios 14: 8 A sabedoria do prudente é entender o seu próprio caminho, mas a estultícia dos insensatos é enganadora.**
- 9 Os loucos zombam do pecado, mas entre os retos há boa vontade.**
- ...
- 12 Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte.**

Hebreus 10: 29 De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?

30 Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo.

31 Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.

Ao exporem que o castigo advindo do pecado é uma característica do “*corpo do pecado*” e que de fato pode ser associado a uma pessoa que se mantém sujeita ao pecado, as Escrituras mostram a necessidade de as pessoas observarem este tema mais cuidadosamente e, ainda, que o mero ato de virar as costas para esta característica do pecado pode não implicar na solução contra o castigo ao qual está subordinado aquele que se mantém escravizado ao pecado.

Depois que uma pessoa, por exemplo, já foi aprisionada por uma armadilha, a tentativa de negar que a armadilha existe ou de negar que ela está presa à armadilha não fará a armadilha desaparecer a ponto de a pessoa ficar livre dela. Alguma ação precisa ocorrer para que a libertação também ocorra.

Assim, a exposição sobre o pecado dissociada da compreensão de que a associação ao pecado também está sujeita à colheita de um “*corpo do pecado*” não representa uma explicação amplamente suficiente ou satisfatória, assim como o “*corpo do pecado*” não é verdadeiramente exposto se o castigo que faz parte deste corpo também não for devidamente mencionado ou explanado.

E, por sua vez, dentre os vários aspectos a serem abordados sobre o castigo do pecado, entendemos que um dos principais pontos que o torna em um tema tão necessário e diferenciado está o fato de que o tipo de castigo que o pecado gera no âmbito espiritual é singular e de uma natureza completamente distinta de qualquer outro castigo que possa existir na Terra.

O castigo do pecado, no âmbito espiritual, por exemplo, não pode ser quitado como se quita dívidas terrenas, pois a penalidade do pecado não pode ser resolvida com recursos naturais que há na Terra.

Salmos 49: 7 e 9 Ao irmão, verdadeiramente, ninguém o pode remir, nem pagar por ele a Deus o seu resgate para que continue a viver perpetuamente e não veja a cova.

Apesar de muitos tribunais humanos, formais ou informais, imputarem algumas condenações e penalidades às pessoas que permitem que elas sejam remidas através delas perante as suas sociedades, o débito do castigo do pecado, em uma perspectiva mais ampla, não pode ser quitado com penalidades terrenas ou com recursos humanos ou naturais, pois o salário do pecado ou a colheita do pecado, sob uma ótica mais ampla, é relacionado também com uma morte espiritual e pela possibilidade de implicações também para o tempo após a vida natural de um indivíduo.

As Escrituras jamais se omitiram de expor que a sujeição de uma pessoa ao pecado também está associada à possibilidade do castigo de morte, conforme pode ser visto a seguir:

Romanos 5: 12 Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram.

Romanos 6: 23(a) porque o salário do pecado é a morte ...

Efésios 2: 1(b) ... estando vós mortos nos vossos delitos e pecados ...

Por outro lado, também no quesito do castigo do pecado, as Escrituras não expõem esta característica do “*corpo do pecado*” para que as pessoas somente venham a conhecer o que lhes aguarda ao permanecerem sob a escravidão do pecado.

Apesar de que o conhecimento sobre os principais aspectos sobre o “*corpo do pecado*” e sobre o castigo que está associado a ele possa inicialmente até parecer ser aterrador, se as Escrituras não revelassem diretamente ou abertamente que a sujeição ao pecado também pode ter um castigo muito severo como colheita, as pessoas também poderiam ficar privadas de conhecerem o fato de que necessitam uma libertação deste “*corpo do pecado*” para não sofrerem o dano a ele associado.

Saber que o pecado procura ampliar o seu espaço por meio do “*corpo do pecado*” na tentativa de manter as pessoas escravizadas a ele perenemente pode ser uma informação não muito confortável de ser conhecida, mas também é através da exposição daquilo que o pecado procura alcançar por meio do “*corpo do pecado*” que ele fica amplamente revelado como pecado ou como uma obra vil das trevas que objetiva a destruição daqueles que se a associam a ele.

Romanos 7: 11 Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou.

12 Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom.

13 Acaso o bom se me tornou em morte? De modo nenhum! Pelo contrário, o pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno.

Quando uma pessoa começa a ter uma percepção mais clara sobre o corpo de consequências que o pecado pretende gerar sobre aquele que sujeita ao pecado, ela começa a sair da compreensão somente superficial sobre o pecado e das aparências enganosas pelas quais o pecado tenta se apresentar quando propõe as suas tentações, pois onde o castigo que está associado à sujeição ao pecado não é evidenciado, as pessoas ficam propensas a não levar o pecado em conta. Ou seja, elas ficam propensas a não evitarem o pecado, sujeitando-se cada vez mais a ele.

Onde o castigo do pecado não é evidenciado, a possibilidade de o pecado reinar fica grandemente elevada. Conforme já comentado anteriormente, a ignorância das pessoas sobre o caminho danoso em que elas se encontram não lhes serve de segurança.

Em um primeiro momento, pode parecer muito desafiador para a alma de um indivíduo absorver um entendimento sóbrio sobre a condição sobremaneira maligna que o pecado apresenta através do “*corpo do pecado*” e do castigo associado a ele, mas também é através do convencimento sobre esta ampla maldade que uma pessoa poderá ver o quão incapaz ela é para lidar com a malignidade do pecado e o quanto ela necessita do auxílio do reino celestial para não ficar sob o jugo deste mal tão acentuado.

Portanto, as Escrituras expõem o aspecto do castigo como uma colheita que pode advir sobre uma pessoa que se sujeita ao pecado para que as pessoas possam ter a convicção de quão perverso é o pecado e para que não sejam levanas com ele, mas também para que saibam o quão necessário é para elas buscarem em Deus uma libertação de todos os aspectos que o pecado já possa ter imputado sobre elas ou que ele continua a tentar colocar sobre as suas vidas.

Um dos marcantes benefícios de alcançar ou receber uma compreensão apropriada sobre o castigo do pecado é poder ver o quão pequeno é o ser humano diante do pecado e o quão impotente ele é quando se aparta da ajuda que Deus lhe oferece para ser liberto do peso do “*corpo do pecado*”, pois a percepção do castigo que está atrelado ao pecado, ainda em tempo de salvação, pode cooperar para que as pessoas se despertem para recorrer ao tão grande auxílio que Deus oferece gratuitamente a todos em Cristo Jesus.

2 Coríntios 5: 21 **Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.**
6:1 **E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus**
2 **(porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação).**

Romanos 5: 20 **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,**
21 **a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.**

Por fim, neste capítulo, gostaríamos de abordar ainda alguns aspectos sobre a terceira característica do “*corpo do pecado*” mencionada anteriormente, a saber, o escrito ou o registro de dívida gerado pela prática do pecado ou pela sujeição a ele.

O escrito de dívida atua muito próximo do aspecto do castigo do pecado, mas com a diferença de que ele é um instrumento auxiliar que pode ser usado entre o ato em que uma dívida ou um castigo foi contraído e o ato da execução da dívida ou da aplicação do castigo pré-anunciado.

O escrito de dívida é um tipo de prova a mais que atesta que uma dívida foi contraída ou que uma pessoa está sujeita a receber a aplicação do castigo registrado no certificado da dívida.

E esta questão do escrito da dívida, ou do reconhecimento devido e oficial de um castigo, é particularmente desafiadora de ser abordada, pois embora a ideia do certificado de dívida possa beneficiar ao devedor no sentido de que uma lacuna de tempo possa ser aberta antes que a dívida ou o castigo seja executado, o escrito de dívida também permite que o devedor seja repetidamente ou continuamente lembrado de seus débitos e amedrontado quanto à execução da dívida ou da aplicação do castigo sobre a sua vida.

Embora, em um sentido, o escrito de dívida possa até vir a significar um certo alívio ao devedor por um determinado período, ele, por outro lado, pode também ser um instrumento de contínuo tormento ao devedor por reiteradamente evidenciar a certeza da dívida, do castigo ou da culpa.

O medo da execução da dívida ou da penalidade do pecado foi evidenciado já a partir do primeiro pecado cometido pela humanidade, ou seja, o pecado de Adão. E este medo é um instrumento opressor que pode vir a fragilizar a pessoa sujeita a ele para tentar fazer com que ela venha a incorrer em uma série de outros pecados, como também foi o caso de Adão, que juntamente com Eva, após pecar, começou a tentar se esconder da presença de Deus e usar de vãs argumentações para tentar se justificar.

Além disso, o registro da dívida igualmente pode vir a servir como um instrumento opressor pelo fato de que através dele, também a revelação do pecado praticado, a culpa ou a vergonha de uma pessoa podem vir a ser expostas. Em muitas situações em que as pessoas acabam sujeitas a dívidas ou castigos, elas acabam ficando sujeitas também a um receio muito atuante em seus corações pelo fato de temerem que os seus fracassos ou erros sejam tornados conhecidos a outros, lembrando ainda que o atributo de “acusador” também é uma das características descritas pelas Escrituras sobre o diabo.

Desta forma, apesar do escrito de dívida associado ao pecado sinalizar que o devedor ainda está na fila de espera da execução plena de sua dívida ou castigo, ele já apresenta características terríveis associadas a ele, pois, conforme já comentado acima, o certificado de dívida assevera ou mantém continuamente viva a recordação do fracasso, do erro cometido, da vergonha, da culpa e do castigo que já foi arrolado para ser aplicado.

E, por sua vez, a contínua recordação de um castigo arrolado e que pode vir a ser executado a qualquer tempo, e sem ser necessariamente precedido de um pré-aviso, já é um aspecto terrível do “*corpo do pecado*” em atuação, pois sob as condições de opressão, tormento ou medo, as pessoas ficam ainda mais vulneráveis a se sujeitarem cada vez mais a uma sucessão ou sequência de muitas outras transgressões ou pecados.

Em sua maldade e sagacidade no uso do poder associado ao medo, o pecado usa do escrito de dívida para inclusive sugerir que as pessoas busquem alívio naquilo que somente lhes imputará um comprometimento ainda mais amplo com o próprio pecado. Embora muitos aleguem buscar algo prazeroso ao seguirem os mais variados caminhos de pecados que entorpecem os seus sentidos, a realidade é que muitos o fazem para tentar aliviar a pressão que o medo do escrito de dívida lhes causa, incorrendo, desta forma, cada vez mais na falsa ou enganosa proposição das trevas de que a intensificação da entrega a uma vida de pecado poderia de alguma forma libertá-los do próprio pecado que tanto os oprime.

Através de cada uma das partes que o pecado procura associar ao “*corpo do pecado*”, incluindo o escrito de dívida, ele tenta sufocar as pessoas ao máximo. Através do corpo de morte advindo do afastamento de uma pessoa da comunhão livre com Deus, o

pecado almeja fazer com que as pessoas não tenham mais esperança de libertação e passem a pensar que elas jamais poderão vencer o pecado por já terem se vinculado a uma sentença de condenação, procurando levar as pessoas ao pensamento de que nada lhes resta a não ser renderem-se cada vez a prática de uma série de outros pecados.

Quer pelo engano que procura entorpecer a mente ou endurecer o coração, quer pelo castigo que parcialmente já procura se manifestar sobre a pessoa, ou quer pela lembrança do escrito de dívida que aterroriza e tenta infligir medo nas pessoas, a sujeição prolongada ao jugo do “*corpo do pecado*” pode tornar-se um fardo insuportável, levando aquele que o carrega a intensos desgastes ou a cansaços terrivelmente extenuantes.

O conhecimento do pecado quanto ao endurecimento que o seu engano causa, quanto ao seu castigo e quanto ao escrito de dívida que advém dele, mas sem o conhecimento e uso da solução para contrapor este “*corpo do pecado*”, podem abalar significativamente uma pessoa ou até destruí-la por completo, manifestando que o mal atuante através do pecado é mal até o fim e se mantém mal em cada um dos itens do “*corpo do pecado*”.

Se o “*corpo do pecado*”, com a sua característica de escrito de dívida, não é corretamente identificado e não é devidamente afastado de sobre a vida daquele que o carrega por causa da associação ao pecado, este corpo pode levar uma pessoa a ficar cada vez mais envolta pela escravidão do pecado que, por fim, almeja sucumbir a pessoa na perdição.

Apesar do conceito do escrito de dívida contemplar a ideia de que um indivíduo tem um determinado tempo para se ver frente a frente com a execução do castigo, jamais uma pessoa deveria considerar o escrito de dívida com uma solução definitiva para o castigo do pecado, pois ele não é uma solução para aquele que já tem uma condenação de castigo. Ele somente é uma prorrogação com um prazo indefinido ou com uma data de cobrança da dívida ainda em aberto.

Assim, o fato de as pessoas saberem sobre o escrito de dívida não deveria, jamais, ser visto como uma possibilidade de ainda entregarem-se deliberadamente à sujeição ao pecado, pois elas não sabem quando virá o julgamento, assim como não sabem dimensionar de antemão se estarão hábeis para lidar com as pressões e ameaças de execução da dívida que o diabo ou o pecado procurarão lançar sobre elas.

Tanto o castigo do pecado como o escrito de dívida do pecado precisam ser solucionados apropriadamente para que uma pessoa possa ser verdadeiramente livre. A postergação da aplicação final de um castigo não deveria ser tomada como um livramento definitivo, mas somente como um período de misericórdia para a busca imediata da real solução, pois a postergação de um castigo não é uma solução definitiva que possa conduzir a uma paz verdadeira e permanente.

***Romanos 6: 1 Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?
2 De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?***

As Escrituras nos ensinam que a lei de Moisés foi concedida para tornar o pecado, o castigo advindo dele e o escrito de dívida dos pecadores mais evidentes também para as pessoas saberem que não há solução humana contra o pecado. Entretanto, a partir da

revelação da justiça de Deus em Cristo Jesus, nenhuma pessoa é chamada a permanecer debaixo da lei de Moisés, pois ela, e seus aspectos condenatórios, nada podem fazer para salvar uma pessoa do escrito de dívida e do castigo.

E assim como a lei da condenação não impede uma pessoa de pecar, somente a alerta sobre o risco de pecar e assevera o castigo consequente do pecado, assim também o escrito de dívida propriamente dito não pode livrar uma pessoa do castigo e conceder nova vida àquele que foi condenado à morte.

Sem que uma solução adequada tenha sido localizada e utilizada para sanar o escrito de dívida, o peso deste escrito de dívida torna-se um fardo cada vez mais árduo, pesado e sufocante.

O “*corpo do pecado*”, também em suas ameaças e acusações associadas ao escrito de dívida, é uma extensão sobremaneira má da atuação do pecado, razão pelo qual não é de se admirar a pergunta que Paulo registrou nas Escrituras, a saber, “**quem me livrará do corpo desta morte?**”

Mas graças a Deus que similarmente ao que foi descrito a respeito do conhecimento sobre os dois primeiros pontos do “*corpo do pecado*”, também uma compreensão sóbria sobre o escrito de dívida que o pecado procura imputar sobre as pessoas pode servir de cooperação para elas se atentarem ao fato de que necessitam encontrar a apropriada, duradoura ou definitiva solução para que não mais estejam sujeitas a esta dívida.

Ainda que isto possa parecer estranho, e apesar de que em princípio um escrito de dívida é contrário ao pecador, devedor ou acusado, o conhecimento sóbrio sobre esta característica do “*corpo do pecado*”, antes da execução plena dele, pode servir para uma pessoa ver o quão calamitoso é o seu estado e o quanto ela necessita de uma intervenção suficientemente poderosa que possa remi-la de uma situação tão dramática e tão danosa para a sua vida.

Apesar do escrito de dívida ser um instrumento de acusação, o fato de haver uma acusação formulada antes da execução plena da penalidade também abre um espaço para que a execução não venha a ser realizada se outra maneira de sanar a dívida for apresentada em tempo hábil ou devido.

Por um lado, o escrito de dívida associado ao pecado é um instrumento terrível, pois ele assevera a malignidade do “*corpo do pecado*”, acentuando e mantendo viva a recordação do castigo que foi arrolado para ser aplicado. Por outro lado, porém, o conhecimento do escrito de dívida também é um aspecto que permite que o destinatário do castigo possa tornar-se consciente, ainda em tempo, do quanto necessita de uma alternativa que possa quitar, o quanto antes, a sua dívida com o pecado ou resultante da sua sujeição ao pecado.

Portanto, ou tendo em vista o exposto acima sobre o escrito de dívida que há contra cada ser humano, gostaríamos de destacar aqui mais uma vez que o Espírito Santo, em seu chamado para convencer o mundo sobre o pecado, certamente não se omite em expor aquilo que as pessoas precisam saber sobre os principais pontos que o pecado almeja contra cada uma delas. E mais uma vez, o Espírito do Senhor não realiza o seu chamado para que as pessoas fiquem mais aterrorizadas com o poder do pecado, mas para que abram o coração para a provisão do Senhor que é plenamente suficiente para livrá-las da escravidão ao pecado em todos os aspectos dos quais precisam ser libertas.

Quando o Senhor Jesus Cristo convida as pessoas a virem a Ele para serem libertas de suas sobrecargas, Ele não as chama para que sejam libertas somente de cargas temporárias, mas acima de tudo dos fardos muito pesados atribuídos às pessoas pela associação delas com o pecado e que procuram se estabelecer como um corpo de morte eterno sobre elas. Por isto, o convencimento sobre os itens terríveis do “*corpo do pecado*” não precisa mais amedrontar a nenhuma pessoa se ela recorrer ao Senhor Jesus para ser liberta deles.

Quando o Senhor Jesus Cristo chama as pessoas a virem a Ele para serem libertas de suas sobrecargas, Ele as convida para serem libertas também ou acima de tudo das cargas mais terríveis e que mais amedrontam as pessoas. Entre os vários aspectos profundamente sublimes que a obra de Cristo na cruz do Calvário proporcionou às pessoas no mundo, certamente também está a provisão da justiça celestial para livrar as pessoas do medo de que o escrito de dívida ou do castigo do pecado sejam executadas por completo, conforme mencionado no texto a seguir:

*Hebreus 2: 14 **Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo,***
*15 **e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.***

Em sua misericórdia e amor por cada pessoa, o Senhor Jesus pode livrar a todos do escrito de dívida e do medo que as pessoas têm da execução dele porque o Senhor também providenciou uma provisão completa, definitiva e eterna para anular qualquer validade eterna do escrito de dívida sobre aqueles que Nele creem, conforme os textos a seguir nos anunciam explicitamente:

*Colossenses 2: 13 **E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdando todos os nossos delitos;***
*14 **tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz;***
*15 **e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.***

*Romanos 6: 6 **Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos.***

A libertação que há em Cristo é perfeita e completa para libertar uma pessoa da escravidão aos aspectos mais terríveis do pecado, pois ela também é plenamente suficiente para que toda e qualquer reivindicação espiritual do castigo do pecado e do escrito de dívida contra a vida de uma pessoa seja extinta eternamente.

Se, por um lado, as pessoas podem se ver em grande aflição ou angústia diante do conhecimento sobre o engano, o castigo e a opressão do escrito de dívida que estão associados ao pecado e asseverados pela lei condenatória, e, ainda, pelo fato de passarem a conhecer que a interrupção de cada um dos itens do “*corpo do pecado*” somente encontra o seu fim se todos os pontos que prendem uma pessoa a este corpo forem solucionados, por outro lado, elas não precisam mais se subjugarem a este tipo de aflição ou temor visto que a provisão de libertação delas em relação ao “*corpo do pecado*” já se encontra provida e disponível em Cristo Jesus.

Romanos 7: 24 Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?

25 Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado.

8:1 Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.

2 Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. (RC)

Romanos 10: 4 Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.

Se não fosse a provisão da justiça celestial e a misericórdia de Deus em Cristo Jesus, nenhuma pessoa poderia ser liberta dos enganos do pecado e nenhuma pessoa poderia ser poupada de experimentar o castigo do pecado registrado no escrito de dívida que cada ser humano tem contra si mesmo devido à sujeição ao pecado. E isto, não porque Deus em sua misericórdia não vê o pecado ou deixa de punir o pecado, mas porque em seu amor por cada pessoa, Deus assumiu em Cristo Jesus sobre si a quitação da dívida eterna de cada ser humano.

Lamentações 3: 22 As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim.

Isaías 53: 5 Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.

6 Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

Salmos 86: 13 Pois grande é a tua misericórdia para comigo, e me livraste a alma do mais profundo poder da morte.

*2 Pedro 2: 9 **É porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e reservar, sob castigo, os injustos para o Dia de Juízo.***

Concluindo este ponto, gostaríamos de enfatizar que entendemos que a abordagem mais prolongada do pecado, inclusive no aspecto do “*corpo do pecado*”, realmente é necessária e que a ignorância sobre ele não ajuda uma pessoa a ficar protegida dele. Entretanto, também gostaríamos de enfatizar a relevância de que a abordagem sobre o pecado não seja feita dissociada de uma intensa abordagem sobre o dom da justiça que o Senhor oferece a todas as pessoas para que elas não precisem mais ficar sujeitas à escravidão do pecado e nem às condenações espirituais que advieram da sujeição ao pecado.

Assim, em complemento à parte final do parágrafo anterior, informamos desde já que após vermos ainda mais alguns aspectos do pecado, procuraremos expor mais adiante uma ênfase mais específica, ampla ou direta sobre o dom da justiça de Deus que nos é oferecido pelo Senhor ou no Senhor.

Inclusive aquele indivíduo que já recebeu o dom da justiça de Deus não deveria negligenciar um conhecimento mais amplo sobre o pecado e a provisão da justiça que há no Senhor, pois por negligenciarem um assunto de tão grande importância, muitos cristãos têm voltado a se colocar tão frequentemente sob uma condição de risco na qual ficam mais vulneráveis a não perceber as astutas investidas do pecado contra as suas vidas.

*Mateus 11: 28 **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.***

*29 **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.***

C15. O Pecado Visto Sob a Ótica da Ofensa

As pessoas que observam a vida com um pouco mais de atenção ou curiosidade sabem que muitos fatos que se manifestam visivelmente no dia a dia dos seres humanos são provenientes de uma soma de outras causas e ocorrências que os precederam, e as quais, por sua vez, nem sempre são tão facilmente identificadas.

Entretanto, objetivando auxiliar a mencionada identificação ou para estabelecer uma distinção mais evidente entre alguns tipos de causas que podem vir a atuar como precursoras de um determinado evento, têm sido usadas, nos dias contemporâneos, as nomenclaturas denominadas de “*causas raízes*”, “*causas primárias*” e “*causas secundárias*”.

Em alguns segmentos da sociedade, as causas primárias são consideradas aquelas que estão mais próximas e evidentes de um determinado evento que está sendo analisado. Já as causas secundárias, são aquelas que parecem estar mais distantes do final do evento, mas que têm uma influência muito marcante para a origem ou a ocorrência das causas primárias.

Por exemplo, em um acidente de carro onde uma pessoa ficou gravemente ferida, poderíamos dizer que a causa primária que levou uma pessoa a ficar exposta a ferimentos é o próprio acidente de carro. As causas secundárias, entretanto, seriam aquelas que foram responsáveis para que o acidente de carro ocorresse. Neste exemplo do acidente do carro, as causas secundárias podem ter sido um defeito de uma peça do carro, a desatenção do motorista, o excesso de velocidade, e assim por diante.

Também em face da divisão da análise das causas em primárias e secundárias, e principalmente de uma crescente compreensão mais ampla das causas secundárias, muitos acidentes, enfermidades, tragédias, roubos e diversos tipos de danos têm sido evitados diariamente nos mais diversos lugares do mundo. Quando as causas secundárias são identificadas de uma forma mais ampla e precisa, também frequentemente muitas ações preventivas acabam tendo um crescimento muito significativo em termos de qualidade e eficácia.

Similarmente, no que tange ao tema dos últimos capítulos do presente material e apesar das Escrituras não usarem os termos causas primárias e secundárias de forma específica como são usados nos dias contemporâneos, podemos observar que os escritos Bíblicos também fazem um uso intenso da divisão das causas em diversos níveis nos seus mais variados assuntos e inclusive no assunto relacionado ao tema sobre o pecado.

Ver a prática do pecado na perspectiva de um evento ocasionado por uma sucessão ou ordem de várias causas pode contribuir muito na elucidação das causas mais ocultas da atuação do pecado ou das causas que não podem ser vistas somente por meio das ações primárias e mais evidentes. A ênfase limitada ou até exagerada somente no ato externo que é cometido na prática de um pecado pode, facilmente, levar a uma perspectiva muito míope sobre o pecado, fazendo com que os atos iniciais daquilo que levaram uma pessoa a pecar não fiquem evidenciados, o que, por sua vez, também pode enfraquecer as medidas preventivas contra o pecado.

Ver a prática do pecado na perspectiva de um evento com várias etapas, ou ir além do conhecimento das causas primárias das suas atuações, pode servir para rastrear mais amplamente aquilo que origina um pecado e pode auxiliar a avançar na identificação ou conhecimento dos itens mais

profundos e escondidos nos quais o pecado se baseia para iniciar as suas proposições e ações.

E entre os aspectos secundários, iniciais ou não tão explícitos nos quais o pecado procura se pautar para tentar envolver as pessoas, podem ser encontrados exatamente aqueles pontos vistos nos capítulos anteriores do presente material, tais como:

- ⇒ 1) O pecado central que está presente nos demais pecados;
- ⇒ 2) O objetivo do pecado por trás das suas proposições ou por trás da tentação;
- ⇒ 3) O corpo do pecado pelo qual o pecado tenta imputar escravidão contínua sobre aqueles que se tornam sujeitos ao pecado.

Entre outros, cada um dos aspectos mencionados acima mostra que a atuação do pecado pela via de causas secundárias ou várias etapas pode superar em muito inclusive a sua ação através de causas primárias.

Neste novo capítulo, contudo, gostaríamos de destacar que nas Escrituras ainda é encontrada a indicação de outro aspecto correlacionado às causas secundárias ou raízes pelas quais o pecado procura atuar e que de forma alguma deveria ser visto somente de relance ou sem que um aprofundamento maior sobre ele venha a ser feito. Este aspecto, por sua vez, está relacionado ao termo “**ofensa**”, o qual, por exemplo, é mencionado várias vezes no capítulo 5 do livro de Romanos, conforme segue:

*Romanos 5: 15(b) ... **pela ofensa de um só, morreram muitos, ...***

*Romanos 5: 17 (b) ... **pela ofensa de um só, a morte reinou por esse ...***

*Romanos 5: 18 (b) ... **por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação ...***

*Romanos 5:20 **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,**
21 a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.*

Apesar de já termos abordado até aqui vários aspectos mais profundos ou secundários sobre os meios e etapas pelos quais o pecado procura estender a sua atuação, e apesar de que sob uma primeira, breve ou suscinta análise alguém pode até vir a considerar o termo “*ofensa*” somente como mais um sinônimo para o pecado ou para a transgressão, entendemos que a abordagem do pecado também sob a ótica da “*ofensa*” pode vir a representar uma contribuição muitíssimo significativa. Ele pode vir a servir tanto para a compreensão mais precisa das tentativas de atuação do pecado como para o entendimento mais acurado da atuação da justiça do Senhor para oferecer às pessoas uma condição na qual não precisam mais ficar sujeitas ao pecado.

Algumas pessoas talvez considerem o termo “*ofensa*” somente como um sinônimo de pecado pelo fato deste, no idioma original do livro de Romanos, expressar a ideia da *queda de uma pessoa em relação a um caminho correto que ela estava trilhando* ou de *um deslize ou desvio que faz uma pessoa desviar do curso da verdade ou da justiça que estava seguindo*, considerações que de fato apresentam várias características do pecado ou similares àquilo que acontece quando uma pessoa incorre na sujeição ao pecado.

Além disso, a consideração mencionada no parágrafo anterior talvez também seja uma das principais razões pelo qual a abordagem do referido ponto seja tão escassa ou tímida nas literaturas ou ensinamentos em geral sobre os meios e etapas pelos quais o pecado tenta atuar entre os seres humanos.

Entretanto, ao olhar com mais atenção para a palavra “*ofensa*”, pode ser observado que o uso dela nas Escrituras:

- ⇒ 1) Não se limita à condição de um mero sinônimo do pecado;
- ⇒ 2) Representa um complemento ao conceito do pecado;
- ⇒ 3) Descortina mais precisamente algumas das principais causas secundárias ou das etapas das tentativas de atuação do pecado.

Em seu uso mais amplo ou ao expressar alguns detalhes sobre as ações iniciais pelas quais o pecado procura se manifestar, o termo “*ofensa*” também pode ser visto como uma palavra através da qual as Escrituras objetivam tornar mais conhecidas algumas características peculiares ou bem específicas da atuação do pecado que talvez passassem despercebidas se a associação entre o pecado e a “*ofensa*” não estivessem tão diretamente mencionadas nos escritos da Bíblia.

A compreensão da vinculação que há entre o pecado e a “*ofensa*” revela alguns dos aspectos mais intrigantes, vis ou obscuros sobre as tentativas de atuação do pecado, pois ela revela algumas ações iniciais muito sutis pelas quais o pecado procura se introduzir na vida de um indivíduo ou pelas quais tenta plantar sementes para que uma pessoa esteja propensa a ceder cada vez mais lugar a ele.

Em seu uso mais amplo, pode ser notado que o termo “*ofensa*” descortina alguns aspectos secundários das tentativas de atuação do pecado cujo conhecimento pode ser crucial e possibilitar que um detalhamento ainda mais preciso sobre o pecado seja exposto à luz, pois uma vez que a palavra “*ofensa*” tem como uma das suas principais definições “*a queda ou o desvio em relação à verdade ou à justiça*”, também as palavras “*escândalo*” e “*tropeço*” mencionadas nas Escrituras passam a ter a sua condição especialmente destacada.

Observar o pecado sob a ótica da “*ofensa*” pode representar uma contribuição muito significativa para a compreensão de que a palavra “*ofensa*” enfatiza o pecado sob o ângulo de que aquele que se associou a ele pode ter tropeçado em uma proposição ou tentação que estava diante dele, enquanto o termo “*transgressão*” ou a própria palavra “*pecado*”, em geral, tendem a serem vistos mais sob a conotação de que aquele que pecou tomou alguma iniciativa mais direta no sentido de fazer uma ação imprópria ou indevida em relação à verdade ou à justiça.

Assim, primeiramente, observar o pecado sob a ótica da “ofensa” possibilita ver mais notoriamente que a prática de um pecado ou a sujeição a ele também pode ocorrer pela falta de atenção de uma pessoa em relação àquilo que é proposto a ela ou colocado diante dela.

Embora as Escrituras nos mostrem que o diabo se apresentou diante do Senhor Jesus Cristo para tentá-lo diretamente, também podemos ver nas Escrituras que aqueles que se opunham ao Senhor estavam constantemente de espreita na expectativa de que pudessem ver o Senhor tropeçar em algo indevido ou nas armadilhas que sorrateiramente procuravam colocar diante do Senhor.

Em sua característica de procurar atuar de forma obscura, os poderes do mal fazem uso das tentativas de levar as pessoas desatentas a tropeçarem como uma de suas principais estratégias. Razão pela qual, as Escrituras tantas vezes chamam as pessoas a se manterem em condição sóbria e de vigilância, conforme exemplificado brevemente abaixo visto que este aspecto também já foi mencionado nos capítulos sobre a tentação do pecado:

*Marcos 14: 38 **Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.***

*1 Pedro 5: 8 **Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar;***

*9 **ao qual resisti firmes na fé, sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo. (RC)***

Como um segundo ponto, algo que também torna o tema da “ofensa” muito desafiador de ser compreendido está no fato de que as proposições para as pessoas incorrerem na “ofensa”, queda, escândalo ou tropeço não somente procuram propor uma atração pelo mal, mas também procuram atuar para que as pessoas desacreditem aquilo que é bom ou para que elas abracem posições de desavenças com aquilo que é verdadeiro e justo, conforme exemplificado também nos textos a seguir:

*Romanos 9: 33 **Como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido.***

*1 Pedro 2: 8 **e: Pedra de tropeço e rocha de ofensa. São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos.***

*Mateus 11: 6 **E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço.***

ou

E bem-aventurado é aquele que se não escandalizar em mim. (RA)

Observar o pecado sob a ótica da “ofensa” atrai a atenção também para o fato de que uma pessoa pode ter vindo a ceder à prática da transgressão mais externa ou primária não por causa da atração direta pelo delito ou pelo mal, mas pelo fato de primeiramente ter aceito ou agasalhado conceitos contrários àquilo que é apropriado, verdadeiro ou justo diante do Senhor Eterno.

Saber que o pecado também contempla as características de uma “ofensa”, tropeço ou queda sinaliza para a necessidade de atenção de um indivíduo não somente para não ser atraído pela tentação de uma ação contrária à vontade de Deus, mas também para que o coração não venha a ser corrompido pelas proposições que procuram distorcer o entendimento sobre os mais diversos aspectos daquilo que é de fato correto, verdadeiro e justo aos olhos do Senhor.

Desta forma, quando o Senhor Jesus Cristo anuncia que bem-aventurado é aquele que não acha motivo de tropeço Nele ou não se escandaliza Nele, o Senhor certamente não está dizendo que Nele há algum motivo para as pessoas se ofenderem, mas está alertando para o fato de que as pessoas podem vir a ser envolvidas em “ofensas” infundadas contra o Senhor se elas não se mantiverem vigilantes em relação à esta possibilidade.

Ao dar destaque ao fato de que uma pessoa pode vir a achar motivo de “ofensa”, tropeço ou escândalo Nele, apesar de que Nele nunca houve, não há e nunca haverá pecado ou qualquer injustiça, o Senhor Jesus Cristo ressalta o quanto a associação do pecado à mentira ou ao engano é uma das principais e inseparáveis características do pecado.

Em outras palavras, assim como não havia nenhum motivo para Adão acolher uma “ofensa” contra o seu Criador, mas ele o fez ao acatar a semente da dúvida sobre a retidão de Deus e das suas instruções, assim o Senhor Jesus Cristo alerta às pessoas a estarem atentas para não acolherem qualquer tipo de proposições que almejam corromper a confiança delas em Deus ou aquilo que é apropriado pensarem sobre o Senhor.

Quando o próprio Senhor Jesus Cristo alerta as pessoas para não se escandalizarem Nele, Ele o faz para alertar as pessoas sobre o perigo que acompanha o acolhimento das “ofensas” e para que as pessoas saibam que a “ofensa” contra Ele ou contra Deus é muitíssimo perigosa. E como tal, a “ofensa” pode ser a causa de tropeço com largo potencial de danos para aqueles que se ofendem com o Senhor.

Lucas 20: 17 Mas Jesus, fitando-os, disse: Que quer dizer, pois, o que está escrito: A pedra que os construtores rejeitaram, esta veio a ser a principal pedra, angular?

18 Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.

Lucas 17: 1 Disse Jesus a seus discípulos: É inevitável que venham escândalos (ou ofensas), mas aí do homem pelo qual eles vêm!

E não bastando o que foi exposto acima, o Senhor Jesus Cristo ainda ensina que os aspectos relacionados às “*ofensas*” ou escândalos representam um dos pontos mais determinantes para a produção de tantas tristezas e males no presente mundo.

Mateus 18: 7 Ai do mundo, por causa dos escândalos (ofensas); porque é inevitável que venham escândalos (ofensas), mas ai do homem pelo qual vem o escândalo (ofensa)!

Também sob a ótica da “*ofensa*”, o pecado se mostra extremamente vil desde o início de suas proposições, em seus propósitos e nas consequências que almeja causar àqueles que se sujeitam a ele.

Apesar da narrativa de Gênesis 3 também mostrar os vários passos que levaram o ser humano à prática do seu primeiro pecado, o pecado exposto de maneira associada ao termo “*ofensa*”, como, por exemplo, no livro de Romanos, ressalta ainda mais objetivamente os aspectos mais sutis que ocorreram no coração humano para que em seguida ele viesse a praticar os atos mais exteriormente visíveis do pecado.

O pecado exposto de maneira associada ao termo “*ofensa*” permite observar ainda mais explicitamente o quanto o pecado invariavelmente tenta se interpor com enganos no relacionamento das pessoas com Deus, e isto, com vistas a enfraquecer a confiança delas no Senhor ou para endurecer o seu coração contra o Criador de suas vidas.

Por fim, como um terceiro ponto, gostaríamos de destacar ainda que em suas tentativas de atuar em etapas ou a partir de causas secundárias, iniciais ou que precedem a outras, o pecado procura criar uma sucessão de “*ofensas*” onde as primeiras “*ofensas*” deixam de ser somente uma “*ofensa*” e passam a ser meios ou motivos propulsores para novas “*ofensas*” ou pecados.

Conforme foi comentado no capítulo sobre o corpo do pecado, o pecado não somente quer levar uma pessoa a cometer uma transgressão, mas almeja escravizá-la por meio daquilo que pode advir sobre a pessoa que se sujeitou ao pecado a fim de que o corpo do pecado se torne um meio de multiplicação de outros pecados, o que igualmente se aplica à “*ofensa*”.

E ainda, **entre os principais aspectos pelos quais o pecado procura tornar uma “*ofensa*” em um instrumento para a sucessão de outras “*ofensas*”, encontra-se o fato de que a “*ofensa*” também pode ser correlacionada aos termos “*ofender*”, “*contender*” ou similares.**

Em outras palavras, quando, por exemplo, passamos a ver a “*ofensa*” também relacionada a uma ação que pode ofender um indivíduo ou a uma proposição que alguém acolhe em seu coração, ela passa a denotar o expressivo perigo que reside por trás de um indivíduo vir a ficar ou se sentir ofendido e, por isto, agir em novas “*ofensas*” a partir de outras “*ofensas*” anteriormente acolhidas. Uma pessoa ofendida ou que se inclina a agir a partir de “*ofensas*” acolhidas, e não partir da instrução sóbria que o Senhor lhe concede, coloca-se em posição de grande risco de ver o seu coração atuando como uma fonte de outras “*ofensas*”.

Levando ainda em consideração a correlação da “*ofensa*” com a posição de estar ofendido, entendemos que também este ponto colabora significativamente para a compreensão da exortação que o Senhor Jesus Cristo faz para as pessoas não se

escandalizarem Nele, pois uma das principais razões pelas quais muitas pessoas se escandalizam com Deus ocorre quando elas ficam ofendidas em relação à maneira pela qual o Senhor se apresenta a elas, como Ele atua entre elas ou como o Senhor determina o tempo da sua ação entre os seres humanos.

Além disso, o ato de acolhimento de uma “ofensa” com as características acima expostas apresenta outro aspecto extremamente perigoso, pois a “ofensa” recebida sob a condição de ficar ofendido ainda pode vir a manifestar uma característica pela qual uma pessoa se coloca em uma redoma fortificada com alto grau de resistência contra qualquer auxílio que possa ser oferecido a ela, conforme exemplificado a seguir:

Provérbios 18: 19 **O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza; suas contendas são ferrolhos de um castelo.**

Portanto, compreender a atuação do pecado sob o ponto de vista da “ofensa” e, por sua vez, a “ofensa” correlacionada aos termos como “ofender”, “contender” e outros, nos arremete a ver ou identificar de forma mais transparente uma das principais características das raízes mais profundas pelas quais o pecado procura envolver as pessoas para as próximas etapas de sua atuação.

Quando o processo pelo qual o pecado procura atuar é observado sobre a ótica de múltiplas características da “ofensa”, conforme as Escrituras nos instruem a olhar para ele, pode ser observado ainda mais amplamente que a sutileza e a perversidade da tentação do pecado de fato vão muito além de uma mera proposição direta do cometimento de uma transgressão exterior, razão pela qual este tema também necessita ser averiguado mais detalhadamente como parte da obra do Espírito Santo de convencimento do mundo sobre o pecado, a justiça e o juízo.

Efésios 4: 30 ***E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção.***

31 ***Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia.***

C16. Considerações Adicionais sobre a Variedade de Características ou Etapas da Atuação da Ofensa

Vários aspectos a respeito das tentativas de atuação do pecado sob a ótica da ofensa foram expostos no capítulo anterior, mas devido à relevância deste tema e visando abranger um panorama ainda mais objetivo sobre estas tentativas, gostaríamos de insistir a seguir um pouco mais neste assunto.

E entre os vários aspectos que podem vir a ser abordados mais especificamente, entendemos que um dos principais pontos que torna a compreensão da ofensa particularmente desafiadora é que ela procura atuar em múltiplas etapas e de uma maneira peculiar em cada uma destas etapas.

Em suas várias tentativas ou etapas de atuação, a ofensa pode vir a englobar características que são similares às considerações que foram feitas em capítulos anteriores sobre a tentação do pecado, mas também pode abranger características que se equiparam ao corpo do pecado que procura prolongar a atuação do pecado muito além da prática de um pecado específico.

Levando em conta, então, por primeiro, o aspecto de que a ofensa pode ser equivalente à uma tentação, é possível observar nas Escrituras que as proposições de ofensas podem vir a ser apresentadas às pessoas antes destas as acolherem, praticarem ou virem a tropeçar nelas.

Em sua condição equivalente a uma tentação, uma ofensa pode ser exposta a um indivíduo sem que necessariamente este incorra naquilo que a ofensa procura realizar em sua vida ou através de sua vida, mostrando assim que uma ofensa, em relação a um indivíduo específico, já pode ser atuante inclusive se uma pessoa não se associar a ela ou antes de uma pessoa vir a se associar a ela.

Pelo fato de uma pessoa ter a opção de rejeitar uma proposição de incorrer em uma ofensa, fica notório que o processo de uma ofensa já pode ter o início de sua atuação através de outros meios antes mesmo de ser proposta a um indivíduo, pois a proposição de uma ofensa somente ocorre através de agentes que a apresentam.

Se considerarmos que uma das principais características da ofensa está associada à queda ou tropeço de uma pessoa, entendemos que parte de sua atuação também está relacionada às atividades dos agentes que procuram colocar previamente as proposições ou os obstáculos para que outros tropecem neles.

Assim, no primeiro sentido acima mencionado, a ofensa também é caracterizada por uma proposição que pode vir a envolver a etapa onde um agente procura fazer uso de uma ofensa com o objetivo de dar continuidade a esta ou outras ofensas em outros indivíduos, inclusive sem que aquele que é almejado pela tentação tenha tido em seu coração qualquer participação anterior na ofensa alheia ou na ofensa do agente que propõe a associação de outros à sua ofensa.

E tendo ainda por base o ponto anterior sobre as características das tentativas ou etapas da atuação da ofensa ou do pecado, gostaríamos de acrescentar, como um segundo ponto, a observação de que uma ofensa é também algo que pode ser recebido no coração advindo de sugestões ou questionamentos vis propostos por outros antes mesmo que o cometimento do pecado em sua forma mais externa seja sugerido diretamente.

Olhar a tentativa de atuação do pecado sob este segundo ponto, também pode contribuir para a compreensão de que as proposições da aceitação de uma ofensa não necessariamente procuram levar as pessoas diretamente à prática do ato mais externo da tentação, mas que elas diversas vezes também procuram atuar em etapas gradativas de envolvimento das pessoas até estas realizarem os atos mais externos.

Em seu estágio inicial, as proposições de aceitação de uma ofensa muitas vezes visam contaminar um coração desatento ou não vigilante inclusive através de aspectos que inicialmente podem parecer não estar relacionados à proposição da prática de um pecado, mas que um pouco mais adiante se revelam como ações prévias que visam fazer com que uma pessoa baixe a guarda ou seja fragilizada em seu entendimento ou sobriedade para não resistir à proposição dos atos mais externos da prática do pecado.

Em seus primeiros passos, muitas proposições de ofensas não têm como seu objetivo primário a proposição da parte mais exterior do pecado, mas introduzir questionamentos ou conceitos corrompidos para que, a partir da aceitação ou assimilação deles, um indivíduo venha a praticar a ofensa em sua ação mais exterior, chegando algumas vezes, inclusive, ao ponto de nem precisar sugerir explicitamente que a parte mais externa do pecado seja cometida.

Se, por exemplo, comparássemos as investidas do pecado contra uma pessoa a um exército que pretende atacar uma cidade fortificada, a ofensa, em uma das suas características, seria como um agente do exército que tentaria se infiltrar sorrateiramente na cidade para abrir as portas da fortificação por dentro dela a fim de que o seu exército pudesse entrar com mais facilidade na cidade protegida.

A proposição preliminar que almeja que uma ofensa seja recebida no coração é a tentativa de levar um indivíduo a se associar a um pecado mais velado para que a sua percepção da necessidade da resistência às proposições dos pecados mais externos venha a ficar mais enfraquecida ou obscurecida. A proposição de uma ofensa, em várias situações, pode vir a ter a característica de uma tentativa de instaurar uma causa secundária velada ou que procura manter-se oculta para que em seguida uma pessoa esteja mais predisposta a outros pecados ou aos pecados mais notórios externamente.

Se o pecado de Adão, narrado nos primeiros capítulos de Gênesis, for visto como um evento permeado pela ofensa atuante em várias etapas, pode ser observado que a ofensa já estava em operação antes que a prática final do cometimento do primeiro pecado da humanidade fosse exteriormente manifestada. Olhar para o pecado de Adão somente pela ótica de comer do fruto não autorizado pelo Senhor reduz, sobremaneira, a perspectiva de todo o cenário de fatos descritos nas próprias Escrituras sobre a ocorrência do primeiro encontro de Adão e Eva com a proposição de pecado.

Antes que o primeiro pecado da humanidade fosse externado, uma proposição conceitual mentirosa de uma ofensa foi apresentada para que ela fosse acolhida no coração daqueles a quem a tentação almejava envolver. Antes que a ação da parte exterior ou visível do pecado ocorresse, uma das etapas da tentação atuou para que uma ofensa contra Deus fosse absorvida por aqueles que não tinham nenhuma razão para se ofenderem contra Deus e nem para darem continuidade à ofensa apresentada.

Em vez de fazer uma proposição direta de um caminho alternativo ou oposto ao caminho de vida instruído por Deus a Adão e Eva, a serpente usou da falsidade da boca ou da perversidade de lábios para expor uma ofensa contra o Senhor que já anteriormente havia sido elaborada.

Objetivando fazer com que Adão e Eva fossem mais propensos a aceitarem a proposta de um caminho supostamente favorável a eles, o diabo mirou primeiramente a tentativa de produzir o descontentamento deles com o caminho e a condição de vida em que se encontravam. Em vez de apresentar uma proposição direta para que Adão e Eva comessem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, e assim se rebelassem diretamente contra Deus, o diabo procurou introduzir uma proposição para fragilizar o coração deles em relação à confiança em Deus para que também ficasse fragilizado o desejo de guardarem ou seguirem fielmente a instrução do Senhor.

Em vez de propor uma ação direta de uma transgressão exterior, o diabo procurou usar a sutileza da proposição de um ponto de dúvida sobre Deus, sobre a instrução de Deus e sobre a intenção de Deus ao dar a Sua instrução. Ou seja, a serpente propôs algo no qual Adão e Eva primeiramente *se ofendessem* ou *se escandalizassem* com o Senhor para que, em seguida, viessem a desprezar a instrução Daquela em relação a quem passariam a ter o entendimento contaminado ou corrompido.

O ciclo da ofensa de Adão e Eva contra Deus não teve a sua primeira etapa na ação de comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, mas na proposição do diabo em semear dúvida em seus corações, a qual, por sua vez, também foi acolhida por parte de Adão e Eva. O pecado de Adão, visto como um evento com várias etapas, não veio a se manifestar somente por causa de um ato único realizado na ação final que ele praticou, mas também já estava em operação naquilo que foi assimilado no início do contato com o mal e antes mesmo da prática externa do pecado. O pecado de Adão, que causou um dano imensurável a ele e à sua descendência, iniciou, primeiramente, quando foi acolhida a ofensa ou a mentira da serpente contra Deus e contra a palavra que o Senhor havia declarado.

Depois que Adão e Eva não resistiram ao engano proposto nos passos iniciais da proposição da ofensa, os demais passos também ganharam força crescente para virem a ser manifestados. Considerando o pecado de Adão como um evento com várias etapas, o ato externo do pecado foi a manifestação ou um exemplo dos graves aspectos que as etapas prévias de uma ofensa acolhida no coração podem causar na vida daquele que a recebe.

E se continuarmos com a atenção no aspecto das etapas iniciais do processo das proposições das ofensas, entendemos que o presente ponto ainda pode ser visto por outro ângulo.

Desta forma, como o terceiro ponto a ser abordado neste capítulo, gostaríamos de ressaltar que as proposições de ofensas, em sua sagacidade, muitas vezes procuram primariamente estabelecer uma ofensa primária ou principal na vida das pessoas que para muitos pode nem parecer ser uma ofensa.

Se por um lado podemos ver nas Escrituras que Adão e Eva pecaram porque cederam espaço em demasia ou inapropriado à ofensa proposta pelo diabo ou pela boca da serpente, por outro lado, também podemos ver que a ofensa avançou para novas etapas porque ao darem ouvidos à proposição da ofensa, Adão e Eva, ao mesmo tempo, também abandonaram ou deixaram de considerar a instrução de Deus e a prática da comunhão que diariamente tinham com o Senhor.

Olhando sob a ótica deste terceiro ponto, pode ser percebido, portanto, que uma parte central do problema de Adão e Eva residiu basicamente em eles não procurarem o Senhor ou não esperarem pelo Senhor para que Ele, através da comunhão, lhes

esclarecesse o engano que havia nas etapas iniciais da ofensa apresentada pela serpente.

Conforme também já vimos nos capítulos anteriores, na proposição da semente de uma ofensa no coração de uma pessoa, os poderes das trevas, acima de tudo, visam produzir um rompimento na firme confiança dela em Deus, pois uma parte central que permeia a prática dos pecados pelos seres humanos é a atitude de um indivíduo não confiar em Deus, não buscar à comunhão com o Senhor ou não confiar na instrução contínua e viva do Senhor.

A falta da confiança em Deus ou da comunhão com o Senhor repetidamente se apresenta como um dos principais fatores secundários, raízes ou principais devido aos quais muitas pessoas acabam fazendo concessões inapropriadas às proposições de ofensas com as quais acabam se deparando em suas vidas.

Enquanto a tentação do pecado algumas vezes tende a ser vista mais predominantemente sob ótica da tentativa da indução de uma pessoa a avançar para fazer algo que não deveria ser feito, olhar a tentação através das etapas de proposições de ofensas permite que seja visto que a perversidade do pecado não está somente no que ele sugere para ser feito, mas também está naquilo que ele, sutilmente, almeja que uma pessoa abandone antes da prática do ato mais externo do pecado.

Diversos dicionários explicam que a ofensa, ou um motivo de escândalo, entre outros aspectos, é também um desacordo, uma separação, uma afronta, uma transgressão de um acordo estabelecido ou ainda um ato de infidelidade de uma parte com a outra parte.

Assim, o pecado de Adão, antes ou além de ser um ato de avanço para o mal, foi um pecado de rompimento de uma aliança de fidelidade para com Deus.

*Oséias 6: 7 Mas **eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim.***

Nas Escrituras, há vários textos nos quais a ênfase da atuação contra o pecado não é descrita somente pela adoção de uma postura de resistência às práticas sugeridas pela tentação do pecado, mas também é fortemente ou principalmente acentuada quanto ao chamado do Senhor para que as pessoas não se afastem da comunhão com Ele e da instrução que o Senhor oferece mediante a sua graça a todos.

A guarda da comunhão viva com o Senhor e com as instruções que ele concede ao coração é fundamental em todos os momentos da vida daqueles que anelam por caminhar no caminho da vida eterna e para que não seja dado espaço para um possível desvio deste caminho, conforme exemplificado brevemente nos textos abaixo:

*1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.***

*Provérbios 4: 20 **Filho meu, atenta para as minhas palavras; aos meus ensinamentos inclina os ouvidos.***

- 21 Não os deixes apartar-se dos teus olhos; guarda-os no mais íntimo do teu coração.**
- 22 Porque são vida para quem os acha e saúde, para o seu corpo.**
- 23 Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida.**
- 24 Desvia de ti a falsidade da boca e afasta de ti a perversidade dos lábios.**
- 25 Os teus olhos olhem direito, e as tuas pálpebras, diretamente diante de ti.**
- 26 Pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos sejam retos.**

Provérbios 1: 5 **Ouçã o sábio e cresça em prudência; e o instruído adquira habilidade**

6 para entender provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios.

7 O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino.

Na abordagem sobre as tentativas de atuação do pecado, algumas pessoas podem tender a fazer com que a ênfase do ensino recaia de forma mais enfática ou quase que exclusiva no ato mais evidente e externo da prática do pecado, mas isto não é suficiente e produtivo para evidenciar o que foi efetivamente abandonado para que um pecado fosse praticado.

Portanto, se a sutileza da tentação do pecado já é extremamente perversa ao tentar ocultar o corpo de pecado que um indivíduo pode vir a colher pela associação a uma ofensa, muito mais perversa é a sutileza da tentação em procurar ocultar aquilo que uma pessoa pode vir a perder com a sujeição ao pecado ou à ofensa.

Ao optarem pelo acolhimento da ofensa a eles proposta pela serpente, Adão e Eva não somente optaram por aceitar a proposição da ofensa, mas também optaram em deixar de caminhar na contínua comunhão com o Senhor, na instrução viva e diária de Deus, e na confiança na verdade e na justiça celestial. Pelo acolhimento da ofensa, Adão e Eva se inclinaram ao afastamento da vida e à colheita da morte por salário da sujeição ao pecado.

Apesar de os danos do pecado poderem vir a ser terríveis quanto ao quesito de castigo e do escrito de dívida, ou seja, quanto ao quesito do corpo do pecado, o maior dano ao qual, por exemplo, Adão ficou sujeito depois da prática do pecado não foi somente o que o pecado imputou sobre ele, mas foi aquilo que Adão perdeu por ter recebido a imputação de ser um praticante de um pecado que era, ao mesmo tempo, a expressão de uma ofensa.

Pela associação à ofensa ou pela prática do pecado, Adão ficou sujeito à penalidade do seu pecado. Entretanto, pior do que ficar sob a pena de um ato pecaminoso é se dissociar, por causa de uma ofensa, da comunhão com a única fonte que pode remir uma pessoa do castigo do pecado.

Em seu conceito geral, o pecado não somente procura atuar para que as pessoas venham a ficar sujeitas a uma dívida impagável pelos seres humanos, mas ele procura manter as pessoas associadas às ofensas principalmente para que a comunhão delas com Aquele que é o Único que tem a provisão para a quitação da dívida do castigo e poder para perdoar o pecador esteja fragilizada.

Ainda em outras palavras, um dano central que a sujeição ao pecado visa causar na vida de cada ser humano é a separação ou a cegueira que esta sujeição pode causar em relação ao conhecimento da glória de Deus ou ao conhecimento de quem Deus é e o que Deus provê tanto para a vida no tempo presente como para a vida eterna, conforme ensinado no texto a seguir:

Romanos 3: 23 Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.

Conforme já foi visto em capítulos anteriores, e falando de forma resumida, a consequência final associada à sujeição ao pecado de fato desemboca na morte, pois a morte é a colheita daquele que semeia a prática do pecado e que não alcança uma provisão que possa interromper esta colheita. Entretanto, o salário do pecado é a morte não somente porque há uma sentença de uma aplicação de uma penalidade de morte ao pecador, mas porque a escolha pela sujeição ao pecado também pode resultar em deixar a fonte de vida e as instruções da novidade de vida que há no Senhor.

A morte como salário do pecado é causada não somente pela sujeição ao mal propriamente dito, mas porque a escolha pela sujeição às trevas também se caracteriza pela escolha de um caminho de afastamento Daquele que é o Único que pode conceder o perdão eterno ao pecador, a novidade de vida eterna e a luz para um indivíduo andar no caminho desta novidade de vida celestial.

1 João 5: 10 Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho.

11 E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.

12 Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.

13 Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus.

João 8: 12 Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré em trevas, mas terá a luz da vida. (RA)

João 3: 19 E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. (RC)

De todas as consequências da associação ao pecado, a mais grave sempre foi e continua sendo a interferência que o pecado, como uma ofensa, procura causar no relacionamento de um indivíduo com Deus. É sempre este o ponto central que a proposta da prática do pecado visa atingir no final das contas.

*Isaías 59: 1 **Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir.**
2 **Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça.***

A condição letal do pecado procura atuar inicialmente na interrupção do fluxo da comunhão de um indivíduo com a vida celestial para depois se manifestar no quesito de escravidão e castigo que ele tenta colocar sobre as pessoas. O dano maior ou principal que o pecado procura causar já no início da sua proposição é o afastamento das pessoas de um relacionamento apropriado com o Senhor, porque é somente no Senhor que um indivíduo pode encontrar um apropriado discernimento inclusive para discernir as enganosas proposições de ofensas.

Conhecer as características das tentativas de atuação do pecado sob a ótica da ofensa também é um dos pontos que torna evidente de forma muito explícita a necessidade que cada ser humano tem de permanecer em comunhão viva, contínua e próxima com o seu Único e Verdadeiro Criador.

*Hebreus 3: 7 **Assim, pois, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz,**
8 **não endureçais o vosso coração como foi na provocação, no dia da tentação no deserto.***

...

*12 **Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo;**
13 **pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.**
14 **Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos.***

Qual é, então, e qual sempre foi o desafio central do ser humano?

O maior desafio do ser humano sempre foi e continua sendo o de permanecer na comunhão com o Senhor, com o seu Único e Verdadeiro Criador. E, por isto, corromper este relacionamento também é o maior alvo do pecado em suas atuações por meio das proposições de ofensas.

O coração de uma pessoa é o campo central de batalha no qual o pecado procura espaço para atuar. E, por sua vez, a ofensa é uma das bandeiras preferidas que o pecado tenta fincar neste campo de batalha, pois se uma pessoa tiver o seu coração em Deus ela também tem acesso à fonte da vida eterna, mas se uma pessoa acolher algo indevido no coração que a separe da fonte desta vida, o resultado, se nada contrário for feito, é uma sucessiva colheita de novos erros e caminhos tortuosos.

E novamente aqui, gostaríamos de fazer uso dos aspectos abordados nos parágrafos acima para dar destaque a um quarto ponto ou etapa das tentativas de atuação da ofensa, o qual nos mostra que após a etapa de tentar afastar as pessoas da comunhão com o Senhor, a ofensa também procura atuar para que aqueles que se distanciaram do Senhor passem a agir em função da posição contrária que adotaram no coração em relação à comunhão com Deus.

A sujeição de um indivíduo à ofensa pode resultar também na sujeição do pecador a uma posição de inimizade para com Deus ou a uma condição dele vir a se portar como um inimigo do Senhor, pois a opção por aquilo que Deus não faz e nunca fará parte também é uma opção contrária a Deus e, por isto, caracterizada como uma ofensa contra o próprio Deus e o Seu reino, conforme exemplificado abaixo:

Tiago 4: 4 Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constituiu-se inimigo de Deus.

***1 João 2: 15 Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele;
16 porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo.***

Considerando que Deus não é cúmplice do pecado ou da mentira, independentemente de quem venha a praticá-los, a adoção da atitude de sujeição a uma ofensa também pode vir a implicar em que aquele que se sujeita ao pecado passe para uma posição de rebelião para com a vontade do Senhor, a qual, por sua vez, igualmente expressa uma ação do pecado como pode ser visto a seguir:

1 Samuel 15: 23(a) Pois a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como iniquidade e idolatria. (EC)

Em um dos seus aspectos, a proposição de uma ofensa é uma proposição do depósito de um descontentamento ou desavença no coração e que visa mudar a inclinação deste para que uma pessoa desista de estar conectada a uma parte para se conectar a outra parte inclusive para se posicionar contra aquela parte da qual se distanciou.

A permanência na comunhão com o Senhor ou a mudança de lado no posicionamento relativo a esta comunhão é que respectivamente determina a vitória ou a derrota de uma pessoa em relação ao pecado, e é por isto que o pecado tanto aprecia usar a proposição de ofensas e escândalos, pois por meio do acolhimento deles, as pessoas podem estar se posicionando ao lado do pecado e simultaneamente em posição contrária a Deus.

A sutileza da atuação da ofensa se mostra surpreendente, pois, se lhe for permitido, ela consegue simultaneamente afastar uma pessoa da vontade de Deus e obscurecer o coração dela para que venha a se tornar em um oponente ao Senhor.

Portanto, o pecado de Adão imputou a ele um castigo como salário e afetou a comunhão que ele tinha como o seu Criador, mas ao ceder à sujeição ao pecado, Adão também se sujeitou a uma posição de ofensa, desobediência e resistência em relação ao Senhor e à Sua instrução.

Notemos bem as características associadas ao pecado de Adão mais uma vez. O pecado de Adão não foi motivado por um mero anelo de comer um fruto não autorizado, o pecado de Adão foi encorajado pela serpente através de uma mentira diretamente ofensiva a Deus e por uma motivação do diabo em contrariar o que foi estabelecido pelo Criador.

O pecado ao qual o ser humano se submeteu pela primeira vez também foi uma escolha de se subjugar a uma proposta de tentar viver uma vida onde a plena e absoluta soberania de Deus supostamente poderia deixar de ser realidade ou, ao menos, deixaria de ser pertencente exclusivamente a Deus. A ofensa apresentada pela serpente incluía a proposição de que através do comer do fruto em referência não haveria mais somente um único Deus soberano, sugerindo que o próprio ser humano pudesse vir a ser um deus para si mesmo e que ele poderia se equiparar ao Único e Eterno Deus que tudo sabe e tudo provê para a vida.

A questão por trás da tentação, e que estava oculta na sutil indução para que o fruto de uma árvore específica fosse comido, não se tratava simplesmente de uma opção por comer ou não comer um determinado fruto, mas envolvia o contexto de uma opção interior por outro tipo de governo sobre a vida e, implicitamente, a rejeição pelo tipo de governo estabelecido até então sobre ela.

Além disso, quando Adão escolheu comer do fruto da árvore que ele não estava autorizado por Deus para comer, Adão escolheu crer na serpente em vez de crer Naquele que o criou, aceitando a suposição de que Deus talvez estivesse mentindo sobre as consequências do pecado. Quando Adão fez a escolha pela ofensa proposta, ele também escolheu ser cúmplice de uma ofensa contra o seu Criador e contra a sua fonte de recursos para a vida.

Considerando que nas Escrituras aquilo que não é feito mediante a fé em Deus ou através da confiança no Senhor também é considerado como pecado, ou que sem fé é impossível agradar a Deus, o ceder à sujeição à ofensa que procura abalar a confiança no Senhor não somente é um caminho de afastamento da confiança no Senhor, mas também é uma ação que atua em oposição ao Senhor e àquilo que é aprazível aos olhos do de Deus. E quanto a este aspecto, não há uma posição de neutralidade a ser escolhida por um indivíduo.

*Lucas 11: 23 **Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não
ajunta espalha.***

A aceitação da forma como Deus estabelece o funcionamento de todos os aspectos da vida é um dos maiores e mais centrais desafios para todos os seres humanos, e este também é um ponto crucial no posicionamento de uma pessoa especificamente em relação às ofensas que são colocadas diante dela.

Assim, sob uma análise resumida e objetiva, o pecado, quando visto sob a ótica da ofensa aceita no coração, também é caracterizado como uma expressão de descontentamento com Deus ou de insatisfação com a vontade do Senhor, e a qual, por sua vez, procurará atuar também externamente para tentar mudar o que Deus estabeleceu ou anela que seja seguido pelas pessoas.

Em outras palavras, observar o pecado sob o ciclo do acolhimento de uma ofensa coopera para mostrar através de mais uma maneira a posição contrária a Deus que há em todo o pecado, razão pela qual também os textos abaixo mostram que quando uma pessoa se sujeita ao pecado ela simultaneamente também se coloca em posição de ofensa para com o Criador eterno, conforme segue:

*Salmos 51: 1 **Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões.***

*2 **Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado.***

*3 **Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim.***

*4 **Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar.***

*Salmos 41:4 **Disse eu: compadece-te de mim, SENHOR; sara a minha alma, porque pequei contra ti.***

*Lucas 15: 18 **Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti.***

Lembramos aqui também mais uma vez o que foi comentado no capítulo anterior, ou seja, que as proposições de ofensas muitas vezes não são expostas por uma atração direta pelo mal, mas por questionamentos contrários à justiça e à verdade para que uma pessoa seja fragilidade em sua convicção sobre estes aspectos e para que também passe a atuar de maneiras opostas a eles.

Assim, no que tange ao presente ponto, a proposição de acolhimento de uma ofensa também pode ter associado a ela o objetivo de fazer com que uma pessoa tome partido ao lado do ofensor, tentando tornar aquele que a acolhe também em um ofensor contra aquele ou aquilo que é o alvo da ofensa. A ofensa pode vir a ser uma proposição de um posicionamento contra alguém ou alguma coisa que uma parte propõe para que também outras partes venham a tomar partido da ofensa proposta.

O pecado visto sob a ótica de uma ofensa mostra que as proposições do pecado procuram interromper o relacionamento adequado de uma pessoa com Deus de fato, pois ao conseguir fazê-lo, ele também abre o espaço para avançar para o ponto de aliciar as pessoas para o lado da oposição a Deus.

Em relação ao caso de Adão e Eva, quando ainda estavam no Éden, pode ser observado, então, que a primeira ofensa com a qual a humanidade se envolveu tratou-

se de uma sequência ou um ciclo de passos, mostrando que a ofensa proposta a eles pela serpente envolvia no mínimo três partes, a saber:

- ⇒ a) O proponente da primeira ofensa, ou seja, a serpente ou o diabo;
- ⇒ b) Os possíveis receptores da primeira ofensa proposta, ou seja, Adão e Eva;
- ⇒ c) O alvo principal ou final que a ofensa almejava atingir através de novas etapas e por meio de novos ofensores, ou seja, Deus.

E, por sua vez, conforme já foi mencionado similarmente no capítulo anterior, caso ocorra o fato em que um indivíduo aceite a ofensa proposta, se associe a ela ou tropece na proposição feita, também um quinto ponto da atuação da ofensa pode começar a ficar mais notório, o qual é a tentativa de gerar um ciclo de novas ofensas e novos ofensores.

Expressando de outra forma, algo que pode ser observado a partir do caso de Adão e Eva é que a tentativa de atuação do pecado por meio de uma ofensa não procura gerar um evento com uma só ocorrência, mas um evento que seja causador de um processo com uma sucessão de novas ocorrências, etapas, ofensores e alvos mais amplos.

Considerando que o acolhimento de uma ofensa por um indivíduo pode mudar a sua posição de amizade em inimizade, de cooperação em posição de resistência, e de retidão e justiça em uma posição de corrupção e injustiça, fica destacado mais uma vez que o pecado, além do dano que procura causar àquele que se sujeita a ele, também objetiva tornar aqueles se sujeitaram a ele em multiplicadores da atuação do pecado.

O acolhimento de uma ofensa, se nenhuma ação efetiva contra a atuação dela for adotada, é uma atitude amplamente perigosa. Ela pode ser o início de uma sucessiva cadeia de novos pecados por parte daquele que acolheu a ofensa e também pode vir a ser o início de uma sucessiva cadeia de novas ofensas, novos ofendidos e novos ofensores uma vez que a ofensa acolhida por um indivíduo também pode tentar usar esta pessoa como mais um repassador de ofensas a outras pessoas.

Em um sentido, a ofensa talvez torne mais evidente que o pecado poderia ser comparado a um vírus ou a uma bactéria prejudicial que objetiva primeiramente contaminar um indivíduo e causar danos severos à vida dele, mas em outro, fica mais evidente que o pecado também já tem o foco de usar a pessoa contaminada como um meio ou um novo agente para tentar atingir a outros indivíduos.

O interesse tão intenso e explícito dos poderes das trevas pela ofensa ocorre porque a ofensa acolhida tem um potencial que não somente é atuante para conduzir uma pessoa à prática de um pecado específico, mas também pelo fato dela poder vir a ser produtiva para gerar uma reação em cadeia de novos pecados na vida daquele que acolheu a ofensa assim como contra a vida de outros que de alguma forma estão envolvidos com a vida daquele que é o alvo da primeira proposição da ofensa.

Os poderes das trevas são conhecedores do potencial de contaminação que pode vir a estar associado ao acolhimento e reprodução das ofensas, e é por isto que a tentação do pecado é tão intensa no sentido de tentar levar uma pessoa a tropeçar em uma ofensa ou para encontrar um espaço para depositar uma ofensa no coração de quem ela procura aliciar como praticante de novos pecados.

A proposição de uma ofensa, desde a sua primeira tentativa ou etapa de atuação, procura atuar como uma precursora de uma série de pecados ou ofensas que o mal objetiva propor em seguida.

Portanto, algo que jamais deveria ser deixado de ser considerado sobre o ciclo da ofensa ou sobre a tentativa de ela atuar em múltiplas etapas é que o acolhimento de uma ofensa pode vir a mudar não somente a posição de uma pessoa em relação a Deus, mas também em relação aos outros indivíduos.

A adesão a uma ofensa pode fazer com que as pessoas mudem de lado em relação ao Criador Eterno e em relação ao proponente da ofensa, mas também em relação a outros indivíduos.

A ofensa vista, por exemplo, sob a ótica de ser um motivo que visa fazer com que as pessoas venham para a posição de ofendidas com Deus, com a verdade e com a justiça mostra-nos que aquilo que as ofensas apresentam em seus conteúdos são, em suas etapas mais avançadas, também proposições de indignações de uma parte com possíveis reflexos sobre diversas outras partes.

No caso da ofensa proposta a Adão e Eva no Éden, o primeiro descontente com Deus era o diabo, o qual, em sua indignação, não se contentou em ele ser um ofensor a Deus, procurando, portanto, envolver outros indivíduos em sua ofensa para que também estes viessem a ser ofensores a Deus.

Similarmente, quando o Senhor Jesus Cristo veio ao mundo em carne, os indignados contra Cristo primeiramente eram os fariseus e não o povo em geral, mas os quais, não satisfeitos com a situação, procuraram incitar também o povo a se escandalizar ou encontrar motivo de tropeço em Cristo.

Além disso, em algumas de suas características, uma ofensa talvez também poderia ser comparada com uma bateria de longa duração e com possibilidade de múltiplas recargas para energizar a manutenção e o crescimento do pecado na vida de uma pessoa.

Pelo fato do acolhimento de uma ofensa poder vir a fazer com que uma pessoa mude o posicionamento dela em relação a Deus de um lado para o outro, ele também pode vir a gerar perturbações, obstinações e edificações absurdas e infundadas de resistência contra a paz, contra a verdade, contra a justiça e, ao mesmo tempo, gerar uma atração por aquilo que é contrário à verdadeira retidão e justiça.

Um dos efeitos poderosos da ofensa na vida das pessoas ofendidas, então, é que a ofensa absorvida procura fazer com que estas pessoas adotem atitudes muito bizarras, nefastas e danosas contra elas mesmas e contra outros, procurando usar inclusive as mais diversas hipocrisias ou dissimulações.

Sob a ótica da ofensa, o pecado demonstra que a estratégia do diabo por meio de um dos atributos da atuação da ofensa é tentar introduzir uma mentalidade que procura inverter o bem em mal e o mal em bem. Por meio da ofensa, o pecado procura conturbar o pensamento das pessoas para que elas passem a considerar “o ladrão como o personagem bom da história” e o “personagem verdadeiramente bom como o ladrão da história”. E tudo isto, com intuito de que seja concedida maior liberdade de atuação exatamente ao próprio ladrão ou para fragilizar a resistência das pessoas a ele.

Isaías 5: 20 ***Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridade luz e da luz, escuridade; põem o amargo por doce e o doce, por amargo!***

O ladrão, fazendo referência aqui ao diabo, nunca propõe algo bom e nenhuma de suas proposições de ofensa tem a justiça por fundamento.

João 10: 10(a) ***O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir.***

Em seu afã de querer perpetuar a sua conduta de malfeitor, o ladrão procura tornar a todos os outros também em ladrões, pensando, talvez, que ao fazer assim não será exposto à verdadeira justiça e, por consequência, também não será exposto à condenação por não ter quem o pudesse condenar.

O pecado visto sob a ótica da ofensa expressa também a tentativa da propagação de uma mentira sob uma aparência de verdade para justificar a continuidade e propagação do mal.

A ofensa propõe fazer do agente ofensor a vítima da ofensa e propõe tornar todos os outros igualmente em ofensores para tentar colocá-los em condição similar ao primeiro ofensor. A ofensa pode manifestar características muito perversas por ela ser um meio pelo qual o proponente da ofensa procura angariar a outros para o seu lado corrompido para que também se coloquem em posição contrária àqueles com os quais ele está ofendido e contra a verdadeira retidão e justiça que denunciam o ofensor.

A ofensa procura gerar um ciclo vicioso onde o coração fica tomado de pensamentos cujo alvo é manter o foco na ideia de que a pessoa é a vítima do mal e de que as injustiças que lhe sobrevêm são, no final das contas, resultantes da falta de um verdadeiro cuidado de Deus para com ela, e não o fruto da inimizade dos seres humanos contra Deus acolhida em seus corações. E também é por causa deste tipo de características inerentes às ofensas que Escrituras advertem as pessoas a não se associarem à amargura e aspectos correlatos a ela, conforme segue:

Hebreus 12: 15 ***Atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados.***

Efésios 4: 30 ***E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção.***

31 ***Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia.***

Logo depois que Adão se rendeu à ofensa contra Deus, o seu coração passou a dar a continuidade de sementeiras de contendas, alegando que Deus era culpado do seu pecado por causa da mulher que Deus lhe dera. Ou seja, após cometer uma ofensa contra Deus, porque agasalhara no coração uma ofensa contra o Senhor, Adão ofende

tanto a Deus como a sua esposa, procurando evitar ofender a ele mesmo para não reconhecer que fora ele mesmo que havia pecado.

Portanto, ou pelo fato da profunda maldade que há na ofensa como um instrumento multiplicador do pecado, que também o semear da contenda e da discórdia com vistas ao repasse de uma ofensa é tão abominável diante de Deus, conforme está exemplificado na lista de textos a seguir:

Jeremias 2: 29 **Por que contendeis comigo? Todos vós transgredistes contra mim, diz o SENHOR.**

Isaías 45: 9 **Ai daquele que contende com o seu Criador! E não passa de um caco de barro entre outros cacos. Acaso, dirá o barro ao que lhe dá forma: Que fazes? Ou: A tua obra não tem alça.**

Isaías 41: 11 **Eis que envergonhados e confundidos serão todos os que estão indignados contra ti; serão reduzidos a nada, e os que contendem contigo perecerão.**

Provérbios 6: 16 **Seis coisas o SENHOR aborrece, e a sétima a sua alma abomina:**

- 17 **olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente,**
- 18 **coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal,**
- 19 **testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre irmãos.**

Romanos 16: 17 **Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos (ofensas), em desacordo com a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles,**

- 18 **porque esses tais não servem a Cristo, nosso Senhor, e sim a seu próprio ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos incautos.**

Provérbios 6: 12 **O homem de Belial, o homem vil, é o que anda com a perversidade na boca,**

- 13 **acena com os olhos, arranha com os pés e faz sinais com os dedos.**
- 14 **No seu coração há perversidade; todo o tempo maquina o mal; anda semeando contendas.**

Provérbios 17: 11 **O rebelde não busca senão o mal; por isso, mensageiro cruel se enviará contra ele.**

- 12 **Melhor é encontrar-se uma urso roubada dos filhos do que o insensato na sua estultícia.**

- 13 Quanto àquele que paga o bem com o mal, não se apartará o mal da sua casa.**
- 14 Como o abrir-se da represa, assim é o começo da contenda; desiste, pois, antes que haja rixas.**
- 15 O que justifica o perverso e o que condena o justo abomináveis são para o SENHOR, tanto um como o outro.**

Isaías 30: 1 **Ai dos filhos rebeldes, diz o SENHOR, que tomaram conselho, mas não de mim! E que se cobriram com uma cobertura, mas não do meu Espírito, para acrescentarem pecado a pecado!**

A ofensa é um dos aspectos mais importantes a ser compreendido sobre a atuação do pecado, pois ele é um dos pontos mais relevantes a ser tratado de uma forma muito firme e objetiva com vistas a ser erradicado do coração para que a inimizade não mais se prolongue a partir daquele que é tentado a acolher uma ofensa no seu coração ou manter o acolhimento de uma ofensa já acolhida.

A ofensa não é algo com o qual se pode lidar levemente, pois ainda que o dano externo de um pecado possa vir a ser reparado ou tenha sido resolvido plenamente na esfera civilmente aceita por uma determinada sociedade, a ofensa ainda pode permanecer associada ao coração das pessoas, quer seja no coração daquele que praticou o pecado ou no coração da pessoa que foi vítima de pecado alheio. Assim, uma ofensa pode vir a fazer com que um pecado específico possa continuar tendo espaço de atuação ativa por meio de uma ofensa mesmo depois de exteriormente resolvido.

Por isso, perceber que nas ações do pecado há também uma semente de ofensa querendo se estender para novos pecados, permite ver, de forma mais clara, a sagacidade do pecado e o anelo que há na operação do pecado em tentar continuar se multiplicando adiante.

A proposição de ofensas, escândalos ou tropeços que de forma perversa e mentirosa almejam colocar as pessoas contra Deus e contra outras pessoas é tão abominável a Deus porque estas coisas podem avançar para além de um tropeço em um pecado e inclusive chegar à condição de apreciação pelo pecado e pela propagação do pecado.

Provérbios 17: 19 **O que ama a contenda ama o pecado; o que faz alta a sua porta facilita a própria queda.**

Provérbios 29: 22 **O iracundo levanta contendas, e o furioso multiplica as transgressões.**

Provérbios 28: 25 (a) **O cobiçoso levanta contendas, ...**

Por outro lado, gostaríamos de ressaltar que a não aceitação, a não absorção e a não sustentação das ofensas, escândalos ou tropeços mudam em muito o cenário na vida

daqueles que rejeitam estes aspectos tanto no sentido de não os acolher no coração, como no sentido de não os reproduzir contra outros, conforme exemplificado a nós pelo Senhor Jesus Cristo e conforme instruído nos textos a seguir:

1 Pedro 2: 20 **Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus.**

21 **Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos,**

22 **o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca;**

23 **pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente,**

24 **carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados.**

Provérbios 22: 10 **Lança fora o escarnekedor, e com ele se irá a contenda; cessarão as demandas e a ignomínia.**

Provérbios 26: 20 **Sem lenha, o fogo se apaga; e, não havendo maldizente, cessa a contenda.**

Marcos 11: 25 **E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas.**

26 **Mas, se não perdoardes, também vosso Pai celestial não vos perdoará as vossas ofensas.**

Mateus 5: 9 **Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.**

Procurando, então, resumir o capítulo anterior e o presente capítulo, podemos ver que o pecado sob a ótica da ofensa, entre outros aspectos, tem por objetivo:

- ⇒ a) Se apresentar não somente diretamente, mas também através de meios ou proposições veladas que procuram levar as pessoas desatentas a tropeçarem para virem a ficar associadas ao pecado;
- ⇒ b) Atrair as pessoas não somente para apreciarem o mal, mas também pelas tentativas de desacreditar ou menosprezar aquilo que é verdadeiro, justo ou bom;

- ⇒ c) Atuar para que uma ofensa não se restrinja somente a um ato isolado, mas que ela venha a se tornar um meio multiplicador de outras ofensas quando também associada aos aspectos dos termos tais como ofender, contender e outros;
- ⇒ d) Propor as ofensas como tentações já sutilmente elaboradas antes mesmo de serem acolhidas;
- ⇒ e) Sugerir o acolhimento das ofensas em etapas ou gradativamente inclusive através de proposições veladas ou que inicialmente não aparentam estarem relacionadas com as proposições mais externas do pecado;
- ⇒ f) Sugerir a aceitação de ofensas majoritárias que para muitos nem parecem ser uma ofensa, como é o caso do rompimento da comunhão de um indivíduo com o Senhor;
- ⇒ g) Fazer com que uma pessoa que se afastou da comunhão com o Senhor também venha a agir em função da posição contrária ao Senhor que ela passou a adotar;
- ⇒ h) Fazer com que uma pessoa que acolheu a ofensa inicialmente proposta também venha a ser um ofensor multiplicador de ofensas contra Deus, contra ela mesma e contra os seus semelhantes.

E, por fim, neste capítulo, assim como nos demais capítulos sobre o pecado, gostaríamos de reiterar mais uma vez que o convencimento sobre os diversos atributos do pecado, quando feito sob a luz da justiça de Deus, não tem por objetivo primário somente evidenciar a destruição que o pecado pretende causar. Abordar mais amplamente os aspectos do pecado, também quando este se apresenta sob a forma de ofensa, contenda, escândalo ou motivo de tropeço, tem como propósito mostrar a necessidade de as pessoas resistirem ao pecado ou não se associarem a ele também nestas características específicas.

E ainda mais relevante do que o aspecto mencionado no parágrafo anterior, abordar as características do pecado sob a ótica da ofensa tem como propósito evidenciar, também por este ângulo, que embora o pecado procure se utilizar de variadas maneiras ou etapas, as Escrituras nos mostram que a provisão que o Senhor oferece para as pessoas não necessitarem se sujeitar ao pecado é completamente suficiente.

*Romanos 5: 17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.***

...

*20 **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,***
*21 **a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.***

Por mais que uma pessoa já tenha realizado ofensas contra o Deus e contra o Seu Filho Amado, o caminho do perdão destas ofensas e da reconciliação com o Criador já foi provido plenamente pelo Senhor Jesus Cristo na cruz do Calvário e que, por sua vez, está disponível para todo

aquele que não se ofender com a forma que Deus oferece esta reconciliação e para todo aquele que crer no Senhor para a salvação também das opressões causadas pelo pecado em suas características de ofensa.

Romanos 6: 11 Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.

12 Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões;

13 nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.

14 Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.

C17. Os Meios Ineficazes e Falsos que Tentam Lidar com o Pecado e com o Conjunto de Aspectos Derivados do Pecado

Após discorrer nos capítulos anteriores sobre tantos aspectos relacionados ao pecado, entendemos que um aprofundamento mais amplo ou mais específico sobre os temas que nos ensinam a evitar, resistir ou rejeitar as perversas tentativas de atuação do pecado também passa a se mostrar cada vez mais necessário ou crucial.

O mero conhecimento do pecado, e das consequências derivadas dele, não seria de grande utilidade se não existisse alguma alternativa que permitisse que estas consequências pudessem ser interrompidas ou remediadas. O conhecimento do pecado, e as implicações que ele tenta imputar àqueles que se associam às suas proposições, é muito útil para que o pecado jamais seja visto com leviandade, para que as pessoas possam ver e compreender melhor a necessidade que elas têm de se afastarem do pecado, mas também para que sejam despertadas para a necessidade que elas têm de encontrarem uma alternativa que verdadeiramente possam libertá-las inclusive dos efeitos da sujeição que elas já fizeram ao pecado.

O pecado de fato tem a morte como salário, e isto é um princípio que os seres humanos por si mesmos não podem modificar. Entretanto, isto não implica automaticamente em dizer que não exista uma maneira apropriada para lidar com o pecado e com os aspectos que derivam dele a fim de que o pecador possa ser liberto do pecado e das consequências que poderiam sobrevir àquele que ficou sujeito ao pecado.

Explicar que o pecado tem como colheita final a morte é uma parte plenamente verdadeira do convencimento sobre o pecado, mas dizer que não há mais nada a ser feito em relação ao pecador para livrá-lo deste castigo é uma declaração ou uma situação muito distinta e incompleta. Explicar o pecado somente na ótica da condenação de que o salário do pecado é a morte, sem mostrar o processo de como esta morte é aplicada e como a aplicação da punição eterna pode ser evitada, somente serviria para destruição e condenação, mas não serviria para redenção e salvação das pessoas desta terrível condenação.

A devida informação sobre os possíveis efeitos do pecado na vida do pecador ou a informação de que o pecado é um caminho de morte para aquele que permanece sujeito a ele recebe significativo destaque nas Escrituras principalmente para que uma pessoa, ainda em tempo de salvação, possa procurar a alternativa apropriada de ajuda para interromper o processo destrutivo do pecado. O salário do pecado é a separação eterna da comunhão com o Senhor se a pessoa permanecer no pecado, mas se o pecador alcançar o caminho que rompa a associação que ele fez com o pecado, ele pode chegar a ver a interrupção do processo das consequências da morte a ele designadas.

Conforme já foi comentado anteriormente, quando o Senhor, por meio do Espírito Santo, expõe o pecado e as suas vis ou terríveis consequências, Ele não o faz para condenar as pessoas ou para aniquilar a esperança delas no que se refere a alcançarem a sua libertação do pecado. O Senhor expõe o pecado para que saibam a realidade sobre o pecado a fim de que também venham a saber a realidade sobre o tipo de salvação que necessitam para que as consequências do pecado não continuem reinando sobre suas vidas.

*Salmos 25: 8 **Bom e reto é o SENHOR, por isso, aponta o caminho aos pecadores.***

*Lucas 9: 56(a) **Pois o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.***

*Lucas 5: 31 **Respondeu-lhes Jesus: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes.***

*32 **Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento.***

*1 Timóteo 1:15(a) **Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores.***

O conhecimento da verdade sobre o mal passa a mostrar o caminho da libertação quando também ou conjuntamente é apresentado o caminho verdadeiro pelo qual uma pessoa pode vir a encontrar a libertação da sujeição ao mal e das consequências advindas da associação a ele.

Uma exortação ou admoestação para que uma pessoa não se associe ao pecado ou não permaneça sujeita a ele passa a ser mais significativa se também for apresentado a ela uma possibilidade que a permita interromper a sujeição ao jugo do pecado.

Por outro lado, mencionar a existência de uma provisão para que a sujeição ao pecado e ao corpo do pecado possa ser interrompido, ou para que o pecador arrependido possa ser perdoado da sua associação ao pecado e das consequências eternas derivadas dele, não implica em dizer que qualquer tipo de solução possa prover a libertação de um indivíduo da sujeição ao pecado.

Observar mais detalhadamente a abundância de más consequências que a sujeição ao pecado pode causar nos auxilia a ver que qualquer alternativa que pretenda oferecer uma solução de libertação de um indivíduo destes danos e males deverá ter uma abundância ainda maior de provisões para poder aniquilar todos os efeitos eternos desencadeados pela sujeição ao pecado. Ou seja, as consequências deflagradas pela sujeição de uma pessoa ao pecado somente podem ser verdadeiramente solucionadas por uma alternativa que seja poderosa para libertar este indivíduo também dos aspectos mais críticos deflagrados pela associação dele ao pecado.

As consequências e os danos causados pelo pecado são extremamente terríveis, de uma amplitude imensa e, por isto, somente podem ser contrapostos por uma alternativa que é superior e mais poderosa do que todo o poder de destruição e morte que pode vir a se manifestar após a sujeição de um indivíduo ao pecado.

*Romanos 5: 20 **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,**
21 **a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.***

A associação ou a sujeição ao pecado não se trata de uma mera queda na qual a própria pessoa que ficou sujeita ao pecado possa se levantar por si mesma, possa

simplesmente seguir adiante como se nada tivesse acontecido ou como se apenas um leve tropeço houvesse ocorrido.

Antes de ser externada em algum ato visível no mundo natural, a sujeição ao pecado é uma prática advinda também do coração e com repercussões muito mais severas no mundo espiritual do que no mundo material.

A sujeição ao pecado é o caminho da imputação de fraquezas e debilidades aos seres humanos das quais eles não conseguem mais se desfazer através de algum esforço próprio e nem por qualquer esforço proporcionado pelos seus semelhantes, pois a associação ao pecado pode escravizar aquele que a faz a uma servidão ao próprio pecado e da qual o escravizado jamais poderá se libertar por si mesmo ou pela ajuda de outras pessoas que se encontram sujeitos a uma condição semelhante.

Conforme já vimos anteriormente, o fardo do pecado é muito pesado, pois ele pode vir a contemplar a escravidão ao seu engano, a escravidão ao medo do escrito de dívida e pode abalar a sobriedade de uma pessoa a fim de imputar a ela uma culpa e até um sentimento de autocondenação. Entretanto, o mais grave é que o pecado tenta levantar uma barreira de separação e inimizade do pecador para com Deus, para com a Única Fonte que pode lhe ajudar a ser salvo da escravidão ao pecado, ao escrito de dívida e ao castigo do pecado.

A sujeição ao pecado torna o pecador em uma pessoa inútil no que se refere a ela produzir a sua própria libertação do jugo que advém da sua associação ao pecado e ao corpo do pecado. A sujeição ao pecado é um caminho no qual nenhum ato originado a partir do pecador pode ser feito ou oferecido em retidão e justiça para solucionar o seu impasse com as consequências mais críticas da sua associação ao pecado.

O jugo do pecado não pode ser vencido a partir daquele sobre quem o jugo do pecado está posto, pois quando uma pessoa incorre na sujeição ao pecado, ela também incorre na sujeição a um jugo do qual ela não pode ser liberta pelos seus próprios esforços.

Cair pela associação ao pecado é como se uma pessoa caísse num abismo espiritual do qual ela não conseguirá sair sem a ajuda externa de alguém que é plenamente capaz de tirá-la espiritualmente deste profundo abismo.

Quando uma pessoa se associa a um pecado com característica de uma ofensa a Deus, ela somente pode ser absolvida do cometimento da ofensa se Deus, a quem a ofensa foi dirigida em primeiro lugar, assim o conceder.

Apesar de ser necessário que as sociedades civis tenham leis e tribunais, conforme também já comentamos em outros capítulos, e apesar de muitos pecados serem também punidos nas sociedades civis, a quitação espiritual das dívidas da sujeição ao pecado não se dão meramente nas punições das sociedades humanas e nem as absolvições espirituais do pecado se dão nas absolvições perante estas sociedades civis e perante as instituições civis ou religiosas que elas criam.

A dívida do pecado, na esfera espiritual:

- ⇒ 1) Não pode ser quitada pelas maneiras pelas quais se faz a quitação de dívidas financeiras, pois ela é impagável através de recursos humanos ou naturais;
- ⇒ 2) Não pode ser quitada com esforços humanos, pois estes não podem reparar toda a amplitude do dano espiritual que a associação ao pecado pode causar;

- ⇒ 3) Não pode ser quitada com o desprezo pela dívida da sujeição ao pecado, pois a atitude de simplesmente ignorar a dívida como se ela não existisse não anula o fato que causou o motivo da dívida vir a existir;
- ⇒ 4) Não pode ser quitada com tentativas de compensação por meio obras e sacrifícios, pois uma obra humana sob o jugo do pecado não pode desfazer a separação que a sujeição ao pecado causou entre o pecador e Deus, e nem muda o status de pecador atribuído àquele que se associou ao pecado;
- ⇒ 5) Não pode ser quitada com impaciência, ira ou reações de rebeldia como se o aumento da intensidade da prática de mais pecados ou como se a tentativa de uma confrontação ainda maior à justiça de Deus fosse tornar Deus injusto e o pecador em uma pessoa justa.

A sujeição ao pecado altera a condição e a posição espiritual de uma pessoa em relação ao pecado, e uma solução contra a colheita gerada pela sujeição ao pecado somente será válida se ela também puder restaurar a condição e a posição do pecador para uma condição espiritual em que a culpa ou o corpo do pecado já não puderem mais ser-lhe imputados.

Uma vez que a associação ao pecado é primeiramente espiritual, a mais grave colheita também é espiritual. Considerando que o pecado é, antes de tudo, uma transgressão espiritual, não há como a dívida que ele causa ser paga com algo material como dinheiro, uma obra humana, ofertas, sacrifícios ou qualquer esforço humano. Uma vez que o pecado está associado também ao mundo espiritual, a solução em relação a ele também precisa contemplar uma solução que alcance a esfera espiritual.

Portanto, nenhum ser humano pode resolver os danos espirituais que a associação ao pecado pode vir a causar. Nenhum ser humano tem os recursos devidos ou apropriados para solucionar ou reparar o que foi danificado pela sujeição ao pecado na esfera espiritual.

Neste ponto, porém, ou ainda antes de abordar mais amplamente a provisão que verdadeiramente pode libertar um indivíduo da escravidão ao pecado e ao corpo do pecado, entendemos ser crucial fazer um destaque prévio sobre a questão de que no mundo, há também uma grande variedade de proposições de provisões ineficazes, impróprias ou falsas contra o domínio do pecado e que continuam insistentemente sendo propostas aos seres humanos em cada uma das suas gerações.

É muito impressionante observar como muitas pessoas, seja por ignorância ou por obstinação, insistem em buscar soluções que jamais poderão solucionar o problema da associação ao pecado e do conjunto de consequências que este tenta imputar sobre aqueles que se sujeitam a ele, o que as coloca em uma situação ainda mais lastimável do que a própria condição que já se encontram sob a escravidão ou o jugo do corpo do pecado.

A sujeição ao pecado imputa um fardo pesadíssimo sobre a vida das pessoas, mas as falsas proposições para encontrar a libertação da escravidão do pecado procuram levar as pessoas ainda a um segundo nível de jugo pesado e cruel de escravidão, conforme nos é exemplificado também pelo Senhor Jesus Cristo ao referir-se às proposições, condutas ou obras inapropriadas que os escribas e fariseus praticavam nos dias em que Ele estava em carne na Terra.

*Mateus 23: 15 **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós!***

*4 **Atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los.***

Os meios que falsamente propõem uma libertação do pecado procuram imputar um novo jugo pesado sobre o já pesado jugo do pecado, prometendo um alívio que nunca poderá se cumprir. Estes meios falsos são como proposições que querem aprisionar as pessoas em prisões mais profundas dentro das prisões em que elas já se encontram.

A insistência pela busca de alternativas para vencer o jugo do pecado de maneira dissociada da alternativa que o Senhor oferece e para a qual a luz de Deus aponta sempre esteve presente na humanidade, mas nas situações em que a humanidade optou em buscar as suas próprias alternativas para lidar com as opressões que a afligiam, ela acabou optando pelo caminho do aumento do grau de suas aflições, aspecto também anunciado pelos profetas da antiguidade, conforme exemplificado abaixo:

*Isaías 30: 9 **Porque povo rebelde é este, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do SENHOR.***

*10 **Eles dizem aos videntes: Não tendes visões; e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto; dissei-nos coisas aprazíveis, profetizai-nos ilusões;***

*11 **desviai-vos do caminho, apartai-vos da vereda; não nos faleis mais do Santo de Israel.***

*12 **Pelo que assim diz o Santo de Israel: Visto que rejeitais esta palavra, confiais na opressão e na perversidade e sobre isso vos estribais,***

*13 **portanto, esta maldade vos será como a brecha de um muro alto, que, formando uma barriga, está prestes a cair, e cuja queda vem de repente, num momento.***

*14 **O SENHOR o quebrará como se quebra o vaso do oleiro, despedaçando-o sem nada lhe poupar; não se achará entre os seus cacos um que sirva para tomar fogo da lareira ou tirar água da poça.***

*15 **Porque assim diz o SENHOR Deus, o Santo de Israel: Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na tranquilidade e na confiança, a vossa força, mas não o quisestes.***

*16 **Antes, dizeis: Não, sobre cavalos fugiremos; portanto, fugireis; e: Sobre cavalos ligeiros cavalgaremos; sim, ligeiros serão os vossos perseguidores.***

*17 **Mil homens fugirão pela ameaça de apenas um; pela ameaça de cinco, todos vós fugireis, até que sejais deixados como o mastro no cimo do monte e como o estandarte no outeiro.***

*18 **Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vós, e se detém, para se compadecer de vós, porque o SENHOR é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que nele esperam.***

Repetidamente ao longo dos séculos, os seres humanos pensaram que a busca por um alívio temporal proposto pelo mundo ou que o conforto carnal associado às suas próprias tentativas de solução poderia compensar a opressão que a sujeição ao pecado causa, mas a vida sob uma suposta liberdade da atuação da carne ou sem a instrução da luz do Espírito do Senhor jamais os libertou, pelo contrário, somente potencializou a sujeição deles ao pecado.

Isaías 30: 1 Ai dos filhos rebeldes, diz o SENHOR, que executam planos que não procedem de mim e fazem aliança sem a minha aprovação, para acrescentarem pecado sobre pecado!

Incorrer na servidão ao pecado é muito danoso e pode desencadear consequências terríveis ainda que aparentemente estas possam não estar evidentes por um determinado tempo. Entretanto, incorrer em alternativas falsas para lidar com os resultados advindos do pecado pode agravar ainda mais a situação de uma pessoa, pois elas postergam a interrupção do processo vil do pecado e elas podem cegar as pessoas de forma ainda mais intensa em relação à verdadeira provisão de vitória sobre as consequências da sujeição ao pecado.

Os meios falsos propõem que as pessoas busquem a libertação do pecado na direção oposta ao sentido em que a libertação pode ser verdadeiramente encontrada, e isto, a fim de mantê-las ocupadas para que nem se inclinem a buscar uma solução verdadeira. Os meios falsos, muitas vezes, são proposições que até se apresentam com aparência aprazível àqueles que estão escravizados ao pecado a fim de mantê-los entretidos ou entorpecidos para que cada vez mais se afastem daquilo que verdadeiramente poderá libertá-los.

A busca por um caminho alternativo ao que já está proposto pelo Senhor para uma pessoa se tornar livre do pecado e das suas consequências pode se tornar em uma posição ainda mais agravada na subjugação ao pecado visto que esta busca pode vir a se tornar em uma posição de obstinação por um caminho que não é verdadeiramente propício e que inclusive pode vir a expressar o intuito de tentar anular ou enfraquecer a proposição exclusiva do Senhor para a salvação dos pecadores.

A insistência pela busca de um caminho alternativo ao caminho proposto pelo Senhor para a justificação e salvação do pecador também expressa uma resistência à obra do Espírito Santo, o qual foi designado pelo Pai Celestial e pelo Senhor Jesus para convencer o mundo precisamente de que somente Cristo é a provisão plenamente satisfatória para a remissão e salvação dos pecadores.

Atos 7: 48 Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas; como diz o profeta:

49 O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso?

50 Não foi, porventura, a minha mão que fez todas estas coisas?

51 Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis.

O pecado e as sugestões falsas para lidar com ele não são aspectos com os quais as pessoas deveriam lidar de forma irresponsável, pois a aceitação da multiplicação do mal pode afetar as pessoas muito além do que elas podem imaginar.

Mateus 24: 12 ***E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará. (RC)***

Isaías 9: 18 ***Porque a maldade lavra como um fogo, ela devora os espinheiros e os abrolhos; acende as brenhas do bosque, e estas sobem em espessas nuvens de fumaça.***

Apegar-se a um meio ineficaz ou falso para lidar com o pecado e o corpo do pecado pode agravar ainda mais a situação daquele que se sujeitou ao pecado, pois através do apego a um meio falso de escape, uma pessoa, além de permanecer subjugada ao pecado, ainda se sujeita a uma solução ilusória de libertação, aprofundando ainda mais a sua associação com o engano e postergando ainda mais a possibilidade de ser liberta de todo o jugo do mal.

Assim como a construção de templos ou uma alta torre para alcançar os céus, como foi a de Babel citada em Gênesis 11, não aproxima as pessoas de Deus e somente resulta em contrariedade a Deus e em confusão, assim também os meios falsos tentam imputar uma tarefa sem propósito substancial e tentam imputar uma confusão de ideias ao pecador para que “uma nuvem de sugestões falsas” venha a ocultar a proposição que verdadeiramente provê a absolvição do pecador e a solução contra os efeitos perversos do pecado.

A proposição dos meios ineficazes ou falsos quanto à libertação do pecador revelam aspectos profundamente sutis e terríveis do mal, pois, além do pecado objetivar fazer com que as pessoas não percebam a malignidade que há na sujeição a ele, as proposições falsas ainda objetivam enredar as pessoas para que elas consumam o seu tempo e os seus recursos procurando a libertação do pecado através dos meios que jamais poderão libertá-las de fato.

Os meios falsos para lidar com o pecado são agentes associados ao pecado para tentarem manter as pessoas subjugadas a ele pelo máximo de tempo possível, e por isto, também devem ser objeto de conhecimento para que possam ser resistidos e rejeitados por aqueles que querem a verdadeira libertação do jugo do pecado. Os meios falsos não são proposições menos malignas do que o próprio pecado, pois eles procuram atuar para que as pessoas não se deparem com as suas próprias incapacidades para lidarem adequadamente com jugo do pecado a fim de que elas também não busquem a solução onde ela realmente pode ser encontrada.

No mundo há muitas sugestões de meios para lidar com o pecado para tentar aplacar a conscientização da escravidão ao pecado e para tentar aplacar o medo que o castigo e o escrito de dívida tentam colocar sobre uma pessoa. Entretanto, qualquer sugestão de um meio para lidar com o pecado que não seja plenamente suficiente para eliminar o castigo, o escrito de dívida ou o corpo do pecado associado a uma pessoa não

somente é ineficaz e falso quanto à libertação que propõe, mas também é um meio que procura adicionar ainda outros grilhões para que um indivíduo não se encontre com a verdadeira libertação ou salvação.

Desta forma, **quando uma pessoa passa a adotar um meio ineficaz para tentar alcançar a libertação da escravidão ao pecado e ao corpo do pecado, ela se coloca sob um nível ainda mais crítico de engano pelo fato de que após se colocar sob o meio falso, ela também ou primeiramente precisa ser liberta do meio falso para lidar com o jugo da escravidão do pecado propriamente dito.**

Os meios ineficazes ou falsos propõem soluções que não colocam uma pessoa na condição em que ela precisa estar para vencer o pecado e a colheita advinda da sujeição a ele, tentando fazer com que as pessoas que já estão sujeitas ao pecado se sujeitem ainda a mais outros aspectos perversos ou vis.

E, por sua vez, ou por causa do poder de engano que o mal procura alcançar através das proposições que falsamente alegam solucionar o problema da escravidão ao pecado e ao corpo do pecado, o número destas proposições no mundo também se mostra bem extenso, variando tanto em termos de nomes e nas mais diversas formas de serem apresentadas.

Quanto mais as pessoas se afastam da única provisão de justiça que verdadeiramente pode libertá-las das garras do pecado, tanto mais elas multiplicam os caminhos e os ensinamentos que nada podem fazer para beneficiá-las verdadeiramente. E quanto mais as pessoas querem alargar o caminho para a salvação delas baseado em proposições ineficazes que são propostas pela criatura e não pelo Criador, mais elas demonstram o quão espaçoso se apresenta o caminho que conduz para a perdição ou para o afastamento de um indivíduo da vida eterna.

*Mateus 7: 13 **Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela),***
*14 **porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.***

As proposições de meios ineficazes para contrapor o pecado e o corpo do pecado atuam na linha de gerar esperanças falsas ou baseadas em promessas distorcidas e mentirosas. E em seu intento de enganar as pessoas, elas vão desde o nível da proposição de uma pessoa ignorar ou desprezar aquilo que a sujeição ao pecado pode vir a produzir e podem ir até o nível da proposição de que altos sacrifícios são necessários para que a almejada libertação supostamente possa ser alcançada.

Entretanto, sob uma ótica mais ampla, praticamente todas as proposições ineficazes contra o pecado têm em comum o fato de sugerirem falsamente, e das formas mais variadas, que a solução para a libertação da escravidão ao pecado supostamente poderia vir através de alguma variação de atitudes ou obras humanas, ou ainda, de algum aspecto encontrado na criação.

Há pessoas, por exemplo, que menosprezam as consequências do pecado dizendo que a vida não passa de uma mera existência temporária. Há aqueles que menosprezam ensinando outros a olharem com leviandade para o dia em que a ira de Deus contra o pecado será manifestada globalmente. E há outros que menosprezam o

pecado ensinando que o pecado e seus efeitos podem ser vencidos por obras e ofertas feitas pelos próprios pecadores. Todavia, todas estas sugestões, inclusive aquelas que ensinam que o poder do pecado pode ser desprezado, baseiam-se repetidamente na postura independente dos seres humanos em relação ao seu Criador, como se a vitória sobre o pecado estivesse sob o poder deles ou como se as palavras que proferem podem vir a anular o salário que advém da sujeição de um indivíduo ao pecado.

Fazer vista grossa para os danos que o pecado pode causar não o torna menos pecado, assim como as obras e sacrifícios que propõem uma solução humana para o problema do pecado também não o tornam menos pecado. Pelo contrário, muitas vezes ainda acrescentam pecado sobre o pecado exatamente pela proposição de obras infrutuosas e de engano.

As proposições revestidas de aparência de sabedoria baseada no conhecimento humano sobre o pecado ou que até têm uma aparência de piedade, como se pela inteligência natural ou por obra humana o pecado pudesse ser vencido, são, muitas vezes, as obras nas quais o pecado mais procura se ocultar e atuar de forma velada para manter as pessoas escravizadas ao seu domínio.

Se o mero desprezo ao pecado ou a realização de obras, ofertas e sacrifícios para ser liberto do jugo do pecado fossem satisfatórios para vencer a escravidão causada pelo pecado, aquelas pessoas que se rendem a estas maneiras seriam dignas de honra e de terem os seus atos copiados ou reproduzidos por outros. Entretanto, se nenhum destes atos pode lidar com o ponto central do problema humano, as atitudes que tentam solucionar a escravidão do pecado por meio das mais diversas proposições, obras ou sacrifícios humanos, mas sem êxito algum no final de suas empreitadas, são também posturas que se enquadram entre as maiores ações de desperdícios de tempo de vida e entre as maiores ilusões com as quais o ser humano pode se deparar.

Um pecador, por exemplo, não alcança a verdadeira paz somente porque alguém falsamente profere paz sobre ele e porque alguém disse que determinada atitude humana o livrará do peso do pecado, conforme o texto abaixo também exemplifica:

*Jeremias 8: 11 **Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz.***

A paz para aquele que ficou sujeito ao pecado somente pode ser alcançada se ele for de fato liberto do jugo do pecado, ou, em outras palavras, se ele for justificado da culpa do seu pecado através de algo que tenha o poder de justificá-lo de fato.

Deus nunca intentou que as pessoas fizessem sacrifícios e holocaustos a Ele por causa dos pecados que eles cometeram, pois os pecadores, a partir deles mesmos ou da condição de escravidão ao pecado, não são dignos de oferecerem sacrifícios aceitáveis para uma provisão plenamente satisfatória para a libertação de suas vidas.

*Jeremias 7: 22 **Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios.***

23 Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; andai em todo o caminho que eu vos ordeno, para que vos vá bem.

24 Mas não deram ouvidos, nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos e na dureza do seu coração maligno; andaram para trás e não para diante.

*Hebreus 10: 8 ... **Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei), ...***

No final das contas, portanto, a própria mentalidade de que uma pessoa pode alcançar uma solução para se tornar livre do jugo do pecado através do desprezo ao pecado ou por meio de esforços, disciplinas e sacrifícios que ela mesma venha a realizar também faz parte do jugo que o pecado procura colocar sobre as pessoas que se sujeitam a ele.

Pensar e vir a crer que a negação do pecado cometido, que o desprezo da dívida do pecado, que a salvação pode ser hereditária de pai para filho, que as obras de obediência à lei, que as obras das mãos humanas, que a justiça humana ou que o conhecimento humano podem vencer o peso da sujeição ao pecado é um caminho de sujeição, de uma ou de outra forma, a um pensamento e a uma crença que jamais poderão prover uma verdadeira solução para o problema da associação de um indivíduo ao pecado.

A crença de uma pessoa em algo ineficaz para salvá-la, por mais que insista em fazê-lo, não faz com que aquilo no que ela crê para a salvação se torne em algo capaz de salvá-la.

O tipo de proposições referenciadas nos parágrafos acima são proposições que se apresentam como sendo uma forma de luz, mas que de fato não iluminam o verdadeiro caminho da absolvição de um indivíduo do corpo do pecado, pois nenhuma delas contém os elementos que satisfaçam as exigências para a absolvição de um pecador e para que este seja colocado em uma condição apropriada de justiça.

Assim como as trevas não produzem a luz, assim também as proposições advindas de quem está sujeito ao pecado não têm a devida luz nem para discernir corretamente as proposições do pecado, muito menos para resistir aos efeitos que são causados pela sujeição ao pecado.

*Mateus 15: 14 **Deixai-os; são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco.***

Por mais que o mundo diversifique, multiplique e ensine as suas próprias proposições para alcançar a libertação do pecado, elas não passam de iniquidade e de propostas enganosas sem uma real condição para lidar com o pecado e com o salário que o pecado tem pretensão de requerer daqueles que se associam a ele.

Por mais que o mundo se rebele contra a opressão do pecado e multiplique ou ensine as mais variadas e criativas proposições que ele almeja que possam solucionar o

problema que o jugo do pecado quer imputar sobre as pessoas, o mundo não pode libertar as pessoas daquilo em que ele mesmo está aprisionado.

1 João 5: 19 ***Sabemos que ... o mundo inteiro jaz no Maligno.***

Por mais que o mundo procure insistir em proposições ineficazes ou por mais que as pessoas no mundo queiram coletivizar uma mentira, a globalização da crença das pessoas em uma proposição enganosa ou em uma mentira jamais a tornará em um caminho de verdadeira salvação.

Portanto, mais uma vez gostaríamos de ressaltar que o posicionamento de desprezo ao pecado e às suas consequências como se elas não fossem poderosas ou reais, o posicionamento em relação ao pecado como se ele não pudesse ser solucionado ou o posicionamento de buscar solucionar o problema do pecado por meio de tentativas que jamais poderão solucioná-lo de fato podem vir a ser, em diversos aspectos, ainda mais graves que a própria escravidão ao pecado.

1 Coríntios 15: 33 ***Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes.***

Somente a luz Daquele que não está sujeito ao pecado é que pode iluminar o que existe por trás do pecado em seus mais variados aspectos, assim como somente Aquele que não está sujeito ao pecado é que pode mostrar a verdadeira solução para a libertação do pecador das mais diversas áreas de atuação do jugo do pecado.

Salmos 146: 8 ***O SENHOR abre os olhos aos cegos, o SENHOR levanta os abatidos, o SENHOR ama os justos.***

João 8: 12 ***De novo, Ihes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.***

João 1: 29 ***No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!***

João 8: 31 ***Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos;***

32 e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

33 Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém; como dizes tu: Sereis livres?

34 Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado.

35 O escravo não fica sempre na casa; o filho, sim, para sempre.

36 Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.

Por fim, neste capítulo, assim como foi comentado também nos capítulos anteriores que abordaram o pecado e as suas consequências, ressaltamos mais uma vez que o convencimento ou elucidação sobre os meios falsos que propõem liberdade da escravidão do pecado não visa atemorizar as pessoas, pois ainda que o pecado seja vil também em propor falsas soluções, a justiça celestial, oferecida pela graça de Deus, também contempla suficiente provisão para a iluminação do coração das pessoas sobre a falsidade de cada proposta enganosa que o pecado tentar colocar diante delas.

*2 Coríntios 4: 6 **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.***

*Salmos 18: 28 **Porque fazes resplandecer a minha lâmpada; o SENHOR, meu Deus, derrama luz nas minhas trevas.***

*João 1: 5 **A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.***

*Salmos 79: 9 **Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso, pela glória do teu nome; livra-nos e perdoa-nos os pecados, por amor do teu nome.***

O Espírito Santo de fato foi enviado pelo Senhor para o convencimento do mundo sobre o pecado em todas as tentativas de atuação deste para que as pessoas saibam o quão terrível e enganoso é o pecado.

Entretanto, conjuntamente com o convencimento sobre o pecado, o Senhor também atribuiu ao Espírito Santo o convencimento do mundo sobre a justiça de Deus para que as pessoas saibam o quão ampla é a justiça provinda do Senhor, quão capaz ela é para prover a libertação dos pecadores da grande abundância de males que o pecado procura lhes imputar e para que saibam que a justiça do Senhor é a única maneira através da qual podem ser remidas, perdoadas e salvas a fim de também receberem a vida eterna no Senhor.

*Atos 13: 37 **Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção.**
38 **Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste;**
39 **e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.***

*Atos 4: 11 **Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular.***

12 E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.

Romanos 10: 13 Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

C18. A Revelação do Pecado e da Justiça “Antes de Cristo” e “Depois de Cristo”

Sob o objetivo de mostrar que a justiça de Deus oferecida pelo Senhor através do seu Evangelho é crucial para a salvação e a vida eterna de cada ser humano, nós temos procurado evidenciar, desde o início do presente material, que tanto a palavra *justiça* como a palavra *pecado* apresentam um uso muito mais amplo e mais vasto nas Escrituras Bíblicas do que aquilo que é descrito sobre estes termos na grande maioria dos dicionários linguísticos disponíveis no mundo.

Nos capítulos anteriores, vimos, por exemplo, que o termo *pecado* é utilizado pelas Escrituras para denotar a própria existência da possibilidade do mal ser cometido, incluindo a atuação do pecado na tentação ou na proposição de ofensas, assim como ele é utilizado para denotar todo o período de consequências que podem vir a ocorrer pela sujeição ao pecado ou ainda pela sujeição às proposições ineficazes que o pecado propõe para que as pessoas supostamente possam ser libertas do seu jugo.

No aspecto da *justiça*, vimos que este termo nas Escrituras, sob nenhuma hipótese, é limitado às ações de condenações de pessoas pela prática de uma transgressão, mas ele abrange toda a base de ações e condutas de Deus em relação a todo o Universo. Deus atua em retidão em tudo porque a base de todas as suas decisões está firmemente fundamentada na sua justiça. Por causa da perfeita justiça de Deus, nenhum pecado jamais pôde, pode ou poderá ser encontrado em Deus ou em qualquer dos seus juízos, caminhos e ações.

Nos capítulos iniciais deste material, foi exposto que o Senhor, mesmo diante de uma infinidade de injustiças praticadas contra Ele, não reagiu com injustiças, demonstrando que o Seu juízo, inclusive enquanto Cristo estava em agonia na cruz do Calvário, sempre esteve firmado na justiça.

A vinda de Cristo em carne ao mundo, assim como a crucificação de Cristo, contudo, não se limitaram a uma demonstração pública da justiça de Deus mesmo diante de terríveis e cruéis circunstâncias que o Senhor vivenciou no mundo ou que foram dirigidas a Ele através de agressivas e diretas oposições.

Conforme também foi comentado brevemente anteriormente, por meio da crucificação de Cristo, tanto a revelação mais ampla do pecado como a revelação mais ampla da justiça de Deus alcançaram uma dimensão até então impensável e incompreensível para a quase totalidade dos seres humanos.

A vinda de Cristo ao mundo e a Sua crucificação não ocorreram somente para dividir a referência do tempo cronológico em “antes de Cristo” e “depois de Cristo”, mas serviram também, ou principalmente, para introduzir um novo tempo de compreensão sobre a atuação do pecado e sobre a atuação da justiça de Deus em Cristo Jesus a favor da remissão e da salvação dos pecadores.

A partir da vinda do Senhor Jesus Cristo em carne ao mundo, Deus passou a manifestar o cumprimento da promessa de que em sua justiça não havia somente a provisão para que o Senhor não se associasse à injustiça, mas também que Ele, em sua justiça, fez a plena provisão de um caminho justo de libertação dos seres humanos do jugo de escravidão ao pecado.

A partir da vinda do Senhor Jesus Cristo em carne ao mundo, Deus passou a revelar muito mais explicitamente a amplitude do engano e do jugo que o pecado procura atribuir às pessoas, mas também ou conjuntamente passou a revelar muito mais amplamente a justiça provida pelo Senhor para que as pessoas não mais precisem permanecer sob o jugo do pecado, do corpo do pecado e das proposições falsas ou enganosas de libertação que tentam manter as pessoas subjugadas à escravidão ao pecado.

A obra de convencer o mundo sobre o pecado, a justiça e o juízo conjuntamente foi delegado mais explicitamente pelo Senhor ao Espírito Santo somente depois da morte e ressurreição de Cristo por causa daquilo que Deus manifestou por meio da vinda de seu Filho Unigênito ao mundo e pelo fato de que somente após a manifestação destes eventos específicos é que o convencimento mais amplo sobre estes temas em referência poderia também ser assimilado mais acuradamente pelos seres humanos.

Portanto, para que o tema do pecado, da justiça e do juízo possa ser aprofundado mais apropriadamente, ressaltamos que também é crucial que a percepção do período em que estamos inseridos na história da humanidade na Terra esteja adequadamente ajustada.

Para dar continuidade ao objetivo mencionado no início do capítulo anterior, ou seja, para conhecer mais precisamente os aspectos que nos ensinam e capacitam para evitar, resistir ou rejeitar as perversas tentativas de atuação do pecado, faz-se necessário também conhecer aquilo que Deus tornou disponível aos seres humanos ao longo da história e especialmente a partir da revelação mais explícita do Senhor Jesus Cristo ao mundo.

Relembrando ainda do capítulo anterior, gostaríamos de adicionar aqui a consideração de que uma parte significativa das proposições ineficazes que o mundo segue para buscar a libertação da escravidão ao conjunto de aspectos do pecado simplesmente advém da falta de observação mais precisa dos aspectos que o Senhor manifestou ou revelou de maneira crescente ao longo da história.

Se uma pessoa, por exemplo, adotar somente as Escrituras do denominado Antigo Testamento para tentar compreender como ela pode encontrar a libertação da escravidão ou da sujeição ao pecado, e não levar em consideração a vinda de Cristo em carne ao mundo e a revelação que o Senhor apresenta sobre a sua justiça nas Escrituras do denominado Novo Testamento, a perspectiva desta pessoa sobre o tema em referência também tenderá a ser muito limitada e inadequada.

Depois da vinda de Cristo em carne ao mundo, o pecado continua almejando os mesmos intentos perversos que estavam associados a ele antes desta vinda de Cristo, mas o cenário no qual o pecado passou a atuar mudou radicalmente. Apesar do pecado essencialmente continuar sendo mal independentemente da vinda de Cristo em carne ao mundo, uma série de aspectos do contexto das tentativas de atuação do pecado passou a contar com características substancialmente distintas.

O fato das pessoas que estão na Terra nos dias atuais viverem após a vinda de Cristo em carne ao mundo não implica em dizer que o pecado deixou de intentar o mal para elas, pois a vinda de Cristo em carne ao mundo não fez com que o pecado, propriamente dito, sofresse alterações no que se refere ao seu caráter mal, perverso e no que se refere à abundância de más consequências que ele procura atribuir à vida daqueles que se associam a ele. Contudo, por meio da vinda de Cristo ao mundo e de novas manifestação de alguns aspectos em particular da justiça do Senhor, a posição de

atuação do pecado e a condição das pessoas poderem ver e se posicionarem em relação ao pecado sofreram grandes ou substanciais mudanças.

Após a vinda de Cristo em carne ao mundo, o pecado continua tentando agir em linha com os intentos perversos que usava até então, mas com a diferença de que, a partir da crucificação de Cristo, ele teve a sua condição maligna mais amplamente desvendada e de que o próprio pecado passou a estar sujeito à condenação, sofrendo uma radical mudança no seu poder de reivindicar a dominação sobre as pessoas.

Quando Deus permitiu que o pecado mostrasse toda a sua perversidade contra o Seu Filho Amado, o qual assumiu sobre si a dívida ou o castigo do pecado de todos os seres humanos, o pecado incorreu no caminho da sua própria condenação, pois ao receber a paga do seu salário através da crucificação de Cristo, também o direito do pecado de reivindicar o seu salário ficou substancialmente alterado.

*Romanos 8: 3 **Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, ...***

As Escrituras da Bíblia contemplam os mais variados ângulos da atuação do pecado para que a perversidade do pecado seja exposta, mas também, e principalmente, para que a provisão de Deus a favor das pessoas e contra o domínio do pecado seja manifestada na sua grandeza e em sua plena capacidade de suprir a absolvição e a vitória sobre pecado nos mais diversos aspectos deste, conforme exemplificado mais uma vez nos textos abaixo:

*Romanos 5: 20 **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,**
21 **a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.***

*Gálatas 3: 22 **Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado, para que, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse a promessa concedida aos que creem.***

A forma como Cristo se manifestou para prover o caminho verdadeiro de salvação não foi feito sem que o inimigo “pecado”, o corpo do pecado e aqueles que querem fazer uso do pecado para dominar as pessoas fossem primeiramente expostos à vergonha que lhes é pertinente.

As Escrituras nos revelam que Cristo veio ao mundo na maneira e no tempo perfeito. Ele veio no tempo em que todas as mais diversas tentativas humanas de viver a vida de forma dissociada da vontade de Deus já haviam sido tentadas e veio no tempo em que todas as formas humanas para lidar

com o pecado já haviam sido experimentadas sem que nenhum êxito fosse alcançado.

*Hebreus 9: 26 (b) ... **agora, porém, ao se cumprirem os tempos, (Cristo) se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado.***

*Hebreus 2: 14(b) ... **(Cristo), igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão.***

*Gálatas 4: 3 **Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo;**
4 **mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,**
5 **para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.** (RC)*

Na plenitude dos tempos, a justiça de Deus desceu dos céus na pessoa de Cristo para permitir que a ira do pecado contra a justiça do Senhor se revelasse com uma intensidade sem precedentes ou de uma maneira que jamais fora concebida pela mente humana, pela mente dos poderosos das trevas e nem por aqueles que as servem no mundo. Entretanto, foi exatamente nesta expressão extrema da atuação das trevas contra o Senhor Jesus Cristo que o pecado foi manifestado derrotado diante do mundo terreno e diante de todo o mundo espiritual.

*Colossenses 2: 13 **E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com Cristo, perdoadando todos os nossos delitos;**
14 **tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz;**
15 **e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.***

As Escrituras nos ensinam inclusive que se os poderes das trevas e aqueles através dos quais o pecado atuava mais intensamente soubessem que a crucificação de Cristo também implicaria na condenação da maior ferramenta utilizada pelas trevas para o mal se propagar, que é o pecado, eles não teriam crucificado a Cristo.

*1 Coríntios 2: 7 ... **mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória;***

8 sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória.

Quando Deus permitiu que as trevas agissem para que o Senhor Jesus Cristo fosse crucificado, aquilo que parecia ser uma vitória definitiva e sem precedentes dos poderes das trevas contra a justiça de Deus mostrou-se como a manifestação sem precedentes do triunfo da justiça de Deus sobre os poderes das trevas e sobre o poder de domínio da principal arma das trevas.

No processo de crucificação de Cristo, foi concedido uma determinada amplitude de atuação às trevas que nunca fora concedido anteriormente, e foi concedido que os poderes das trevas se opusessem a Deus além de um limite que jamais lhe havia sido permitido avançar. Entretanto, ou ao mesmo tempo, as trevas também nunca foram expostas ao fracasso no nível em que foram expostas diante da cruz do Calvário.

No processo de crucificação de Cristo, o extremo poder das trevas e do pecado, que é a morte, foi cabalmente revelado como derrotado através da manifestação do que as Escrituras chamam de “fraqueza de Deus”.

Toda a estratégia do pecado e toda a força que o pecado obteve dos seres humanos para atuar contra a expressão viva da justiça de Deus em Cristo Jesus não foi suficiente para superar esta justiça na sua maior expressão de fraqueza.

1 Coríntios 1: 22 ***Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria;***
23 mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios;
24 mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.
25 Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

Quando o pecado recebeu o sacrifício de Cristo como a plena quitação do salário do pecado, este também incorreu no fato de que toda dívida para com ele fosse encerrada, perdendo assim todo o direito de reter na morte àqueles que creem, por causa da morte de Cristo, na provisão que encerra suas dívidas para com o pecado, a começar pelo próprio Senhor Jesus Cristo que assumiu sobre si o castigo de todos os seres humanos.

Atos 2: 22 ***Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis;***
23 sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos;
24 ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela.

Romanos 8: 1 **Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.**

2 *Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. (RC)*

Uma vez que o pecado recebeu a sua plena paga através do sacrifício da vida de Cristo na cruz do Calvário, ficou demonstrado que a plena e total soberania da justiça de Deus reinou inclusive sobre a mais cruel e poderosa expressão resultante do pecado, a saber, a morte.

1 Pedro 4: 1 **Ora, pois, já que Cristo padeceu por nós na carne, armai-vos também vós com este pensamento: que aquele que padeceu na carne já cessou do pecado, ... (RC)**

Apocalipse 1: 17(b) ... **Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último**
18 e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno.

1 Coríntios 15: 54 **E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória.**

55 *Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*

56 *O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.*

57 *Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.*

Depois da crucificação de Cristo e da Sua ressurreição, nada mais pode reter a ação de retirada do domínio pecado e do corpo do pecado sobre a vida daquele que crê que em Cristo a sua dívida para com o pecado foi encerrada para sempre.

Efésios 4: 8 **Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens.**

1 João 3: 5 **Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado.**

E ainda em outras palavras, quando os poderes trevas atuantes sobre a vida dos seres humanos receberam o sacrifício de Cristo como a paga devida do salário do pecado, elas também permitiram que o caminho para a novidade

vida no Senhor estivesse livre para ser oferecido sem impedimento algum a todos os seres humanos.

1 Pedro 3: 18 Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito.

Portanto, apesar do caráter de maldade do pecado, da morte e do diabo permanecerem iguais em todos os tempos, a partir da crucificação e ressurreição de Cristo a ideia de legitimidade de atuação e domínio irrestrito do pecado sobre as pessoas foi denunciada ou desmascarada, abrindo o caminho para que os demais aspectos da salvação do pecador também fossem amplamente revelados ao mundo.

Repetindo mais uma vez, embora o intento de maldade do pecado permaneça igual em todos os tempos, a crucificação e a ressurreição de Cristo modificaram amplamente a possibilidade de como as tentativas de atuação do pecado podem ser vistas, pois a partir da justiça de Deus manifestada pela vinda de Cristo também as condições para que uma pessoa não precise mais ficar sujeita ao domínio que o pecado lhe tenta imputar foram amplamente reveladas.

Concluindo, então, o presente capítulo, gostaríamos de ressaltar novamente que levar em conta os fatos ocorridos no período da história que é chamado nas Escrituras de “*plenitude dos tempos*” também é um aspecto crucial para que a compreensão real da posição contemporânea do pecado não fique distorcida ou comprometida e, principalmente, para que também a compreensão apropriada da justiça de Deus em favor da salvação dos pecadores não fique obscurecida.

2 Timóteo 1: 8 Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado, que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus,

9 que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos,

10 e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho.

C19. A Justiça de Deus Revelada como um Dom Celestial

Levando em conta as considerações do capítulo anterior, é possível começar a perceber claramente que a justiça de Deus é ainda muito maior e vai muito além do que apresentar a Deus como um Justo ou Correto Juiz em todas as suas decisões e atos.

Quando começamos a ver que Deus deu o Seu Filho Amado para manifestar a provisão de libertação das pessoas da escravidão ao pecado, ao corpo do pecado e aos caminhos que falsamente propõem esta liberdade, pode também ser visto claramente que o Senhor fez isto em favor de todos os seres humanos, demonstrando assim que a justiça celestial é mais um dos maravilhosos e essenciais atributos de Deus que o Senhor oferece para ser compartilhado com aqueles que aceitam receber as dádivas que dos céus lhes são oferecidas.

Considerando que a justiça de Deus é parte integrante do Evangelho do Senhor, e que o Evangelho se refere a uma oferta direcionada por Deus a todos os seres humanos, pode ser visto através do Evangelho que, além de apresentar um atributo do Senhor, a justiça de Deus também se configura em uma dádiva a ser concedida àqueles a quem as dádivas do Evangelho são direcionadas.

*Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;***

*17 **visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.***

Conforme foi mencionado amplamente nos estudos iniciais desta série, o Evangelho do Senhor não se refere somente a uma mensagem informativa e de notificação de conhecimentos, mas o Evangelho é a oferta real de dádivas procedentes do reino celestial para salvar os seres humanos e para capacitá-los a viverem uma vida segundo o querer de Deus e do seu reino.

Portanto, além de revelar ao mundo a sua condição de fazer tudo em justiça independentemente das circunstâncias que se opõem à sua justiça, o Senhor, através do seu Evangelho, também oferece a justiça do reino celestial como uma dádiva a todos os seres humanos a fim de que eles possam receber esta justiça em suas vidas para também alcançarem e desfrutarem o que é possível ser obtido somente mediante esta provisão celestial.

Ao apresentar a sua justiça como uma dádiva que pode ser oferecida e estendida em favor dos seres humanos para que estes possam encontrar a libertação das mais diversas escravidões às quais ficaram sujeitos, o Senhor manifestou a grandeza e sublimidade da sua justiça de forma ainda muito mais ampla, manifestando de forma singular todo um conjunto especial de aspectos da maravilhosa atuação de Deus em favor da sua criação.

A justiça de Deus, como uma dádiva do Senhor, é a justiça celestial manifestada entre os seres humanos, mas também a favor dos seres humanos. E, por sua vez, entender a justiça como uma dádiva do reino celestial, amplamente disponibilizada pelo Senhor aos seres humanos, pode cooperar significativamente para um indivíduo

ver e experimentar esta justiça de uma maneira muito mais pessoal do que somente ter o conhecimento geral de que Deus não age dissociado da sua justiça, aspecto este também anunciado desde a antiguidade pelos salmistas conforme exemplificado abaixo:

Salmos 31: 1 Em ti, SENHOR, me refugio; não seja eu jamais envergonhado; livra-me por tua justiça.

Salmos 143: 1 Atende, SENHOR, a minha oração, dá ouvidos às minhas súplicas. Responde-me, segundo a tua fidelidade, segundo a tua justiça.

...
11 Vivifica-me, SENHOR, por amor do teu nome; por amor da tua justiça, tira da tribulação a minha alma.

Salmos 65: 5 Com tremendos feitos nos respondes em tua justiça, ó Deus, Salvador nosso, esperança de todos os confins da terra e dos mares longínquos.

Como uma dádiva concedida pelo Senhor, a justiça celestial é o compartilhamento da justiça de Deus em favor da Sua criação e com a própria criação, permitindo que a justiça atue em favor da criação e se torne uma dádiva e uma benção indescritível na vida daqueles que a recebem.

Além de ser um atributo da própria essência de Deus, a justiça de Deus é um dom essencial através do qual o Senhor oferece o caminho da justificação aos pecadores para que também os demais aspectos da novidade de vida segundo o reino celestial sejam compartilhados com todos aqueles que recebem a justificação oferecida pelo Senhor.

Romanos 5: 1 Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;

2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

O triunfo de Cristo sobre o pecado, e sobre o corpo de pecado que este procura imputar sobre aqueles que se associaram ao pecado, já está plenamente realizado, mas é pelo recebimento do “dom da justiça”, já estabelecido eternamente por Deus, que uma pessoa pode passar a perceber este triunfo e passar a ser plenamente parte desta mesma vitória.

Romanos 5: 17 Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.

Devido à sua contribuição para o restabelecimento da comunhão das pessoas com o Senhor, o “*dom da justiça*” seguramente é uma das dádivas que Deus oferece que mais deveria ser conhecida por todos os seres humanos.

Quando Deus oferece compartilhar um dom para com a humanidade, Ele sempre o faz visando cooperar com as pessoas para que elas alcancem os propósitos de bênçãos que o Senhor tem reservado para elas, mas isto se torna ainda mais especial quanto ao “*dom da justiça*” tendo em vista a posição chave que este dom ocupa para o acesso das pessoas a uma série de outras dádivas que o Senhor oferece a elas.

Romanos 5: 6 Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.

7 Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer.

8 Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.

9 Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.

10 Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida;

11 e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.

Desta forma, conhecer a justiça de Deus também na sua característica de um dom que é oferecido a todas as pessoas e que é concedido para atuar em prol de cada ser humano pode alterar profundamente a perspectiva de vida de uma pessoa, inclusive no contexto do mundo em que o pecado ou a injustiça ainda atuam.

Através do “*dom da justiça*”, coisas que pareciam ser impossíveis de serem interrompidas podem ser interrompidas e coisas que pareciam ser impossíveis de serem obtidas passam a estar amplamente acessíveis.

Quando uma pessoa passa a conhecer e reconhecer aquilo que o “*dom da justiça*” já fez e ainda pode fazer por ela, também o contexto de como um indivíduo se posiciona em relação à vida pode ser substancialmente modificado.

Romanos 5: 15 Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos.

...

20 Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,

21 a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.

Romanos 6: 23 Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor.

2 Coríntios 5: 21 Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.

Gálatas 2: 20 Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.

Considerando que o “dom da justiça” oferecido por Deus à todas os seres humanos engloba aspectos tão essenciais e cruciais para a salvação e a novidade de vida de cada indivíduo, também fica ainda mais evidente o motivo pelo qual o Senhor chama a todos para buscarem o seu reino e a sua justiça em primeiro lugar.

Na amplitude de aspectos maravilhosos que há no reino de Deus e na sua justiça, o “dom da justiça” é digno de especial destaque visto que é através dele que o impedimento para as pessoas acessarem o reino de Deus é removido e a reconciliação entre um indivíduo e o Senhor é estabelecida, razão pela qual também dedicaremos os próximos capítulos à busca de uma abordagem mais ampla deste tão precioso, vital e glorioso dom.

C20. A Sublimidade do Dom da Justiça Manifestada na Justificação dos Pecadores

Quando o pecado é exposto à luz da justiça celestial, o conhecimento mais aprofundado sobre o pecado também evidencia mais amplamente o quão danosa é a atuação do pecado quando lhe é permitido espaço para atuar e o quão ampla precisa ser uma justiça que se proponha a oferecer o livramento das pessoas do pecado, do corpo do pecado e ainda da sujeição às proposições que falsamente oferecem alternativas para as pessoas serem libertas da escravidão ao conjunto de aspectos associados ao pecado.

E embora já tenha sido considerado nos capítulos anteriores que uma condenação foi imputada ao pecado por meio da crucificação de Cristo e que em Cristo a justiça celestial também é oferecida como um dom de redenção, parece-nos que a questão relacionada à condição dos seres humanos em relação ao pecado após a vinda de Cristo em carne ao mundo é um tema que ainda necessita ser abordado mais intensamente.

Se, por um lado, nós temos a informação de que a crucificação de Cristo foi necessária para que o pecado fosse exposto à luz da justiça celestial e sofresse a sua condenação, por outro lado, se somente a condenação do pecado fosse o alvo da justiça de Deus, os seres humanos ainda não teriam uma provisão que pudesse restaurá-los para a vida eterno no Senhor.

Ao se associarem ao pecado, os seres humanos também se tornaram pecadores, ímpios ou injustos. Portanto, se a obra de Cristo somente causasse que o pecado fosse condenado por ter agido contra a vida de uma pessoa plenamente inocente como o Senhor Jesus Cristo e por já ter recebido na morte de Cristo a paga do seu salário, esta obra do Senhor não implicaria, necessariamente, em que a condição dos pecadores passasse de um status de injustos para justos.

*Romanos 3: 10 **Como está escrito: Não há justo, nem um sequer,**
11 **não há quem entenda, não há quem busque a Deus;**
12 **todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.***

A rendição de Cristo para ser crucificado na cruz do Calvário, portanto, não foi um processo que almejou somente alguns aspectos isolados das consequências da sujeição humana ao pecado ou para simplesmente demonstrar a ira de Deus contra o pecado. A rendição de Cristo para ser sacrificado na cruz do Calvário foi uma obra pré-anunciada e perfeitamente preparada principalmente para possibilitar a remissão dos pecadores para que eles possam alcançar uma posição em que é possível retornarem à comunhão com o Senhor e à condição de herdeiros da vida eterna.

O sacrifício de Cristo, em um dos seus objetivos mais marcantes e extraordinários, foi realizado para estabelecer o que as Escrituras denominam de “justificação dos pecadores” para que precisamente aqueles que pecaram pudessem se arrepender e se apresentar diante de Deus sob uma condição de justiça.

E, por sua vez, a “justificação dos pecadores” seguramente é um dos aspectos que mais evidencia a grandeza e a singularidade da justiça de Deus como uma dádiva e um dom celestial que atuou e continua a atuar em favor de cada pessoa que se encontra no presente mundo, conforme exemplificado mais uma vez no texto a seguir:

*Romanos 5: 16 **O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação; mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação.***

*17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.***

*18 **Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.***

A justificação que proveio do ato de entrega de Cristo na cruz do Calvário, e que passou a ser oferecida a todos por meio do dom da justiça, faz parte do núcleo mais central da demonstração e prova do amor de Deus por cada ser humano, conforme apresentado explicitamente também no texto abaixo:

*Romanos 5: 8 **Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.***

*9 **Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.***

Além disso, entendemos que a insistência no tema sobre a justificação dos pecadores também se mostra muito necessária devido ao fato de que esta justificação é vista por um contingente enorme de seres humanos como um dos aspectos mais intrigantes da justiça de Deus.

Embora a justificação seja parte integrante de todo o processo da salvação que Deus oferece aos seres humanos em Cristo Jesus ou que sem a justificação através do sangue de Cristo nenhuma pessoa poderia vir a alcançar a salvação, este ponto ainda causa estranheza ou desconforto para muitos.

Quando a justificação oferecida por Deus é colocada em pauta, em muitos casos pode ser observado que este aspecto tão essencial da salvação é um dos pontos que gera as mais diversas reações contrárias a ele, desde a não compreensão e manifestação de desinteresse pelos aspectos mais profundos deste assunto até uma oposição a ele precisamente por aquilo que é oferecido por meio desta justificação.

Em um primeiro momento, o princípio que Deus usa para o aspecto da justificação pode soar de forma estranha porque aquilo que ela oferece, por meio de um dom da justiça, contraria a lógica do pensamento da maioria das pessoas ou pode nem ser percebido de forma minimamente adequada exatamente por apresentar um fato que contraria um pensamento mais preponderante do mundo.

O pensamento mais corrente entre muitas pessoas no mundo é que os indivíduos a quem uma justificação deveria ser direcionada, ou a quem ela deveria beneficiar, são aqueles que praticam obras dignas desta justificação, mas no caso da justificação segundo o dom da justiça celestial, ela oferece justificar, precisamente, àqueles indivíduos que não são merecedores desta justificação.

Assim, pelo fato de o dom da justiça não ser direcionado a justificar pessoas que supostamente seriam dignas de serem justificadas, mas oferecer a justificação precisamente àqueles que não têm mérito algum para serem justificados, também a compreensão da justificação oferecida por Deus por meio do dom da justiça mostra-se especialmente desafiadora para a mente humana.

Notemos mais uma vez uma parte do texto de Romanos que já foi visto acima no presente capítulo, a saber: ***Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.***

Cristo não morreu pelos seres humanos pelo fato deles terem realizado algum bem ou alguma prática de bondade, mas, pelo contrário, Ele morreu por eles quando eles ainda estavam amplamente associados ao pecado ou sujeitos a ele.

Nos textos a seguir, pode ser observada, ainda através de outros exemplos, a referida proposição da justificação precisamente daqueles que não são dignos dela:

Mateus 9: 12 Mas Jesus, ouvindo, disse: Os são não precisam de médico, e sim os doentes.

13 Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento.

Romanos 4: 4 Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida.

5 Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça.

6 E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras.

No texto de Romanos 4 que acaba de ser citado, Paulo nos afirma, de maneira extremamente objetiva, que aquele que “***crê naquele que justifica o ímpio***” recebe a imputação da justiça de Deus na sua vida, mostrando que o próprio Senhor é quem propõe a justificação daqueles que estão longe de serem merecedores dela.

A justificação dos pecadores é um dos pontos que inquieta as pessoas não somente em nossos dias, mas ela foi questionada por toda história e repetidamente contestada por aqueles que não compreendem ou não querem aceitar este modo de agir de Deus, conforme também é mencionado por Paulo no próximo texto:

1Coríntios 1: 22 Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria;

23 mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios;

24 mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.

Tanto o modelo denominado de judeu, representando uma tipologia de todas as pessoas que pensam que é possível alcançar a justificação por atos de práticas religiosas ou de obras humanas, como o modelo denominado de grego, figurando as pessoas que enaltecem o conhecimento e a razão humana para explicar todas as coisas, não conseguem compreender como um Deus Todo-Poderoso e Soberano poderia vir a se sacrificar por aqueles que viraram as costas para Ele para se associarem ao pecado.

Para os religiosos que almejam alcançar um lugar de merecimento para serem justificados, a justificação de Deus é um escândalo contra os seus modos de pensar e agir. Para os racionais, que almejam alcançar um lugar de merecimento por meio do conhecimento e da inteligência, ou até através da proposição de pensamentos de que Deus nem existe, o sacrifício de Cristo é a expressão de uma loucura ou de uma ação desprovida de lógica e sentido.

Entretanto, ou no final das contas, tanto o judeu como o grego, tanto o religioso como o racional ou liberal, têm a mesma base de raciocínio, pensando que se o ser humano adentrou pelo caminho da queda ou sujeição ao pecado, também é responsabilidade do ser humano encontrar uma solução ou uma maneira de conseguir uma recompensa por si mesmo para alcançar a sua libertação da escravidão do pecado e apresentar-se justificado diante de Deus.

As proposições tanto da figura do judeu como da figura do grego, todavia, desprezam o fato de que o pecado debilitou e dissociou os seres humanos completamente da possibilidade de encontrarem por si só uma saída que possa justificá-los perante a dívida que assumiram pela associação ao pecado e perante Deus contra quem executaram uma ofensa que nenhum ser humano pode reparar.

Quando olhamos para as propostas tanto do modelo denominado de judeu como do modelo chamado de grego, abordados mais amplamente nos materiais sob o título de A Nova Criatura em Cristo e O Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, podemos observar que a falta de percepção da realidade em que eles mesmos se encontram por causa do pecado é uma das mais tristes e brutais consequências do pecado. A sujeição ao pecado resultou em uma cegueira aos seres humanos ao ponto de eles ficarem privados de uma percepção minimamente adequada do mundo espiritual e do fato de que eles, em si mesmos, não apresentam qualquer possibilidade de reverter a posição em que eles se colocaram através da associação ao pecado.

O pecado embruteceu o coração e a mente natural das pessoas ao ponto delas, naturalmente falando, inclusive passarem a se opor à única solução verdadeira para a salvação das suas vidas.

Romanos 3: 12 **Todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.**

1 Coríntios 2: 14 **Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.**

Assim, se uma pessoa não abrir o coração ao Espírito Santo de Deus para ser ensinada por Ele sobre a justiça de Deus, ela não compreenderá a justificação que o Senhor lhe oferece e permanecerá sujeita a pensar que esta justificação é uma loucura

ou uma razão para se escandalizar em Deus, abrindo espaço para uma sucessiva sequência de novas ofensas, conforme já visto em capítulos anteriores.

Por outro lado, entendemos que convém ressaltar aqui mais uma vez que quando as Escrituras afirmam que Deus justifica os pecadores e que Ele enviou o Seu Filho Amado como sacrifício vivo para que a provisão desta justificação fosse plenamente realizada, isto não significa que Deus é leviano com o pecado de cada indivíduo ou que Deus passou a ser cúmplice das transgressões dos seres humanos.

A justificação dos pecadores faz parte da imaculável justiça de Deus, e como tal, ela foi manifestada ao mundo de uma maneira em que a própria justiça de Deus permaneceu plenamente justa ou perfeita.

A justificação que Deus proveu para a humanidade não foi introduzida no mundo repentinamente, ao acaso, em um tempo qualquer ou de uma maneira qualquer. A justificação provinda de Deus foi amplamente preparada e pré-anunciada, fazendo com que o propósito e as condições da atuação do dom da justiça, quando descesse dos céus para ser oferecido como sacrifício vivo para justificar os pecadores, já estivessem previamente estabelecidos a fim de que a retidão da provisão que ele veio trazer à Terra também não pudesse ser questionada após a realização do sacrifício.

O príncipe e os poderes das trevas, depois que Cristo foi crucificado, nada podiam exigir contrário à justificação provida por Deus para as pessoas, pois previamente eles puderam ter acesso às informações de que o sacrifício de Cristo era também como um sacrifício de um Cordeiro perfeito que se deixaria ser sacrificado para remir os seres humanos da escravidão ao pecado, ao corpo do pecado e aos meios ineficazes que em vão tentam remir as pessoas.

Quando os poderes das trevas atuaram para que a crucificação de Cristo ocorresse como predita, elas já haviam sido avisadas verbalmente e por meio das Escrituras de que o sacrifício de Cristo era um sacrifício de remissão e redenção das pessoas de suas dívidas com o pecado. Quando os poderes das trevas cooperaram para a crucificação de Cristo ocorrer, elas já haviam sido avisadas de que a crucificação de Cristo também representaria a paga plena da dívida das pessoas com o pecado, assim como representaria o perdão delas perante o Senhor. Quando o príncipe e os poderes das trevas exerceram influência para os seres humanos crucificarem a Cristo, eles também consentiram no veredito legal de que por meio da morte de Cristo as pessoas ficassem justificadas perante as dívidas dos seus pecados, assim como perante o Senhor.

A condenação de morte que estava direcionada a ser aplicada sobre todos os seres humanos recaiu sobre Cristo a fim de que nenhuma pessoa viesse a ser condenada eternamente à morte sem que o dom da justiça, que pode salvá-los eternamente, também lhes fosse primeiramente revelado e oferecido amplamente.

Isaías 53: 5 Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.

6 Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

7 Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.

8 Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido.

9 Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca.

10 Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos.

11 Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si.

Na sua morte, Cristo assumiu a nossa condenação para que através da sua ressurreição possamos encontrar a justificação e novidade de vida no Senhor.

Romanos 4: 25 ... (Jesus, nosso Senhor), o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação.

**João 3: 14 E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado,
15 para que todo o que nele crê tenha a vida eterna.**

16 Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

17 Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.

18 Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.

Aqui, então, fica evidenciada novamente a importância de que aquilo que as Escrituras chamam de plenitude dos tempos seja amplamente levado em consideração.

Deus, em Sua perfeita e plena sabedoria, estabeleceu um tempo específico onde todas as questões centrais sobre o pecado e sobre a justiça seriam colocadas frente a frente e seriam condensadas e reveladas de uma forma tão impactante que a referência aos tempos dos séculos no mundo passaria a ser divididos em antes da manifestação do dom da justiça e após a manifestação do dom da justiça.

Pelo fato da atuação do pecado passar a ter sido exposta plenamente somente diante do Cristo crucificado, o dom vivo da justiça de Deus, e pelo fato da justiça de Deus somente ter sido manifestada tão amplamente a todos os homens a partir da crucificação e ressurreição de Cristo, aprovou a Deus considerar os pecados da humanidade realizados até o momento destas revelações como pecados realizados sob a ignorância e sob a tolerância de Deus, sendo também estes, desta maneira, passíveis de

serem justificados pelo sacrifício que foi amplamente anunciado previamente para este propósito.

Diante do Cristo Jesus crucificado, o Senhor manifestou amplamente o pecado na sua real forma de ser e de agir, assim como no real objetivo que o pecado tem para com as pessoas que se associarem a ele. Entretanto, também através do Cristo Jesus crucificado, o Senhor manifestou a Sua justiça incorruptível de uma maneira transbordante e da forma mais palpável e próxima possível que ela poderia ser exposta diante dos seres humanos. E isto tudo, a fim de que as pessoas, com um entendimento amplo sobre o pecado e sobre a justiça demonstrada a partir dos céus, pudessem passar a perceber que somente de Deus provém a verdadeira justiça e para que pudessem passar a optar pela vida em Deus e não pela morte que está associada ao pecado.

Romanos 3: 19 Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus.

20 Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.

21 Mas, agora, se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus, tendo o testemunho da Lei e dos Profetas,

22 isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que creem; porque não há diferença.

23 Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus,

24 sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus,

25 ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus;

26 para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. (RC)

Atos 17: 30 Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam;

31 porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.

Se o pecado entrou no mundo por uma ofensa quando a humanidade ainda não conhecia de forma prática a amplitude da maldade do pecado, aprouve a Deus, através de Cristo, o dom da justiça celestial, revelar ao mundo que em Cristo as pessoas podem ser justificadas também dos pecados que foram feitos no tempo em que o conhecimento sobre pecado e a justiça de Deus ainda não estavam tão amplamente disponíveis. E isto, para que o Senhor seja conhecido como o Deus justo em tudo e justificador daqueles que pela fé creem na justiça de Deus, e para que crendo, também recebam a novidade de vida que é dada após a justificação.

Portanto, a partir da crucificação e da ressurreição de Cristo, ficou amplamente evidente que o caminho para alguém encontrar a justificação para a vida eterna ou para a novidade de vida no Senhor está exclusivamente em uma pessoa crer em Cristo Jesus

como a única provisão digna para a justificação dos pecadores e a qual Deus proveu através da obra de rendição do seu Filho Unigênito e Eterno para ser crucificado na cruz do Calvário.

Romanos 5: 18 Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.

João 14: 6 Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.

E, por fim, neste capítulo, considerando mais uma vez a condição vital que a justificação provida por Deus representa para a vida de cada pessoa, gostaríamos de apresentar a seguir também algumas anotações extraídas do Novo Dicionário da Bíblia para que, ainda em outras palavras, este assunto se torne cada vez mais esclarecido e consistente para aqueles que buscam conhecer os itens essenciais daquilo que o Senhor nos disponibilizou em Cristo ou em seu dom da justiça para que possamos viver uma vida abundante e segundo a vontade do Pai Celestial, a saber:

1) O Significado da Palavra Justificação:

“Justificar”, em hebraico ou grego, é um termo forense que significa “absolver”, “declarar justo”, o oposto de “condenar” (conforme Deuteronômio 25: 1; Provérbios 17: 15; Romanos 8: 33).

...

2) Justificação nos Escritos de Paulo:

Para Paulo, a justificação significa o ato de Deus que redime os pecados de homens culpados e que os reputa retos, gratuitamente, por Sua graça, mediante a fé em Cristo, à base, não de suas próprias obras, mas do representante obediente à lei, que derramou seu sangue a favor dos mesmos, o Senhor Jesus Cristo. (Quanto às diversas porções desta definição, vide Romanos 3: 23 até 26; 4: 5 até 8; 5: 8 e seguintes).

A doutrina de Paulo sobre a justificação é sua maneira característica de formular a verdade central do Evangelho: Deus perdoa os pecadores crentes. Teologicamente, é a mais altamente desenvolvida expressão dessa verdade no Novo Testamento.

...

A “justiça de Deus” é, dessa forma, um conceito predominantemente forense, denotando a graciosa obra de Deus que proporciona a pecadores culpados uma justificação justificada, absolvendo-os no tribunal do céu sem prejuízo para Sua própria justiça como Juiz.

...

A epístola aos Romanos é um livro que evidentemente deve ser lido como uma declaração compreensiva do Evangelho pregado por Paulo, do qual a doutrina da justificação é sua coluna vertebral.

Em três lugares Paulo escreve em termos pessoais sobre as convicções que o haviam tornado no homem e no missionário que ele era, e todas essas três passagens estão alinhadas em termos de justificação (Gálatas 2: 15 e 21; 2Coríntios 5: 16 até 21; Filipenses 3: 4 até 14). Em Romanos 7: 7 e seguintes, Paulo descreve sua necessidade pessoal de Cristo em termos da condenação imposta pela lei, – uma necessidade que só pode ser aliviada pela sentença justificadora de Deus proferida em Cristo (cfme Romanos 8: 1 e seguintes, e Gálatas 3: 19 até 4: 7). ...

Para Paulo a justificação é a bênção fundamental de Deus, pois essa bênção tanto salva do passado como assegura o futuro. Por um lado, significa perdão, e o fim das hostilidades entre Deus e nós mesmos (Atos 13: 39; Romanos 4: 6 e seguintes; 5: 9 e seguintes). Por outro lado, significa aceitação e direito a todas as bênçãos prometidas (Gálatas 4: 4 e seguintes; Romanos 8: 14 e seguintes). Ambos os aspectos aparecem em Romanos 5: 1 e 2, onde Paulo diz que a justificação traz tanto a paz com Deus (visto que os pecados foram removidos) como a esperança da glória de Deus (visto que o pecador é aceito como reto). Essa esperança é uma certeza; pois a justificação tem certa significação escatológica. Trata-se do julgamento do último dia trazido para o presente, um veredito final e irreversível. O indivíduo justificado, por conseguinte, pode ficar certo que nada será capaz de separá-lo do amor de seu Deus (Romanos 8: 33 até 39 e conforme 5: 9). Sua glorificação é certa (Romanos 8: 30). A inquisição futura, perante o tribunal de Cristo (Romanos 14: 10 e seguintes; 2Coríntios 5: 10) poderá privá-los de certos galardões específicos (1Coríntios 3: 15), mas jamais de sua posição de justificado.

...

3) A Base da Justificação:

...

Paulo mantém que Deus justifica pecadores sobre bases justas; a saber, que Jesus Cristo, agindo a favor dos mesmos, satisfaz as exigências da lei de Deus contra eles. Cristo foi “nascido sob a lei” (Gálatas 4: 4) a fim de cumprir o preceito e levar sobre Si a penalidade da lei em lugar deles. Mediante o Seu “sangue” (isto é, Sua morte), Ele apagou os seus pecados (Romanos 3: 25, e 5: 9). ... Ele se tornou “obediente até a morte” (Filipenses 2: 8), Sua vida reta culminou em Sua morte, morte como que de um injusto, levando sobre Si a maldição penal da lei (Gálatas 3: 13 e cfme Isaías 53: 4 até 12). Em Sua pessoa, sobre a cruz, os pecados de Seu povo foram julgados e expiados. Por meio desse “um ato de justiça”, Sua vida impecável e Sua morte, “veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida” (Romanos 5: 18). Dessa maneira, os crentes se tornam “justiça de Deus”, nEle e através dAquele que “não conheceu pecado” pessoalmente, mas que representativamente foi feito “pecado” (tratado como pecador e devidamente punido) em lugar deles (2Coríntios 5: 21). Por esse motivo, Cristo “... se nos tornou ... justiça” (1Coríntios 1: 30). Esse era o pensamento expresso na mais antiga teologia protestante pela frase “a imputação da justiça de Cristo”. Tal frase não se encontra nos escritos de Paulo, mas o seu significado sim.

O ponto deixado claro é que os crentes são feitos justos perante Deus (Romanos 5: 19) pelo fato que Deus os admite à posição de Cristo, da aceitação perante Ele. Em outras palavras, Deus os trata de conformidade com o merecimento de Cristo. Nada existe de arbitrário ou de artificial nisso tudo, pois Deus reconhece a existência de uma real união de solidariedade entre eles e Cristo, no pacto que aceitaram. Para Paulo, a união do crente com Cristo não é nenhuma ficção, mas antes, um fato ou o fato básico, em realidade, do cristianismo; e a sua doutrina de justificação é simplesmente seu primeiro passo na análise do seu significado.

Portanto, é “em Cristo” (Gálatas 2: 17 e 2Coríntios 5: 21) que os pecadores são justificados. ... quando Deus justifica pecadores à base da obediência e da morte de Cristo, está agindo com toda equidade. Dessa maneira, longe de comprometer Sua retidão judicial, esse método de justificação em realidade a exhibe.

...

O Evangelho que proclama a aparente violação de Deus com Sua própria justiça, em realidade revela a Sua justiça. Por seu método de justificação de pecadores, Deus (noutro

sentido) justificou a Si mesmo; pois, ao apresentar a Cristo como propiciação pelos pecados, em Quem o pecado humano foi realmente julgado e punido conforme merecia, Ele revelou a base justa sobre a qual Ele era capaz de perdoar e aceitar pecadores crentes nos tempos do Antigo Testamento (como de fato Ele fazia, conforme Salmos 130: 3 e seguintes), não menos que na era cristã.

4) O Meio da Justificação:

A fé em Cristo, diz Paulo, é o meio pelo qual a justiça é recebida e a justificação é proporcionada. Os pecadores são justificados “por” ou “mediante” a fé. Paulo não reputa que a fé seja a base da justificação. Se o fosse, a fé seria uma obra meritória, e Paulo não teria sido capaz de denominar o crente de “ao que não trabalha” (Romanos 4: 5); nem poderia prosseguir à sua afirmação que a salvação pela fé é “segundo a graça” (verso 16), pois a graça exclui de modo absoluto as obras (Romanos 11: 6).

...
Paulo cita o caso de Abraão, o qual “creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça”, a fim de provar que o homem é justificado mediante a fé independentemente de obras (Romanos 4: 3 e seguintes; Gálatas 3: 6; citando Gênesis 15: 6).

C21. O Propósito Reconciliatório da Justificação dos Pecadores

Quando uma pessoa, por exemplo, se coloca ou é colocada em uma situação em que ela necessita da ajuda de outros para ser resgatada, pode ser observado, dependendo do caso, que as ações para que o resgate possa vir a ocorrer sejam até muito mais amplas e complexas do que as ações que fizeram a pessoa se encontrar necessitada do resgate.

E o que foi citado no parágrafo anterior também é algo que ocorreu em relação à associação que os seres humanos fizeram ao corpo do pecado quando eles se entregaram à sujeição ao pecado.

As circunstâncias às quais os seres humanos se submeteram ao fazerem a opção pelo pecado foram tão drásticas que eles somente poderiam vir a ser libertos por uma intervenção externa, mais ampla e mais poderosa do que todo o referido complexo de circunstâncias ao qual eles se sujeitaram.

Além disso, a libertação dos seres humanos ainda precisaria respeitar uma série de princípios em suas ações para que esta libertação pudesse ser considerada completa e eternamente inquestionável quanto à sua legitimidade e justiça.

Em outras palavras, qualquer proposta de libertação dos seres humanos da escravidão ao pecado precisaria oferecer primeiramente uma justificação das pessoas dos seus pecados para depois poderem vir a serem libertas, conforme já foi exposto, em partes, no capítulo anterior.

Esta justificação inclusive necessitou ser tão ampla e extensa que uma explanação mais completa e precisa sobre ela também necessitou do uso conjunto de uma série de outros termos ou descrições que detalham a diversidade de aspectos que estão incluídos nesta justificação. A fim de que cada uma das áreas da abrangência da referida justificação esteja satisfatoriamente exposta, o Senhor também incluiu nas Escrituras uma grande quantidade de referências e termos específicos sobre os múltiplos pontos que estão englobados nesta tão sublime e singular justificação.

Por exemplo, anunciar que Deus justifica o pecador também inclui dizer que é Deus quem faz a quitação da dívida de castigo que estava atribuída ao pecador e que Deus perdoa as ofensas que o pecador realizou contra o Senhor, conforme pode ser relembrado no seguinte texto:

*Colossenses 2: 13 **E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdando todos os nossos delitos;**
 14 **tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz;**
 15 **e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.***

A justificação provida por Deus também inclui a condição completa daquilo que as Escrituras, por exemplo, chamam de remissão ou redenção do pecador da escravidão ao corpo do pecado e da dívida que este tinha para com o pecado e para com Deus por causa da ofensa contra o Senhor.

A justificação provida por Deus, também expressa pelas palavras remissão ou redenção que pagou o preço do resgate dos pecadores de todo o jugo do pecado, abrangeu tudo aquilo que era necessário ser provido, resolvido ou encerrado.

Conforme também já foi comentando no capítulo anterior, a justificação, remissão ou redenção realizada pelo sacrifício de Cristo Jesus na cruz do Calvário, como parte integrante e essencial do dom da justiça, é o meio pela qual Deus fez toda a provisão para que as pessoas possam receber a libertação da escravidão ao pecado, ao corpo do pecado e aos meios que de forma ineficaz propõem libertar as pessoas, aspectos lembrados mais uma vez também nos seguintes textos:

Apocalipse 1: 4 **João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete Espíritos que estão diante do seu trono;**
5 e da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o príncipe dos reis da terra. Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, ... (RC)

Colossenses 1: 13 **Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor,**
14 no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.

Atos 13: 38 **Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste (Cristo);**
39 e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.

Romanos 5: 24 **Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus,**
25(a) a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça.

João 8: 36 **Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.**

Salmos 103: 1 **Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome.**
2 Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios.
3 Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades;
4 quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia;
5 quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia.
6 O SENHOR faz justiça e julga a todos os oprimidos.

Por causa da magnitude da justificação provida por Deus, que inclui a remissão, resgate, redenção ou libertação, é que o Senhor Eterno também é chamado de justificador, salvador, redentor e libertador dos pecadores, conforme pode ser visto em mais uma série de textos a seguir:

Romanos 3: 26 **Tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.**

Salmos 65: 5 **Com tremendos feitos nos respondes em tua justiça, ó Deus, Salvador nosso, esperança de todos os confins da terra e dos mares longínquos;**

Isaías 43: 11 **Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há salvador.**

Lucas 2: 10 **O anjo, porém, lhes disse: Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo:**
11 é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor.

Salmos 78: 35 **Lembravam-se de que Deus era a sua rocha e o Deus Altíssimo, o seu redentor.**

Isaías 44: 6 **Assim diz o SENHOR, Rei de Israel, seu Redentor, o SENHOR dos Exércitos: Eu sou o primeiro e eu sou o último, e além de mim não há Deus.**

Salmos 68: 20 **O nosso Deus é o Deus libertador; com Deus, o SENHOR, está o escaparmos da morte.**

Salmos 18: 2 **O SENHOR é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador; o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio; o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte.**

A clara exposição de que a obra da justiça de Deus realizada por intermédio de Cristo visava e visa justificar e alcançar precisamente o pecador, aquele que se apartou do caminho ou da vontade do Senhor, é inegável e reiterada vez após vez ao longo das Escrituras da Bíblia.

1Timóteo 1: 15(a) **Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores.**

Lucas 19: 10 **Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido.**

Ver como clareza que a justificação é parte integrante do dom da justiça de Deus engloba perceber a única saída que uma pessoa tem para ser liberta da perdição e da escravidão produzidas pela associação ao pecado, pois a justificação celestial é a única justificação capaz de prover cada um dos itens necessários para a libertação de um indivíduo das mais variadas consequências que o pecado almeja atribuir sobre a vida dos pecadores.

Dando, porém, sequência ao objetivo de compreender mais amplamente a singular justificação oferecida por Deus, designada como uma dádiva a partir do trono da justiça celestial, podemos observar que a grandeza da justificação fica ainda mais evidenciada quando passamos a focar mais detalhadamente também o propósito que Deus reservou para aqueles que recebem esta justificação mediante a fé em Cristo Jesus.

Entre tantos aspectos que a sujeição ao pecado produz e entre tantos pontos que estão envolvidos no resgate de uma pessoa da opressão do pecado e das consequências derivadas da sujeição a ele, é extremamente importante que o propósito central da justificação, oferecida por Deus por meio do dom da justiça, também seja amplamente percebido e praticado.

Ou seja, a justificação que redime o pecador da condenação de morte ou que liberta o pecador do jugo da escravidão ao pecado e ao corpo do pecado não tem somente estes aspectos como o seu propósito final.

A justificação que Deus oferece ao pecador tem como um dos seus alvos que este receba a remissão da sujeição ao pecado, mas isto, para também restaurar aquilo que de mais importante foi prejudicado pelo pecado, que é a comunhão de um indivíduo com o seu Único e Eterno Criador.

Um alvo mais avançado da justificação, reservado para aqueles que aceitam a redenção ou a salvação oferecida pelo Senhor, é a liberdade e restauração deles para uma condição em que a disponibilidade de reconciliação com Deus seja notória e na qual a referida reconciliação pode ser vivenciada de fato ou de maneira prática, conforme exposto nos textos a seguir:

Romanos 5: 10 **Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida;**
11 **e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.**

2Coríntios 5: 18 **Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação,**

19 a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.

Colossenses 1: 21 **E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas,**
22 agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis.

Através da justificação provida por Deus em Cristo Jesus, os pecadores recebem o perdão dos pecados para que possam se apresentar justificados, perdoados e livres diante do Senhor a fim de estarem em paz com Deus e desfrutarem da comunhão com o Senhor.

Romanos 5: 1 **Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;**
2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.**

Hebreus 10: 16 **Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei,**
17 acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre.
18 Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado.
19 Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus,
20 pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne,
21 e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus,
22 aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura.

A justificação mediante o sangue de Cristo, ou através do sacrifício de Cristo na cruz do Calvário, restaurou o caminho para o aspecto mais crucial que a sujeição ao pecado corrompeu na vida dos seres humanos.

Um benefício da justificação que Deus oferece aos pecadores que de forma alguma deveria passar despercebido é que esta justificação remove tudo o que impede uma pessoa de se achegar individualmente a Deus para uma comunhão eterna com o

Senhor, e que, ao mesmo tempo, também deixa o caminho da graça amplamente aberto para que cada indivíduo possa se chegar com liberdade ao Senhor para ser instruído por Ele para uma vida segundo a vontade de Deus, e não segundo aquilo que o pecado propõe.

Um alvo mais avançado da justificação que provê a libertação do pecador do jugo do pecado, portanto, é a concessão da novidade de vida verdadeira que somente está disponível no Único e Verdadeiro Deus, conforme exposto nos textos repetidos mais uma vez abaixo:

Romanos 5: 18 *Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.*

Romanos 6: 23 *Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.*

A justificação oferecida gratuitamente por Deus a todos as pessoas, e que pode ser recebida mediante a fé no Senhor, certamente é uma expressão viva e evidente das profundezas do amor, da bondade e da misericórdia de Deus oferecidas através do Seu Filho Jesus Cristo a todos os seres humanos para que estes possam ser libertos daquilo que os escravizava.

Entretanto, a distinção do amor, da bondade e da misericórdia do Senhor recebem um destaque ainda mais sublime quando as Escrituras expõem que a justificação oferecida aos pecadores também é provida por Deus para que, acima de tudo, eles possam se beneficiar do caminho de retorno a um relacionamento apropriado de filhos amados ou herdeiros com o Pai Celestial, com o Senhor Jesus Cristo e com o Eterno Espírito Santo de Deus.

Tito 3: 4 *Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos,*
5 *não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo,*
6 *que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador,*
7 *a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna.*

C22. A Disponibilidade e a Aceitação do Dom da Justiça

Ao longo do presente material, foi exposto que o conhecimento das consequências com as quais pode vir a ser necessário lidar por causa da sujeição ao pecado pode ser uma ferramenta muito útil para uma pessoa avaliar e discernir as alternativas que lhe são apresentadas para lidar com o pecado e para escolher a opção que de fato soluciona as consequências mais duradouras desencadeadas pela associação ao pecado.

Ressaltamos aqui também mais uma vez, que a exposição do pecado como um potencial do mal a ser praticado, como um conjunto de más consequências desencadeadas pela sujeição a ele e, ainda, como um fluxo que pode atuar em várias direções e por todo o tempo em que este fluxo não é interrompido, não visa levar os leitores destas informações a uma posição de medo, mas visa expor o quanto cada ser humano precisa da provisão de Deus para lidar com todo este conjunto chamado de pecado e o quão ampla e poderosa precisa ser esta ajuda a fim de que seja notório que uma provisão desta magnitude jamais poderia ser criada e sustentada por aqueles que passaram a estar sujeitos à escravidão do pecado.

A obra de convencimento sobre o pecado e as suas consequências denuncia a perversidade do pecado, mas também evidencia a necessidade de uma justiça muito ampla e perfeita para contrapor tudo o que foi e é causado pela sujeição ao pecado.

Considerando que a sujeição ao pecado imputou a escravidão ao pecador por meio do corpo do pecado, constituído, entre outros, pelo castigo do pecado e pelo escrito de dívida, a provisão de Deus também deve prever a libertação do pecador da escravidão ao pecado e ao corpo do pecado.

Uma vez que a associação ao pecado implicou uma mudança na condição de existência do ser humano fazendo com que ele se tornasse “pecador”, a provisão de Deus também deve prever a restauração do pecador a uma condição de “justificado do pecado”.

Se a sujeição ao pecado, vista sob a ótica da ofensa, gerou culpa sobre o ser humano diante do Justo Juiz Eterno, a provisão de Deus deve também prever o perdão e a extinção desta culpa.

Uma vez que a associação ao pecado, vista sob a ótica da ofensa, introduziu uma barreira de separação e inimizada no relacionamento do ser humano com Deus, a provisão de Deus, para que esta consequência possa ser removida, também deve prever a possibilidade de reconciliação entre o ser humano e Deus.

Portanto, sem que haja uma solução para ser liberto da escravidão à qual o ser humano se submeteu através da sujeição ao pecado, também nenhuma outra restauração poderia lhe ser útil no final das contas, pois ele não teria a liberdade para desfrutar desta restauração enquanto ainda fosse escravo do pecado.

Somente uma provisão que contemple uma libertação plenamente satisfatória da escravidão que é colocada sobre o pecador pela sujeição ao pecado é que de fato pode conceder, simultaneamente ou na sequência, a restauração da vida daquele que foi liberto da sujeição ao pecado.

Para que o ser humano não sofra os danos eternos do seu pecado e esteja apto a receber a novidade de vida celestial e eterna que é concedida em liberdade pelo Senhor, faz-se necessário uma provisão ou libertação

que solucione todos os aspectos mais duradouros que poderiam manter uma pessoa sujeita ao pecado.

Sem uma solução justa e que pudesse salvar ao mesmo tempo da escravidão ao pecado, do peso da culpa, da perda da condição de ser justo e, ainda, da barreira de inimizade para com Deus, a questão do domínio do pecado sobre as pessoas não poderia ser destituída de forma satisfatória e eterna, e assim continuaria a impedir a concessão da novidade de vida que o Senhor tem reservado para aqueles que receberiam a salvação que dos céus é oferecida.

Expressando o parágrafo anterior ainda em outras palavras, podemos dizer que somente uma provisão que seja, ao mesmo tempo, justificadora, redentora, perdoadora e reconciliadora pode solucionar as consequências vis mais profundas que a sujeição ao pecado procura atribuir às pessoas para que elas não alcancem a liberdade para terem livre acesso à verdadeira vida eterna.

A justificação do pecador, a redenção das pessoas do jugo do pecado e dos meios ineficazes para encontrar a liberdade, o perdão do pecado, e a reconciliação do pecador com Deus são facetas distintas da salvação oferecida pelo Senhor, mas, ao mesmo tempo, eles são aspectos inseparáveis de uma mesma e singular provisão para a libertação das pessoas do domínio e do agir do pecado contra as suas vidas.

Tendo em mente que o ponto central objetivado pelo pecado é a ruptura do relacionamento apropriado da criatura com o seu Criador, uma provisão que, por exemplo, somente remisse as pessoas da escravidão do pecado e que não oferecesse a condição das pessoas retornarem a um adequado relacionamento com Deus, não seria, de fato, uma solução de vida e, por conseguinte, não seria uma solução real contra os danos que a sujeição ao pecado almeja causar.

Somente a remissão do pecador do jugo do pecado e o perdão do pecador ainda não poderiam produzir a novidade de vida verdadeira que ele necessita, pois esta vida está em Deus e é concedida a partir da reconciliação de uma pessoa com o Senhor.

Uma provisão completa contra as consequências da sujeição ao pecado precisa conter uma solução plenamente satisfatória contra a pena de morte eterna, mas ela precisa, igualmente, prover uma reconciliação com a provisão de vida eterna.

Assim como a prática do pecado não atribui somente os danos diretos de uma mera transgressão, mas imputa todo um conjunto de consequências ao pecador, assim também a provisão de Deus para que o jugo do pecado possa ser destituído de sobre o pecador não poderia prover somente aspectos parciais contra o jugo do pecado. Para ser completa, a provisão de Deus precisa prover um caminho real para a restauração da conexão com a vida eterna.

Entretanto, alcançar uma percepção clara sobre o pecado e, principalmente, sobre a necessidade de uma provisão que trate com os aspectos mais duradouros gerados pela associação ao pecado e com a reconciliação com o Senhor não deveria permanecer somente no nível informativo ou contemplativo.

O conhecimento de tantos aspectos sobre o jugo que a associação ao pecado tenta atribuir ao pecador e sobre a necessidade de uma provisão celestial para encontrar a libertação deste jugo, por mais esclarecedor que ele possa se mostrar, não implica necessariamente no fato de que esta

provisão redentora se aplique automaticamente a cada indivíduo que passa a estar informado sobre estes aspectos em referência.

Obter o conhecimento sobre a necessidade de um recurso específico e sobre o próprio recurso para solucionar uma questão em particular não implica em dizer que o recurso estará sempre ou automaticamente disponível a quem precisa dele e nem que a pessoa que necessita do recurso estará disposta a receber este recurso na forma como ele é oferecido.

Por isso, quando passamos a considerar a disponibilidade da provisão celestial para a libertação dos pecadores e para a concessão da novidade de vida eterna a eles, também é tão relevante conhecer a justiça de Deus através do Evangelho de Deus, pois, através do seu Evangelho, o Senhor evidencia como a referida provisão é tornada disponível, assim como evidencia a necessidade de que esta provisão seja aceita voluntariamente por aqueles que dela necessitam.

O fato da justiça de Deus ser uma parte integrante do Evangelho de Deus, e o fato de vivermos em uma época em que este Evangelho já foi amplamente disponibilizado a todas as pessoas que vivem na Terra, revelam-nos que também a provisão para alcançar a libertação do jugo do pecado já está perfeitamente disponibilizada.

Para nós que vivemos após a vinda de Cristo em carne ao mundo, da sua morte na cruz do Calvário e da sua ressurreição, toda a provisão necessária para que um pecador possa alcançar a libertação da escravidão ao jugo do pecado, ao corpo do pecado e, ainda, para que uma pessoa possa retornar à comunhão com Deus já está plenamente e perfeitamente disponível, e nada mais precisa ser acrescentada a ela. Aspecto este, mencionado repetidamente nas Escrituras conforme também exemplificado a seguir:

*1 Pedro 3: 18 **Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, ...***

*Hebreus 10: 12 **Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus,***
*13 **aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés.***
*14 **Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados.***

*Romanos 6: 5 **Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição,***
*6 **sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos;***
*7 **porquanto quem morreu está justificado do pecado.***
*8 **Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos,***
*9 **sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele.***

10 Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus.

*João 19: 30 Quando, pois, **Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito.***

Quando as Escrituras descrevem que os seres humanos necessitam uma provisão do reino dos céus para alcançarem a libertação da escravidão ao pecado e ao corpo do pecado, isto já não se refere mais ao aspecto de que esta provisão precise ser criada, constituída ou tornada disponível, visto que ela já foi perfeitamente manifestada na crucificação de Cristo Jesus e na sua ressurreição dentre os mortos.

Desta forma, tendo em vista que a provisão para a libertação do pecador já foi perfeitamente estabelecida e oferecida, a questão central em nossos dias já não se refere mais ao que Deus precisa prover ao pecador, mas à postura que cada pecador individualmente necessita adotar para se associar à provisão que Deus já tornou disponível para ser acessada por todos os pecadores.

Assim como o Evangelho de Deus é uma oferta, e uma verdadeira ou legítima oferta não se impõe sobre os destinatários da oferta, assim também o dom da justiça, como parte do Evangelho do Senhor, é uma oferta que não se impõe sobre aqueles que dela necessitam.

A redenção do pecador do jugo de escravidão, o perdão do seu pecado e a justificação de uma pessoa perante Deus têm um propósito bem objetivo, específico e central, e que é a reconciliação e a comunhão das pessoas com Deus, pois somente no Senhor está a verdadeira novidade de vida eterna. Entretanto, se uma pessoa não quiser este propósito específico da justiça de Deus, também o dom da justiça, apesar de já estar disponível, não se torna em uma experiência pessoal em sua vida.

Para que o dom da justiça não fique restrito à condição de ser perfeito em tudo o que realizou ou à condição de estar plenamente disponível a todos os seres humanos, mas venha a se tornar uma experiência individual ou pessoal dos pecadores, é que o Senhor, por meio das suas Escrituras, inclusive chega a nos rogar para que aceitemos o seu dom da justiça e para que avancemos para o propósito mais profundo que está associado a ele, conforme nos mostra explicitamente o texto a seguir:

2 Coríntios 5: 18 Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação,

19 a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.

20 De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.

A justificação, a remissão e o perdão dos pecadores são aspectos indescritivelmente maravilhosos e os quais exigiram o mais alto preço que poderia ser pago em todo o universo, a saber, o sacrifício de Cristo na cruz

do Calvário. Entretanto, se uma pessoa não se dispuser a aceitar ou receber a provisão de auxílio a ela oferecida pelo Senhor, ela ainda se abstém da posição em que pode desfrutar aquilo que lhe é oferecido gratuitamente por Deus.

*João 5: 39 **Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.***
*40 **Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida.***

*João 11: 25 **Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá;***
26 e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto?

A provisão da justiça de Deus para o pecador, já manifestada em Cristo Jesus, é a única via que possibilita uma pessoa se dissociar da escravidão ao pecado, aos poderes das trevas e ao príncipe deste mundo, assim como também é a única via para uma pessoa se reconciliar com Deus. Contudo, se um indivíduo não receber a dádiva singular da justiça de Deus a ele oferecida, ele também não poderá acessar os seus benefícios, não porque eles não lhe estejam disponíveis, mas porque esta pessoa não se dispõe a aceitar o dom da justiça celestial em sua vida pessoal.

Enquanto as pessoas que viviam nos tempos do denominado Antigo Testamento ainda necessitavam aguardar a plenitude dos tempos para que a obra de Cristo testemunhasse retroativamente a favor deles, as pessoas que vivem após a crucificação e ressurreição de Cristo não precisam aguardar novas obras da parte de Deus para que a justificação e a reconciliação deles com o Senhor possa ser estabelecida, pois esta questão, nos dias presentes, gira essencialmente em torno das pessoas receberem ou não receberem o que já foi tornado plenamente disponível a elas pelo Senhor.

Uma vez que toda a provisão para a justificação do pecador e toda a provisão para a sua reconciliação com Deus já está disponibilizada pelo Senhor em Cristo Jesus, o entendimento de como o dom da justiça pode ser recebido pessoalmente e o ato de efetivamente recebê-lo passaram, em diversos sentidos, a ser os pontos mais cruciais da vida de uma pessoa que ainda se encontra na Terra.

A condição vital da aceitação ou do recebimento do dom de justiça jamais deveria deixar de ser anunciada e ensinada amplamente, pois é pelo recebimento individual do dom da justiça oferecido por Deus a toda a humanidade que este se torna também a justiça pessoal de um indivíduo.

Uma vez que o dom da justiça de Deus já se manifestou pleno e perfeito no que se refere à provisão para a justificação, redenção, perdão e reconciliação do pecador, a aceitação e o recebimento dele passaram a ser o assunto mais crucial para a salvação da humanidade.

Aqui, porém, gostaríamos de acrescentar ainda a consideração de que a provisão do dom da justiça celestial também passou a ser o ponto sobre o qual recaem as maiores oposições àquilo que o Senhor oferece gratuitamente dos céus a todos.

Uma vez que o dom da justiça triunfou de forma inquestionável sobre tudo o que envolve o pecado, um dos principais alvos das trevas também passou a estar amplamente focado no aspecto de que as pessoas não conheçam este dom da justiça ou, se vierem a conhecê-lo, para que elas não venham a aceitá-lo em suas vidas pessoais.

Considerando que Deus já revelou de forma irreversível o dom da justiça como o caminho para os seres humanos obterem a libertação da escravidão ao pecado e para obterem a novidade da vida eterna no Senhor, a oposição dos poderes das trevas e do pecado também passou a ser direcionada mais intensamente para que as pessoas não venham a encontrar este caminho ou não venham a querer optar por ele.

Assim, a oposição ao tema da aceitação e do recebimento do dom de justiça jamais deveria ser menosprezado e nem considerado como uma leve resistência, pois uma vez que os poderes das trevas já foram expostos à vergonha na cruz pelo dom da justiça e nada puderam fazer para impedir que este dom se manifestasse em plenitude e perfeição, o que resta aos poderes das trevas é tentar fazer com que as pessoas não conheçam aquilo que triunfou sobre as trevas ou que as pessoas não aceitem a dádiva que torna a libertação delas em uma experiência pessoal.

Depois da vinda de Cristo em carne ao mundo ou depois da crucificação e da ressurreição de Cristo, a distorção do tema sobre a maneira pela qual uma pessoa pode ser justificada do pecado e como ela pode ser reconciliada com Deus passou a ser um dos principais aspectos almejados pelos poderes das trevas, a ponto deles inclusive avançarem para as tentativas de apresentar falsos ministros da justiça com o intuito de distorcer o entendimento das pessoas sobre a única justiça perfeita que é aquela que vem de Deus através de Cristo Jesus.

Nos presentes dias, é na oposição ao recebimento do dom da justiça de Deus por parte das pessoas que o diabo e os poderes das trevas expõem algumas das armas mais vis da sua perversa atuação.

2 Coríntios 11: 3 *Mas temo que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos entendimentos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo.* (EC)

2 Coríntios 11: 13 *Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo.*

14 *E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.*

15 *Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras.*

Com o objetivo de se opor à justiça eternamente estabelecida por Deus em Cristo Jesus, o diabo pode procurar até se disfarçar como anjo de luz e apresentar pretensos apóstolos de Cristo e ministros da justiça, demonstrando assim que os poderes espirituais das trevas sabem o quão crucial é para uma pessoa a devida aceitação ou recebimento do dom da justiça.

E tendo por parâmetro os aspectos mencionados até aqui no presente capítulo, entendemos que também passa a ser muito oportuno apresentar um destaque especial para o fato de que **a aceitação e o recebimento do dom da justiça de Deus foram estabelecidos pelo Senhor para serem segundo “a simplicidade que há em Cristo”**.

Apesar da amplitude e da complexidade de todas as consequências que podem advir da sujeição das pessoas ao pecado, da amplitude e da complexidade ainda maiores necessárias para a provisão e manifestação de uma justiça que possa remir as pessoas depois que se associaram ao pecado e, ainda, que possa conceder-lhes a novidade de vida eterna, entendemos que convém ressaltar aqui que **a maneira disponibilizada por Deus para que o dom da justiça seja aceito e recebido é extremamente simples, permitindo que todas as pessoas possam ter acesso a ele**, inclusive independentemente delas carecerem ou não carecerem de recursos no mundo material, conforme exposto, por exemplo, a seguir:

- Romanos 10: 9* ***Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.***
- 10*** ***Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.***
- 11*** ***Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido.***
- 12*** ***Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.***
- 13*** ***Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.***

Se as pessoas tropeçam no quesito da aceitação e do recebimento pessoal do dom da justiça, de nenhuma maneira isto pode ser atribuído a alguma complexidade relacionada à forma pela qual este dom é ofertado pelo Senhor. Os tropeços diante da aceitação desta dádiva de Deus, quando acontecem, muitas vezes ocorrem precisamente pelo tropeço das pessoas em relação há simplicidade pela qual o dom da justiça pode ser recebido, conforme lembrado também nos textos abaixo:

- 1 Coríntios 1: 17* ***Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo.***
- 18*** ***Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus.***
- 19*** ***Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.***
- 20*** ***Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?***
- 21*** ***Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação.***
- 22*** ***Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria;***
- 23*** ***mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios;***

24 mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.

25 Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

Romanos 10: 1 **Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos.**

2 Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.

3 Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.

4 Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.

Uma das mais expressivas dificuldades para algumas pessoas entenderem e receberem o dom da justiça reside no fato da aceitação de que toda a provisão para a justificação foi feita basicamente por Deus e de que uma pessoa nada pode fazer para cooperar para que este dom viesse a lhe estar disponível.

A não rendição ao fato de que toda a provisão para resistir e vencer o pecado e o corpo do pecado procede exclusivamente de Deus é um dos fatores centrais e presentes em toda a resistência à aceitação do dom da justiça, pois este fato também faz com que as pessoas se deparem com um aspecto básico da raiz do pecado que as atrai, o qual, por sua vez, é o não reconhecimento da condição exclusiva do Senhor como Deus, Criador e Fonte Singular de tudo que é essencial para a vida.

Uma das dificuldades que mais se opõe à aceitação do dom da justiça pelas pessoas reside no fato delas resistirem à humilde atitude de reconhecerem que somente o Senhor Eterno é Deus e de que somente o Senhor Eterno é soberano sobre tudo e sobre todos, e, inclusive, acima do pecado e das suas consequências.

O pensamento de que a produção da provisão de justificação, redenção, perdão e reconciliação é dependente de obras das pessoas para elas tentarem se redimir é um dos pensamentos mais vis e perversos existentes em todas as épocas da vida na Terra, pois este pensamento propõe que Deus não seria poderoso e livre para prover, a partir de si mesmo, uma alternativa ou um caminho de libertação dos seres humanos.

O pensamento de que a provisão para a justificação, redenção, perdão e reconciliação necessitam de obras humanas, no sentido das pessoas por si mesmas tentarem edificar a sua salvação, objetiva, de uma ou de outra forma, reduzir Deus a uma dependência da atuação da criatura para que pudesse tomar a iniciativa de manifestar a sua justiça em todas as áreas ou, ainda, procura fazer com que as pessoas recaiam repetidamente nos aspectos que tentam elevar a criatura à posição de Deus e Deus à posição de criatura, conforme exposto amplamente no estudo sobre o Evangelho do Criador.

Conforme nos mostram os textos a seguir, Deus é soberano em tudo, e isto também se aplica quanto aos aspectos de tornar o dom da justiça disponível a todas as pessoas.

Atos 17: 24 **O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas.**

25 Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais.

Isaías 45: 21 **Declarai e apresentai as vossas razões. Que tomem conselho uns com os outros. Quem fez ouvir isto desde a antiguidade? Quem desde aquele tempo o anunciou? Porventura, não o fiz eu, o SENHOR? Pois não há outro Deus, senão eu, Deus justo e Salvador não há além de mim.**

22 Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro.

23 Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua.

24 De mim se dirá: Tão-somente no SENHOR há justiça e força; até ele virão e serão envergonhados todos os que se irritarem contra ele.

Portanto, uma das mais severas ilusões à qual um ser humano pode vir a ficar sujeito é ele chegar a pensar que pode produzir justiça verdadeira para a sua justificação ou que ele pode produzir a provisão para a sua salvação estando ele mesmo sujeito ao pecado e à injustiça depois que se associou ao pecado, esquecendo-se que carne e sangue corrompidos pelo pecado não podem herdar o reino de Deus.

1 Coríntios 15: 50 **Isto afirmo, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção.**

Algumas presunções falsas sobre o potencial do ser humano para alcançar méritos para a sua salvação constituem algumas das mais fortes, obscuras e vis prisões ou cadeias que as pessoas podem vir a ficar sujeitas, pois apesar da plena e singular provisão para serem libertas da opressão do pecado já lhes estar amplamente disponível no Senhor, muitos indivíduos ainda escolhem permanecer sujeitas ao engano pela confiança inapropriada na capacidade humana para alcançar a salvação.

Diante do Senhor, as tentativas dos seres humanos que visam alcançar a remissão, libertação e salvação através de seus próprios esforços não somente são vistos como ineficazes, mas ainda são comparados à insistência em atos de injustiça, iniquidade ou trapos de imundícia por resistirem a singular opção de salvação que o Senhor lhes oferece através do seu dom da justiça.

Isaías 64: 6 **Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam.**

Se o ser humano pudesse desfazer tudo o que é desencadeado quando ele se associa ao pecado, ele seria equiparável a um “deus”, pois poderia cometer transgressões e desfazer todas as consequências delas pela sua capacidade. Se o ser humano pudesse desfazer o mal praticado com sacrifícios providos por ele mesmo, ele não precisaria da justiça celestial e o sacrifício de Cristo na cruz do Calvário teria sido uma ação desnecessária ou vã.

Entendemos, então, que neste ponto também convém destacar que o mero conhecimento do bem e do mal é algo muito distinto de um indivíduo ter a capacidade de fazer o bem, resistir ao mal ou, ainda, de desfazer as consequências eternas do mal praticado, conforme exemplificado no texto abaixo escrito pelo apóstolo Paulo:

Romanos 7: 18 **Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo.**

19 **Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.**

A verdadeira provisão para absolver uma pessoa da escravidão ao conjunto de aspectos derivados do pecado depois que ela ficou sujeita a ele somente provém de Deus, assim como qualquer bem verdadeiro que o ser humano intentar fazer somente pode ser feito se lhe for concedida a graça do Senhor para fazê-lo.

Lamentações 3: 22 **As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim;**

Salmos 94: 17 **Se não fora o auxílio do SENHOR, já a minha alma estaria na região do silêncio.**

Tiago 1: 17 **Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.**

Também é na aceitação de ser uma criatura de Deus e de que toda a provisão para uma verdadeira novidade de vida procede de Deus, inclusive para a justificação e reconciliação daquele que se desviou da justiça do Senhor, que uma pessoa encontra o local da aceitação do dom gratuito que a justifica e a reconcilia com o Senhor para um viver e andar segundo a vontade de Deus.

A simplicidade da aceitação do dom da justiça encontra-se no crer e confiar em Deus como o Criador Eterno e como Aquele que é o provedor da justificação dos pecadores e da reconciliação eterna deles com o Senhor.

- Salmos 37: 1 Não te indignes por causa dos malfeitores, nem tenhas inveja dos que praticam a iniquidade.*
- 2 Pois eles dentro em breve definharão como a relva e murcharão como a erva verde.*
- 3 Confia no SENHOR e faze o bem; habita na terra e alimenta-te da verdade.*
- 4 Agrada-te do SENHOR, e ele satisfará os desejos do teu coração.*
- 5 Entrega o teu caminho ao SENHOR, confia nele, e o mais ele fará.*
- 6 Fará sobressair a tua justiça como a luz e o teu direito, como o sol ao meio-dia.*

Quando uma pessoa recebe a Cristo como o dom da justiça do Senhor para a sua vida, Cristo passa a ser a justiça desta pessoa, e é esta justiça, que é Cristo na vida de cada indivíduo, que Deus fará sobressair como a luz ou como o sol ao meio-dia.

Cristo foi feito o dom da justiça por nós para que a justiça eterna de Deus também pudesse vir a ser recebida como a “Nossa Justiça Eterna”.

Malaquias 3: 2 Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezerras soltos da estrebaria.

- Jeremias 23: 5 Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra.*
- 6 Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; será este o seu nome, com que será chamado: SENHOR, Justiça Nossa.*

Jeremias 51: 10 O SENHOR trouxe a nossa justiça à luz; vinde, e anunciemos em Sião a obra do SENHOR, nosso Deus.

- 1 Coríntios 1: 30 Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,*
- 31 para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.*

Mais uma vez, então, destacamos no texto abaixo que toda a provisão da justificação e da reconciliação se encontra somente em Cristo, pois exclusivamente através Cristo foi realizado um sacrifício de sangue não corrompido para a libertação daqueles que se corromperam pela sujeição ao pecado.

Romanos 5: 6 Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.

- 7 Difícilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer.**
- 8 Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.**
- 9 Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.**
- 10 Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida;**
- 11 e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.**
-

Em Cristo, Deus, de certa forma, “empacotou” a sua justiça em um “dom”, e um “dom” é constituído para ser “oferecido” e “dado”. Assim, se alguém confia em Deus como o seu justificador, ele passa a receber o “dom da justiça” como um presente, e como um presente recebido, o “dom” também passa a ser da pessoa.

Portanto, a simplicidade da aceitação da justificação provida por Deus está no fato dela ser “*um dom da justiça*” que “*simplesmente*” deve ser recebido mediante a fé por aquele que dele necessita, lembrando, porém, que esta mesma via tão simples através da qual justificação é oferecida também é um aspecto pelo qual tantas pessoas desprezam ou rejeitam este dom celestial.

Por mais estranho que isto possa parecer, o fato de ser a própria justiça de Deus que gratuitamente, mediante a graça do Senhor, justifica o pecador, e que também possibilita que o pecador se reconcilie com Deus, é que acaba fazendo que esta provisão seja o foco de tanta rejeição por parte de muitas pessoas, aspecto abordado mais amplamente também no estudo sob o título do Evangelho da Graça de Deus.

Assim, de forma bem resumida, condensada ou objetiva, podemos concluir que qualquer opção que não aceita a exclusividade da provisão da justiça de Deus em Cristo Jesus é uma proposta que se opõem a dádiva de Deus em prol de todos os seres humanos, e as quais, muitas vezes, são apresentadas exatamente pelo fato de que algumas pessoas veem a provisão da graça e bondade de Deus em Cristo Jesus como um escândalo ou loucura.

Muitos, de fato, pensam que a justiça que justifica o ser humano e que pode remi-lo do pecado e das consequências do pecado pode proceder dos próprios pecadores, mas este pensamento contraria a verdade que é descrita ao longo das Escrituras do Senhor.

Provérbios 29: 26 **Muitos buscam o favor daquele que governa, mas para o homem a justiça vem do SENHOR.**

O dom da justiça de Deus, que está em Cristo, que também é nos oferecido como Cristo em nós e nós em Cristo, somente pode ser recebido mediante a dádiva graciosa, ele somente pode ser aceito por fé de que Deus fez uma provisão plena e perfeita pelos pecadores, mas também é esta a simplicidade que traz tanto desconforto a tantas pessoas.

É interessante observar nas Escrituras que depois que a justiça de Deus se revelou salvadora em Cristo Jesus, e como um dom a ser recebido gratuitamente, a ênfase de que esta justiça se refere a uma salvação concedida pela graça e a ser aceita pela fé precisou ser amplamente anunciada, pois constantemente as pessoas queriam associar a salvação e a justificação de Deus a um conjunto de obras ou regras humanas a serem seguidas, mas que invariavelmente têm se mostrado completamente ineficazes para o fim que elas se propõem a atingir.

Depois que a justiça celestial lidou devidamente com o pecado e já se revelou como a provisão perfeita para a justificação dos pecadores, um dos desafios centrais para os seres humanos passou a ser a percepção da distinção que é necessária ser feita entre o dom da justiça, e aquilo que ele provê, e as proposições de obras que almejam alcançar o que o dom da justiça já fez para sempre e que nunca pôde e que jamais poderá ser alcançado por qualquer outro meio.

Conforme já comentamos acima, procurar estabelecer um meio distinto do dom da justiça celestial para a justificação dos pecadores ou para que estes alcancem uma condição justa e de justiça diante de Deus é tentar estabelecer o que já está disponível e que jamais poderá ser estabelecido por outro caminho que não seja o caminho do dom da justiça que há em Cristo Jesus.

Aceitar ou receber o dom da justiça simplesmente pela fé no Senhor e de que a necessária provisão já foi tornada disponível por Deus em Cristo Jesus, também em contraposição às tentativas de alcançar a justiça através de obras humanas ou através da sujeição a um conjunto pré-estabelecido de escritos de mandamentos ou regras, é um caminho que está abundantemente exposto nas Escrituras para nos ensinar e assegurar que aquilo que Deus fez por nós é plenamente suficiente para ser crido e aceito, conforme mais alguns exemplos abaixo:

*Tito 3: 4 **Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos,***
*5 **não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo,***
*6 **que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador,***
*7 **a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna.***

*Romanos 3: 21 **Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus***
testemunhada pela lei e pelos profetas;
*22 **justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção,***
*23 **pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,***
*24 **sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus,***
*25 **a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;***
*26 **tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.***

- Romanos 3: 28 Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.
 29 É, porventura, Deus somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, também dos gentios,
 30 visto que Deus é um só, o qual justificará, por fé, o circunciso e, mediante a fé, o incircunciso.

- Romanos 4: 1 Que, pois, diremos ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne?
 2 Porque, se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus.
 3 Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.
 4 Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida.
 5 Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça.
 6 E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras:
 7 Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos;
 8 bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado.

A maneira singular para uma pessoa se desvencilhar da imputação das consequências mais severas ou eternas da sujeição ao pecado é ela receber a imputação da justiça que pagou a dívida de todo pecado e que pode justificar o pecador. E esta justiça, reforçando mais uma vez, é exclusivamente procedente de Deus e tornada disponível para ser recebida voluntariamente por todos aqueles que tanto dela necessitam.

A importância da distinção entre a justiça de Deus e as outras propostas de justiça é tão vital que, a partir da crucificação e ressurreição de Cristo, a justiça procedente do Pai Celestial passou a ser nominada nas Escrituras também como “a justiça da fé” ou “a justiça que procede de Deus, baseada na fé”. E isto tudo, para que ela não seja confundida de forma alguma com qualquer tentativa de justiça procedente da lei, de obras da lei ou de qualquer outra obra idealizada e realizada pelos seres humanos.

A “justiça da fé” é fonte de verdadeira esperança, e ela se manifestou como uma dádiva digna de ser almejada acima de todas as coisas mais preciosas e importantes que possam existir na Terra, pois o que as coisas mais elevadas aos homens jamais puderam fazer e jamais poderão fazer, o dom da justiça de Deus em Cristo Jesus já o tornou amplamente disponível.

- Gálatas 5: 5 Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.

*Filipenses 3: 2 **Acautelai-vos dos cães! Acautelai-vos dos maus obreiros! Acautelai-vos da falsa circuncisão!***

*3 **Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne.***

*4 **Bem que eu poderia confiar também na carne.** Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais:*

5 circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu,

6 quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível.

*7 **Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo.***

*8 **Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo***

*9 **e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé.***

Por fim, neste capítulo, para ampliar ainda mais a lista de textos que expõem o quão determinante é a salvação por meio da justiça de Deus e o recebimento dela mediante a graça do Senhor e a fé Nele, e não por qualquer obra humana que não seja o crer em Cristo e no seu sacrifício como a provisão para a nossa justificação e reconciliação com Deus, apresentamos abaixo mais alguns textos das Escrituras que mostram o quanto o Senhor deseja que este princípio de vida esteja firmemente consolidado no coração de cada pessoa.

*Gálatas 2: 16 **Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.***

*2 Timóteo 1: 8 **Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado, que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus,***

*9 **que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos,***

*10 **e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho.***

Efésios 2: 8 **Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus;
9 não de obras, para que ninguém se glorie.**

Romanos 5: 20 **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,
21 a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.**

Romanos 11: 6 **E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça.**

Gálatas 3: 10, Romanos 3: 19 a 20 e Romanos 6: 12 a 14
Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las.

...
Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.

...
**Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.
Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.**

João 6: 29 **Respondeu-lhes Jesus:
A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.**

C23. Fatos ou Mudanças das Condições de um Indivíduo que Acompanham o Recebimento do Dom da Justiça

Nos capítulos anteriores, foi visto que apesar da justificação dos seres humanos por meio de Cristo Jesus ter realizado a plena provisão para que todos sejam justificados, é necessário que um indivíduo creia e aceite a oferta a ela direcionada para efetivamente receber e desfrutar da justificação de Deus para a sua vida, aspecto que aqui, devido à sua grande relevância, procuraremos destacar mais uma vez por meio dos textos que seguem abaixo:

*Romanos 3: 28 **Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.***

*Romanos 5: 1 **Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.***

*Romanos 3: 22 ... **justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção, ...***

*Gálatas 2: 16 ... **sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.***

Se uma pessoa, por exemplo, resistir ao dom da justiça ou simplesmente rejeitá-lo, ela também rejeita os benefícios do dom da justiça, os quais, desta forma, deixam de se tornar uma experiência pessoal dela não porque o dom não seja suficiente para a sua justificação ou porque Deus não queira conceder esta dádiva a ela, mas pelo fato do dom não ser aceito na maneira pela qual ele é oferecido.

Do ponto de vista histórico ou geral, o ato de justiça de Cristo, realizado na cruz do Calvário, foi a obra e o evento mais importante de todos os tempos que poderia ter sido realizado em prol dos pecadores, pois sem ele, a justificação não poderia vir a ser alcançada por nenhuma pessoa.

Entretanto, do ponto de vista individual, a aceitação ou o recebimento pessoal do dom da justiça é o início da obra mais relevante na vida de cada um dos pecadores, e, por isto, também não é nada estranho vermos que o Senhor Jesus Cristo instrui as pessoas a buscarem a justiça de Deus em primeiro lugar, conjuntamente com o reino celestial.

E como consequência ou quanto mais uma pessoa passa a compreender em verdade a grandeza da libertação que lhe é proporcionada pelo dom da justiça, ou seja, através daquilo que Cristo fez por ela na cruz do Calvário, também um sentimento crescente de humildade e de gratidão para com Deus começa a encher o coração daquele que passa a

conhecer mais de perto a justiça do Senhor, conforme também era anunciado nas palavras do salmista a seguir:

- Salmos 103: 1* **Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome.**
- 2 Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios.**
- 3 Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades;**
- 4 quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia;**
- 5 quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia.**
- 6 O SENHOR faz justiça e julga a todos os oprimidos.**
-

Dentre os muitos benefícios que o Senhor Eterno estende aos seres humanos, o primeiro que é listado pelo salmista acima mencionado, e o qual também é primordial para aquele que ficou sujeito ao pecado, refere-se à justificação que traz o perdão das iniquidades, que liberta da raiz das enfermidades, principalmente as do coração, e que redime a vida do pecador da destruição ou da cova, principalmente no sentido de não necessitar permanecer afastado da eterna comunhão com Deus.

O aspecto primário que um pecador necessita encontrar é a provisão do Senhor para a sua libertação da escravidão ao pecado e da sua condição de pecador, e esta provisão e a luz para encontrar o caminho desta provisão somente advém do Pai das Luzes.

Salmos 25: 8 **Bom e reto é o SENHOR, por isso, aponta o caminho aos pecadores.**

O reconhecimento da bondade de Deus e a gratidão pela concessão gratuita do dom da justiça, contudo, não significa que o livramento é o último estágio dos benefícios do dom da justiça ou que uma pessoa é salva por Deus somente para não ter sobre ela a imputação do pecado e do corpo do pecado, conforme também já foi mencionado em capítulos anteriores.

Simultaneamente com o livramento da escravidão ao pecado, o recebimento do dom da justiça de Deus também muda a posição e a condição de uma pessoa diante de Deus e de todo o mundo espiritual.

A justificação de uma pessoa perante o pecado, os poderes das trevas e perante o próprio Senhor Eterno não somente absolve uma pessoa de sua dívida eterna, mas ela também muda a situação e os atributos daquilo que ou quem um indivíduo passa a ser perante Deus após o momento da aceitação da justificação celestial a ela oferecida pelo Senhor.

Portanto, a partir do momento em que um pecador recebe o dom da justiça que está em Cristo Jesus, ele também recebe a condição de ser visto como “justo ou justificado” diante dos olhos de Deus, o que, por sua vez, faz com que as promessas das Escrituras direcionadas aos “justos ou justificados” também passem a ser direcionadas para aquele que acabou de receber o dom da justiça eterna oferecido pelo Senhor.

Uma pessoa justificada “em Cristo” passa a ser chamada diante de Deus de justa, santa, reta, livre e, juntamente com todos estes atributos, ela também passa para a condição de “filho de Deus”, e como filho, “herdeiro de Deus e coerdeiro de Cristo e da Sua justiça eterna”.

Gálatas 4: 3 Assim, também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo;
 4 *vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei,*
 5 *para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos.*
 6 *E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!*

Colossenses 1: 12 ... dando graças ao Pai, que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz.
 13 *Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor,*
 14 *no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.*

Tito 3: 4 Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos,
 5 *não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo,*
 6 *que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador,*
 7 *a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna.*

1 João 3: 1(a) Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus.

Quando o dom da justiça de Deus passa a ser visto sob a questão da mudança que ele produz na condição do pecador, mais uma vez esta dádiva se mostra surpreendente ou sobremodo excelente, pois além de ser uma provisão para a justificação, redenção e salvação, o dom da justiça também é a provisão para colocar aqueles que o recebem na posição que Deus deseja que todos estejam, ou seja, na posição de justos e de seus filhos.

Conforme foi mencionado no capítulo sobre o propósito reconciliatório da justificação do pecador mediante o dom da justiça, a dádiva do Senhor não somente foi manifestada ao mundo para conceder a libertação das pessoas da escravidão ao pecado, mas também, ou até principalmente, para permitir que elas sejam reconciliadas com Deus e para venham a receber a condição de novidade de vida eterna que somente pode ser encontrada no Senhor Eterno.

*2 Coríntios 5: 21 **Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.***

*Efésios 2: 4 **Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou,***
*5 **e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, —pela graça sois salvos,***
*6 **e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus;***
*7 **para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus.***

*1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.***

Ainda em outras palavras, **quando alguém recebe a Cristo, o dom celestial da justiça, ela também recebe de Deus um novo nascimento que é de acordo com justiça de Deus, ele recebe a condição daquilo que as Escrituras do Senhor chamam de “Nova Criatura” ou de “Novo Homem”, criado segundo Deus em justiça e verdade**, conforme exposto em mais dois textos abaixo:

*Efésios 4: 20 **Mas não foi assim que aprendestes a Cristo,***
*21 **se é que, de fato, o tendes ouvido e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus,***
*22 **no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano,***
*23 **e vos renoveis no espírito do vosso entendimento,***
*24 **e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.***

*2 Coríntios 5: 15 **E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.***
*16 **Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo.***
*17 **E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.***

Assim, passar a conhecer o fato de que o dom da justiça nos livrou do pecado para sermos uma nova criatura em Cristo, um novo homem criado segundo Deus em justiça e retidão procedentes da verdade, enaltece a graça ao ponto de nos demonstrar o quão

preciosas foram as palavras de João Batista ao dizer que através de Jesus Cristo temos recebido da “plenitude de Deus” e “graça sobre graça”.

- João 1: 15* **João testemunha a respeito dele e exclama: Este é o de quem eu disse: o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim.**
- 16** *Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça.*
- 17** *Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.*
-

Ao relatar que a justiça de Deus nos coloca em uma condição de “Nova Criatura” ou de um “Novo Homem”, as Escrituras passam a desvendar e apresentar toda uma nova maneira de viver que é tornada disponível para um indivíduo a partir do exato momento do recebimento do dom da justiça.

A vida sob a condição de “Novo Homem” é um relacionamento singular com a novidade de vida eterna que há no Senhor e que passou a ser amplamente disponibilizada a partir da manifestação do dom da justiça eterna ao mundo. A vida como “Nova Criatura” é um novo começo, sob novas condições, para o relacionamento de um indivíduo com Deus.

Portanto, a despeito de um indivíduo ter incorrido na sujeição ao pecado e na escravidão que advém desta sujeição, quando alguém recebe o dom da justiça, ele também recebe do Senhor uma nova condição pessoal de vida para poder viver e andar em novidade de vida diante do seu Criador Eterno.

Ainda que o recebimento do dom da justiça celestial talvez não venha a implicar na remissão de uma pessoa das condenações no nível natural a ela atribuídas pelos julgamentos humanos ou de seus tribunais, como foi o caso do pecador crucificado ao lado de Cristo no Calvário e que veio a se arrepender, a pessoa que recebe o dom da justiça celestial, e mantém a sua fé nesta provisão de justificação, não é mais vista perante Deus como um pecador, mas como uma pessoa justificada ou justa mediante a aceitação da obra que Cristo Jesus fez por ela.

Ainda que aos olhos dos homens uma pessoa tenha sido considerada digna de condenação ou ainda que uma pessoa não alcance o perdão diante dos seus semelhantes pelos pecados que cometeu, se ela receber no coração, mediante a fé, o dom da justiça que há em Cristo Jesus, perante Deus ela recebe a condição de justificada para a eternidade ou a posição de justa para receber a eterna novidade de vida que há no Senhor.

- 1 Pedro 4: 6* **Pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus.**

Romanos 8: 1 **Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.**

2 Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. (RC)

Por fim, para concluir este capítulo, gostaríamos de registrar que uma descrição mais detalhada sobre os aspectos gerais da referida “Nova Criatura” não será realizada neste momento para que no presente material possamos nos manter prioritariamente focados no tema do Evangelho ou do dom da justiça de Deus, e também porque na sequência dos materiais do Ensino Sistemico sobre a Vida Cristã encontram-se duas séries dedicadas especificamente a este tema denominadas respectivamente de Nova Criatura em Cristo e Andando em Novidade de Vida.

C24. A Vida Após o Recebimento do Dom da Justiça e a Justificação de Pecados Cometidos Após Receber este Dom

Algo muito interessante a ser percebido quando a vida dos seres humanos passa a ser observada mais de perto é que os diversos aspectos da vida de cada pessoa se encontram divididos em grandes ou extraordinários eventos e, ao mesmo tempo, em uma certa continuidade sequencial e até corriqueira ou ordinária de fatos.

A grandeza de tudo o que está envolvido no evento extraordinário da concepção de uma vida, por exemplo, é de uma sublimidade que jamais poderá ser descrita completamente por um ser humano na Terra. A partir do momento em que a concepção de uma vida humana ocorre, também passa a existir um ser que simplesmente jamais poderia vir a existir se aquela concepção não acontecesse.

Além disso, quando a concepção de uma vida passa para a etapa de vir à luz, a qual nós chamamos de nascimento, toda uma nova realidade passa a rodear aquele ser único que saiu do ventre da sua mãe e entrou em um ambiente tão diferente do que era a sua realidade até então.

E obviamente, estes eventos extraordinários da vida de uma pessoa precisam ser considerados entre os fatos mais nobres de toda a existência, e sempre devem ser tidos com especial destaque, pois sem eles uma pessoa não alcança uma vida natural na Terra. Entretanto, vários aspectos ordinários da vida não deveriam ser considerados menos importantes, pois é através de muitos aspectos ordinários que a vida derivada de um evento extraordinário acaba se desenvolvendo e estabelecendo.

A compreensão e a valorização dos aspectos ordinários da vida acabam demonstrando ou evidenciando ainda mais o valor dos eventos extraordinários. Se o evento extraordinário da concepção traz um novo ser único à existência, o cuidado deste novo ser não é menos vital para que a nova vida venha de fato a crescer e se desenvolver. Uma vida concebida por um ato extraordinário também alcança continuidade por uma série de atos ordinários.

E apesar do aspecto referido no parágrafo anterior não poder ser percebido tão visivelmente no que se refere à vida espiritual de uma pessoa, pois tanto a concepção como o crescimento nela não podem ser vistos meramente pelos sentidos de percepção naturais, quando passamos a olhar a vida também do ponto de vista espiritual segundo as Escrituras Bíblicas, podemos observar que algo similar em termos de eventos extraordinários e ordinários da vida natural ocorre também na vida espiritual.

Estes pontos iniciais sobre a existência dos eventos extraordinários e ordinários no que se refere à vida espiritual, portanto, estão sendo destacados neste ponto do estudo porque eles também são de grandíssima relevância no que se refere à aceitação ou o recebimento do dom da justiça de Deus e dos efeitos que este dom pode vir a causar na vida de uma pessoa depois que ela recebe este dom.

Assim como o recebimento da vida natural é uma dádiva que em geral se estende muito além da concepção e do nascimento, assim também a dádiva da justiça celestial é concedida para se estender na vida de uma pessoa por um período que vai muito além do tempo inicial do recebimento deste dom.

O fato do dom da justiça ser pré-existente em Deus, ter-se manifestado publicamente como justificador e salvador dos pecadores através do evento da

crucificação de Cristo, sendo chamado neste aspecto de “*um só ato de justiça*”, e ainda, o fato deste mesmo dom da justiça ter sido oferecido para ser recebido para sempre na vida de uma pessoa, jamais deveria ser confundido com o pensamento inapropriado de que após a aceitação ou o recebimento deste dom uma pessoa não necessita cuidar ou nutrir a nova condição recebida do Senhor.

É importante notar que no parágrafo anterior, não está sendo dito que o dom da justiça, propriamente dito, necessita de cuidados e de nutrição. O dom da justiça, conforme visto no capítulo anterior, já se manifestou de forma perfeita e plenamente satisfatória em prol da libertação de todas as pessoas do jugo da escravidão ao pecado. A obra de Cristo na cruz do Calvário e a Sua ressurreição foram realizadas para todas as pessoas de todos os tempos, povos e regiões da Terra.

Assim como o pecado não é regional e nem é uma característica específica de alguns povos e não de outros, nem de alguns perfis de pessoas e não de outros, nem de algumas classes sociais e não de outras, mas é mundial, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, assim também o dom da justiça não é regional e não é direcionado a um povo específico ou para um grupo distinto de pessoas. Cristo morreu em prol de todos para que todos possam ser salvos, aspecto lembrado mais uma vez nos textos abaixo:

Romanos 5: 18 Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.

***Romanos 3: 23 Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,*
24 sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus.**

1João 2: 2 E ele (Cristo) é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.

Depois que o dom da justiça foi manifestado ao mundo por Deus em Cristo Jesus, a provisão de justificação dos pecadores passou a estar plenamente disponível a todos, e nada mais precisa ser acrescentado a ela.

Portanto, quando nos parágrafos anteriores foi mencionado sobre o cultivar e nutrir o dom da justiça, não estamos nos referindo a um empenho para tentar aperfeiçoar o dom da justiça celestial que já é perfeito e eterno, mas estamos nos referindo especificamente ao chamado de Deus para as pessoas crescerem no relacionamento com os aspectos que lhes estão disponíveis no dom da justiça após este ter sido recebido no coração mediante a fé em Cristo Jesus.

Apesar do evento que fez a provisão para a justificação de todos os seres humanos pecadores ser caracterizado como um evento único manifestado na crucificação e ressurreição de Cristo, o recebimento deste dom gera uma condição de vida distinta para cada pessoa que o recebe, o que

também inaugura uma maneira nova de viver a nova condição concedida juntamente com o recebimento do dom da justiça.

Conforme já comentamos anteriormente, a aceitação do dom da justiça interrompe a continuidade da escravidão ao pecado e ao corpo do pecado em relação à vida daquele que o recebe e marca um fim da obrigação para com o pecado e com a lei associada à mentalidade de que por obras humanas é possível conseguir a salvação e o favor de Deus. Entretanto, o que queremos destacar aqui, é que o recebimento do dom da justiça também é o começo de uma nova vida a ser vivida de acordo com o próprio dom da justiça e as novas condições espirituais nas quais a pessoa passou a estar.

No capítulo anterior, comentamos que depois que uma pessoa compreende a necessidade do dom da justiça e o recebe, ela recebe uma nova posição ou status de vida em relação ao pecado e em relação a Deus. Contudo, o que queremos acrescentar neste capítulo é que a nova posição de vida, concedida juntamente com o recebimento do dom da justiça, não é concedida como um título teórico ou figurativo, mas, sim, para que a pessoa agora viva na nova condição que lhe foi concedida pelo poder de Deus.

Depois que uma pessoa passa do status de pecadora para a condição de uma pessoa justificada, considerada justa ou aceita mediante a fé em Cristo Jesus e pela justificação provida pelo Senhor, ela também é chamada a viver como uma pessoa justificada ou tornada justa por Deus.

Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;**

17 visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

Gálatas 3: 10 **Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las.**

11 E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé.

Hebreus 10: 35 **Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão.**

36 Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa.

37 Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará;

38 todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma.

39 Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma.

Efésios 5: 6 **Ninguém vos engane com palavras vãs; porque, por essas coisas, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.**

- 7 Portanto, não sejais participantes com eles.*
8 Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz
9 (porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade),
10 provando sempre o que é agradável ao Senhor.

A compreensão da atitude que uma pessoa que recebeu o dom da justiça é chamada a adotar em relação a como ela deveria continuar a se relacionar com o próprio dom da justiça é um dos aspectos mais desafiadores a serem compreendidos na sequência da vida daquele que aceitou o dom que lhe foi concedido gratuitamente pelo Senhor.

Após receber o dom da justiça, a perseverança ou a permanência de uma pessoa nele é algo absolutamente essencial para que ela se mantenha, mediante a fé em Cristo Jesus, associada aos benefícios que acompanham o dom da justiça.

A continuidade do relacionamento de uma pessoa com a justificação que lhe foi oferecida é central para a vida daquele que a recebeu, ao ponto de que podemos encontrar este assunto sendo abordado de forma muito intensa em grande parte dos livros bíblicos que sucederam a vinda do Senhor em carne ao mundo para que a verdade sobre ele se mantenha sempre em evidência. A partir da vinda de Cristo ao mundo, o dom da justiça necessitou ser reafirmado e explanado diversas vezes, pois em relação a ele, também podemos encontrar narrativas onde está explicitado o quão fortemente este princípio passou a ser combatido por aqueles que não o conhecem ou não aceitem a simplicidade com que ele é oferecido em Cristo, conforme também já foi visto em capítulos anteriores.

Apesar do ato de justiça para a justificação, remissão e salvação de todos os pecadores ter sido realizado uma única vez, de forma perfeita ou para sempre, isto não implica em que aqueles que receberam a salvação não necessitam continuar a se relacionar de forma renovada com o dom da justiça do Senhor, razão pela qual, estamos procurando destacar aqui que a permanência na fé ou na confiança no dom da justiça continua a ser igualmente vital para um indivíduo também depois de ter recebido pessoalmente a salvação.

Para muitos cristãos, o fato de o dom da justiça ser uma provisão para justificá-los do passado pecaminoso que tiveram é algo bem aceito e algo bem compreensível. A percepção da justificação e do perdão dos pecados cometidos antes de uma pessoa vir a ser cristã parece ser bem aceita por muitos, pois compreendem que antes de um indivíduo ter recebido a Cristo, ele também estava desprovido de uma provisão que pudesse libertá-lo do jugo do pecado ao qual passou a estar sujeito.

Todavia, depois do encontro com Cristo, uma indagação sobre a justificação dos pecados que os cristãos ainda cometem mesmo após este encontro parece passar a se levantar diante de muitos deles. A compreensão de que Cristo, por causa do amor do Pai Celestial, veio chamar e salvar os pecadores não causa estranheza para muitos que receberam a Cristo, mas muitos destes que aceitam bem a primeira parte da justificação não sabem ao certo como lidar com o perdão de novas práticas do pecado quando incorrem nelas depois que já receberam a justificação celestial uma vez em suas vidas.

Em certo sentido, muitos cristãos até sabem pregar adequadamente o Evangelho de Cristo aos pecadores que ainda não receberam a Cristo a fim de que estes se arrependam e recebam a salvação do Senhor, mas, ao mesmo tempo, muitos deles não sabem como eles mesmos devem lidar com os pecados que ainda cometem após já terem recebido a Cristo em suas vidas, o que pode ser algo muito frustrante e triste.

Assim, não havendo a compreensão do relacionamento com o dom da justiça após o recebimento deste dom, ou não ocorrendo a fundamentação e consolidação de um cristão sobre este assunto, diversos espaços para um posicionamento indevido em relação ao dom de justiça podem procurar se instalar na vida deste cristão.

E dentre os pontos pelos quais muitas pessoas que aceitaram o dom da justiça apresentam certa dificuldade em compreender como deveria ser o relacionamento delas com este dom, repetindo mais uma vez, está o fato de não compreenderem ou não aceitarem que o dom da justiça foi manifestado em Cristo Jesus uma vez por todas para todos, inclusive para os pecados que os próprios cristãos ainda cometem ou virão a cometer.

Infelizmente, para muitas pessoas, a ideia de que os pecados de um pecador podem ser justificados pela graça celestial parece ser mais aceitável do que aceitar o fato de que os pecados de uma pessoa que já foi justificada também podem ser igualmente justificados pela graça do Senhor.

Paulo ressalta várias vezes o fato de que se um pecador pode vir a ser salvo por causa do amor e misericórdia Deus, muito mais Deus pode salvar aqueles que já aceitaram a salvação celestial ou o dom da justiça, conforme exemplificado a seguir:

*Romanos 5: 10 **Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida;**
11 **e não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação.***

Portanto, **um dos pontos mais relevantes a ser compreendido na vida cristã é que a provisão ou o meio da justificação do cristão sempre continua sendo o mesmo dom que o justificou quando ele, através da misericórdia e graça de Deus, alcançou a condição de vir a ser cristão.**

O fato de um pecador justificado passar a ser chamado de justo perante o Senhor para também viver uma vida justa diante de Deus e dos seres humanos jamais deveria levar este justificado a pensar que, após receber a Cristo em sua vida, a responsabilidade da continuidade da sua justificação agora passou a depender das suas próprias “boas obras”.

Pensar que um cristão deve viver uma vida justa depois de justificado com o propósito de tentar manter a justificação da sua própria vida mediante obras humanas, pode vir a se tornar um dos aspectos mais insensatos e desastrosos para a vida daquele que foi justificado por meio da justificação pela fé em Cristo Jesus.

Faltam-nos palavras para enfatizar o quão importante são os pontos que estamos abordando nestes últimos parágrafos, pois se uma pessoa, depois que foi justificada pela fé no dom da justiça, passa a pensar que a sua justificação passa a ser sua própria responsabilidade, esta pessoa retrocede da fé em relação ao único aspecto que pode justificá-la, conforme vimos no texto de Hebreus que já referido acima e que nós gostaríamos de citar novamente a seguir:

Hebreus 10: 37 **Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará;**
38 todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma.
39 Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma.

A qual fé o autor de Hebreus está se referindo? Não é ela a mesma fé pela qual o pecador foi justificado e salvo pelo Senhor?

A fé pela qual o justo é chamado a viver e andar após receber a salvação é a mesma fé mediante a qual ele recebeu a justificação do Senhor para passar a viver em Cristo. É a fé de que o justo foi, é, e continuará sendo abençoado por Deus não porque é justo pelas suas próprias obras, mas porque ele foi e continuará sendo justificado sempre e eternamente pelo mesmo e único dom da justiça manifestada por Deus em Cristo na cruz do Calvário.

A vida justa que o justo vive pela fé, ele a vive não para alcançar continuidade da sua justificação pelos seus méritos, mas a vive porque recebeu e continua a receber a justificação através do mesmo e único dom da justiça provido por Deus para a sua vida.

A justificação em Cristo, não somente precede e inaugura a nova vida daquele que é justificado por ela, mas ela também sustenta toda a vida daquele que recebeu um espírito vivificado por causa do dom da justiça.

A vida eterna ou a vida espiritual em Deus é resultado do dom da justiça, e a graça que concede esta vida celestial somente opera se a justiça de Deus estiver por fundamento da sua atuação. E, por sua vez, o espírito vivificado que é concedido para aquele que recebe o dom da justiça também é chamado a viver pela própria justiça celestial que se encontra no Senhor.

Romanos 5: 18 **Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.**

Romanos 8: 10 **Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça.**

*Romanos 6: 23 **Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.***

*Romanos 5: 20 **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,**
21 **a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.***

Conforme vimos no capítulo anterior, **a justiça de Deus é a base da criação do “novo homem”, mas ela igualmente é o fundamento que sustenta a novidade de vida que um indivíduo passa a viver espiritualmente após receber o dom da justiça.**

É através do dom da justiça que uma pessoa pode receber a condição de justa, cristã ou nova criatura no Senhor, mas este dom da justiça igualmente continua sendo a base para que um cristão possa continuar sendo justificado mediante a graça de Deus quando ainda tropeça em algum pecado.

A busca por uma vida santa e cada vez mais distante da sujeição ao pecado é algo que todo cristão deve almejar ainda na sua vida na Terra por ter sido justificado por Cristo que pagou um altíssimo preço para fazê-lo. Entretanto, a busca de uma vida com absoluta ausência de pecado estando ainda inserido no presente século, e com o objetivo de obter através desta conduta a justificação diante de Deus, não somente é impossível de ser realizada, como também é uma firme resistência contra a justificação concedida exclusivamente e gratuitamente por Deus.

Pensar que um cristão pode passar a justificar a si mesmo através de uma vida aperfeiçoada pelas suas obras é um dos maiores e mais terríveis enganos que assola milhares e milhares de pessoas, e que caracteriza uma posição mentirosa em oposição à obra exclusiva do dom da justiça que Deus manifestou em Cristo Jesus.

*1 João 1: 8 **Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós.***

*10 **Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.***

*9 **Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.***

Tentar manter-se justificado por obras humanas, depois de justificado por Cristo, é um caminho de afastamento da liberdade e da graça que Deus concede em Cristo. É tentar vencer o pecado na força da criatura ou elevar a criatura à condição de ser “deus”. É tentar negar a necessidade eterna que a criatura tem de ser justificada pelo seu Criador, incorrendo, assim, novamente, nas antigas e falidas formas que os seguidores da lei de Moisés ou de outras leis religiosas tentam seguir sem êxito já ao longo de muitos séculos, conforme foi explicitado por Paulo nos textos a seguir:

- Gálatas 2: 21* **Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão.**
- 3: 1 **Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?**
- 2 **Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?**
- 3 **Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?**
- 4 **Terá sido em vão que tantas coisas sofrestes? Se, na verdade, foram em vão.**
- 5 **Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?**
- 6 **É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.**
- 7 **Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão.**
- 8 **Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos.**
- 9 **De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão.**
- 10 **Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las.**
- 11 **E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé.**

- Gálatas 5: 1* **Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.**
- 2 **Eis que eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará.**
- 3 **E, de novo, protesto a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.**
- 4 **Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído.**
- 5 **Porque nós, pelo espírito da fé, aguardamos a esperança da justiça.**
- (RC)
-

O cristão necessitou ser justificado pelo dom de justiça de Deus antes de ser cristão, continua necessitando a justificação a cada novo dia pelo mesmo dom da justiça de Deus, e continuará necessitando esta justificação para toda a sua vida, pois somente pelo dom da justiça é que ele pode viver pela fé naquele que o justifica até o fim.

A justificação provida pelo Senhor, obviamente, também nos é dada para que possamos nos afastar do pecado e possamos viver de modo digno e em retidão diante de Deus e dos homens, mas a justificação não é dada para que um cristão ou um grupo de cristãos tente estabelecer ou edificar uma nova tentativa de justificação baseada numa suposta capacidade que uma pessoa recebe depois de ter sido justificada quando recebeu o dom da justiça pela primeira vez.

Não é por alcançar uma vida onde ela não comete mais nenhum pecado que uma pessoa é salva ou se mantém salva. É o ato de justiça realizado por Cristo é que a salva se ela receber o dom através da fé e se ela permanecer na fé no dom da justiça provido uma única vez e para sempre pelo Senhor!

O pecador é justificado por Deus também para não mais incorrer nas tentações do pecado, mas ainda se ele vir a pecar ou tropeçar depois que já tiver recebido o dom da justiça, é o Senhor Jesus Cristo que continua a justificá-lo mediante à sua graça e misericórdia, apresentando-se, inclusive, como um Advogado junto ao Pai Celestial em favor do cristão a fim de que o dom da justiça continue a ser o agente de justificação daquele que pecou ou tropeçou.

*1 João 2: 1 **Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;***
*2 **e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.***

Quando João escreve a sua primeira carta e diz que Cristo é “**a propiciação para os nossos pecados**”, ele não está se referindo primeiramente àqueles que ainda não receberam a Cristo, mas ele está se referindo aos filhinhos, àqueles que já receberam o Senhor em suas vidas, demonstrando que a justificação em todos os momentos da vida de um indivíduo somente é encontrada em Cristo Jesus.

A não ser aceitar a ajuda de Deus e a provisão de Deus como um dom celeste, nada pode ser feito para que um pecador seja absolvido da sujeição ao pecado, mas também para que um cristão continue sendo absolvido de algum pecado que ainda venha a cometer antes de estar para sempre na glória eterna com o Senhor.

A provisão que há no dom da justiça e que foi manifestada por Deus em Cristo Jesus na cruz do Calvário jamais envelhece, jamais enfraquece, nunca caduca e jamais poderá ser substituída por obras humanas para a realização da nossa justificação, nem ainda pelas obras daqueles que foram salvos em Cristo.

Assim, a simplicidade que há em crer em Cristo Jesus em sua condição de Redentor e Salvador Eterno engloba crer no fato de que a dívida dos nossos pecados passados, presentes e futuros já foi paga pelo sangue de Cristo derramado uma única vez pelo Senhor na cruz do Calvário ou crer no fato de que o dom da justiça é a singular provisão de Deus para a justificação para alcançar a salvação, mas também para continuar sendo justificado para sempre.

A justificação de todos os pecadores e também de todos aqueles que já receberam a salvação no coração pertence exclusivamente ao Senhor Jesus Cristo, porque somente Ele, completamente inocente e sem pecado, tomou sobre si, na cruz do Calvário, a dívida dos pecados de todos e que foram cometidos nas mais diversas circunstâncias de suas vidas.

*1 Pedro 3: 18 **Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito.***

- Isaías 53: 1 **Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR?**
- 2 **Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse.**
- 3 **Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.**
- 4 **Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.**
- 5 **Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.**
- 6 **Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.**
- 7 **Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.**
- 8 **Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido.**
- 9 **Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca.**
- 10 **Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos.**
- 11 **Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si.**
- 12 **Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.**

- Romanos 8: 31 **Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?**
- 32 **Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?**
- 33 **Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica.**
- 34 **Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.**

C25. A Perseverança na Rejeição à Sujeição ao Pecado, e o Anelo pela Condutas Segundo a Justiça Celestial após Receber o Dom da Justiça

Na abordagem do capítulo anterior ou referente à primeira parte sobre a vida após o recebimento do dom da justiça, foi mencionado que a justificação provida por Deus em Cristo Jesus é única, válida para todos os tempos da vida humana e em relação à qual nada precisa ou pode ser acrescentado, a não ser aceitá-la ou recebê-la através da maneira pela qual ela nos é oferecida pelo Senhor.

Em Cristo, a justificação do passado, do presente e do futuro está disponível para todo aquele que crer que Cristo é o Filho Unigênito do Deus Vivo que veio em carne ao mundo e que morreu por todos os pecadores para que todos também sejam justificados juntamente com Ele na Sua ressurreição, aspecto que continua a ser igualmente aplicável inclusive para a justificação de uma pessoa depois que ela já recebeu a Cristo como o Senhor no coração.

Entretanto, diante do fato de que Cristo já passou pela morte em favor de todas as pessoas ou já manifestou a provisão para a justificação de todos os seres humanos, e, ainda, que o indivíduo que crê na salvação do Senhor nada pode acrescentar à sua própria justificação a não ser continuar perseverando na sua fé em Deus e no dom da justiça, ainda uma série de outras questões têm sido levantadas sobre a necessidade de uma pessoa de fato passar a viver e andar em conformidade com a justiça celestial e sobre a real necessidade dela se abster de uma vida de associação ao pecado.

O fato da justificação provida por Cristo abranger aspectos do passado, do presente e do futuro de uma pessoa que ainda vive na Terra, e o fato desta justificação não requerer e nem aceitar obras humanas para que um indivíduo possa alcançá-la, mas tão somente que uma pessoa creia nela e a receba no coração, também têm sido um motivo para gerar algumas dúvidas ou até proposições muito distorcidas sobre como uma pessoa justificada por Deus é chamada para viver e andar no mundo após a aceitação da justificação concedida pelo Senhor.

Em suas diversas tentativas de ação, o mundo e os poderes das trevas primeiramente procuram atuar para que as pessoas nem venham a conhecer o fato de que Cristo morreu no lugar delas para prover-lhes a justificação eterna. Entretanto, quando este fato não pode mais ser ocultado, os poderes das trevas e o mundo que jaz maligno procuram distorcer o entendimento das pessoas sobre a justificação concedida por Deus em Cristo Jesus.

Em suas proposições enganosas, quando não conseguem ocultar toda a verdade sobre um aspecto, o mundo e os poderes das trevas procuram fazer uso parcial da verdade no intento de ocultar ou omitir outras partes dela.

Assim, o mundo e os poderes das trevas procuram atuar primeiramente na ocultação de que a justificação provida por Deus em Cristo é para todas as pessoas e que ela inclusive continua se estendendo sobre aqueles que já recebem o dom da justiça no coração e que, portanto, não necessitam retornar às tentativas vãs de se manterem justificados através de obras humanas.

Por outro lado, porém, o mundo e os poderes das trevas procuram levar as pessoas uma linha de pensamentos em outro extremo, onde tentam levá-las a pensamentos corrompidos que enganosamente propõem que uma vez que as pessoas já têm uma

provisão de justificação eterna em Cristo, elas também poderiam continuar pecando livremente sem correrem o risco de ficarem sujeitas a colherem as consequências da sua sujeição ao pecado.

E esta linha de pensamentos que propaga a ideia de que a justificação provida em Cristo também serve como justificativa para que as pessoas possam continuar a se renderem indiscriminadamente ao pecado, e ainda, sem que isto venha a implicar que elas fiquem sujeitas às consequências desta rendição, segue a mesma linha de proposições que procuram distorcer o entendimento sobre a graça de Deus, alegando falsamente que se a salvação é pela graça de Deus, não há necessidade de uma pessoa se apartar de uma vida sujeita ao pecado. (Aspecto abordado mais amplamente no material sobre O Evangelho da Graça de Deus.)

Ressaltamos aqui ainda, que a proposição do tipo de pensamento mencionado acima não é nova. Este tipo de proposição já procurou enredar as pessoas desde o início dos tempos da vida cristã e continua tentando fazê-lo repetidamente ao longo da história que segue após a vinda de Cristo em carne ao mundo.

Já nos primeiros anos da vida cristã no mundo, Paulo percebeu a indagação de vários cristãos sobre o ponto acima em referência, e, inspirado pelo Espírito Santo, respondeu esta questão àqueles que tinham este questionamento, conforme segue:

- Romanos 5: 20* **Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,**
21 a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.
- 6: 1 Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?**
2 De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?
3 Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte?
4 Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida.
5 Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição,
6 sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos;
7 porquanto quem morreu está justificado do pecado.
8 Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos,
9 sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele.
10 Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus.
11 Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.
12 Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedecais às suas paixões;
13 nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como

- ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça.**
- 14 Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.**
- 15 E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!**
- 16 Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?**
- 17 Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues;**
- 18 e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.**
- 19 Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim ofereci, agora, os vossos membros para servirem à justiça para a santificação.**
- 20 Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça.**
- 21 Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais; porque o fim delas é morte.**
- 22 Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna;**
- 23 porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.**

Portanto, ou apesar de Deus já ter realizado em Cristo Jesus uma provisão plenamente satisfatória para que as pessoas possam ser libertas da escravidão ao pecado, se um indivíduo continuar a insistir em permanecer sob o jugo do pecado, rejeitando assim a provisão de libertação a ele oferecida pelo Senhor, esta pessoa também escolhe permanecer sob as consequências que advêm da sua insistência ou escolha deliberada pela sujeição ao pecado.

Em suas proposições corrompidas sobre aquilo que o dom da justiça de Deus oferece, o mundo e os poderes das trevas procuram distorcer ou ocultar o fato descrito pelo apóstolo Paulo de que a opção deliberada de um indivíduo por se sujeitar ao pecado o coloca novamente no caminho das consequências desta sujeição, não porque não haja provisão para a sua libertação e perdão, mas porque a pessoa escolhe a opção pela vida sob o jugo do pecado a despeito de haver uma provisão que possa libertá-la desta escravidão, aspecto este também mencionado por João, conforme segue:

João 3:19 O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.

Se uma pessoa insistir em permanecer no caminho da destruição e perdição depois que já passou a estar apropriadamente informada sobre a obra de Cristo na cruz do Calvário, sobre a gratuita disponibilidade para ela do dom da justiça e sobre o que lhe espera se permanecer no caminho da perdição, ela também escolhe ficar sujeita a colher as consequências que são pertinentes ao caminho que leva à perdição.

Gálatas 6: 7 Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.

8 Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna.

A obra de Cristo na cruz do Calvário expôs a crueldade do pecado e do caminho da perdição, e também manifestou uma provisão plenamente satisfatória para que as pessoas possam receber a libertação da escravidão ao caminho da perdição, mas a obra de Cristo na cruz do Calvário não eliminou o caminho da perdição e nem a possibilidade de as pessoas continuarem a optar por ele depois que o engano que há neste caminho já foi exposto amplamente.

Na crucificação de Cristo, foi demonstrado que o pecado não se intimida em tomar por vítima qualquer pessoa que permite que ele o faça, pois isto faz parte das características do caráter das atuações do pecado. E apesar da provisão para a libertação de todos os pecadores já ter sido manifestada de maneira plenamente satisfatória em Cristo Jesus, o poder de engano que continua associado ao pecado jamais deveria ser visto com leviandade.

Ainda em outras palavras, também sob a alegação de que a justificação que Deus proveu em Cristo já pagou a dívida dos pecados da humanidade e que, por isto, as pessoas supostamente poderiam se render cada vez mais à sujeição ao pecado sem sofrerem as consequências desta postura, o mundo e os poderes das trevas procuram manter oculto ou distorcido o fato de que a justificação já provida por Deus também é apresentada pelo Senhor mediante o Evangelho ou como uma oferta, o que, por sua vez, implica em que o recebimento de seus benefícios também passe pela opção de aceitação de um indivíduo e pela permanência deste na fé em relação a esta justificação.

Uma vez que a fé no dom da justiça celestial é a obra essencial de um indivíduo para ele se associar e se manter associado à provisão de justificação que lhe é oferecida gratuitamente pelo Senhor para ser salvo da escravidão ao pecado, a tentativa do mundo e dos poderes das trevas, através da proposição de que uma pessoa supostamente pode se render ao pecado sem ficar sujeita a maiores consequências desta postura, visa minar precisamente a fé que uma pessoa necessita para se manter livre da escravidão ao pecado e dos seus efeitos mais duradouras.

Quando algumas pessoas levemente repassam o pensamento corrompido de que a sujeição ao pecado não mais pode imputar danos àqueles que a praticam, e isto pelo fato de alegarem que Cristo justificou a todos na cruz do Calvário, elas se esquecem que um dos aspectos que a sujeição ao pecado pode imputar sobre as pessoas que se sujeitam a ele é a condição de cegueira espiritual ou engano. E, por sua vez, sob a condição de cegueira espiritual, o pecado pode chegar ao ponto de fazer com que as pessoas esqueçam o fato de que elas dependem da opção pelo dom da justiça para também receberem e permanecerem na salvação que o Senhor oferece através dele.

Ainda que um cristão venha a tropeçar em algum pecado, ele continua sendo justificado pela obra singular de Cristo se ele se arrepender e não se afastar da fé na justificação pelo dom da justiça celestial. Entretanto, se este cristão continuar a dar espaço em sua vida ao pecado, o engano que está associado à sujeição ao pecado pode

levá-lo ao endurecimento do coração a ponto de ele vir a esquecer de que necessita continuar a crer em Cristo para ser justificado eternamente ou a ponto de fazê-lo voltar ao pensamento de que ele precisa fazer obras de justificação para alcançar a salvação. E assim, ele começa a adentrar um caminho extremamente perigoso.

Depois da crucificação e da ressurreição de Cristo, o combate do pecado contra a vida das pessoas está mais focado na tentativa de mantê-las cegadas àquilo que Cristo fez por elas e na tentativa de mantê-las afastadas da simplicidade da justificação que há em Cristo, procurando enganá-las, entre outros aspectos, também através das proposições que visam levar as pessoas ao endurecimento e à cegueira do coração para que se esqueçam que a opção pelo dom da justiça é pessoal e para que não se atentem ao fato de que os benefícios do dom da justiça não permanecem automaticamente sobre aqueles que se esquecem ou se apartam dele.

A desatenção para com aquilo que é devido ao dom da justiça ou o esquecimento daquilo que a permanência nele proporciona às pessoas também é um dos alvos que está por trás das proposições que falsamente alegam que as pessoas podem continuar pecando e mesmo assim estarem isentas das consequências desta atitude, razão pela qual, relembramos abaixo também os seguintes textos:

*Hebreus 3: 12 **Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo;***

*13 **pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.***

*Provérbios 15: 9 **O caminho do perverso é abominação ao SENHOR, mas este ama o que segue a justiça.***

*2 Pedro 2: 8 **Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.***
*9 **Pois aquele a quem estas coisas não estão presentes é cego, vendo só o que está perto, esquecido da purificação dos seus pecados de outrora.***

*2 Coríntios 4: 3 **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,***
*4 **nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.***

Depois da obra de Cristo na cruz do Calvário, ainda que o pecado não tenha mais as mesmas condições de domínio sobre os pecadores que exercia anteriormente, os poderes das trevas sabem que, no final das contas, aquilo que leva uma pessoa à condenação não é somente o jugo do pecado, mas a abstinência ou o afastamento de

uma pessoa da fonte de vida e do dom da justiça por meio do qual a novidade de vida é concedida.

Nenhum cristão, portanto, deveria considerar o pecado com leviandade, pois conforme comentado acima, o retorno à sujeição ao pecado pode conduzir uma pessoa que se associa a ele ao engano ou ao esquecimento do quão central é a aceitação do dom da justiça e a permanência nele para a justificação espiritual presente e eterna.

Mesmo depois de exposto e condenado na cruz do Calvário, o pecado ainda tem poder de oprimir e escravizar uma pessoa que permitir que ele assim o faça. Apesar da atuação do pecado ter sido desvendada amplamente e condenada pela vinda de Cristo em carne ao mundo, ela ainda pode levar uma pessoa que insista em permanecer sujeita a ela ao encontro com severos danos para a sua vida.

Ainda que o pecado tenha sido exposto à vergonha e tenha sido condenado pela obra de Cristo na cruz do Calvário, o diabo ainda continua atuando na tentativa de enganar as pessoas e corromper as suas mentes para que elas não recebam o dom da justiça ou para que não permaneçam na fé na justificação celestial depois de tê-la recebido.

2 Coríntios 11: 3 Mas temo que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos entendimentos, e se apartem que há em Cristo. (EC)

Repetindo, então, ressaltamos que a proposição de que o cristão pode pecar indiscriminadamente depois que aceitou a Cristo, sob a hipótese de que a justificação dele já está feita para sempre, é uma proposição extremamente perigosa e danosa, pois ela omite o aspecto de que o pecado ainda é poderoso para endurecer e enganar uma pessoa que se entrega a ele, a ponto de ela poder vir a se apartar da fé na justificação mediante a qual ela é salva.

Uma vez que uma pessoa se coloca no caminho que atua contra a sua fé na justificação concedida por Cristo, ela também se coloca no caminho do perigo de não se manter mais unida Àquele que é o Único no qual ela pode encontrar a salvação eterna e, inclusive, a bondade para que possa encontrar o local de arrependimento quando incorrer na sujeição ao pecado.

Romanos 2: 4 Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?

Portanto, tendo em mente que a justificação manifestada por Cristo foi para todos e para todos os tempos, mas também que a salvação é concedida àqueles que optam por se associar a esta justificação e permanecer associados a ela, fica evidente que Deus quer que as pessoas escolham andar no caminho que fortaleça a fé delas no dom da justiça em vez de escolherem andar no caminho das proposições que procuram destruir a preciosa fé que receberam no coração, conforme o Senhor também nos exorta no próximo texto abaixo:

Judas 1: 3 Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos.

4 Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.

Para quem teme a Deus, com o temor dado pelo Senhor, o pensamento de querer continuar servindo ao pecado e de se associar livremente ao pecado deve ser mantido tão longe quanto o pensamento de considerar que uma pessoa poderá vencer o pecado por suas próprias obras.

As chamadas “boas obras”, quando feitas com a intenção de obtenção da justificação daquele que as realiza, podem vir a se constituir em uma das mais iníquas obras que um ser humano pode praticar e podem se tornar em pecados de grande obscuridade e trevas com aparência de piedade, pois elas procuram reintroduzir o pensamento de que o ser humano pode prover a sua própria justificação, procurando assim tornar o sacrifício de Cristo em um sacrifício vão e desnecessário. Entretanto, também não é o desprezo às boas obras ou o desprezo a uma vida de santidade que se espera daquele que foi justificado em Cristo.

As tentativas para alcançar a justificação diante de Deus através de obras humanas ou através das tentativas humanas de santificação podem vir a expressar algumas das mais vis e mais profundas proposições do pecado, e as quais, muitas vezes, escravizam as pessoas de uma forma até muito mais forte e intensa do que outros pecados carnis realizados no mundo. Entretanto, também não é pelo fato de uma pessoa ter sido justificada pela fé na obra única de Cristo que ela passa a ter o aval de Deus para voltar a se render novamente a uma vida sujeita ao pecado.

Desta forma, a convergência ao ponto de que a justificação do cristão e que a manutenção desta justificação não se dá através das obras deste, mas pela perseverança em fé na obra de Cristo, juntamente com o ponto de que o cristão não deve se entregar ao pecado ainda que seus pecados já foram justificados, é um aspecto desafiador a ser compreendido sobre vida cristã, mas que, ao mesmo tempo, também é um dos pontos mais lindos da vida após o recebimento do dom da justiça.

Deus sabe que somos feitos do pó, que herdamos de Adão uma natureza carnal corrompida, que estamos vivendo num mundo que jaz no maligno e que na carne ainda somos falhos ou sujeitos a tropeços. E para não ficarmos paralisados pelo medo de cometer um delito ou de sermos destruídos a cada tropeço, o Senhor já de antemão nos justificou a fim de podermos andar ou avançar com confiança nas instruções que Ele nos dá, mas isto, Deus fez para auxiliar-nos para que de forma crescente possamos avançar na novidade de vida que nos está disponível no Senhor, e não para um retorno a uma vida de sujeição ao pecado.

Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;**

17 **visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.**

1 João 5: 3 **Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos,**

4 **porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.**

Salmos 103: 8 **O SENHOR é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno.**

9 **Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira.**

10 **Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades.**

11 **Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem.**

12 **Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões.**

13 **Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem.**

14 **Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó.**

15 **Quanto ao homem, os seus dias são como a relva; como a flor do campo, assim ele floresce;**

16 **pois, soprando nela o vento, desaparece; e não conhecerá, daí em diante, o seu lugar.**

17 **Mas a misericórdia do SENHOR é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem, e a sua justiça, sobre os filhos dos filhos,**

18 **para com os que guardam a sua aliança e para com os que se lembram dos seus preceitos e os cumprem.**

19 **Nos céus, estabeleceu o SENHOR o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo.**

20 **Bendizei ao SENHOR, todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens e lhe obedecéis à palavra.**

21 **Bendizei ao SENHOR, todos os seus exércitos, vós, ministros seus, que fazeis a sua vontade.**

22 **Bendizei ao SENHOR, vós, todas as suas obras, em todos os lugares do seu domínio. Bendize, ó minha alma, ao SENHOR.**

Quando um indivíduo recebe o dom da justiça em seu coração, o Senhor continua a vê-lo segundo a sua misericórdia e longanimidade, segundo um pai que se compadece de seus filhos. Todavia, isto é muito distinto do que propor que Deus salva as pessoas sem se importar se elas passam a perseverar ou não no caminho da justiça celestial, pois juntamente com a justificação de seus pecados, uma pessoa redimida também tem ao seu dispor no Senhor toda uma nova condição para poder viver e andar segundo o dom celestial que lhe foi concedido gratuitamente.

Juntamente com a justificação, uma pessoa que a recebe em seu coração também recebe a condição de filho do Pai Celestial. E é segundo esta nova condição que uma pessoa é chamada a viver e andar no mundo, e não sob a pretensa proposição de que não necessita resistir ao pecado, como se a justificação do dom da justiça fosse protegê-la indiscriminadamente das consequências de uma opção voluntária por um retorno à sujeição ao pecado.

São muitos os textos das Escrituras que contrapõem toda a linha de pensamentos corrompidos que propagam a ideia de que a pessoa que recebeu uma vez a justificação pode retornar à sujeição ao pecado e ainda assim ficar livre das consequências desta atitude, assim como também são muitos os textos que mostram que a escolha pela volta à sujeição ao pecado não é mais necessária diante das dádivas incomparavelmente melhores que o Senhor coloca à disposição daqueles que optam por andar no caminho que é segundo a justiça celestial.

1 João 2: 1 Filhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo.

Romanos 8: 15 Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai.

Efésios 5: 1 Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados;
2 e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave.

...

8 Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz
9 (porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade),
10 provando sempre o que é agradável ao Senhor.

...

14 Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.

15 Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios,
16 remindo o tempo, porque os dias são maus.
17 Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor.

A conclusão que expressamos aqui, portanto, é que o Senhor que deu a Sua própria vida para nos resgatar do pecado, certamente também quer que nos afastemos de toda a sujeição ao pecado, e Ele quer que o façamos por meio Dele e da Sua justiça a fim de que também seja conhecido que somente a justiça celestial é que concede a capacitação para que uma pessoa justificada também passe a vencer verdadeiramente as tentações do pecado.

Após uma pessoa receber a justificação em Cristo Jesus, Deus não almeja que uma pessoa consiga viver uma vida de completa ausência do pecado pelos esforços dela mesma, o que já vimos não ser possível enquanto um indivíduo ainda vive no presente mundo. Contudo, isto também não significa que ela simplesmente pode se entregar a uma vida de submissão ao pecado, pois juntamente com o dom da justiça, também foi lhe concedido o amor de Deus e o temor do Senhor que a capacita a viver segundo a vontade de Deus e, como consequência, também se abster cada vez mais do pecado.

Jeremias 32:40 **Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim.**

Uma pessoa verdadeiramente nascida de novo a partir da graça de Deus não se conforma em se entregar à prática do pecado, pois a semente que Deus depositou nela, quando ela recebeu o dom da justiça, a atrai para uma vida cada vez mais em conformidade com a justiça do Senhor e mais distante da submissão à ação do pecado.

A posição na qual uma pessoa é aceita perante de Deus é a posição da fé na justificação por meio de Cristo Jesus, mas por entender o benefício da comunhão com Deus que esta justificação lhe conferiu, e por entender que o pecado é contrário a tudo aquilo que procede de Deus, um cristão, ou aquele que verdadeiramente recebeu o dom da justiça, também é chamado pelo Senhor a passar a ter prazer em se afastar da prática do pecado.

Provérbios 28: 13 **O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia.**
 14 **Feliz o homem constante no temor de Deus; mas o que endurece o coração cairá no mal.**

1 João 1: 5 **Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.**

6 **Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade.**

7 **Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.**

8 **Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós.**

9 **Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.**

10 **Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.**

2:1 **Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;**

2 **e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.**

Por fim, neste capítulo, entendemos que dizer que o justo viverá pela fé também engloba o fato de que aquele que mediante a fé foi justificado do pecado passa a ter um anelo genuíno de não se associar mais ao pecado e, ao mesmo tempo, passa a ter um anelo genuíno pela prática das obras segundo a justiça celestial sem temor de viver e andar nelas, pois sabe que o Senhor está junto a ele para ampará-lo e para continuar a perdoá-lo se tão somente permanecer firme na fé em Cristo Jesus.

Salmos 37: 28 **Pois o SENHOR ama a justiça e não desampara os seus santos; serão preservados para sempre, mas a descendência dos ímpios será exterminada.**

2 Timóteo 2: 22 **Foge, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor.**

Salmos 37: 23 **O SENHOR firma os passos do homem bom e no seu caminho se compraz;**
24 **se cair, não ficará prostrado, porque o SENHOR o segura pela mão.**

1 João 2: 29 **Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.**

Hebreus 12: 1 **Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,**

2 olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.

3 Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma.

C26. O Recebimento do Dom da Justiça e a Abstenção da Associação com a Injustiça ou com um Jugo Desigual

Nos capítulos anteriores referentes à vida após o recebimento do dom da justiça, nós mencionamos o fato de que um cristão não necessita passar a fazer obras humanas ou denominadas da lei para a manutenção de sua justificação como se esta passasse a depender delas depois que o dom foi recebido em sua vida, mas também que ele não deve ser leviano com o pecado e passar a se entregar a uma vida pecaminosa somente porque a obra do Senhor na cruz do Calvário já fez a provisão para o perdão dos seus pecados.

*Gálatas 5: 1 **Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.***

...
 13(a) ***Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne.***

Uma pessoa que verdadeiramente veio a se tornar cristã pelo novo nascimento advindo da fé em Cristo Jesus passa a receber uma nova posição e uma nova condição de vida para realizar boas obras, mas ressaltamos aqui mais uma vez, que estas obras são fruto da justificação e não para obter ou manter a justificação, pois esta, essencialmente, sempre continua a ter o dom da justiça de Deus como fundamento.

*Gálatas 2: 16 **Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado.***

*Romanos 3: 24 ... **sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, ...***

*1 Coríntios 3: 11 **Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. (RC)***

Entretanto, quando passamos a nos aprofundar mais na compreensão sobre a posição e a condição de vida que são concedidas a uma pessoa justificada, podemos observar que não é somente o relacionamento direto desta pessoa com Deus e com o pecado que é alterado. Quando alguém recebe o dom da justiça em sua vida, a sua posição em relação ao mundo e às pessoas ao redor dela também pode vir a sofrer significativas mudanças.

O recebimento do dom da justiça de Deus inaugura um novo tempo de convívio da pessoa com o Senhor e uma nova condição de liberdade para ela não precisar mais ficar sujeita à escravidão do pecado, mas ele também

inaugura um tempo distinto de discernimento e de relacionamento em geral da pessoa justificada por Deus com o mundo que está ao seu redor.

Pela fé em Cristo Jesus e na Sua obra redentora, uma pessoa não somente recebe a justificação do pecado, mas ela também recebe uma posição e uma condição de libertação da escravidão ao pecado à qual ela estava sujeita, e isto, para que ela de fato tenha um entendimento, atitudes e posturas em geral segundo esta nova posição e condição que lhe são concedidas no Senhor.

Apesar de Cristo ter morrido em favor de todas as pessoas e o dom da justiça estar disponível a todos aqueles que o quiserem e crerem nele, convém relembrar e destacar que a libertação que concede uma nova posição e uma nova condição de vida engloba também uma salvação pessoal, introduzindo, assim, a pessoa justificada a uma situação diferenciada de vida em relação a diversos aspectos do mundo e às pessoas que ainda não receberam o dom da justiça ou que não permanecem depositando a sua confiança nesta singular provisão celestial.

A partir do encontro pessoal com Cristo, uma pessoa é chamada pelo Senhor a ver também os seus diversos relacionamentos horizontais a partir de uma perspectiva distinta e para adotar uma atitude pessoal diferenciada em relação aos mais diversos aspectos que estão ao redor de sua vida.

*Romanos 12: 1 **Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.***
*2 **E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.***

A vida de um indivíduo no mundo apresenta a característica de ser rodeada das mais diversas vontades. Uma pessoa no mundo é alvo de muitas “vontades” que são apresentadas a ela, e o fato dela ter recebido o dom da justiça para viver e andar segundo a novidade de vida em Deus também implica em um novo posicionamento em relação a este mar de vontades que a rodeia.

Quando uma pessoa aceita a Cristo como o seu Senhor, as mudanças mais significativas ocorrem primeiramente no interior do coração dela, mas com o avançar da presença do dom da justiça na vida de um indivíduo também o relacionamento dele com aquilo que acontece ao seu redor virá a ser exposto a mudanças significativas.

Embora em um primeiro momento ou em alguns casos as mudanças que ocorrem numa pessoa quando ela aceita a Cristo possam até parecer imperceptíveis externamente ou no mundo natural, devido ao fato de serem primeiramente aspectos espirituais, na sequência, as mudanças significativas ocorridas em seu coração também irão afetar as percepções que ela tem a respeito do mundo ao redor dela, conforme nos mostra o final de cada um dos textos a seguir:

*1 Coríntios 2: 9 **Mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.***

- 10 Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus.**
- 11 Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus.**
- 12 Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.**
- 13 Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais.**
- 14 Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.**
- 15 Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém.**

Romanos 5: 17 Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.

Quando uma pessoa passa a ter um encontro com o dom gratuito da justiça de Deus e recebe este dom em sua vida, a nova posição recebida de Deus permite ela alcançar o conhecimento de várias características de sua salvação, a restauração do conhecimento dos aspectos essenciais da verdade e permite ela alcançar a possibilidade de adotar uma nova postura de vida de acordo com a verdade ensinada pelo Senhor.

Entretanto, receber o conhecimento da verdade, e uma nova posição e condição de vida, também implica no chamado de passar a discernir mais amplamente a diferença desta novidade de vida em relação à vida daqueles que estão sujeitos ao pecado ou no chamado para que aquele que foi justificado venha a adotar uma atitude diferenciada em relação ao fluxo corrente ao qual estão entregues as pessoas que não vivem uma vida segundo a fé no dom da justiça celestial, conforme descrito a seguir:

- 1 Pedro 4: 1 Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado,**
- 2 para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus.**
- 3 Porque basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios, tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e em detestáveis idolatrias.**

- Efésios 4: 17 Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos,**
- 18 obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração,**

19 os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza.

Apesar das mudanças mais significativas para aquele que recebe o dom da justiça em sua vida ocorrerem em geral primeiramente no coração, na sequência esta nova posição interior da pessoa começará a refletir em como ela se relaciona com Deus, com o pecado, mas também com o mundo e com as pessoas que nele se encontram, conforme já comentado acima.

E considerando a amplitude destas mudanças e o quão importante é que elas sejam compreendidas nas mais diversas áreas de vida do cristão, procuramos descrever vários destes pontos mais pormenorizadamente nas séries de estudos denominadas respectivamente de A Vida do Cristão no Mundo, Nova Criatura em Cristo e Andando em Novidade de Vida, deixando, porém, para abordar ainda no presente capítulo, aquilo que está relacionado ao quão impróprio ou perigoso é tentar conciliar uma associação entre a justiça celestial e a injustiça, e o quanto o pecado procura usar alguns expedientes de associação de pessoas para tentar desestabilizar inclusive os cristãos da nova posição que lhes é dada pelo Senhor através do seu dom da justiça.

Assim, quando começamos a olhar para a vida também pelo aspecto de alguns expedientes de associação que as pessoas fazem entre si, podemos ver o quanto o pecado pode vir a ser vil também em suas tentativas de atuação indireta e não somente por um confronto direto àqueles que ele deseja envolver em suas artimanhas.

Apesar do retorno à sujeição ao pecado envolver também uma opção pessoal de cada indivíduo, muitas vezes o pecado tenta se apresentar às pessoas pela via indireta das proposições de associação indevida de um indivíduo com outras pessoas, procurando, inclusive, usar a força de intimidação de um coletivo contra um indivíduo ou a força da ideia falsa de que se há um certo contingente expressivo de pessoas praticando um determinado mal, ele talvez não seja tão mal assim, conforme é exemplificado no texto a seguir:

*Provérbios 1: 10 **Filho meu, se os pecadores querem seduzir-te, não o consintas.***

*11 **Se disserem: Vem conosco, embosquemo-nos para derramar sangue, espreitemos, ainda que sem motivo, os inocentes;***

*12 **traquemo-los vivos, como o abismo, e inteiros, como os que descem à cova;***

*13 **acharemos toda sorte de bens preciosos; encheremos de despojos a nossa casa;***

*14 **lança a tua sorte entre nós; teremos todos uma só bolsa.***

*15 **Filho meu, não te ponhas a caminho com eles; guarda das suas veredas os pés;***

*16 **porque os seus pés correm para o mal e se apressam a derramar sangue.***

*17 **Pois debalde se estende a rede à vista de qualquer ave.***

*18 **Estes se emboscam contra o seu próprio sangue e a sua própria vida espreitam.***

*19 **Tal é a sorte de todo ganancioso; e este espírito de ganância tira a vida de quem o possui.***

A injustiça procura se introduzir através de tentações diretas do pecado, conforme já vimos anteriormente, mas ela também procura se infiltrar através de proposições e ofertas que procuram seduzir as pessoas para que venham a acreditar que elas podem extrair o melhor do “mundo da justiça” e o supostamente melhor “do mundo da injustiça” sem sofrerem os danos da injustiça. E desta forma, as proposições de associação das pessoas com a injustiça objetivam levá-las a pensarem equivocadamente que na injustiça pode haver algo de bom e salutar a ser extraído.

Portanto, as proposições do pecado que objetivam que uma pessoa justificada venha a se associar com a injustiça ou com parâmetros inadequados de vida somente porque um contingente expressivo de pessoas a segue também é um dos pontos através dos quais o pecado procura diluir uma verdade mediante a mistura de algumas mentiras ou onde ele tenta ocultar uma mentira com a inserção de algumas partes da verdade.

Em outras palavras, se uma pessoa quiser viver uma vida associada à justiça de Deus e simultaneamente ou alternadamente associada à injustiça, o resultado acabará pendendo para a colheita da injustiça, pois a suposta associação da justiça com a injustiça é uma proposição enganosa e, portanto, também é essencialmente uma prática da injustiça.

As Escrituras nos mostram várias figuras para exemplificar que há uma grande distinção entre a vida sob a direção do dom da justiça e a vida não sujeita ao dom da justiça, conforme os textos citados acima e conforme o exemplo sobre o caminho apertado e o caminho espaçoso também já exposto anteriormente.

Neste capítulo, entretanto, gostaríamos de nos ater mais especificamente ao exemplo do que a Bíblia denomina de “*jugo desigual*”, conforme mencionado no texto a seguir:

*2 Coríntios 6: 14 **Não vos ponhais a um jugo desigual com os infiéis (incrédulos);***

Porque que sociedade tem a justiça com a injustiça?

E que comunhão tem a luz com as trevas? (RA/RC)

15 E que concórdia há entre Cristo e Belial?

Ou que parte tem o fiel com o infiel?

16 E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos?

Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

17 Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei;

18 e eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso.

7:1 Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus. (RC)

O texto recém-apresentado é digno de especial atenção, pois uma análise muito superficial sobre o conteúdo dele pode produzir várias considerações destoantes do que é mais objetivamente apresentado nele, pois quando o texto acima exposto é visto no contexto maior em que ele está inserido, é possível notar que a abordagem sobre o “*jugo desigual*” não está, primeiramente, relacionada com as situações de sociedades

empresárias, casamento ou outros tipos de associações da vida civil como é alegado por algumas pessoas. O texto recém-apresentado aponta prioritariamente para a questão da tentativa da associação da justiça de Deus com a injustiça ou com a iniquidade.

Embora o princípio de não se colocar a um “*jugo desigual*” possa ser muito benéfico para a escolha de um cônjuge ou de um sócio, o “*jugo desigual*” citado nas Escrituras acima referenciadas é apresentado, principalmente, como correlacionado a um posicionamento de fé para a justificação.

Entendemos ser significativo destacar a consideração acima, pois no mundo, há pessoas que, por exemplo, aceitam ao Senhor Jesus Cristo como Senhor das suas vidas depois de casadas e cujos cônjuges não recebem ao Senhor no mesmo momento, e nem por isto, elas estão sob aquilo que é considerado como um “*jugo desigual*” diante de Deus. Por outro lado, também pode existir a situação em que um cristão se casou com um cônjuge igualmente cristão, mas ainda assim depois veio a se associar a jugos de crenças que mais expressam a injustiça do que a justiça de Deus.

Há situações em que de fato um casamento pode vir a se tornar um obstáculo para um dos cônjuges continuar crendo em Cristo, e neste caso, o Senhor instrui como o cônjuge que se mantém firme em sua fé pode se posicionar apropriadamente em relação ao Senhor e ao cônjuge incrédulo (cfme 1Coríntios 7). Entretanto, isto ainda não é a abrangência global ou principal do que está sendo considerado como um “*jugo desigual*” no texto acima em referência.

Ainda como outro exemplo, quando uma pessoa recebe o dom da justiça do Senhor e os seus progenitores ainda não receberam o mesmo dom, o Senhor não instruiu as pessoas que passaram a crer Nele a deixarem de cuidar daqueles que lhes são próximos e ainda não abraçaram a mesma fé. Pelo contrário, o Senhor instrui aos verdadeiros cristãos, sempre que isto é possível, procurarem ser prestativos aos seus progenitores.

1Timóteo 5: 4 Mas, se alguma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiro a exercer piedade para com a própria casa e a recompensar a seus progenitores; pois isto é aceitável diante de Deus.

...

8 Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente.

Em outras partes das Escrituras, o mesmo Paulo que escreveu as palavras sobre o “*jugo desigual*”, explica que o alerta para um cristão não se associar à injustiça também não significa buscar uma ausência total de relacionamento com as pessoas em geral, afirmando que um determinado grau de relacionamento com elas é inevitável, conforme segue:

- 1 Coríntios 5: 9 Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros;***
10 refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo.
11 Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou

maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais.

O Senhor Jesus não instruiu que aqueles que recebem o dom da justiça deixem de se relacionar com as pessoas em geral do mundo, pois Ele mesmo chama os seus discípulos para que eles sejam o sal da Terra e a luz do mundo. O próprio Senhor Jesus orou ao Pai Celestial para que os seus discípulos sejam colocados no mundo para que testemunhem Dele nos mais diversos lugares para que ainda muitos outros venham a crer no Pai e em Cristo como o seu Senhor Eterno.

Muitas pessoas que recebem a Cristo em suas vidas não são chamadas pelo Senhor para deixarem os locais em que trabalham ou para se mudarem da cidade em que vivem precisamente para que ali sirvam em tudo a Deus e sejam testemunhas do Senhor e das mudanças que ocorreram em suas vidas.

Por outro lado, no mundo, há uma série de associações que são oferecidas aos cristãos que são associações que têm por parâmetro aquilo que as pessoas creem ou declaram crer. São associações que giram em torno de algum tipo de crença sobre como as pessoas pensam que podem viver em relação ao pecado, à justificação de suas vidas e à vida eterna. E são em especial estas associações que precisam ser averiguadas com particular cautela por aqueles que receberam o dom da justiça de Deus em suas vidas.

As proposições de associações com outras pessoas que procuram afetar a exclusividade da fé na justificação de Cristo ou no dom singular da justiça é que principalmente podem vir a caracterizar a sujeição de um cristão a um “*jugo desigual*” ao qual ele não deveria se associar de forma alguma, sejam estas proposições aquelas que sugerem que o seguir das regras, preceitos ou ídolos é que pode justificar uma pessoa ou sejam aquelas que desprezam o poder do pecado ou desprezam a necessidade de que a salvação oferecida por Deus seja recebida voluntariamente por cada ser humano.

Em outras palavras, se uma pessoa quiser se associar ao dom da justiça de Deus e simultaneamente ou alternadamente quiser se associar às condições de vida que se opõe ao dom da justiça celestial, ela está tentando estabelecer sobre a vida dela um “*jugo desigual*”, ou seja, uma associação, uma parceria ou um vínculo inadequado com aqueles que não creem na provisão singular de justificação celestial para as suas vidas ou que não recebem esta justificação conforme ela é oferecida pelo Senhor através do seu Evangelho.

Se uma pessoa quiser se associar ao dom da justiça, mas também quiser se associar àquilo que se opõe ao dom da justiça celestial, ela está tentando estabelecer uma sociedade da justiça com a injustiça, da luz com as trevas ou de Cristo com a natureza pecaminosa do homem que resiste à salvação oferecida pelo Senhor a todos os seres humanos, o que é altamente contrário à vida de um cristão ou que jamais será possível de ser estabelecido para o seu bem.

Uma vez que a justiça de Deus não pode ter e jamais terá qualquer associação com a iniquidade ou com a injustiça, insistir no “*jugo desigual*” é extremamente perigoso, pois a justiça do Senhor, por mais misericordiosa que ela seja, não se tornará cúmplice da pessoa que insistir em continuar no caminho da associação com a injustiça.

Quando uma pessoa toma com leviandade a sua posição de se associar com um jugo de injustiça, ela pode estar agindo debaixo da presunção de que ela poderá se dissociar

do jugo a qualquer momento em que este se tornar, aos olhos dela, inconveniente, esquecendo, porém, que esta posição também representa um alto grau de altivez e soberba por pressupor que uma pessoa pode ter controle sobre todos os seus atos quando bem intentar tomar este controle em suas mãos.

Todavia, depois que uma pessoa se associa ou submete a um jugo de injustiça, o próprio entendimento sóbrio dela sobre a justiça e a injustiça pode também sofrer severas restrições. Quando uma pessoa se sujeita à injustiça, ela também fica sujeita a deixar de estar diante da luz que lhe ilumina o entendimento sobre o Evangelho da Justiça de Deus e que ilumina o seu coração para compreender a verdade e a vontade do Senhor.

Similarmente à situação em que uma pessoa que se associa ao pecado também pode desenvolver um coração endurecido e cegado pelo pecado, assim também uma pessoa que se associa a um jugo de injustiça pode vir a expor o coração dela aos efeitos do engano desta injustiça, lembrando ainda que:

*1 João 5: 17(a) **Toda injustiça é pecado.***

Diante de tantos desafios que uma pessoa se depara na vida, a tarefa de não vir a se associar a um “jugo desigual” requer a contínua presença da luz e do discernimento concedido pelo Senhor, sendo impossível que este discernimento seja realizado a contento sem a instrução do Senhor.

*João 8: 12 **De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.***

*Salmos 37: 5 **Entrega o teu caminho ao SENHOR, confia nele, e o mais ele fará.***

*6 **Fará sobressair a tua justiça como a luz e o teu direito, como o sol ao meio-dia.***

Assim como luz e trevas não tem comunhão, assim como Cristo e Belial (o homem que resiste a Deus) não se associam e não têm concordância entre eles, e assim como o templo de Deus, que também é o coração de cada pessoa que crê em Cristo, não pode ter consenso com os ídolos ou com as adorações vãs que são feitas em templos edificadas por mãos humanas, assim também o jugo da justiça, que é leve, suave e de novidade de vida, jamais pode ter parceria com o jugo da injustiça cujo alvo é engano, roubo, morte e destruição.

*Isaías 59: 8 **Desconhecem o caminho da paz, nem há justiça nos seus passos; fizeram para si veredas tortuosas; quem anda por elas não conhece a paz.***

*9 **Por isso, está longe de nós o juízo, e a justiça não nos alcança; esperamos pela luz, e eis que há só trevas; pelo resplendor, mas andamos na escuridão.***

Atos 17: 24 O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas.

Mateus 24: 23 Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;
24 porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.
25 Vede que vo-lo tenho predito.
26 Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis.

Assim como uma proposição de sujeição ao pecado obviamente é contrária à opção que pode proporcionar a libertação de uma pessoa da escravidão ao pecado, assim também as proposições que visam que as pessoas se associem aos caminhos de injustiça dos homens ou das trevas são contrárias àquilo que Deus oferece através do seu dom da justiça.

Gálatas 5: 1 Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.

...

4 Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído.
5 Porque nós, pelo espírito da fé, aguardamos a esperança da justiça.
 (RC)

1 Coríntios 7: 23 Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens.

O referido “*jugo desigual*” passa a ser fortemente caracterizado quando uma pessoa passa a ser cúmplice das obras da injustiça, ou seja, quando uma pessoa se torna participante das obras da injustiça ou dá suporte para que elas sejam realizadas, o que as Escrituras firmemente ensinam a não ser feito por um cristão.

Efésios 5: 11 E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as.

E aqui, se nos aprofundarmos mais especificamente nas Escrituras sobre o assunto em referência neste capítulo, podemos notar que similarmente ao que foi abordado no capítulo sobre os meios ineficazes e falsos que se propõem a oferecer uma libertação da

escravidão ao pecado, também as proposições de associação da justiça com a injustiça ou com um “jugo desigual” se dividem em dois conjuntos principais.

Assim, por um lado, as Escrituras nos mostram que um dos grupos de ações aos quais um cristão não deve se associar para não incorrer no “jugo desigual” ou na tentativa de unir a justiça celestial com o caminho da injustiça está exposto no texto que segue abaixo:

1 Coríntios 15: 32 **Se, como homem, lutei em Éfeso com feras, que me aproveita isso? Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, que amanhã morreremos.**

33 **Não vos enganéis: as más conversações corrompem os bons costumes.**

34 **Tornai-vos à sobriedade, como é justo, e não pequeis; porque alguns ainda não têm conhecimento de Deus; isto digo para vergonha vossa.**

Em sua carta aos cristãos em Corinto, Paulo nos ensina que há um grupo de pessoas que se opõem ao dom da justiça de Deus de uma maneira bem peculiar ao proporem que a vida de um ser humano essencialmente se limita aos aspectos da vida natural. Ou seja, são proposições que se opõem à necessidade de os seres humanos serem justificados e salvos da escravidão ao pecado ao tentarem disseminar a linha de pensamento de que não haverá vida após a morte natural ou que não haverá um juízo em relação à maneira como uma pessoa viveu os seus dias no mundo presente.

Assim, é a partir da linha de pensamento de que as pessoas não necessitarão prestar contas da sua vida no mundo que surgem as proposições de caminhos da injustiça como, por exemplo, a frase “**comamos e bebamos, que amanhã morreremos**”, buscando levar as pessoas a se associarem a uma vida onde as concupiscências dos olhos e da carne imperam.

O tipo de caminho da injustiça que se sujeita a uma vida rendida às referidas concupiscências também se encontra mencionado nas cartas de Pedro, o qual chega a mencionar que os indivíduos que se entregam a este tipo de jugo chegam inclusive a estranhar o fato de os cristãos não se entregarem igualmente a este tipo de fluxo de dissolução ou devassidão, conforme segue:

1Pedro 4: 3 **Porque é bastante que, no tempo passado da vida, fizéssemos a vontade dos gentios, andando em dissoluções, concupiscências, borracheiras, glotonarias, bebedices e abomináveis idolatrias;**

4 **e acham estranho não correrdes com eles no mesmo desenfreamento de dissolução, blasfemando de vós. (RC)**

Portanto, diante do contexto de tão ampla entrega de multidões de pessoas aos anelos das suas concupiscências, e também por não desejarem abandonar as paixões da carne, é que alguns indivíduos procuram introduzir um dos grupos de proposições de “jugo desigual” com o qual um cristão pode se deparar no mundo e através das quais alguns pretensamente alegam que é possível, então, uma pessoa conciliar uma parte do que é pertinente à vida cristã com uma parte do que é pertinente à vida de rendição às concupiscências.

Este primeiro grupo de proposições de associação entre a justiça e injustiça pode até tentar não chegar ao ponto de negar que haverá vida após a morte natural a fim de não se posicionarem com explícito descaso para com a obra de Cristo na cruz do Calvário. Entretanto, para que aqueles que as propõem não precisem se abster de seus desejos carnais, eles procuram, então, introduzir o enganoso conceito de que a graça salvadora que Cristo veio manifestar é uma graça que salva aquele que a recebe ainda que o recebedor da graça continue a optar pela sujeição voluntária ao pecado, conforme já mencionado em capítulos anteriores e dos quais relembramos os seguintes textos:

Judas 1: 3 Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos.

4 Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.

Filipenses 3: 18 Pois muitos andam entre nós, dos quais, repetidas vezes, eu vos dizia e, agora, vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo.

19 O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas.

Por mais que algumas pessoas queiram mostrar que elas reconhecem a obra de Cristo na cruz do Calvário, quando elas tentam conciliar ou propor a possibilidade de uma vida de acordo com o dom da justiça de Deus associada com uma vida rendida às concupiscências, elas, em suas ações e palavras, evidenciam que na prática são inimigas da cruz de Cristo, da graça do Senhor e do próprio Deus, por mais que tentam ocultar esta inimizade para com o Senhor e para com o dom de justiça que há Nele.

Conforme também foi mencionado mais acima, um cristão não é chamado para se abster do relacionamento com as pessoas no mundo em geral e nem para procurar viver sob uma condição de isolamento em relação às demais pessoas. Entretanto, isto não significa que um cristão não deva discernir as pessoas com as quais ele se relaciona e as atitudes que não são apropriadas para a sua vida, pois por mais que muitos aleguem que Deus não os julgará ou não vê os atos que eles praticam, as Escrituras afirmam que tudo está exposto aos olhos de Deus, que o Senhor no devido tempo trará tudo à luz e que Ele fará a apropriada distinção entre aqueles que permaneceram sob o dom da justiça ou aqueles que optaram pela sujeição à injustiça.

Gálatas 5: 17 Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.

18 Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei.

- 19 **Porque as obras da carne são manifestas, as quais são:**
prostituição, impureza, lascívia,
 20 **idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas,**
dissensões, heresias,
 21 **invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a**
estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os
que cometem tais coisas não herdarão o Reino de Deus.

Hebreus 4: 12 **Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.**

- 13 **E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas.**
 14 **Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.**

E aqui, dando continuidade às considerações sobre os dois principais conjuntos de proposições de “*jugo desigual*” ou das tentativas de associação da justiça com a injustiça, gostaríamos, então, de dar sequência a alguns aspectos sobre o segundo grupo pertinente às referidas proposições.

Sob uma aparente ou suposta contraposição às proposições de sujeição às concupiscências apregoadas por aqueles que querem tornar a graça de Deus em libertinagem, as Escrituras nos mostram que no mundo também há muitos que apresentam suas proposições de associação de justiça com a injustiça, ou que se caracterizam como um “jugo desigual”, ao proporem que se a vida cristã não é uma rendição às concupiscências carnis, ela, então, deveria ser uma vida sujeita a um conjunto de disciplinas ou regras que teriam o objetivo de coibir os desejos da carne.

Este segundo grupo de proposições, todavia, também é constituído a partir de anelos carnis e que, de uma ou de outra forma, se equivalem à proposição de viver similarmente ao que era objetivado na condição de vida em sujeição à lei de Moisés, Antiga Aliança ou sacerdócio levítico.

Este segundo grupo de proposições não apregoa a libertinagem ou que as pessoas podem se entregar livremente aos seus anelos carnis, mas ele se caracteriza como injustiça pelo fato de apregoar que as pessoas podem alcançar a condição de justificadas ou aceitas por Deus através dos seus esforços carnis ou naturais para tentar praticar o bem ou seguir a lei à qual se sujeitam.

Ou seja, embora este segundo grupo de proposições não apregoe a sujeição à carne no sentido de rendição às concupiscências carnis, elas apregoam a sujeição à carne no sentido de tentar alcançar através dos esforços da carne a condição de justificadas ou aceitas no que se refere à vida eterna delas, não se atendo, assim, às seguintes palavras:

Romanos 7: 18 **Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo.**

Uma vida entregue às concupiscências mais básicas da carne, negando que a associação às obras vis da carne no final repercutirá em consequências indesejáveis, assim como uma vida entregue às mais elaboradas práticas religiosas para tentar alcançar a justificação diante de Deus são, ambas, obras infrutíferas e contrárias à provisão de salvação oferecida pelo Senhor em seu dom singular de justiça.

Desde a torre de Babel até os milhares e milhares de sacrifícios feitos ao longo da história humana sob a lei de Moisés, ou qualquer proposição com preceitos similares, nenhuma destas obras religiosas pôde prover o que somente foi provido em Cristo Jesus e que somente pode ser alcançado pela fé no dom da justiça vindo dos céus, pois estas proposições sempre insistem em que o ser humano deva ter participação na criação, elaboração ou constituição da provisão de sua justificação. Razão pela qual, um cristão jamais deveria se associar e apoiar a qualquer mensagem, pregação ou ministério que proponha algo em oposição ao singular ou exclusivo sacrifício do Senhor Jesus Cristo na cruz do Calvário, sob o risco de acabar trabalhando em posição contrária à fé na justificação oferecida por Deus ao mundo.

As Escrituras declaram repetidamente que somente na justiça de Deus encontra-se o verdadeiro fundamento para a salvação, justificação e redenção das pessoas na Terra. E por isto, ela deve ser adotada também com exclusividade, pois a tentativa de alcançar ou estabelecer a justiça por obras ou esforços humanos também é uma tentativa de anular o significado ou valor da obra de Deus manifestada em Cristo Jesus.

Gálatas 2: 21 **Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão.**

Nenhum recurso natural ou obra humana é suficiente para prover a justificação eterna de uma única pessoa sequer, e por isto, também nenhuma proposição de salvação que procura se fundamentar em algum destes aspectos é merecedora de ser aceita no lugar do dom da justiça em Cristo Jesus, mas também não de forma conjunta com o dom da justiça celestial.

Por mais que muitas pessoas procurem criar ou apresentar caminhos alternativos com a intenção de não necessitarem do dom da justiça de Deus em Cristo Jesus, ou por mais que queiram ofuscar a exclusividade da provisão que há neste dom celestial, as Escrituras repetidamente e de muitas maneiras mostram o quão vã é a confiança das pessoas em seus recursos, disciplinas, rituais ou supostas obras de lei que alegam seguir com o objetivo de alcançar a condição de justificados, exemplificado por mais dois textos abaixo:

Provérbios 11: 4 **As riquezas de nada aproveitam no dia da ira, mas a justiça livra da morte.**

Lucas 16: 13 Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

14 Os fariseus, que eram avarentos, ouviam tudo isto e o ridiculizavam.

15 Mas Jesus lhes disse: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus.

Quando as Escrituras declaram que *o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê*, isto também implica em dizer que o tempo de aceitar jugos que procuram estabelecer a ideia de que uma pessoa pode ser justificada por obras também chegou ao fim e que este tipo de jugo não mais deveria ser aceito por nenhuma pessoa, muito menos pelo cristão que já foi redimido pelo Senhor mediante a graça e o dom da justiça celestial.

Romanos 10: 1 Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos.

2 Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.

3 Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.

4 Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê.

Quando ele teve os seus olhos abertos para a realidade da justiça de Deus, Paulo, que posteriormente veio a ser um apóstolo do Senhor Jesus Cristo, prontamente abandonou anos da sua associação com uma religião na qual ele tinha sido um dos mais fiéis participantes e na qual ele tinha alcançado graus muito elevados de honrarias e posições humanas. Diante da sublimidade e da singularidade daquilo que Deus passou a lhe oferecer através do dom da justiça, Paulo percebera que aquele jugo que antes estava sobre a sua vida jamais o conduziria a alcançar o que realmente era essencial a ser alcançado ainda na sua vida na Terra, mas, principalmente, para a sua vida eterna.

Apesar de que Paulo, mesmo antes de conhecer o dom da justiça celestial, não seguia uma vida de rendição aos anelos da concupiscência da carne como muitos gentios faziam, quando ele viu o tipo de justiça ao qual ele estava associado antes de conhecer a Cristo e viu o dom da justiça que dos céus lhe foi oferecido mediante a graça celestial, ele trocou toda a sua devoção a uma lei que jamais poderia salvá-lo pela justiça dada dos céus e acessível através da fé no Senhor.

Ao conhecer a Cristo e qual era a provisão de justiça que o Senhor estava lhe oferecendo, Paulo reconheceu a sublimidade deste dom também através de sua dissociação de tudo aquilo que era oposto à justiça que graciosamente lhe foi oferecida a partir do reino celestial, e não pelos homens. E isto, para também vir a alcançar a novidade de vida e os benefícios que somente podem ser recebidos através da justiça celestial.

Diferentemente de muitos dos seus conterrâneos, e tendo por base a justiça de Deus, Paulo preferiu abrir mão de sua associação com aquilo que aparentemente parecia ser justo ou bom para ganhar o que de fato era bom, eterno e segundo a justiça celestial.

- Filipenses 3: 4 Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais:*
5 circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu,
6 quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível.
7 Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo.
8 Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo
9 e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé;
10 para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte;
11 para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos.

Ainda em outro ponto, encontramos Paulo descrevendo que o Senhor tem guardado para ele a “**coroa da justiça**”. E também por este aspecto podemos compreender que a tentativa de associação da justiça com a injustiça não é aceita pelo Senhor, pois Deus não chama as pessoas para dividirem a glória que há no dom da justiça concedido pela graça celestial com a injustiça que há nas proposições de tentativas de justificarem as pessoas através das suas supostas sujeições a disciplinas ou leis de atos externos pré-ordenados.

- 2 Timóteo 4: 8 Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.*

Quando um indivíduo cogita se associar às crenças ou práticas de outras pessoas, grupos ou instituições que almejam a justificação com base em obras humanas, cultos, rituais, disciplinas, doações, ofertas, díizimos ou outros sacrifícios para se colocarem em uma posição abençoada diante de Deus, pensando que ele poderá participar destas associações sem perder a sua fé na justificação exclusiva em Cristo, este indivíduo jamais deveria desprezar o poder de engano e cegueira que a associação a um jugo de injustiça pode vir a colocar sobre a sua vida.

- 2 Coríntios 3: 14 Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido.*
15 Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.

- Gálatas 3: 1* **Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?**
- 2 Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?**
- 3 Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?**
- 4 Terá sido em vão que tantas coisas sofrestes? Se, na verdade, foram em vão.**
- 5 Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?**
- 6 É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.**

- Gálatas 5: 2* **Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará.**
- 3 De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.**

Considerando que a circuncisão na carne, a partir da crucificação e ressurreição de Cristo, passou a ser uma figura ou tipologia para os mais diversos tipos de associações das pessoas com as opções de tentativas de viver sob um conjunto de mandamentos e práticas religiosas para tentarem agradar a Deus, nenhuma pessoa, ao pensar em se associar a este tipo de conduta, deveria se entregar ao pensamento de que ela é mais forte do que aquilo que ela se submete e que ela poderá simplesmente se desvincular deste jugo quando ela quiser.

O cristão jamais deveria esquecer que se ele escolher se sujeitar ao engano das proposições de injustiça ou de “jugos desiguais”, ele somente poderá retornar à liberdade que há no Senhor se a bondade de Deus conceder que ele também volte a encontrar o local de arrependimento para retornar ao ponto de reconhecer que a provisão de justificação é proporcionada por Deus exclusivamente em Cristo Jesus.

Portanto, mais uma vez relembramos aqui os seguintes textos:

Romanos 2: 4 **Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?**

- Gálatas 6: 12* **Todos os que querem ostentar-se na carne, esses vos constroem a vos circuncidardes, somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo.**
- 13 Pois nem mesmo aqueles que se deixam circuncidar guardam a lei; antes, querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne.**
- 14 Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo.**

15 Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura.

Colossenses 2: 20 **Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças:**

**21 não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilo outro,
22 segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem.**

23 Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade.

E continuando ainda em algumas considerações sobre o segundo grupo de proposições de associação da justiça com a injustiça ou com um “*jugo desigual*”, entendemos que também convém mencionar que o engajamento na defesa do pensamento da justificação por obras ou por disciplinas humanas ganha especial força naquelas pessoas que atribuem os seus êxitos terrenos ao seu próprio empenho e a sua intensa dedicação às causas às quais foram ou são devotos.

Pelo fato de terem alcançado algum êxito diante dos seus semelhantes, algumas indivíduos ou grupos de pessoas dão lugar em seus corações à crença de que de fato eles são e serão abençoados pelo montante de obras ou trabalho que realizam ou pela dedicação que fazem de si mesmos às causas que elegeram como suas visões ou propósitos de vida.

Desta forma, as proposições para a associação a “*jugos desiguais*” são especialmente perigosas também onde as pessoas evocam que o mérito dos seus êxitos está nas suas vidas disciplinadas e dedicadas ao trabalho ou à intensidade com a qual se renderam a estes trabalhos. E por alcançarem algum êxito temporal, elas muitas vezes acabam se inclinando à ideia de que se alcançaram êxito diante dos seus semelhantes, por que não poderiam então alcançar êxito também diante de Deus ou, ainda, por que não poderiam compensar os seus pecados através de seus próprios esforços ou êxitos?

Para estes, porém, igualmente se aplica o que já foi comentado acima, ou seja, que nenhum sucesso material ou perante os seres humanos tem poder para remir e salvar uma vida para a eternidade, ao ponto do Senhor Jesus declarar a nulidade de valor eterno que há em uma pessoa alcançar grandes êxitos no mundo, mas não obter a salvação eterna de sua alma.

Marcos 8: 34 **Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.**

35 Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á.

36 Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?

- Romanos 4: 4 Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida.*
- 5 Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça.*
- 6 E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras.*

- Efésios 2: 8 Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus;*
- 9 não de obras, para que ninguém se glorie.*
-

Por fim, neste capítulo, gostaríamos de mencionar mais uma vez que Deus não chama àqueles que passam a receber o dom da justiça celestial a se absterem das diversas atuações no mundo presente e que não se opõem à uma vida sob a justiça celestial. Porém, quanto àquelas proposições de associação com outros que se opõem àquilo que uma pessoa pode receber exclusivamente no dom da justiça celestial, o Senhor muito explicitamente chama aos cristãos para delas se apartarem, quer sejam da linha daqueles que quererem tornar a graça em libertinagem ou quer sejam da linha daqueles que querem voltar a estabelecer a sujeição das pessoas às crenças, preceitos e cultos similares àqueles que se encontram sob a lei de Moisés.

- 1Ts 5: 21 Julgai todas as coisas, retende o que é bom;*
- 22 abstende-vos de toda forma de mal.*
- 23 O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.*

A dom da justiça foi concedido por Deus para que possamos nos abster escravidão ao pecado, ao corpo do pecado, mas igualmente das associações com as proposições e obras que procuram atuar contra a posição sublime e exclusiva da justiça de Deus. E isto, para que possamos estar livres para sermos associados de forma eterna a um corpo ou uma família que ama a justiça, que anela permanecer nela para sempre e que também é chamada para ser eternamente o povo do Senhor de toda eterna justiça.

- 2 Coríntios 6: 14 Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas?*
- 15 Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo?*
- 16 Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.*
- 17 Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei,*
- 18 serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.*
-

A partir da crucificação e ressurreição de Cristo Jesus, a única distinção entre as pessoas diante de Deus, em certo sentido, é a distinção que as pessoas mesmo fazem em relação à justiça de Deus, optando por aceitarem e se manterem na justiça de Deus ou optando por rejeitarem a justiça de Deus e colocando-se debaixo de um jugo pesado de injustiça.

2 Timóteo 2: 19 Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor.

1 Coríntios 12: 13 Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.

Apesar da distinção entre o jugo suave e leve da justiça e o jugo pesado da injustiça nem sempre ser perceptível explicitamente aos olhos naturais, o posicionamento de fé na justiça de Deus tem uma implicação de valor incalculável para a vida espiritual e para a vida eterna daquele que crê no dom eterno oferecido pelo Senhor.

Gálatas 3: 22 Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado, para que, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse a promessa concedida aos que creem.

23 Mas, antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se.

24 De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé.

25 Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio.

26 Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;

27 porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes.

28 Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

Na conclusão do presente capítulo, lembramos também mais uma vez que uma série de outras considerações sobre os grupos de proposições de associação à injustiça, e como um cristão deveria se posicionar em relação a eles, encontram-se descritas ainda nos próximos materiais da presente série, assim como nas séries sobre A Vida do Cristão no Mundo, Nova Criatura em Cristo e Andando em Novidade de Vida, mas por hora gostaríamos de encerrar este ponto destacando novamente o seguinte texto:

Romanos 3: 21 Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas;

22 justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção,

23 pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,

- 24 sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus,
- 25 a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;
- 26 tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.
- 27 *Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé.*
- 28 Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.
- 29 *É, porventura, Deus somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, também dos gentios,*
- 30 visto que Deus é um só, o qual justificará, por fé, o circunciso e, mediante a fé, o incircunciso.

C27. A Luz Celestial e a Virtude de Discernimento do Bem e do Mal Associadas à Palavra da Justiça

Quando o Senhor Jesus Cristo orientou os seus discípulos a buscarem a justiça de Deus por primeiro, Ele o fez porque na justiça de Deus está o dom ou o fundamento da justificação dos pecadores para poderem estar aptos para receberem, pela graça e mediante a fé, a salvação que dos céus lhes é oferecida gratuitamente.

Entretanto, conforme também foi descrito nos últimos capítulos, além da justiça de Deus ser a singular provisão para o resgate das pessoas da condição de escravidão ao pecado, ao corpo do pecado e aos meios ineficazes que em vão tentam libertar as pessoas desta escravidão, ela também é o firme fundamento indispensável para qualquer outro aspecto ou qualquer outra prática de uma vida cristã consonante com a vontade de Deus.

Deus não oferece a sua justiça somente para libertar as pessoas da escravidão ao pecado, mas Ele a oferece e concede para que as pessoas que recebem o dom da justiça também possam passar a viver uma vida em conformidade com a justiça celestial. O Senhor não liberta as pessoas para que elas em seguida voltem a ser servas do pecado ou para que permaneçam sujeitas a uma vida de injustiça. Deus liberta as pessoas com o propósito de que elas também possam passar a servir a justiça do Senhor e colher os frutos de uma vida em conformidade com esta justiça, aspecto exposto mais uma vez no texto abaixo:

- Romanos 6: 17 **Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues;***
- 18 e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.*
- 19 **Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim ofereci, agora, os vossos membros para servirem à justiça para a santificação.***
- 20 **Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça.***
- 21 **Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais; porque o fim delas é morte.***
- 22 **Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna;***
- 23 **porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.***

O dom da justiça de Deus é oferecido pelo Senhor a todos para que todos aqueles que o recebem experimentem uma mudança de posição e condição em relação à escravidão do pecado, mas também para que possam passar a viver e andar em conformidade com a nova posição e condição que recebem do Senhor ao receberem o dom da justiça mediante a fé.

O dom da justiça de Deus é oferecido a todos para a salvação, mas também para que os salvos venham a conhecer o dom da justiça como um meio para que experimentem uma significativa mudança em suas condutas ou atitudes em seu viver e andar no mundo.

Assim como todas as decisões e obras de Deus são fundamentadas pela sua justiça, o Senhor também anela que os cristãos passem a viver e andar segundo a justiça que receberam em seus corações ou passem a praticar os mais diversos atos de suas vidas de acordo com o dom celestial que receberam.

*1 João 2: 29 **Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.***

A justiça de Deus é tão sublime que até mesmo a fé que um justo ou uma pessoa justificada necessita para viver mediante a fé em Deus advém desta mesma justiça.

*2 Pedro 1: 1 **Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo.***

*Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;***

*17 **visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.***

Em outras palavras, **o chamado para uma pessoa viver segundo à vontade de Deus não está somente relacionado à sua libertação da escravidão ao pecado, mas também com os aspectos que o dom da justiça passa a acrescentar à sua vida ou passa a tornar disponível para o seu uso.**

E entre os aspectos que o dom da justiça torna disponível àquele que o recebe, para que este indivíduo possa de fato viver e andar de acordo com a vontade de Deus, está exatamente a possibilidade de a pessoa redimida do pecado poder passar a conhecer a vontade de Deus, a verdade e os aspectos de como é uma vida em consonância com a justiça celestial.

Assim, através do dom da justiça que há em Cristo Jesus, Deus:

- ⇒ 1) Anuncia a possibilidade de salvação para os pecadores;
- ⇒ 2) Aponta o caminho da salvação para os pecadores;
- ⇒ 3) Oferece a libertação aos pecadores do jugo espiritual de escravidão do qual necessitam ser salvos;
- ⇒ 4) Coloca aqueles que recebem o dom da justiça em uma nova posição e condição espiritual de vida;
- ⇒ 5) Oferece ensinar e capacitar aqueles que passaram a estar no caminho da justiça para também poderem viver e andar no novo caminho que escolheram ao receberem o dom da justiça.

O dom da justiça de Deus, além de se mostrar justificador, redentor, salvador e como um caminho de novidade de vida a ser seguido por aquele que o recebe, ainda se mostra como um meio pelo qual Deus ensina aqueles que recebem esta dádiva que lhes é oferecida mediante a graça celestial.

*Salmos 25: 8 **Bom e reto é o SENHOR, por isso, aponta o caminho aos pecadores.***

*Provérbios 12: 28 **Na vereda da justiça, está a vida, e no caminho da sua carreira não há morte.***

*Isaias 48: 17 **Assim diz o SENHOR, o teu Redentor, o Santo de Israel: Eu sou o SENHOR, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho em que deves andar.***

Quando o Senhor Jesus Cristo ensinou que a busca da justiça de Deus sempre deve ser colocada em primeiro lugar na vida dos Seus discípulos, Ele o fez porque este aspecto também tem uma importância equivalente à ordem em que ele foi instruído para ser buscado, pois através da sua justiça, o Senhor nos ensina e nos guia nos caminhos que são úteis para o presente, para a vida eterna e para que também o próprio nome de Deus seja glorificado inclusive para que mais pessoas venham a conhecer a sobre excelente glória da sua bondade, misericórdia e graça.

*Salmos 23: 3 **Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.***

A justificação ou a salvação que é estendida à pessoa que recebe o dom da justiça que há em Cristo Jesus não somente liberta a pessoa do jugo da escravidão ao pecado, ao corpo do pecado e aos meios que de forma vã tentam libertar as pessoas desta escravidão, mas, ao tirar a pessoa desta escravidão, ela também torna disponível a “*luz da vida*” para aquele que recebe o dom redentor, pois também a luz do Senhor em tudo atua sempre em conjunto com a justiça celestial.

Assim, ainda em outras palavras, gostaríamos de destacar que **outra virtude celestial que somente pode ser alcançada conjuntamente com o dom da justiça que há em Cristo Jesus é a disponibilidade de acesso contínuo à luz eterna do Senhor para os mais diversos aspectos da vida.**

*Efésios 5: 8 **Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz**
9 **(porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade),**
10 **provando sempre o que é agradável ao Senhor.***

João 8: 12 De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarรก nas trevas; pelo contrรกrio, terรก a luz da vida.

E, por sua vez, em relaçaŁo ao papel do dom da justiça como um meio para um cristŁo tambŁm estar amparado pela “**luz da vida**”, gostarรกamos de destacar ainda que a luz celestial que um cristŁo passa a poder acessar atravŁs do dom da justiça ę oferecida a ele para que conheça o caminho da novidade de vida no Senhor, mas tambŁm para que ele esteja amparado no Senhor para discernir o mal que ainda atua no presente mundo.

Se recordarmos mais uma vez do capŁtulo anterior sobre as proposiçŁes que hรก no mundo no sentido de tentar levar aqueles que receberam o dom da justiça a voltarem ą escravidŁo ao pecado ou se associarem novamente ą injustiça, podemos facilmente notar que a necessidade que o cristŁo que ainda estรก no mundo tem para andar no caminho da justiça do Senhor tambŁm requer que ele tenha o devido discernimento daquilo que poderรก tentar se opor ao seu novo caminho sob o dom da justiça celestial.

Ou seja, apŁs uma pessoa receber o dom da justiça em sua vida e ter sido liberta da escravidŁo ao pecado e ąquilo que estรก associado a ele, ela precisa do discernimento do bem que lhe ę oferecido no caminho da justiça, mas tambŁm do mal que pode vir a se opor a ela. E isto, para nŁo voltar e ser enganada ou enredada por aquilo do qual ela jรก foi liberta.

A justiça de Deus ę digna de ser buscada e guardada inclusive se houver discernimento da necessidades de algumas restriçŁes de associaçŁes com aspectos do mundo, da carne ou da injustiça, conforme foi visto no capŁtulo anterior, bem como tambŁm se houverem perseguiçŁes e oposiçŁes contra aquele que se relaciona com esta justiça, pois o resultado ou galardŁo da perseverança na justiça do Senhor ę poder estar para sempre no reino dos cŁus, na plenitude da justiça ou na plenitude Daquele que ę fonte eterna da justiça celestial.

1 TimŁteo 6: 9 Ora, os que querem ficar ricos caem em tentaçŁo, e cilada, e em muitas concupiscŁncias insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdiçŁo.

10 Porque o amor do dinheiro ę raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fŁe e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.

11 Tu, porŁm, Ł homem de Deus, fuge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fŁe, o amor, a constŁncia, a mansidŁo.

12 Combate o bom combate da fŁe. Toma posse da vida eterna, para a qual tambŁm foste chamado e de que fizeste a boa confissŁo perante muitas testemunhas.

2 TimŁteo 2: 22 Fuge, outrossim, das paixŁes da mocidade. Segue a justiça, a fŁe, o amor e a paz com os que, de coraçŁo puro, invocam o Senhor.

*Mateus 5: 10 **Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.***

O dom da justiça de Deus demonstrado em Cristo Jesus é mais precioso do que qualquer riqueza humana ou natural, e ele é concedido por Deus também para que seja utilizado para que os corações daqueles que permanecem no Senhor sejam guardados das mais terríveis fascinações, enganos ou ruínas, auxiliando-os a se manterem na condição duradoura ou eterna de novidade de vida em Deus.

*Salmos 5: 8 **SENHOR, guia-me na tua justiça, por causa dos meus adversários; endireita diante de mim o teu caminho;**
 9 **pois não têm eles sinceridade nos seus lábios; o seu íntimo é todo crimes; a sua garganta é sepulcro aberto, e com a língua lisonjeiam.***

Portanto, saber que a aceitação e o recebimento do dom da justiça não são as últimas etapas de um relacionamento mais próximo com a justiça de Deus pode ser crucial para que uma pessoa também venha a estar firmada nesta justiça e para que ela possa se posicionar mais seguramente contra as possíveis investidas que o pecado ainda tentar levantar contra a sua vida mesmo depois dela já ter alcançado a salvação do Senhor.

*Hebreus 5: 13 **Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança.***
 14 **Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.**

*Efésios 6: 13 **Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis.***
 14 **Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça.**

C28. A Posição de Alto Risco à qual um Cristão Pode Ficar Sujeito ao Negligenciar o Crescimento na Palavra da Justiça ou na Vida Cristã

A. A Necessária Participação Pessoal do Cristão quanto à Permanência e Crescimento na Justiça de Deus

No capítulo anterior, enfatizamos mais uma vez o quanto o dom da justiça é indispensável para a redenção de uma pessoa da escravidão ao pecado e o que está associado a ela, mas também que o dom da justiça é vital ou essencial para que um cristão possa viver e andar no mundo sob a luz ou o discernimento do bem e do mal que somente pode ser obtido por ele no Senhor.

O nível de importância do dom da justiça de Deus para um indivíduo que já o recebeu em seu coração e a possibilidade de discernimento do bem e do mal que está associado a este dom são, seguramente, alguns dos temas mais cruciais ou essenciais ao qual uma pessoa pode vir a dedicar tempo durante toda a sua vida.

Lembramos aqui também que o fato de uma pessoa receber o dom da justiça em seu coração, ou receber a salvação mediante a fé em Cristo e naquilo que através do Senhor foi provido na cruz do Calvário, não significa que esta pessoa agora esteja isenta de ser exposta a tentações, e nem que ela passou para uma condição em que não necessita mais fazer uso de um sóbrio e sábio discernimento. Pelo contrário, conforme comentado acima, um dos grandes benefícios de uma pessoa receber o dom da justiça é que através da comunhão com este dom, que é expresso essencialmente em Cristo, ela pode finalmente discernir o que não conseguia discernir enquanto estava sujeita à escravidão ao pecado.

Portanto, o conhecimento de uma pessoa sobre a justiça de Deus e sobre o pecado precisa ir além da superficialidade e inclusive além da informação de que é pelo dom da justiça de Deus que uma pessoa inicialmente recebe a salvação, pois algumas das tentações mais ardilosas encontradas no mundo são precisamente aquelas que inclusive se escondem atrás de sutis e falsas palavras sobre como uma pessoa deveria viver sob a justiça celestial.

E, por sua vez, depois de abordarmos o aspecto de que um discernimento mais acurado do bem e do mal também somente pode ser alcançado por uma pessoa através do dom da justiça do Senhor, gostaríamos de nos ater, a partir deste ponto, no aspecto de que após um indivíduo receber este dom, ele também é chamado pelo Senhor para crescer na comunhão com a palavra da justiça ou com o ensino do Senhor sobre a sua justiça também para não colocar em risco à salvação que a ele foi concedida pela graça eterna.

O aspecto da necessidade de um cristão crescer na comunhão com a palavra do Senhor ou da justiça pode ser observado no chamado geral que Cristo fez no texto de João 8 para que os seus discípulos permaneçam no seu ensino para conhecerem a verdade, mas também de forma mais específica no texto de Hebreus exposto abaixo, e a partir do qual procuraremos abordar o ponto aqui em referência mais objetivamente.

Tendo em vista, então, a relevância que os textos a seguir representam para o relacionamento de um cristão com a verdade e a justiça de Deus, inclusive depois que

ele as recebeu em sua vida, gostaríamos de sugerir que a leitura deles seja realizada com especial atenção tanto sob os aspectos dos benefícios do relacionamento com a justiça de Deus como sob os aspectos dos riscos de negligenciá-lo, conforme segue:

*João 8: 31 **Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos;***
*32 **e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.***
 ...
*36 **Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.***

*Hebreus 5: 11 **A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir.***
*12 **Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido.***
*13 **Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança.***
*14 **Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.***
*6:1 **Por isso, pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito, não lançando, de novo, a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus,***
*2 **o ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno.***
*3 **Isso faremos, se Deus permitir.***
*4 **É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo,***
*5 **e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro,***
*6 **e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia.***
*7 **Porque a terra que absorve a chuva que frequentemente cai sobre ela e produz erva útil para aqueles por quem é também cultivada recebe bênção da parte de Deus;***
*8 **mas, se produz espinhos e abrolhos, é rejeitada e perto está da maldição; e o seu fim é ser queimada.***
*9 **Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores e pertencentes à salvação, ainda que falamos desta maneira.***
*10 **Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos.***
*11 **Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança;***
*12 **para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas.***

Após apresentar os últimos textos acima, gostaríamos de salientar mais uma vez o quão crucial pode ser a participação da pessoa que optou em seguir ao Senhor Jesus para que ela cresça no conhecimento da verdade e na palavra da justiça celestial, e isto, também para que ela não fique tão amplamente exposta à possibilidade de se afastar da salvação que lhe foi concedida mediante o dom da justiça celestial.

O fato de um indivíduo receber a salvação celestial mediante a graça não significa que ela não deva ter participação na perseverança naquilo que a ela é concedido pelo Senhor ou que ela possa ser negligente quanto à sua permanência na condição que a ela foi concedida mediante a graça de Deus sem ficar exposta aos riscos desta negligência.

Conforme foi mencionado em capítulos anteriores, a justificação e a salvação de uma pessoa não ocorrem por causa dos seus méritos. E nem após ser justificada, uma pessoa pode fazer obras no sentido de alcançar méritos para que esta justificação e salvação continuem a ser estendidas a ela. Entretanto, um indivíduo pode negligenciar seu crescimento e firmeza na salvação a ele concedida, pode se apartar desta salvação ou, ainda, pode ser levado a se afastar da graça de Deus se ele vier a deixar se envolver novamente pela sujeição ao pecado ou por associações com caminhos de injustiça. Razão pela qual, o Senhor nos apresenta as palavras de exortação que repetimos abaixo:

*Gálatas 5: 1 **Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão.***

...

*4 **De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes.***

*5 **Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.***

*6 **Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor.***

*7 **Vós corréis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?***

*8 **Esta persuasão não vem daquele que vos chama.***

*9 **Um pouco de fermento leveda toda a massa.***

...

*13(a) **Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne. (RC+RA)***

Os aspectos fundamentais que possibilitam a justificação e a salvação de uma pessoa encontram-se exclusivamente em Deus e são concedidos exclusivamente mediante o dom da justiça e da graça celestial. Entretanto, a escolha de permanecer firmado neste fundamento singular e o vigiar para não ser envolvido por proposições de afastamento daquilo que é concedido gratuitamente por Deus também engloba a participação de quem recebeu a salvação e a novidade de vida no Senhor, conforme pode ser visto também nos seguintes textos:

- Colossenses 2: 6* **Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele,**
7 nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças.
8 Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo;
9 porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.
10 Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.

Mateus 26: 41 **Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.**

- 1 Pedro 5: 8* **Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar;**
9 ao qual resisti firmes na fé, sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo.

Entendemos que o assunto que foi descrito no capítulo anterior e está sendo mencionado acima necessita ser abordado insistentemente e até repetidamente também pelo lado preventivo, pois apesar da palavra da justiça de Deus tratar de alguns dos aspectos mais desafiadores e essenciais que existem no universo e que sustentam o funcionamento da vida de cada ser humano, é intrigante notar como este tema muitas vezes ou repetidamente não é considerado como prioritário ou até lançado ao esquecimento por uma quantidade tão grande de pessoas, inclusive por muitos que se denominam de cristãos.

Apesar da justiça de Deus ser tão fundamental e benéfica aos seres humanos, e apesar do Senhor Jesus instruir as pessoas a buscarem a justiça de Deus em primeiro lugar, o baixo índice de pessoas que se esmeram por buscá-la de fato em Deus, inclusive aqueles que alegam seguir a fé cristã, é muito impressionante negativamente falando.

Desde os tempos antigos, a prática da busca pela justiça de Deus passou por momentos de extrema negligência ou escassez. Muitas vezes o Senhor quis oferecer uma maior abundância da sua justiça aos povos e às suas cidades, mas não o fez porque a situação muitas vezes chegava ao ponto de que nem ao menos uma pessoa anelava pela justiça do Senhor nestes lugares, conforme um exemplo abaixo:

Jeremias 5: 1 **Dai voltas às ruas de Jerusalém, e vede agora, e informai-vos, e buscai pelas suas praças, a ver se achais alguém ou se há um homem que pratique a justiça ou busque a verdade; e eu lhe perdoarei.**

Nos dias do profeta Jeremias, a cidade de Jerusalém estava mergulhada em seus próprios pecados, e os sofrimentos que lhe estavam sobrevindo eram fruto dos maus caminhos do seu povo. Mas tudo isto tinha como a sua causa principal o desprezo pela busca da verdade e da justiça instruída e concedida pelo Senhor.

No texto do profeta acima exposto, o Senhor anuncia ou exemplifica que em determinados momentos haveria a possibilidade de uma cidade não ficar tão exposta à destruição que estava por vir sobre ela se houvesse ao menos alguns que andassem sob a justiça de Deus, mas ainda assim, houve vários momentos em que este indivíduo não foi encontrado.

E o que há de tão importante na vida das pessoas ao ponto de poder ocorrer a situação em que a população inteira de uma cidade ou região se abstenha de procurar mais intensamente a justiça do Senhor que ao longo dos séculos tem se mostrado tão favorável para auxiliar àqueles que a buscam por primeiro em suas vidas?

Se fizéssemos uma enquete sobre as razões pelas quais a busca da justiça de Deus recebe tão pouca atenção apesar de sua condição fundamental para a vida, quais seriam as prováveis respostas que as pessoas, inclusive muitos daqueles que se denominam cristãos, dariam a esta questão?

E se ainda fizéssemos uma enquete somente entre os que se denominam cristãos nestes dias e perguntássemos a eles quantos gastaram ou investiram ao menos uma hora inteira no último ano das suas vidas buscando “especificamente a justiça de Deus” por primeiro, conforme o Senhor Jesus os instrui a fazer, seguramente ficaríamos admirados da pequena parcela que o teria feito.

Em diversas multidões que alegam servir ao Senhor da justiça, será grande a probabilidade de não encontrar sequer um que busque por primeiro e com afinco a palavra ou o ensino específico sobre a justiça de Deus.

O baixo grau de busca pela palavra ou ensino objetivo e específico sobre a justiça de Deus e o dom da justiça se manifesta inclusive, ou até principalmente, entre aqueles que aceitam ser chamados ou se nominam como líderes de algumas multidões que alegam seguir ao Senhor, pois a sua própria posição de receberem os mais variados títulos de líderes ou guias já contraria a instrução explícita que o Senhor Jesus Cristo deu aos seus discípulos para que eles não chamassem a nenhum de seus irmãos de seus mestres, guias, líderes ou pais no que se refere à sua nova condição em Cristo.

*Mateus 23: 8 **Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.***

*9 **A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus.***

*10 **Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo.***

E entre os seus diversos argumentos, muitos poderiam alegar que a razão de não colocarem a busca da justiça de Deus por primeiro em suas vidas estaria no fato do tema da justiça de Deus ser tão amplo e tão desafiador para ser compreendido, ou ainda, que ele somente poderia ser assimilado por aqueles que têm uma mente natural mais privilegiada.

Entretanto, o argumento de que Deus não deseja que todos os cristãos conheçam a sua justiça não se sustenta ou não condiz com aquilo que as Escrituras ensinam sobre o chamado de Deus para aqueles que creem Nele, pois nos capítulos anteriores, já foi mencionado que o Senhor Jesus Cristo chamou a todos os discípulos a buscarem por primeiro a justiça do reino celestial e também que Ele já designou o Espírito Santo para a realização da tarefa de convencimento das pessoas no mundo sobre a justiça celestial.

O Senhor, de diversas maneiras, já ressaltou que o conhecimento do dom da justiça não está relacionado a uma questão de inteligência natural privilegiada, mas está relacionado a uma disposição de uma pessoa crer no que lhe é oferecido em Cristo Jesus e querer ser instruída pelo Espírito Santo designado pelo Senhor.

- 1* ***Timóteo 2: 3 Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,***
4 ***o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.***
5 ***Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,***
6 ***o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.***

João 14: 26 Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.

Lucas 10: 21 Naquela hora, exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.

Tiago 1:5 Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, q ue a todos dá liberalmente e nada lhes impropere; e ser-lhe-á concedida.

- 6 Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento.*

Provérbios 2: 6 Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento.

- 7 Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos; é escudo para os que caminham na sinceridade,*
8 guarda as veredas do juízo e conserva o caminho dos seus santos.
9 Então, entenderás justiça, juízo e equidade, todas as boas veredas.
10 Porquanto a sabedoria entrará no teu coração, e o conhecimento será agradável à tua alma.

*Salmos 32: 8 **Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho.***

Continuando ainda na questão de muitas pessoas não se atentarem à instrução do Senhor Jesus para buscarem a justiça celestial por primeiro, há no mundo outro grupo de indivíduos que chega a se conformar ao pensamento de que se eles não tiverem conhecimento sobre a justiça de Deus, eles também não poderão ser cobrados pelo que não sabiam. As pessoas nesta condição chegam a pensar ou alegar que a “opção deliberada pela ignorância” poderá vir a protegê-los das astutas ações do diabo, do pecado, da injustiça ou do mundo.

Entretanto, o fato de uma pessoa fazer uma opção por ignorar a justiça de Deus não a exime de poder ser alcançada pelas consequências da sujeição ao pecado ou aos meios ineficazes para lidar com a escravidão ao pecado. Pelo contrário, esta opção pode prolongar a escravidão ao engano pelo tempo em que o pecado, o corpo do pecado e os meios vãos e ineficazes contra a escravidão ao pecado não são tratados devidamente à luz da justiça de Deus, pois a ignorância sobre a justiça de Deus é uma das maiores causas da propagação do engano e da escravidão ao pecado.

O pecado procura explorar amplamente o desconhecimento que as pessoas têm sobre ele e sobre a sua atuação, mas ainda mais amplamente, o pecado procura fazer uso também do desconhecimento que as pessoas têm da justiça de Deus que é provida pelo Senhor para torná-las livres do pecado ou dos seus jugos, enganar, artimanhas ou falsas proposições de liberdade.

Assim como a ignorância sobre a lei da gravidade não guarda uma criança de uma possível queda desastrosa se ela desavisadamente pular ou cair de um lugar alto, assim também a escolha pela ignorância sobre a justiça e os aspectos relacionados ao pecado não guarda as pessoas das consequências de sua sujeição ao pecado ou da permanência nela por desconhecerem a justiça do Senhor.

O desinteresse por um tema tão essencial para a vida assim como é a justiça de Deus e o dom desta justiça não faz com que este tema se torne menos relevante, crucial ou vital somente porque ele é ignorado ou desprezado.

E como uma pessoa poderá esperar enxergar através da luz de Deus se ela optar por ignorar a luz e permanecer nas trevas?

Ignorar o princípio básico para a justificação perante Deus e perante o pecado pode ser eternamente desastroso, e invocar a proteção da opção voluntária pela ignorância em detrimento do conhecimento da verdade de Deus certamente não é uma opção por um caminho seguro ou apropriado.

A posição contrária ao apego à ignorância é o apego ativo ao amor da verdade. E uma vez que Deus manifesta a sua justiça salvadora a uma pessoa, segundo a verdade celestial, é de se esperar também que esta pessoa queira crescer na salvação que lhe foi estendida.

O desprezo pelo amor da verdade torna uma pessoa em um campo fértil para o engano e para a injustiça, torna uma pessoa em um alvo fragilizado para as ações perniciosas dos poderes das trevas contra a sua vida, pois quando um indivíduo despreza a permanência e o crescimento na justiça que lhe foi concedida ao preço do

sangue de Cristo na cruz do Calvário, ele também despreza o que o crescimento na justiça celestial poderia continuar a fazer em seu favor.

*2 Ts 2: 9 **Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira,***
*10 **e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos.***
*11 **É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira,***
*12 **a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça.***

O pecado é um instrumento do mal, e o mal age pela astúcia e pelo engano, e não em verdade. Assim, ainda que o pecado já tenha perdido um espaço significativo após a revelação do dom da justiça celestial ao mundo, ele insiste na tentativa de reaver parte do espaço perdido, não se abstendo de usar das mais diversas mentiras e seduções em suas proposições.

O dom da justiça, sendo um dos aspectos do Evangelho de Deus que é dado por oferta a quem o quer receber, atua e continua operando naqueles que continuam querendo a atuação dele, mas apesar de ser concedido gratuitamente, ele tem parte de suas ações restringidas naqueles que o desprezam, rejeitam ou não permanecem no relacionamento com ele.

O fato da bondade de Deus ser tão benevolente para com a vida das pessoas não implica em dizer que ela continuará indefinidamente atuante para com aqueles que repetidamente a desprezarem. Deus concede suas dádivas para suprir as necessidades das pessoas, mas o Senhor também as concede para que a fonte destas dádivas seja conhecida, respeitada e amada. Nem todos os aspectos da bondade de Deus são automaticamente dados a cada ser humano ou concedidos independentemente da vontade destes, e nem há, da parte do Senhor, garantias de que eles continuarão a ser concedidos para quem não reconhece a fonte da qual a bondade eterna provém.

Apesar de Deus manifestar e conceder diversos aspectos da sua bondade a todos, há certos benefícios que o Senhor reserva somente para aqueles que aceitam voluntariamente receber o dom da justiça celestial e a palavra ou o ensino sobre esta justiça. Deus ama a sua justiça, e para aqueles que a recebem e que passam a caminhar segundo ela, o Senhor passa a revelar a si mesmo ainda muito mais intensamente do que para aqueles que a desprezam.

*Salmos 33: 5 **Ele ama a justiça e o direito; a terra está cheia da bondade do SENHOR.***

*Salmos 11: 7 **Ele ama a justiça e o direito, ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face.***

*Salmos 25: 14 **O segredo do SENHOR é para os que o temem; e ele lhes fará saber a sua aliança. (RC)***

Retornando aqui mais uma vez ao aspecto de que algumas pessoas dizem não buscar a justiça de Deus porque alegam não a compreender, gostaríamos de salientar que é precisamente através da busca da justiça junto ao Senhor e ao seu reino que elas podem vir a compreendê-lo, e não pela abstenção desta busca ou por procurarem compreender a justiça celestial somente em seus conhecimentos naturais, conforme também exemplificado abaixo:

1 Coríntios 2: 12 Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.

Colossenses 3: 1 Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.

***2 Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;
3 porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.***

Quando o Senhor instrui as pessoas a buscarem a sua justiça, Ele não tem a expectativa de que alguém a conheça antes de buscá-la. O que Deus espera que um indivíduo faça em relação à justiça celestial é que ele exerça a fé ou a confiança no Senhor e a disposição de buscar a sua justiça no seu Evangelho sob a direção do seu Espírito Santo para, então, compreendê-la, o que também é confirmado em outras palavras pelo Salmista no texto a seguir:

Salmos 37: 5 Entrega o teu caminho ao SENHOR, confia nele, e o mais ele fará.

6 Fará sobressair a tua justiça como a luz e o teu direito, como o sol ao meio-dia.

E por fim, ainda outro aspecto pelo qual algumas pessoas adotam a atitude de não buscarem crescer na luz e na justiça de Deus, depois de já saberem que elas estão disponíveis gratuitamente a todos aqueles que as receberem, pode residir no apego à injustiça ou no desejo de não quererem se apartar dela, conforme descrito a seguir:

João 3: 19 O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.

20 Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras.

21 Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.

2 **Timóteo 4: 3** **Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos;**
4 **e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.**

Romanos 1: 28 **E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes,**
29 **cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores,**
30 **caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais,**
31 **insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia.**
32 **os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem. (RC)**

Assim, retornando especificamente à situação de muitos que se denominam cristãos e que querem alegar que a razão de não buscarem mais intensamente a justiça de Deus está no fato de não a compreenderem, a realidade é que muitos deles não buscam a justiça de Deus por causa de suas próprias atitudes que adotam repetidamente em relação à justiça do Senhor, pela falta de disposição de buscá-la de fato ou por terem “se tornado tardios ou negligentes em ouvir”, conforme mencionado no texto de Hebreus 5 exposto no início do presente capítulo, e cujo trecho repetimos a seguir:

Hebreus 5: 11 **A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir.**

No verso acima, inicialmente pode parecer que o assunto em pauta é que é difícil de ser explicado, mas apesar de ele ser um assunto sobre o qual há muitas coisas a serem ditas, ele se mostra difícil de ser compreendido não por si mesmo ou pela sua ampla abrangência, mas pelo fato das pessoas a quem ele é endereçado repetidamente não se disporem a prestarem atenção de fato ao que lhes é exposto.

Considerando ainda que a justiça de Deus se descobre no Evangelho de fé em fé, se um indivíduo for negligente em se dispor a conhecer os aspectos da justiça de Deus que elucidam os passos seguintes de uma vida sob esta justiça, ele, como consequência, obviamente também terá dificuldade em compreender os aspectos que lhe são apresentados de maneira crescente à sua vida.

O fato de o dom da justiça ser oferecido através da graça celestial, e não por causa de algum mérito de obras que as pessoas realizam, não significa que uma pessoa não deva se dedicar a compreender aquilo que lhe é concedido mediante a graça ou que ela não necessite se dispor a usar o que lhe foi concedido gratuitamente pelo Senhor.

Se uma pessoa, por exemplo, ganha de presente um carro que pode lhe ser muito útil, mas não se dispõe ao esforço de aprender a dirigi-lo ou usá-lo, ela pode até ter

recebido o presente de fato, mas ela não se tornará experiente em usar o que lhe foi dado.

Não é somente pela objeção direta ao dom recebido que uma pessoa se abstém dos benefícios dele, mas também pela falta de disposição de conhecê-lo e usá-lo mais, pela procrastinação em aprender sobre ele, pela falta de perseverança no relacionamento com ele, pela não disposição de avançar para aquilo que o dom lhe proporciona alcançar, e assim por diante.

Portanto, por causa do amor que Deus tem pelos seus filhos e pelos benefícios que a justiça celestial lhes oferece, o Senhor prontamente se dispõe a ensiná-los em tudo o que precisam e a instruí-los a discernirem o que é bom e proveitoso para eles. Entretanto, também por causa do mesmo amor e da preciosidade do dom da justiça, o Senhor igualmente exorta os seus filhos através de alertas sobre os riscos e danos que podem advir para aqueles que optarem por caminhos de negligência com aquilo que a justiça de Deus lhes oferece.

Quando Deus, repetidamente, admoesta aqueles que já receberam a salvação celestial no coração, Ele não o faz com o objetivo de acusação e condenação, mas com o propósito de exortá-los a uma mudança de postura para o próprio benefício deles. E isto, também se aplica quando o Senhor exorta os cristãos sobre a importância da busca contínua e crescente da Sua justiça.

Além do Senhor não se omitir em ensinar os benefícios que estão disponíveis a uma pessoa que recebe o dom da justiça e também persevera para crescer nele, o Senhor igualmente não se omite em ensinar aos cristãos o que pode lhes advir se simplesmente negligenciarem o que graciosamente lhes foi tornado disponível.

Devido à essencialidade dos diversos aspectos contidos na justiça celestial, o Senhor fez com que a demonstração desta justiça fosse profetizada por séculos, o Senhor a apresentou pessoalmente com um dom celestial em Cristo na cruz do Calvário e o Senhor nominou o Espírito Santo para torná-la conhecida ao mundo. Entretanto, o Senhor também a registrou nas Escrituras para que todos possam vir a conhecer do que ela trata e de como cada um pode optar em se posicionar em relação a esta justiça eterna, expondo, ainda, os benefícios que estão associados ao recebimento dela, mas também quais são as possíveis consequências para aqueles que a negligenciarem.

*Provérbios 9: 9 **Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio; ensina ao justo, e ele crescerá em entendimento.***

*Efésios 4: 15 **Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.***

*Colossenses 1: 9 **Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual;***

*10 **a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus;***

- 11 sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria,***
12 dando graças ao Pai, que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz.

B. A Necessidade de Cada Cristão Receber as Dádivas da Justiça de Deus com a Atenção que Lhes São Devidas

Não bastando as menções diretas nos textos expostos no tópico anterior sobre o quão necessária é a participação de um cristão no relacionamento com a justiça do Senhor, ainda podemos ver, conforme exposto no texto de Hebreus 5 e 6, que o Senhor inclusive fez uso de várias figuras de linguagem para tornar ainda mais amplamente conhecido o quanto o relacionamento contínuo e mais profundo dos cristãos com a palavra da justiça pode ser crucial para que eles sejam estabelecidos cada vez mais firmemente na novidade de vida que lhes está disponível no Senhor.

Apesar de muitas pessoas em geral e até muitos cristãos apresentarem uma tendência de acusarem a Deus por uma grande parte dos infortúnios das suas vidas e por uma grande parte do desconhecimento da verdade, no texto de Hebreus 5 e 6 apresentado no tópico anterior, pode ser visto mais uma vez, através de duas figuras de linguagem, que a atitude individual de muitos cristãos é que pode ser a causa principal de não desfrutarem mais amplamente aquilo que lhes é oferecido pelo Senhor.

No texto de Hebreus 6, quando o Senhor usa a figura da linguagem a respeito do que os solos fazem com as chuvas que recebem por diversas vezes, Ele está mostrando que a resposta que o solo dá às chuvas que caem sobre ele ou Àquele que envia as chuvas pode ser um fator determinante para o tratamento que o solo pode vir a receber na sequência.

As chuvas da figura de linguagem usada pelo Senhor são as mesmas para os diversos solos mencionados. Inicialmente, aquilo que é dado a cada um dos solos é equivalente. Na sequência, porém, alguns dos solos que recebem repetidamente as chuvas que caem sobre eles produzem fruto que é útil, mas alguns outros, que recebem as mesmas chuvas, não produzem bons frutos, pelo contrário, eles produzem espinhos e abrolhos. E pelo fato de produzirem aquilo que é contrário ao que é verdadeiramente bom, estes últimos solos se colocam em posição de não serem aceitos e na posição que os aproxima da possibilidade de maldição e da sua destruição ainda que tenham recebido as mesmas boas chuvas que os solos que produziram bons frutos.

Situação similar à que está mencionada em Hebreus 6 também se encontra descrita na parábola sobre os quatro solos ensinada pelo Senhor Jesus e que também aborda a questão de como um solo recebe a palavra semeada pelo Senhor e o resultado que advém de como este solo recebe esta palavra, conforme uma parte mencionada a seguir:

*Lucas 8: 11 **Este é o sentido da parábola: a semente é a palavra de Deus.***

...

14 A que caiu entre espinhos são os que ouviram e, no decorrer dos dias, foram sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida; os seus frutos não chegam a amadurecer.

15 A que caiu na boa terra são os que, tendo ouvido de bom e reto coração, retêm a palavra; estes frutificam com perseverança.

Retornando ao texto de Hebreus 6, podemos observar que a existência de um ciclo que derrama favores várias vezes na vida das pessoas também objetiva um propósito

maior, um propósito que visa levar as pessoas que recebem os favores a uma possibilidade de também apresentarem frutos em concordância com os favores que receberam.

Por outro lado, a condição para que os bons frutos venham a se manifestar naqueles que recebem as chuvas não é automática, pois ela também está relacionada com a postura ou atitude do solo que recebe as chuvas. Se o solo que recebe os favores celestiais incorrer na ausência de bons frutos porque deu guarida aos aspectos que sufocam a possibilidade dos bons frutos amadurecerem e se estabelecerem, denominados de espinhos e abrolhos, e explicados pelo texto de Lucas 8, este solo, ao final, pode inclusive ver a sua condição de terra abençoada vir a se tornar em terra prestes a ser rejeitada.

Deus se agrada em derramar os seus favores repetidamente e de forma crescente sobre os Seus filhos, mas o desprezo pelos favores do Senhor por causa da concessão de espaço para os espinhos e abrolhos podem ter consequências muito sérias para aqueles que desprezam as dádivas celestiais, e isto particularmente também se aplica à palavra semeada pelo semeador celestial ou à palavra da justiça do Senhor.

Deus derrama a sua chuva para que o solo realize o bem, mas se uma pessoa não dá a devida atenção, crédito ou apreciação aos favores recebidos, ao ponto de deixar que as distrações infrutíferas do mundo ocupem o seu coração e a retenham de avançar para o bem pelo qual as chuvas lhe foram concedidas, a benção do Senhor pode lhe ser retirada, mostrando que Deus não garante a benção sobre um solo indeterminadamente se este sucessivamente desprezar a dádiva celestial.

Nenhuma pessoa pode alcançar uma condição de merecedora das chuvas da misericórdia, da bondade, da justiça e da graça celestial, e estas, em certo sentido, Deus derrama sobre todos os solos ao oferecer a todos o dom da justiça que há em Cristo Jesus e a palavra da justiça que Ele se dispõe a ensinar aqueles que recebem o dom da justiça. Entretanto, ao não dar a devida atenção às dádivas que Deus oferece mediante a sua graça, escolhendo dar atenção àquilo que produz espinhos e abrolhos, uma pessoa pode tornar o solo cada vez mais endurecido, aspecto que pode ocorrer também com os cristãos tendo em vista que o texto de Hebreus 5 e 6 é endereçado a estes.

Quando uma pessoa recebe as dádivas do reino celestial como uma capacitação para se apartar do mal e para se inclinar ao bem, a bondade de Deus se manifesta ainda mais na vida desta pessoa. Entretanto, se um indivíduo repetidamente recebe as dádivas de Deus sem se dedicar a elas e sem permitir que elas causem uma mudança em sua vida ou em suas atitudes, esta pessoa também despreza repetidamente o propósito das dádivas, podendo chegar ao estágio em que o solo endurecido, por causa do desprezo às dádivas, torne-se cada vez mais insensível à novas chuvas e aos propósitos das dádivas.

Romanos 2: 4 ***Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?***

Hebreus 3: 14 ***Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos.***

15 Enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como foi na provocação.

Hebreus 2: 1 **Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos.**
2 Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo,
3 como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram;
4 dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade.

A exposição contínua aos benefícios do reino de Deus sem que a pessoa que os recebe mude o foco da sua vida é algo muito perigoso e que pode vir a ter consequências irreparáveis para aquele que permanece sob esta condição.

Novamente frisamos aqui que uma pessoa não se torna merecedora da salvação ao se aplicar às boas obras, mas isto também não significa que ela não possa voluntariamente se apartar da salvação por sua insistência em não permanecer e não crescer na salvação a ela concedida mediante a graça celestial ou por sua insistência em se sujeitar aos espinhos e abrolhos que almejam ofuscar e sufocar a sua fé na justiça e na salvação do Senhor.

As chuvas mencionadas no texto de Hebreus 5 e 6, acima referenciado, pode representar toda a palavra de Deus e as diversas dádivas vindas do Pai das Luzes, mas quando também olhamos a primeira figura de linguagem do mesmo texto, pode ser observado que estas chuvas estão igualmente muito associadas à “palavra da justiça”, que também é o “verbo da justiça” apresentado em João capítulo 1 quando este narra que a “palavra ou verbo se fez carne e habitou entre nós”.

Quando olhamos para os escritos dos profetas do Antigo Testamento, pode ser visto que eles também ensinavam ao povo que a chuva de Deus em várias circunstâncias era comparada à chuva da justiça celestial e à colheita advinda desta chuva, conforme exemplificado a seguir:

Isaías 45: 8 **Destilai, ó céus, dessas alturas, e as nuvens chovam justiça; abra-se a terra e produza a salvação, e juntamente com ela brote a justiça; eu, o SENHOR, as criei.**

Oséias 10: 12 **Então, eu disse: semeai para vós outros em justiça, ceifai segundo a misericórdia; arai o campo de pousio; porque é tempo de buscar ao SENHOR, até que ele venha, e chova a justiça sobre vós.**

Portanto, quando olhamos a figura de linguagem das chuvas e dos solos sob a ótica da chuva da justiça de Deus, podemos perceber o quão precioso é para Deus a oferta

gratuita da sua justiça à todas as pessoas e a concessão das dádivas desta chuva sobre as pessoas que se dispõem a receber o dom da justiça celestial.

Quando Deus deu o dom da justiça na pessoa do Cristo crucificado, Aquele que é a expressão viva da Palavra ou Verbo da Eterna Justiça, o Senhor não deu ao mundo aquilo que lhe sobejava, mas Ele deu o único aspecto que lhe era único, o Seu Filho Amado, para que este derramasse o Seu sangue na cruz do Calvário para a justificação daqueles que se tornaram escravos do pecado, do corpo do pecado e da lei, e que desta forma se afastaram de Deus. E por isto, o fato de Deus ter concedido o seu Filho Amado ao mundo mediante a sua graça, e também continuar a oferecê-lo como Salvador Eterno mediante esta mesma graça, não deve ser confundido com o fato de que o dom da justiça de Deus e o crescimento na palavra desta justiça possa ser meramente rejeitada por aqueles a quem ela foi oferecida sem que estes também se exponham a sofrer as consequências da opção pela rejeição do dom da justiça a eles oferecido.

Salmos 127: 1 Se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o SENHOR não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.

2 Coríntios 6: 1 E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus, 2 porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação; eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação.

Se recordarmos aqui o texto que nos ensina que é pelo permanecer na palavra do Senhor que um indivíduo alcança o conhecimento da verdade que o liberta, podemos também saber que a não permanência na palavra ou no ensino do Senhor também pode implicar em que uma pessoa se abstenha de alcançar a liberdade que o Senhor lhe quer conceder.

A chuva celestial, quando concedida como a expressão da justiça de Deus, se apresenta dia após dia para manter os cristãos justificados e justos perante o Pai Celestial. Diariamente ela se apresenta para sustentar àqueles que a recebem como dádiva de Deus. Continuamente esta chuva se apresenta para guardar aqueles que foram salvos das trevas de incorrerem novamente ou retornarem à escravidão ao pecado e ao corpo do pecado. E em todos os momentos esta chuva está sempre pronta para regar o caminho da comunhão dos salvos com o seu Criador Eterno.

Entretanto, repetindo este ponto mais uma vez, se uma pessoa optar por se manter associada aos espinhos e abrolhos em vez de fazer uso daquilo que o Senhor lhe oferece, ela também está fazendo a opção pelo caminho que pode levá-la a um retrocesso em relação às condições favoráveis que ela já havia alcançado no Senhor mediante o dom da justiça.

C. A Necessidade de Cada Cristão se Alimentar

Pessoalmente da Palavra da Justiça ou do Alimento

Sólido

Continuando ainda sobre a significativa relevância que há para um cristão se aproximar cada vez mais da palavra da justiça e de uma vida prática sob a direção desta palavra, gostaríamos de destacar aqui ainda a primeira figura de linguagem mencionada no texto de Hebreus 5 e 6 como parâmetro para as considerações do presente capítulo, e cujo trecho repetimos a seguir:

*Hebreus 5: 11 **A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir.***

*12 **Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido.***

*13 **Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança.***

*14 **Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.***

Quando, no texto de Hebreus 5, o Senhor nos apresenta que o fato de alguém estar experimentado na “**palavra da justiça**” representa um “**alimento sólido**” necessário ao amadurecimento dos cristãos e crucial para cada cristão discernir o bem e o mal, Ele passa a chamar a nossa atenção para mais um aspecto vital da Sua justiça e o quanto o dom da justiça celestial continua sendo imprescindível àqueles que já receberam a salvação mediante este dom.

Através da comparação do “alimento sólido” com o “estar experimentado na palavra da justiça”, o Senhor nos ensina que assim como a chuva da justiça de Deus deve ser recebida com a atenção apropriada para que as boas sementes brotem e cresçam na terra que recebe a chuva, assim também “o crescimento no relacionamento com a palavra da justiça” de Deus representa um alimento essencial para que um cristão alcance a condição de maturidade na vida mediante a fé em Deus.

Após a justiça de Deus ser concedida para libertar uma pessoa da sujeição ao pecado e ao corpo do pecado, esta mesma justiça também é oferecida como uma provisão de Deus para conduzir o cristão a experimentar ou viver a vida cristã apropriadamente e mais amplamente, permitindo que um cristão passe de uma condição infante na sua vida de fé em Deus para uma posição madura e firmemente estabelecida no Senhor.

As Escrituras são muito claras a respeito da condição que Deus espera que os Seus filhos alcancem em sua jornada de fé em Cristo. O alvo do Senhor para os Seus filhos é que após conhecerem os primeiros aspectos da vida cristã, denominados de princípios elementares da doutrina de Cristo, eles também venham a conhecer os aspectos de

como podem atuar conforme a instrução do dom da justiça a fim de que sejam habilitados para discernir o bem e o mal, e assim, para que pratiquem o bem e para que não sejam mais cúmplices e escravos do mal que tão de perto os rodeia, aspecto relembado abaixo através de mais alguns textos:

1 Coríntios 14: 20 ***Irmãos, não sejais meninos no entendimento, mas sede meninos na malícia e adultos no entendimento. (RC)***

1 Coríntios 2: 14 ***Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.***

15 ***Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido. (RC)***

Efésios 5: 8 ***Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz***

9 ***(porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade),***

10 ***provando sempre o que é agradável ao Senhor.***

11 ***E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as.***

Hebreus 12: 1 ***Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,***

2 ***olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus.***

Em um dos capítulos anteriores, foi mencionado que aquele que recebe o dom da justiça celestial não mais deveria se envolver com os aspectos que o colocam em “*jugo desigual*” ou em associação com a injustiça, mas é através do ensino de que um cristão é chamado a se relacionar de maneira contínua e crescente com a palavra da justiça que Deus mostra a maneira pela qual um cristão poderá estar preparado para perceber ou discernir as proposições que não condizem com a vontade do Senhor para a sua vida.

Por outro lado, quando um cristão não permanece em um relacionamento contínuo e crescente com a palavra da justiça depois que já recebeu o dom da justiça em sua vida, ele também se coloca em uma condição de despreparo ou mal nutrido para viver e andar de acordo com a novidade de vida para a qual o dom da justiça o salvou.

Desta forma, **a abstenção do cristão de uma permanência e aprofundamento na palavra da justiça é como colocar um obstáculo para que uma criança não venha a crescer no crescimento para o qual ela nasceu.**

O texto de Hebreus 5, portanto, alerta para o fato de que se um cristão carece de um relacionamento mais prático e objetivo com a palavra da justiça quando já o poderia ter feito pelo tempo que já é cristão, ele também está sujeito a se tornar como um solo que recebe as chuvas, mas que não aprende a rejeitar os espinhos e abrolhos e nem aprende a produzir a boa erva advinda da boa semente que o Senhor lhe concede.

Mais uma vez gostaríamos de frisar que as exortações apresentadas pelo Senhor no texto de Hebreus 5 e 6 precisam ser atentamente observadas, pois elas não se referem a ausência do favor de Deus sobre a vida daqueles a quem o texto é direcionado. Pelo contrário, o texto chama a atenção para o posicionamento daqueles que recebem com abundância o favor de Deus, mas que insistentemente negligenciam um relacionamento mais contínuo e mais profundo com a instrução do Senhor.

Olhando ainda para o texto de Hebreus 5 no que se refere aos cristãos que permanecem infantes ou como meninos imaturos mesmo quando já poderiam ter alcançado uma condição mais avançada, pode ser observado que o cerne da questão estava em que os próprios cristãos repetidamente, por opção deles mesmos, recusavam-se a seguir avante na fé por se fazerem “tardios em ouvir o alimento mais substancial e por se fazerem como crianças que repetidamente necessitam de leite”.

Diferentemente de pais naturais, que na medida da necessidade dos filhos vão acrescentando alimento sólido juntamente ao leite sem que as crianças tenham a real noção do que estão recebendo, o alimento sólido espiritual para um cristão não lhe é imputado, mas oferecido, ficando a opção de ser recebido ou desprezado por aquele a quem ele é oferecido, pois como uma dádiva do Evangelho, o alimento sólido que é oferecido pelo Senhor também precisa ser aceito, recebido ou ingerido voluntariamente pelos destinatários da oferta.

Nas Escrituras, é interessante notar que a comparação do cristão menino com uma criança natural é válida para alguns aspectos, mas nem por isto ela é completamente igual ao relacionamento natural que ocorre entre os que concedem o alimento e os que recebem o alimento. Apesar da comparação do cristão se alimentar de leite espiritual o equipara a uma criança ou um menino, na opção pelo alimento sólido, o cristão não é visto como inapto para optar pelo alimento sólido, mas é visto como alguém também responsável e apto no Senhor para se relacionar de maneira contínua e crescente com a palavra da justiça.

Assim, **permanecer repetidamente somente nos princípios elementares da doutrina de Cristo, mas sem avançar para um relacionamento crescente e contínuo com a palavra da justiça, é fazer uma escolha por um tipo de vida muito arriscado, pois além do cristão, desta forma, não crescer na sua vida cristã, ele ainda se coloca em uma situação em que ele repetidamente pode chegar ao ponto de esquecer inclusive os princípios elementares da vida crista.**

Conforme mencionado no texto de Hebreus 5, quando um cristão faz a opção de ser tardio em ouvir a palavra da justiça ou de se fazer como criança, ele se coloca sob uma condição na qual inclusive os princípios mais elementares da vida cristã que já lhe foram ensinados, e que já deveriam ter sido estabelecidos em sua vida, são esquecidos vez após e vez, e onde é necessário que também tenham que ser repetidos vez após vez.

Ainda em outras palavras, **quando um cristão se abstém de crescer no entendimento e na vivência da palavra da justiça, ele coloca até os aspectos mais básicos da sua salvação em risco se alguém outro não voltar a**

relembra-lo da necessidade da fé em Deus e da fé no dom da justiça que Deus lhe oferece.

Através do viver e do andar sob a instrução da palavra da justiça ou pelo relacionamento crescente e de fé em fé com esta palavra, um cristão cresce para discernir o que é a boa e útil erva e também o que são os espinhos e abrolhos que se opõem ao cumprimento da vontade de Deus em sua vida. Se um cristão, contudo, rejeitar vez após vez a comunhão com a palavra da justiça que lhe é oferecida da parte de Deus e mediante o Espírito Santo, se ele não se dispor a avançar além do leite ou se ele não se dispor a amadurecer em sua vida de fé no Senhor, ele pode atingir um gravíssimo estado de inanição espiritual onde ele está sujeito a esquecer inclusive os princípios mais elementares do ensino de Cristo.

A pessoa que não se aprofunda no relacionamento com a palavra da justiça repetidamente precisa ser ensinada novamente não somente na palavra da justiça, mas em tudo ou desde o início, pois pela abstenção do alimento espiritual sólido, quando já deveria se alimentar dele, ela fica sujeita a esquecer inclusive todas as coisas sobre a vida da fé em Deus que já lhe foram repetidamente ensinadas.

E se um cristão se esquece da verdade e da justiça que lhe são ensinadas pelo Senhor, como ele poderá discernir o bem e o mal, a verdade e o engano, a justiça e a injustiça? E, por sua vez, se um cristão não discerne o bem e o mal, como ele poderá resistir às proposições que almejam que ele se associe à injustiça ou venha a se tornar cúmplice das obras infrutuosas que atuam em contrariedade à justiça celestial?

Como um cristão poderá se desembaraçar de todo peso e do pecado que tão de perto o rodeia se ele não discerne as ações do pecado que tentam escravizá-lo outra vez?

Como poderá um pai que se diz cristão ensinar aos seus filhos sobre a justiça celestial se ele não busca a palavra da justiça conforme o Senhor a ensina? Como poderá uma mãe falar de justiça celestial aos seus filhos se ela não conhece a palavra justiça que o Senhor se propõe a ensinar a ela através do Seu Evangelho?

Sem a instrução e uma vida prática na palavra da justiça ou no ensino do Senhor em questões que vão além dos princípios elementares, um cristão fica sujeito a não se tornar apto para viver e andar em conformidade com o dom celestial também pelo fato de não se tornar apto a discernir como lidar com as proposições contrárias à vontade de Deus e que inclusive podem se apresentar revestidas de aparente piedade e justiça.

É à luz da compreensão dos principais aspectos da justiça de Deus e do dom desta justiça que a injustiça e as suas proposições ficam mais evidenciadas e podem ser discernidas de fato.

Logo, a abstenção do conhecimento da palavra, da verdade ou do ensino verdadeiro sobre a justiça do Senhor também implica em limitações severas quanto ao discernimento das proposições e ações da injustiça.

Ainda em outras palavras, **não é pela força ou sagacidade das proposições do pecado ou da injustiça que muitos cristãos têm cedido tanto espaço indevido a elas, mas por não se disporem a conhecer mais amplamente e precisamente a justiça do Senhor e os aspectos tão preciosos que há no dom através do qual o Senhor estende esta justiça àqueles que a recebem em seus corações.**

Devido à falta de um relacionamento vivo e crescente com a palavra, o ensino ou o verbo vivo da justiça, muitos cristãos não têm percebido as proposições das injustiças que procuram se apresentar a eles de maneiras variadas, pois se um cristão não se dispõe a crescer na palavra da justiça, ele também escolhe permanecer imaturo ou menino em sua fé.

E, por sua vez, ao prolongar em demasia a sua condição de menino, vários cristãos ficam sujeito a serem **“agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro”**, conforme exposto no texto de Efésios 4.

Através da permanência em Cristo e por um crescente relacionamento prático com a palavra da justiça aplicada nas mais diversas circunstâncias de sua vida, um cristão pode passar a ter **as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal**, ao ponto de ele também estar assistido da sabedoria celestial para discernir aqueles agentes que se opõe à sua vida não somente diretamente, mas que se apresentem como falsos profetas ou como lobos vestidos de ovelhas, conforme mencionado no texto abaixo:

- Mateus 7: 15* **Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.**
- 16* **Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?**
- 17* **Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.**
- 18* **Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.**
- 19* **Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.**
- 20* **Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.**
- 21* **Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.**
- 22* **Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?**
- 23* **Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.**
- 24* **Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha;**
- 25* **e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.**
- 26* **E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia;**
- 27* **e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.**
- 28* **Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina;**
- 29* **porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.**

O Senhor continuamente nos chama para avançarmos para uma boa e firme edificação da nossa vida, pois quando um cristão repetidamente é tardio em dar ouvidos à palavra de Deus apropriadamente, e assim também não avança na prática de vida conforme a palavra que lhe foi instruída ou que foi semeada em sua vida, ele começa a se assemelhar com um homem que edifica a sua vida sobre a areia, ficando sujeito à queda quando as oposições se insurgirem contra ele. E o Senhor não quer ver nenhum dos Seus filhos tenha a sua fé e salvação abaladas pelos embates inimigos.

Também pelo exemplo da árvore que dá bons frutos e da árvore que dá maus frutos, mencionadas acima no texto de Mateus 7, podemos ver o quão crucial é uma pessoa se alimentar do alimento denominado de sólido, pois é também pelo alimentar-se da árvore da justiça do Senhor que um cristão poderá discernir a injustiça ainda que esta procure se mostrar sob vestes com aparência de justiça.

Já vimos anteriormente no presente material que muitos falsos profetas são precisamente aqueles que alegam servir a Deus e fazer as suas obras em nome de Cristo, mas que diante do Senhor e da palavra da sua justiça não conseguem permanecer ocultos, pois ainda que aleguem fazer obras em nome do Senhor, eles as fazem sob a “***injustiça de quererem se justificar pelas suas obras***”, opondo-se assim à única provisão verdadeira de justificação e que nos foi provida em Cristo Jesus mediante sua obra na cruz do Calvário.

Romanos 10: 2 **Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.**

3 *Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.*

Pelo fato de não se sujeitarem ao dom da justiça de Deus, os falsos profetas passam a incorrer no desconhecimento da verdadeira justiça celestial. E sob o zelo em sua condição de engano ou falta de conhecimento da verdadeira justiça, os falsos profetas ainda procuram atrair muitos outros que igualmente não conhecem ou não aceitam a palavra da única justiça verdadeiramente justificadora, salvadora e mediante à qual é possível alcançar a verdadeira novidade eterna de vida no Senhor.

Por não se sujeitarem ao singular dom da justiça de Deus, muitos indivíduos ou até grupos de indivíduos se apresentam como piedosos e devotos a Deus, se mostram com aparente humildade, mas tanto eles como aqueles que os seguem estão edificando os castelos de suas vidas sobre a areia que não poderá lhes servir de firme fundamento quando mais precisarem dele.

Devido ao desconhecimento do dom da justiça de Deus, de como ele é oferecido pelo Senhor a todas as pessoas ou do desprezo a ele, muitos dedicam anos e anos da sua vida para se garantirem para uma condição futura segura, mas, ao mesmo tempo, estão confiando o seu futuro a proposições de salvação mediante as suas obras que no final das contas não têm as características que poderiam lhes ser úteis.

Devido à resistência ou a negligência quanto à disposição de conhecer mais precisamente o dom da justiça de Deus, muitos têm se aplicado a planos e estratégias previdenciárias construídos sob falsas e enganosas proposições, pois se amparam naquilo que não tem como se sustentar no futuro vindouro e eterno, ou que não tem lastro para fundamentar o que se propõe a sustentar.

Neste ponto gostaríamos de destacar ainda o quão grave e opressora pode vir a se tornar a conduta dos falsos profetas ou também dos falsos mestres, conforme mencionado na primeira epístola de Pedro. Pois além de não se sujeitarem à justiça de Deus, ao dom da justiça e àquilo que o Senhor ensina sobre este dom, os pretensos obreiros de Deus ainda passam a explorar a vulnerabilidade das demais pessoas que desconhecem a palavra da justiça ou que não se dispuseram a crescer nesta palavra.

Não bastando a proposição de caminhos contrários à justiça de Deus ou também denominados pelo Senhor como obras de iniquidade, os falsos profetas ou mestres ainda se apresentam de uma ou de outra forma como mediadores entre as pessoas e Deus, alegando assim serem eles os escolhidos por Deus para receberem as ofertas e sacrifícios que os seus seguidores são ensinados a fazer para tentarem obter ou sustentar a justificação futura de suas almas.

Portanto, a exploração perversa e opressora que algumas pessoas fazem dos seus semelhantes por causa da falta de conhecimento deles da palavra da justiça de Deus ou até do conhecimento superficial sobre a justiça do Senhor é muito impressionante, negativamente falando.

Devido ao desconhecimento das pessoas sobre como o dom da justiça é concedido e como uma pessoa pode permanecer nele, alguns chegam a seguir e reproduzir algumas crenças e práticas absurdas, ao ponto de proporem o que é chamado por Paulo de “o outro evangelho” ou de “um evangelho diferente do verdadeiro” (aspecto abordado mais amplamente em estudo específico com este título).

E como a ganância é um dos aspectos que acompanha uma enorme parte das ações da injustiça, também este ponto é indevidamente explorado em grande escala pelo fato das pessoas desconhecerem a palavra da justiça e, assim, se disporem a seguir as proposições que inclusive usam partes das Escrituras, mas as usam de tal forma que atendam os anelos gananciosos daqueles que as propõem, conforme também exemplificado mais uma vez abaixo:

2 Pedro 2: 1 Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.

2 E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade;

3 também, movidos por avareza, farão comércio de vós, com palavras fictícias; para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme.

1 Timóteo 6: 3 Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade,

4 é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas,

5 altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro. Apartai-vos dos tais. (RA+RC)

Atos 7: 48 Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas; como diz o profeta:

49 O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso?

50 Não foi, porventura, a minha mão que fez todas estas coisas?

51 Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis.

2 Coríntios 11: 13 Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo.

14 E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.

15 Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras.

Quando os cristãos não crescem na palavra da justiça de Deus, eles ficam mais expostos a aceitar alguns tipos de lideranças sobre as suas vidas que Cristo nunca autorizou para liderá-los, conforme visto no texto de Mateus 23 já mencionado anteriormente.

Quando os cristãos não se dispõem a crescerem na palavra da justiça de Deus, eles se colocam em risco de serem como crianças que se sujeitam a outras crianças ou a outras pessoas inaptas que atuam para a destruição dos seus caminhos.

Isaías 3: 12 Os opressores do meu povo são crianças, e mulheres estão à testa do seu governo. Oh! Povo meu! Os que te guiam te enganam e destroem o caminho por onde deves seguir.

Atos 20: 29 Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho.

30 E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles.

31 Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um.

Quando os cristãos não se dispõem a crescerem na palavra da justiça de Deus, eles se colocam em risco de serem como crianças espirituais que preferem a fama ou glória diante dos homens em detrimento da glória para a qual o Senhor os chama, desprezando, porém, o fato de que a glória dos homens é temporal e sem qualquer condição de substanciar uma pessoa para a justificação e vida eterna.

João 12: 42 Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga.

43 Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

44 E Jesus clamou e disse: Quem crê em mim crê não em mim, mas naquele que me enviou.

45 E quem me vê a mim vê aquele que me enviou.

46 Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. (RC)

1 Pedro 1: 24 Porque toda carne é como erva, e toda a glória do homem, como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor;

25 mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada. (RC)

Quando, porém, um cristão cresce no entendimento sobre o dom e a palavra da justiça de Deus, ele também se torna mais habilitado para discernir aqueles agentes aos quais o Senhor não mais quer que ele se submeta, assim como avança para estar mais fortalecido para viver segundo a condição de vida que a justiça de Deus já tornou disponível a partir da obra de Cristo Jesus na cruz do Calvário.

1 Coríntios 7: 23 Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens.

1 Timóteo 2: 5 Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,

6 o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.

O ensino do Senhor Jesus Cristo sobre a justiça de Deus nem sempre é fácil de ser digerido pela alma, pois como um alimento sólido, muitas vezes ele precisa ser mastigado ou ruminado para ser assimilado, mas as palavras do Senhor são as únicas palavras verdadeiras de vida eterna e que verdadeiramente lançam luz no coração das pessoas para que possam conhecer e receber a vida eterna.

Quando o Senhor manifesta a sua luz mediante a palavra da justiça não há trevas, não há bloqueios, não há véus, não há coberturas ou tetos que possam impedir que a justiça ou a injustiça de um coração sejam reveladas.

A palavra da justiça, o alimento sólido concedido pelo do Senhor ou o verbo vivo de Deus é uma palavra poderosa a ponto de separar o que nenhum instrumento cirúrgico e nenhuma técnica psicológica conseguem realizar.

Hebreus 4: 12 **Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.**

13 **E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar.**

O dom da justiça e a comunhão com a palavra da justiça são concedidos em simplicidade e eles podem ser conhecidos mediante a graça e a fé em Deus, mas ao mesmo tempo, a palavra da justiça é desafiadora porque desvenda as proposições ou caminhos que se opõem ou resistem à justiça do Senhor, independentemente de quão vis ou sutis sejam estas oposições.

2 Pedro 3: 17 **Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados e descaiais da vossa firmeza;**

18 **antes, cresci na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora como no dia da eternidade. Amém! (RC)**

Embora a dádiva do dom justiça seja concedido pelo Senhor em muita simplicidade, a palavra da justiça é singular, forte e consistente, e também por isto que a palavra da justiça de Deus em Cristo é a única palavra que de fato ensina a viver e andar no único caminho no universo que está inteiramente firmado na verdade e na eterna justiça.

Salmos 4: 1 **Responde-me quando clamo, ó Deus da minha justiça; na angústia, me tens aliviado; tem misericórdia de mim e ouve a minha oração.**

D. A Necessidade de Cada Cristão se Dispor Pessoalmente para Ser Guiado pelo Espírito Santo

Neste novo tópico, como parte final do presente capítulo, gostaríamos de retornar ainda mais uma vez à participação do Espírito Santo no auxílio aos cristãos para estes conhecerem apropriadamente e no tempo oportuno o que necessitam conhecer sobre o dom e sobre a palavra da justiça de Deus.

A palavra viva, eficaz e mais afiada do que qualquer espada dois gumes mencionada em Hebreus 4 também é a palavra de Deus na mão Daquele que convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo. A espada afiada de Deus é a palavra do Pai Celestial e de Cristo sendo revelada e operada pelo Espírito Santo de Deus.

*Efésios 6: 17 **Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus.***

Assim, não atentar para a palavra da justiça de Deus, depois que o Senhor Jesus Cristo designou ao Espírito Santo a tarefa de convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo, é também não atentar a uma parte muito significativa do ministério presente do Espírito Santo na Terra, pois as ações do Espírito Santo, da esperança, da fé em Deus e da justiça atuam em conjunto ou se complementam.

*Gálatas 5: 5 **Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.***

O discernimento acurado do bem como também do mal não é uma virtude que Deus deseja para alguns cristãos que se julgam especialmente eleitos e ungidos, mas ele é uma dádiva que Deus quer conceder a cada cristão que recebe o Espírito Santo e que deveria ser usada por cada um deles sem distinção.

*Romanos 8: 14 **Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.***

*1 João 2: 27 **Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permaneci nele, como também ela vos ensinou.***

*1 João 4: 13 **Nisto conhecemos que permanecemos nele, e ele, em nós: em que nos deu do seu Espírito.***

Quando Deus concede o alimento espiritual aos Seus filhos espirituais, àqueles que experimentaram o novo nascimento pela fé em Cristo e que, por consequência, se tornaram participantes do Espírito Santo, o Senhor também espera que eles recebam de bom grado o alimento para o crescimento e amadurecimento para que se tornem cada vez mais convictos na fé no Senhor e cada vez mais aplicados ao uso da nova condição de vida e das dádivas que receberam.

Até este ponto do presente capítulo, foi abordado o fato de que vários cristãos não crescem na vida cristã porque não se alimentam da palavra da justiça, fazendo-se tais que ainda necessitam de leite. Entretanto, quando passamos a observar as Escrituras quanto ao aspecto de uma pessoa aceitar a atuação do Espírito Santo em sua vida, também podemos notar, sob este ângulo, uma das razões pelas quais vários cristãos não se dispõem a crescer no conhecimento e na prática da palavra da justiça.

Crer em Deus e aceitar a direção do Espírito do Senhor é crucial para o crescimento no conhecimento do dom da justiça e da palavra da justiça de Deus, pois a comunhão com o Espírito do Senhor é essencial para que as características da justiça do Senhor resplandeçam diante dos olhos do coração de um indivíduo. Portanto, também é em relação a como uma pessoa se posiciona em fé quanto ao relacionamento e à direção do Espírito do Senhor que ocorre ou não ocorre o avanço no conhecimento da palavra da justiça.

O crescimento na palavra da justiça de Deus, e por consequência na vida cristã e no discernimento não somente do bem, mas também do mal, está diretamente associado ao posicionamento que uma pessoa adota em relação a quem ela quer que oriente a sua vida e com que profundidade ela quer ser guiada pelo Senhor através do Espírito Santo no que concerne ao conhecimento da justiça celestial e do dom da justiça concedido por ela.

O que estamos procurando dizer a partir deste ponto é que o crescimento no tema da justiça de Deus também está diretamente relacionado a quem ou àquilo para o que uma pessoa se inclina e se predispõe a seguir.

O fato do tema da justiça de Deus ser amplo, muito abrangente e de pouca compreensão no mundo meramente natural ou intelectual pode servir de esmorecimento e motivo para muitas pessoas não o colocarem de fato em primeiro lugar nas suas vidas. Entretanto, a razão da dificuldade de compreensão deste tema não está de fato na dificuldade intelectual das pessoas, mas pode estar na falta de disposição de viverem e andarem segundo a direção de Deus através do Espírito Santo e segundo a vida que a justiça de Deus produz, pois a justiça de Deus é de fato conhecida por uma pessoa quando ela também se dispõe a ser guiada pelo Espírito Santo para experimentar esta justiça em sua vida pessoal.

A palavra da justiça de Deus é desconhecida de muitos cristãos porque eles não a buscam junto ao Espírito Santo e para experimentá-la em suas vidas pessoais sob a direção do Espírito do Senhor.

*1 Coríntios 2: 14 **Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.***

*12 **Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.***

13 Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais.

A justiça de Deus gera a novidade de vida espiritual, mas quem se predispõe a aceitar a instrução ou direção concedida pelo Espírito do Senhor é que também se habilita a experimentar o crescimento nesta novidade de vida. Quando alguém predispõe a sua vontade para ser guiado pelo Espírito do Senhor, ele também se predispõe para ser vivificado pela justiça de Deus no seu espírito, o que torna um cristão habilitado para que o Senhor o instrua em verdade, em justiça e opere a novidade vida em todo o seu ser, conforme pode ser visto no texto a seguir:

Romanos 8: 5 Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito.

6 Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz.

7 Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.

8 Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus.

9 Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.

10 E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça.

11 E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita.

12 De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne,

13 porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis.

14 Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. (RC)

A vida espiritual gerada em um indivíduo mediante o dom da justiça e do Espírito Santo pode vivificar até o seu corpo carnal para que ele coopere com a vontade de Deus. Entretanto, a inclinação para ser guiado pelo homem meramente natural ou carnal não pode produzir a vida da justiça de Deus, pois a falta da comunhão com a vida espiritual que procede do reino celestial também inibe a compreensão da própria justiça celestial que é mais amplamente assimilada pela vivência ou pela prática da comunhão com o Espírito Santo.

Entendemos ser importante ressaltar que a predisposição para viver o tipo de vida que a justiça de Deus oferece coopera com a compreensão dos maravilhosos aspectos que ela oferece. A justiça se revela para aqueles que querem viver pela fé em Deus e segundo a novidade de vida que Deus quer conceder àqueles que Nele creem. Entretanto, se alguém não se predispõe a viver e andar guiado pelo Espírito do Senhor ou quer a justiça de Deus para viver segundo a carne, segundo a direção do homem

natural, esta pessoa também se coloca em oposição e resistência à justiça celestial a ela oferecida.

A justiça de Deus sempre visa atuar em favor da reconciliação das pessoas com Deus, através da fé em Deus e através da novidade de vida no Espírito do Senhor, mas se alguém não quer a vida espiritual que a justiça do Senhor oferece, ele se coloca em posição de inimizade para com Deus por preferir andar segundo a justiça dos homens, aspecto já visto no tópico anterior.

Um dos aspectos que mais é visto como um entrave para que um cristão se posicione em favor do crescimento na justiça de Deus é que a vida orientada segundo Espírito do Senhor e a vida orientada segundo a carne, segundo o homem natural, não podem ser conciliadas no sentido dos interesses de cada uma delas poderiam vir a ser atendidos conjuntamente.

Assim como a vida guiada pelo Espírito do Senhor se equivale a viver e andar sob a justiça de Deus que produz vida, assim a vida guiada pela carne se equivale a uma oposição à justiça celestial e que produz morte, não podendo haver conciliação entre ambas.

*Gálatas 5: 17 **Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.***

*Romanos 8: 6 **Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. (RC)***

*Gálatas 6: 8 **Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna.***

E se ainda observarmos mais de perto a questão de Hebreus 5 quanto a alguns cristãos “*se fizerem como crianças de tal modo que sempre necessitam voltar ao leite espiritual*” também em conjunto com o texto de 1Coríntios capítulo 3, podemos perceber que a resistência de vários cristãos ao alimento sólido ou a negligência deles para com o propósito das chuvas da justiça de Deus para produzir bons frutos é, na realidade, o resultado de um conflito entre o desejo de viver uma vida parcialmente segundo o Espírito do Senhor e, ao mesmo tempo, parcialmente na carne ou segundo a mentalidade do homem natural, conforme segue:

*1Coríntios 3: 1 **Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis, como a crianças em Cristo.***

*2 **Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis.***

*3 **Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?***

- 4 Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?
- 5 Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um.
- 6 Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus.
- 7 De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.
- 8 Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho.
- 9 Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós.
- 10 Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica.
- 11 Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.
-

A posição onde um indivíduo se coloca debaixo do controle da carne, mesmo já sendo cristão, é uma posição perigosa e vulnerável, pois uma aparente piedade não pode trazer real utilidade à sua vida e nem pode anular os efeitos destrutivos do pendor em direção à carne.

Além disso, no texto de 1Coríntios 3, Paulo ainda ensina que a inclinação de um cristão no sentido de tentar dizer que pertence ou segue a outros cristãos é como uma tentativa de estabelecer outro fundamento além do único que já está posto, o qual é Cristo Jesus, o único que morreu sem pecado para a justificação de todos os seres humanos.

Por mais que a alma se deleite em estabelecer outras pessoas como o seu referencial de vida, isto representa uma inclinação à carne ou uma propensão para tentar andar por vista e não por fé. Por mais que muitos tenham prazer em dizer que são da “igreja do líder, sacerdote ou pastor x, y ou z”, ou que são seguidores de certos líderes, instituições ou grupos renomados no mundo, a opção por este tipo de caminho é uma inclinação para a carne e uma tentativa de estabelecer como fundamento ou parte do fundamento de vida aquilo que aos olhos do Senhor nunca foi chamado para ser um fundamento de justiça, salvação e novidade de vida.

Quando Paulo, no texto abaixo, declara que cada cristão é chamado para ser edificado sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, ele não está dizendo que um cristão é chamado para ser edificado sobre os apóstolos e profetas propriamente dito, como alguns distorcidamente procuram alegar para angariar os seus seguidores.

Quando Paulo anuncia que cada cristão é chamado para ser edificado sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, ele está ensinando que cada cristão é chamado para ser edificado diretamente no mesmo e único fundamento eterno que também os apóstolos e profetas foram edificados, pois o Senhor Jesus Cristo sempre foi o único ou exclusivo fundamento de justificação e vida eterna anunciado pelos apóstolos e profetas.

Efésios 2: 19 Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus,

- 20 *edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular;*
 21 *no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor,*
 22 *no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.*

E também como família de Deus, cada cristão é igualmente chamado para ser edificado diretamente no seu Pai Celestial, em Cristo e no Espírito Santo do Senhor, e jamais sobre ou sob aqueles que se apresentam como se tivessem sido escolhidos por Deus para serem fundamento, cobertura espiritual ou mediadores entre os seus semelhantes e o Senhor.

- Efésios 3: 14 Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai,*
 15 *de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra,*
 16 *para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior;*
 17 *e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor,*
 18 *a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade*
 19 *e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.*
 20 *Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós,*
 21 *a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!*

As tentativas de um cristão “terceirizar” a outras pessoas a sua edificação no dom da justiça de Deus e na palavra da justiça invariavelmente são cópias, de uma ou de outra forma, do modelo da Antiga Aliança ou do sistema sacerdotal onde alguns procuravam representar a outros perante Deus e Deus perante as pessoas, mas cujo sistema já se mostrou repetidamente fracassado e inútil para uma verdadeira edificação das pessoas na preciosa e singular justiça celestial.

- Hebreus 7: 11 Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?*

...

- 18 *Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade*
 19 *(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus.*

Retornando, então, às considerações sobre os textos de Hebreus 5 e 1Coríntios 3, podemos observar que a similaridade entre as duas narrativas é muito grande, pois a posição carnal dos cristãos em ambos os textos impediu que os autores dos textos lhes anunciassem assuntos mais profundos da vida cristã. E em ambos os textos, os cristãos estavam colocando em risco os aspectos básicos do relacionamento deles com a justiça celestial que lhes fora concedida em Cristo Jesus.

Enquanto no texto de Hebreus 5 e 6 a resistência ao crescimento na palavra da justiça ou no alimento sólido é apresentado como um obstáculo para os cristãos não alcançarem um discernimento sobre o bem e o mal, podendo adentrar na condição de não produzirem a boa erva aguardada do solo, no texto de 1Coríntios 3 vemos a que tipo de abrolhos, espinhos ou atrações da carne que os cristãos podem vir a se submeter por insistirem em posições carnis indevidas, podendo chegar ao ponto de esquecerem o único fundamento através do qual podem de fato alcançar salvação e vida eterna.

Ou seja, quando um cristão não avança para uma vida orientada pelo Espírito Santo e uma vida com discernimento do bem e do mal obtido pelo alimento sólido da palavra da justiça, ele se coloca em linha com o risco de trocar exatamente o que a justiça de Deus lhe proporcionou.

Quando um cristão não avança para uma vida orientada pelo Espírito Santo e uma vida com discernimento do bem e do mal obtido pelo alimento sólido da palavra da justiça, ele fica sujeito a voltar a deixar se influenciar pela direção de outras pessoas em detrimento da direção de Deus.

E ainda, como consequência, ele começa a se afastar do entendimento e da confiança de que somente “em Cristo” há um fundamento sólido e verdadeiro tanto para a sua salvação como para a sua vida depois de ter sido agraciado com a justificação e salvação.

Quando um cristão se mantém afastado do crescimento na compreensão da justiça de Deus em Cristo Jesus, é tardio em ouvir a palavra da justiça ou repetidamente adota posturas de quem não quer deixar a sua condição infantil na vida cristã, ele se coloca sob o risco de novamente incorrer na sujeição a ensinamentos dos quais o Senhor já o libertou através da sua justiça e a condutas de vida que se opõem aos princípios de fé que a justiça de Deus veio prover a ele. E desta forma, ele novamente fica vulnerável a voltar a seguir as sugestões da criatura em vez da direção do Criador e Pai das Luzes.

Quando os cristãos deixam de se ater à justiça de Deus em Cristo Jesus, eles se tornam novamente vulneráveis à idolatria dos seres humanos e de toda sorte de proposições distorcidas da criatura, sem verem o quão carnis e temporais são os seres humanos, os seus ídolos e o quão carnis são as suas obras e projetos quando se apartam da comunhão com o Senhor.

Um cristão que não cresce na palavra da justiça de Deus no tempo devido não usa para o seu benefício aquilo que lhe foi oferecido gratuitamente para discernir o mundo ao seu redor e, assim, fica vulnerável a ser envolvido outra vez por propostas enganosas precisamente por se abster do discernimento que lhe é oferecido pela justiça celestial.

Um cristão que resiste ao crescimento na justiça de Deus fica sujeito a brevemente se esquecer de que a sua fonte de discernimento e sabedoria estão em Cristo Jesus e que o homem espiritual somente discerne coisas espirituais por ter acesso a Cristo e à sabedoria que está no Senhor.

1 Coríntios 2: 15 **Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém.**

16 **Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo.**

João 15: 5 **Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.**

2 Coríntios 3: 4 **E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus;**

5 não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus,

6 o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica.

Enquanto um cristão não se dispõe a crescer na palavra da justiça de Deus pela comunhão pessoal com o Senhor que lhe provê o dom da justiça, ele poderá fazer cursos e mais cursos, seminários e até faculdades que se propõem a ensinar sobre a vida cristã, mas, ainda assim, não conseguir passar da posição de criança inconstante em sua fé. Se um cristão não se alimentar pessoalmente do alimento sólido, ainda que se aplique a diversos estudos de outros temas sobre a Bíblia, ele ainda permanecerá na condição que pode não lhe ser suficiente para o discernimento das questões mais profundas sobre o bem como também sobre o mal.

João 5: 39 **Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.**

40 **Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida.**

Uma pessoa simples ou até com pouca instrução formal que pede a Deus para guiá-la à palavra da verdade e que pede ao Espírito Santo que a ensine e convença da justiça de Deus poderá vir a alcançar amplamente este objetivo, pois a compreensão da palavra da justiça, conforme já comentado algumas vezes anteriormente, não depende da capacidade intelectual do ser humano, é algo que o Espírito Santo mostra a quem a quer receber e a quem o Espírito do Senhor a quer revelar.

Mateus 5: 6 **Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.**

Provérbios 9: 10 **O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência.**

- Provérbios 2: 6* **Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento.**
- 7 Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos; é escudo para os que caminham na sinceridade,**
- 8 guarda as veredas do juízo e conserva o caminho dos seus santos.**
- 9 Então, entenderás justiça, juízo e equidade, todas as boas veredas.**
- 10 Porquanto a sabedoria entrará no teu coração, e o conhecimento será agradável à tua alma.**
- 11 O bom siso te guardará, e a inteligência te conservará;**
- 12 para te livrar do caminho do mal e do homem que diz coisas perversas;**
- 13 dos que deixam as veredas da retidão, para andarem pelos caminhos das trevas.**

Atos 4: 13 **Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus.**

O alimentar-se com a palavra de justiça de Deus é determinante para uma pessoa romper da condição de menino na fé para avançar para a condição de filho de Deus que aceita ser guiado pelo Espírito Santo. E a pessoa que não busca a justiça de Deus junto ao Senhor e não se permite ser instruída pelo Espírito Santo sobre as riquezas desta justiça fica sujeita a não conseguir sair da condição infantil da sua fé em Deus.

Gálatas 4: 1 **Digo, pois, que, durante o tempo em que o herdeiro é menor, em nada difere de escravo, posto que é ele senhor de tudo.**

...

- 3:24 De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé.**
- 25 Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio.**
- 26 Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus;**
- 27 porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes.**

Uma pessoa pode ir a cultos ou missas regularmente durante toda a sua vida e ainda assim estar amplamente desprovida do conhecimento da palavra da justiça de Deus, pois os tipos de cultos onde alguns poucos se elevam como líderes sobre outros não são aptos para aperfeiçoarem aqueles que prestam os cultos. Pelo contrário, os serviços religiosos que buscam a justificação por obras que seus líderes ou instrutores requerem do povo, além de não produzirem suficiente provisão para que as pessoas alcancem a justiça de Deus, ainda produzem mais atos de injustiça que resistem ao dom justificador que há exclusivamente em Cristo Jesus.

Os rituais, cultos e treinamentos religiosos desprovidos da justiça de Deus ou amparados nas pretensas justificações de homens ou mulheres, por mais intensos e frequentes que eles venham a ser, por mais alto que seja o volume de ofertas e díizimos que angariam, não preparam as pessoas para que elas vejam que as suas próprias obras

religiosas deveriam ser sepultadas para darem lugar à verdadeira justiça que as livra inclusive destes cultos, missas ou venerações, e das obras praticadas neles.

E se estes cultos almejassem de fato a libertação das pessoas para que passassem a viver sob a fé na justiça de Deus, eles também fariam com que ficasse evidenciado que estes tipos de culto não aperfeiçoam de fato aqueles que os praticam e que não há de fato uma necessidade destes tipos de cultos serem realizados, conforme ensinado a seguir:

*Hebreus 9: 9 **É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto,***
10 os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.

*Hebreus 10: 1 **Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.***

Por causa da falta de disposição de ouvir a palavra da justiça, muitos cristãos ou aqueles que se nominam cristãos acabam não discernindo o bem e o mal em uma série de práticas às quais se sujeitam semana após semana e ano após ano sem que o Senhor as tenha pedido a eles, e assim, acabam entregando a força das suas vidas a diversas obras aparentemente piedosas, mas que não têm o poder de guardar os seus corações na verdadeira justiça e vontade de Deus. Por causa da falta de disposição de ouvir a palavra da justiça, muitos cristãos se dedicam a edificar “obras mortas” ou obras de madeira, feno ou palha cuja colheita são mais “obras mortas” e a sujeição a líderes, grupos, assembleias, congregações ou instituições aos quais Deus jamais os instrui a se sujeitarem, portanto:

*Colossenses 3: 18 **Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão,***
*19 **e não ligado à cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus.***
*20 **Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivésseis no mundo,***
*21 **tais como: não toques, não proves, não manuseies?***
*22 **As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas dos homens;***
*23 **as quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum, senão para a satisfação da carne.***
*3:1 **Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus.***

**2 Pensai nas coisas que são de cima e não nas que são da terra;
3 porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. (RC)**

**Gálatas 4: 8 Outrora, porém, não conhecendo a Deus, servíeis a deuses que, por natureza, não o são;
9 mas agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando, outra vez, aos rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos?
10 Guardais dias, e meses, e tempos, e anos.**

Alguns líderes de alguns grupos que se denominam cristãos chegam inclusive ao ponto ou à desfaçatez de requerer obras, ofertas e dízimos de seguidores mesmo já sabendo que estas práticas não poderão jamais justificar as pessoas do pecado e perante o Senhor. Continuam a requerer estes sacrifícios das pessoas sob o pretexto de estarem guiando-as a um caminho de piedade, mas o fazem por motivo de ganância porque veem os seus cultos e serviços religiosos como um bom negócio para manterem o seu status social ou para manterem a sua posição de primazia sobre os seus semelhantes.

Conforme já foi comentado no tópico anterior, os falsos profetas, falsos mestres ou os lobos vestidos de ovelhas almejam fazer dos seus semelhantes os objetos de seus comércios corrompidos e impiedosos. Entretanto, mais grave do que tomar os recursos materiais das pessoas através de vis manipulações é o fato deles não se importarem de fazerem as pessoas retornarem às práticas da Antiga Aliança que se opõem à justiça mediante à graça que há em Cristo Jesus e que se opõem à justiça celestial na qual somente o Senhor Jesus Cristo é aceito como o mediador entre os seres humanos e Deus.

Apesar do princípio geral de aceitação do dom da justiça e de vida sob a justiça de Deus não ser complexo ou ser segundo a simplicidade que há em Cristo Jesus, o conjunto de vias pelas quais as trevas, as concupiscências do mundo e as obras da carne procuram se opor à justiça do Senhor é muito amplo. Razão pela qual, um cristão é chamado a também manter-se em comunhão com Deus para que o Senhor o instrua, guarde e sustente nos mais diversos momentos e circunstâncias de sua vida.

Voltamos a enfatizar aqui, portanto, o quão vital é para um cristão se manter sob a direção ou instrução do Espírito Santo, pois se ele intentar viver a vida cristã somente a partir do conhecimento adquirido ou da instrução de outras pessoas, ele está continuando a tentar a viver e andar dissociado da reconciliação e da comunhão que o dom da justiça veio lhe proporcionar. Ele continua a tentar viver e andar sob a instrução e direção da criatura e não do Criador, ficando também sujeito a colher os resultados que advêm do ser guiado pela limitada condição da criatura.

Se um cristão não se dispõe a ser guiado pelo Espírito Santo na palavra da justiça ou no alimento sólido, ele continua a permitir o governo da condição do homem natural sobre a sua vida e equipara-se àqueles que andam por vista ou sujeitos à carne, os quais também estão sujeitos às obras da carne tais como as contendas, ambição por fama, disputas por posições e invejas conforme descrito em 1Coríntios 3 em referência neste tópico.

Ainda que um cristão tenha sido ensinado nos princípios elementares da doutrina de Cristo, se ele não se dispõe a avançar para o conhecimento da palavra da justiça ou do alimento sólido, ele ainda se mantém na condição que limita a sua compreensão de que dissociado da comunhão com o Senhor, mediante o Espírito Santo, ele também não pode discernir os aspectos mais sutis da injustiça e nem se torna apto a produzir os bons e eternos frutos resultantes da vida em conformidade com a justiça celestial.

Pelo fato de não avançarem de forma prática para uma condição de vida sob a direção do Espírito Santo e em conformidade com o dom da justiça celestial, muitos cristãos acabam entrando em um ciclo repetitivo de busca por cursos e treinamentos religiosos realizados por instrutores que também não são experimentados na palavra da justiça. E assim, ficam sob o risco de terem o tempo precioso de suas vidas sendo consumido pela vaidade, competição e ganância das pessoas, e por aquilo que não poderá lhes tornar preparados para realizarem aquilo que somente pode ser realizado sob a direção do Espírito Santo e do dom da justiça celestial.

Por não se atentarem de fato à instrução do Senhor sobre o dom e a palavra da justiça do Senhor, muitos são atraídos pelas proposições que aparentam ter forma de piedade e que inclusive podem ser muito atraentes à carne, mas que na realidade são atrações religiosas equiparadas à atuação da mulher adúltera descrita em Provérbios 5 e que visam desviar as pessoas da vida que é em conformidade com a vontade do Senhor para elas.

- Provérbios 5: 3 **Porque os lábios da mulher adúltera destilam favos de mel, e as suas palavras são mais suaves do que o azeite;***
*4 **mas o fim dela é amargoso como o absinto, agudo, como a espada de dois gumes.***
*5 **Os seus pés descem à morte; os seus passos conduzem-na ao inferno.***
*6 **Ela não pondera a vereda da vida; anda errante nos seus caminhos e não o sabe.***
*7 **Agora, pois, filho, dá-me ouvidos e não te desvies das palavras da minha boca.***
*8 **Afasta o teu caminho da mulher adúltera e não te aproximes da porta da sua casa;***
*9 **para que não dêes a outrem a tua honra, nem os teus anos, a cruéis;***
*10 **para que dos teus bens não se fartem os estranhos, e o fruto do teu trabalho não entre em casa alheia.***

Portanto, **para o bem deles e das pessoas ao seu redor, os cristãos jamais deveriam se dar ao luxo de se esquivarem da busca contínua e intensa pela justiça de Deus que há em Cristo Jesus e jamais deveriam pensar equivocadamente que eles estão imunes às severas implicações que podem advir da adoção de uma postura de negligenciar um relacionamento mais contínuo e profundo com o dom e a palavra da justiça celestial.**

Considerando que os cristãos são remidos pelo dom da justiça celestial, são chamados a viver pela fé mediante este dom, são chamados de justiça de Deus e, ainda, são chamados para serem ministros ou instrumentos da justiça celestial, também é razoável de se esperar que eles busquem no Senhor o ensino para compreenderem com o que eles são chamados a ter

comunhão e a que são chamados a servirem e serem representantes ou embaixadores no mundo.

*Isaías 26: 8 **Também através dos teus juízos, SENHOR, te esperamos; no teu nome e na tua memória está o desejo da nossa alma.***

*9 **Com minha alma suspiro de noite por ti e, com o meu espírito dentro de mim, eu te procuro diligentemente; porque, quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça.***

*2 Coríntios 5: 21 **Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.***

*Hebreus 5: 13 **Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança.***

*14 **Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.***

Por fim, neste capítulo, gostaríamos de mencionar ainda que o discernimento que o Senhor oferece conceder aos seus filhos através da comunhão com Cristo também se encontra descrito nos estudos sobre Letra ou Vida, Conhecer sobre Deus ou Conhecer a Deus, O Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, O Princípio Central do Viver do Cristão, A Lei do Entendimento e na série Andando em Novidade de Vida. Ressaltamos, porém, que mais importante do que conhecer estes outros materiais é que cada pessoa desde já recorra diretamente ao Senhor Jesus Cristo para que através do Espírito do Senhor ela possa ser ensinada neste tema tão proveitoso para a vida cristã.

*1 Pedro 3: 18 **Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito.***

*1 Coríntios 1: 9 **Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.***

*Eféios 5: 14 **Pelo que diz: *Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará.****

*15 **Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios,***

*16 **remindo o tempo, porque os dias são maus.***

*17 **Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor.***

Colossenses 3: 15 ***Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos.***

C29. O Fruto da Justiça

Algo muito relevante a ser notado na aceitação ou no recebimento do dom da justiça de Deus, conforme já comentado em capítulos anteriores, é que este dom não é concedido para uma pessoa acrescentá-lo no estilo de vida distante da direção de Deus que ela vivia antes de recebê-lo. O dom da justiça se manifestou ao mundo para ser concedido àquele que o recebe para possibilitar que um indivíduo possa fazer uma opção de se afastar do tipo de vida sob a escravidão do pecado e as consequências que a acompanham, mas também para possibilitar que passe a viver uma vida que antes ele estava incapacitado de viver por causa da sujeição ao pecado.

O recebimento do dom da justiça é concedido para uma pessoa ser colocada em uma posição onde uma série de antigos princípios e condições de vida não condizem mais à nova opção feita, mas também a introduz a novos princípios e a novas condições de vida para que passe a viver de acordo com a nova vida que lhe é oferecida em Cristo Jesus, conforme é lembrado mais uma vez também no texto a seguir:

1 Pedro 1: 17 Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação,
18 sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram,
19 mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo,
20 conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós
21 que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus.

A concessão do dom da justiça por parte de Deus, assim como todo o Evangelho de Deus, não é uma concessão de uma informação ou de um mero conhecimento, mas é a concessão real de novidade vida vinda dos céus e dada mediante a graça do Senhor para possibilitar mudanças reais e substanciais em todos aqueles que o recebem.

E ainda outra maneira das Escrituras fazerem referência às mudanças que podem advir na vida daqueles que recebem o dom na justiça está contida nas expressões que se referem ao “*fruto da justiça*” ou à obra e o resultado que a justiça de Deus causa na vida daqueles que a recebem como dádiva concedida pelo Senhor através de sua graça, conforme exemplificado em diversos textos a seguir:

Filipenses 1: 9 E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção,
10 para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo,
11 cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.

*Hebreus 12: 7 **É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige?***

...

11 Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.

*Tiago 3: 17 **A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento.***

18 Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz.

*Isaiás 32: 14 **O palácio será abandonado, a cidade populosa ficará deserta; Ofel e a torre da guarda servirão de cavernas para sempre, folga para os jumentos selvagens e pastos para os rebanhos;***

15 até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto; então, o deserto se tornará em pomar, e o pomar será tido por bosque;

16 o juízo habitará no deserto, e a justiça morará no pomar.

17 O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre.

18 O meu povo habitará em moradas de paz, em moradas bem seguras e em lugares quietos e tranquilos,

19 ainda que haja saraivada, caia o bosque e seja a cidade inteiramente abatida.

*Efésios 5: 8 **Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz***

9 (porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade),

10 provando sempre o que é agradável ao Senhor.

11 E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as.

Quando a justiça de Deus também é vista sob a ótica de um dom que gera frutos, é interessante observar que o fruto da justiça pode ser visto tanto nos aspectos daquilo que a justiça de Deus produz na vida daquele que a recebe, como também nos aspectos do que justiça celestial realiza por meio daqueles que acolhem o dom da justiça do Senhor em suas vidas.

Em primeiro lugar, o fruto da justiça de Deus se manifesta pelos imensuráveis e incalculáveis benefícios que ele oferece a todos os seres humanos e que produz para aqueles que recebem a justiça celestial, mas, em seguida, ele se estende ao ponto de que aqueles que recebem o dom da justiça do Senhor também possam ser agentes que atuam a favor da própria justiça celestial que receberam.

*Romanos 6: 22 **Mas, agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna.***

*Romanos 7: 4 **Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.***

Apesar da justificação do pecador através da graça de Deus e pela obra de Cristo na cruz do Calvário ser um dos aspectos centrais da concessão do dom da justiça por parte do Senhor, o dom da justiça também tem por fruto o fato de que a pessoa justificada em Cristo possa ser um instrumento a favor desta mesma justiça.

Conforme também já foi visto anteriormente, o recebimento do dom da justiça tem como fruto a libertação de uma pessoa das amarras ou escravidões ao pecado e à lei condenatória, tem como fruto uma mudança interior no coração daquele que o recebe, mas também começa a ser refletido nas obras interiores e exteriores que esta pessoa pratica se ela permanecer na fé no Senhor e na comunhão com o dom celestial que recebeu no coração.

A justiça do Senhor tem como fruto a libertação de uma pessoa da tribulação de um viver em desacordo com a vontade de Deus, mas, ao mesmo tempo, também tem como fruto a concessão de uma condição vivificada onde ela pode realizar as obras que o Senhor intenta para cada pessoa.

Apesar das obras dos seres humanos não poderem justificá-los perante Deus e perante o pecado, uma vez que uma pessoa é justificada pela fé no dom da justiça de Deus, o fruto do dom justiça na vida da pessoa justificada também começa a resultar em uma vida de boas obras para o bem desta pessoa e para testemunho dos feitos do Senhor através de sua vida.

A justiça de Deus não se manifestou poderosa somente através de atos exteriormente demonstrados na cruz do Calvário, mas continua a se manifestar poderosa para atuar nas profundezas dos corações que a recebem para livrá-los das tribulações de alma, bem como para também os conduzir aos caminhos sublimes e retos da vida que venham a beneficiar a eles e também a outras pessoas.

*Salmos 143: 11 **Vivifica-me, SENHOR, por amor do teu nome; por amor da tua justiça, tira da tribulação a minha alma.***

*Romanos 5: 17 **Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.***

*Efésios 2: 8 **Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus;**
9 **não de obras, para que ninguém se glorie.***

10 Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

Conforme já mencionamos acima, o fruto da justiça de Deus se estende em benefícios incontáveis sobre aqueles que recebem o dom da justiça celestial, mas ele também se multiplica em manifestações incontáveis da justiça do Senhor através deles, pois uma vez que uma pessoa é aceita como justa diante de Deus, ela também é aceita para atuar amparada pelo Senhor e pela Sua justiça.

2 Coríntios 5: 21 Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.

2 Coríntios 9: 10 Ora, aquele que dá semente ao que semeia e pão para alimento também suprirá e aumentará a vossa sementeira e multiplicará os frutos da vossa justiça,

11 enriquecendo-vos, em tudo, para toda generosidade, a qual faz que, por nosso intermédio, sejam tributadas graças a Deus.

1 Pedro 2: 24 ... carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados.

Quando uma pessoa recebe o dom da justiça de Deus como um dom da graça celestial para justificá-la e permanece nele, o Senhor passa a conceder a ela o privilégio e a alegria de poder continuar vivendo segundo esta justiça para o benefício dela e de seus semelhantes.

Provérbios 21: 15 Praticar a justiça é alegria para o justo, mas espanto, para os que praticam a iniquidade.

A justiça de Deus é vida para quem a recebe e que se multiplica em testemunho de vida por meio daqueles que a receberam, conforme exposto também no precioso Salmo apresentado a seguir:

Salmos 71: 1 Em ti, SENHOR, me refugio; não seja eu jamais envergonhado.

2 Livra-me por tua justiça e resgata-me; inclina-me os ouvidos e salva-me.

3 Sê tu para mim uma rocha habitável em que sempre me acolha; ordenaste que eu me salve, pois tu és a minha rocha e a minha fortaleza.

4 Livra-me, Deus meu, das mãos do ímpio, das garras do homem injusto e cruel.

5 Pois tu és a minha esperança, SENHOR Deus, a minha confiança desde a minha mocidade.

6 Em ti me tenho apoiado desde o meu nascimento; do ventre materno tu me tiraste, tu és motivo para os meus louvores constantemente.

7 Para muitos sou como um portento, mas tu és o meu forte refúgio.

- 8 *Os meus lábios estão cheios do teu louvor e da tua glória continuamente.*
 9 *Não me rejeites na minha velhice; quando me faltarem as forças, não me desampares.*
 10 *Pois falam contra mim os meus inimigos; e os que me espreitam a alma consultam reunidos,*
 11 *dizendo: Deus o desamparou; persegui-o e prendei-o, pois não há quem o livre.*
 12 *Não te ausentes de mim, ó Deus; Deus meu, apressa-te em socorrer-me.*
 13 *Sejam envergonhados e consumidos os que são adversários de minha alma; cubram-se de opróbrio e de vexame os que procuram o mal contra mim.*
 14 *Quanto a mim, esperarei sempre e te louvarei mais e mais.*
 15 *A minha boca relatará a tua justiça e de contínuo os feitos da tua salvação, ainda que eu não saiba o seu número.*
 16 *Sinto-me na força do SENHOR Deus; e rememoro a tua justiça, a tua somente.*
 17 *Tu me tens ensinado, ó Deus, desde a minha mocidade; e até agora tenho anunciado as tuas maravilhas.*
 18 *Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs; até que eu tenha declarado à presente geração a tua força e às vindouras o teu poder.*
 19 *Ora, a tua justiça, ó Deus, se eleva até aos céus. Grandes coisas tens feito, ó Deus; quem é semelhante a ti?*
 20 *Tu, que me tens feito ver muitas angústias e males, me restaurarás ainda a vida e de novo me tirarás dos abismos da terra.*
 21 *Aumenta a minha grandeza, conforta-me novamente.*
 22 *Eu também te louvo com a lira, celebro a tua verdade, ó meu Deus; cantar-te-ei salmos na harpa, ó Santo de Israel.*
 23 *Os meus lábios exultarão quando eu te salmodiar; também exultará a minha alma, que remiste.*
 24 *Igualmente a minha língua celebrará a tua justiça todo o dia; pois estão envergonhados e confundidos os que procuram o mal contra mim.*
-

Graças a Deus que uma pessoa, através do fruto da justiça, recebe a salvação do pecado. Entretanto, ela também recebe a possibilidade da purificação da mentalidade ou da consciência que o pecado e as falsas proposições de justificação tentaram estabelecer em sua vida, colocando assim a pessoa justificada em uma posição de aptidão para servir o Senhor em retidão não pelos méritos desta pessoa, mas pela misericórdia e amor que a ela foram demonstrados e concedidos em Cristo Jesus.

Hebreus 9: 14 ... muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!
 15 *Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.*

Romanos 5:1 Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;

2 por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.

...

5 Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.

Por causa da justiça do Senhor, o caminho da reconciliação dos seres humanos com Deus foi estabelecido para que possam praticar a comunhão direta com o Senhor, para que possam ter os corações instruídos segundo a verdadeira justiça e não de acordo com as falsas ou aparentes piedades, e para que possam viver e andar no caminho de uma vida que resulte em benéficos frutos eternos.

Para aquele recebe o dom da justiça mediante a fé e nele persevera, o fruto da justiça de Deus resulta na derrota eterna do maior propósito do pecado e que é o afastamento de uma pessoa do seu Criador Eterno. Entretanto, o fruto da justiça do Senhor também é a vitória que reconduz a uma vida sob a luz, cuidado e direção de Deus.

Provérbios 10: 2 Os tesouros da impiedade de nada aproveitam, mas a justiça livra da morte.

Provérbios 11: 19 ... a justiça conduz para a vida ...

Provérbios 12: 28 Na vereda da justiça, está a vida, e no caminho da sua carreira não há morte.

Provérbios 21: 21 O que segue a justiça e a bondade achará a vida, a justiça e a honra.

Salmos 11: 7 Porque o SENHOR é justo, ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face.

Até mesmo quando os Céus e a Terra que vemos hoje deixarem de existir, o fruto da justiça de Deus jamais poderá vir a ser extinto para aqueles que creem no Senhor, pois a justiça de Deus é soberana e eterna assim como o Deus desta singular justiça é Soberano e Eterno.

2 Pedro 3: 7 Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios.

- 8 **Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia.**
- 9 **Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.**
- 10 **Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas.**
- 11 **Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade,**
- 12 **esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão.**
- 13 **Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça.**

2 Timóteo 4: 8 **Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.**

E por fim, neste capítulo, gostaríamos ainda de dar um destaque especial ao fato de que **o fruto da justiça de Deus é resultado da permanência nela.**

Ou seja, **uma pessoa não é chamada à responsabilidade de produzir frutos de justiça por seus próprios esforços, mas é chamada a permanecer fielmente no dom da justiça até que este gere e manifeste a justiça através daquele que permanece no Senhor.**

Gálatas 5: 1 **Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão. (RC)**

Jeremias 51: 10 **O SENHOR trouxe a nossa justiça à luz; vinde, e anunciemos em Sião a obra do SENHOR, nosso Deus.**

Salmos 37: 4 **Agrada-te do SENHOR, e ele satisfará os desejos do teu coração.**

- 5 **Entrega o teu caminho ao SENHOR, confia nele, e o mais ele fará.**
 6 **Fará sobressair a tua justiça como a luz e o teu direito, como o sol ao meio-dia.**

C30. Cristo: O Renovo da Justiça, O Sol da Justiça, A Raiz do Justo e o Rei da Justiça segundo a Ordem de Melquisedeque

Depois de apresentar diversas considerações sobre a justiça de Deus e como ela nos é oferecida como um dom mediante a graça do Senhor, gostaríamos de salientar aqui mais uma vez, como a parte final deste material, que **a mais expressiva revelação ou evidência do dom da justiça de Deus a nós oferecido seguramente encontra-se em Cristo Jesus.**

O sol da justiça, o renovo da justiça, a raiz do justo, justiça nossa, o justo que reina e muitas outras expressões pré-anunciadas e prometidas ao longo de séculos convergem todos para a dádiva de Deus ao mundo em Cristo Jesus, conforme está explicitamente exemplificado nos textos a seguir:

João 3: 16 Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

João 1: 29 No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!

Mateus 1: 21 Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

1 Coríntios 1: 30 Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção, 31 para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

Somente por causa da concessão de Cristo Jesus que Deus fez em nosso favor é que nós podemos ter acesso à justiça celestial e ainda sermos justificados e salvos através dela, conforme também já foi visto várias vezes nos capítulos apresentados ao longo deste material.

Entretanto, retornando ao aspecto do fruto da justiça ou daquilo que ela proporciona àqueles que recebem a justificação já realizada uma vez por todas por Deus através de Cristo Jesus, gostaríamos de ressaltar também aqui que **Cristo Jesus foi feito justiça nossa da parte de Deus para nos justificar, mas também para ser o dom da justiça que nos sustenta ou que é nossa justiça para vivermos e andarmos em justiça depois que já fomos redimidos no Senhor.**

Gostaríamos de destacar aqui mais uma vez que o fruto central da justiça de Deus sempre foi, é, e sempre será a concessão do Senhor Jesus Cristo ao coração daqueles que recebem a justificação provida para eles pelo Pai Celestial em Cristo Jesus.

O Filho do Amor do Pai Celestial nos foi concedido como o “*dom da justiça celestial*” para nos justificar, mas também com o propósito Dele vir a ser “*A Nossa Justiça*” eternamente e para que nós, pela mesma justiça, sejamos eternamente Dele.

Assim como Cristo é a dádiva central do Evangelho de Deus que precede todas as outras dádivas, e assim como Cristo é o mistério central do reino de Deus que precede a compreensão e o recebimento de todos os outros mistérios do reino dos céus, assim também Cristo foi feito a expressão exata e tangível da justiça de Deus. Cristo foi manifesto também como a expressão do fruto da justiça celestial para que por Ele o fruto da justiça se manifestasse naqueles que o recebem e Nele permanecem.

Quando uma pessoa recebe ao Senhor Jesus Cristo como a sua justiça pessoal, e Nele permanece, os frutos da justiça de Deus em Cristo também se tornam em frutos desta justiça naqueles que por ela são supridos e nutridos.

João 15: 4 Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim.
5 Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

Por mais desafiador que possa parecer viver na justiça de Deus em um mundo que ainda apresenta tanta perversidade do pecado, este desafio pode ser amplamente alcançado, não por nossa capacidade, mas porque Deus concedeu que a sua justiça habite em nós através da mais sublime expressão da justiça do Pai Celestial, a saber o Senhor Jesus Cristo.

Gálatas 2: 19 Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo;
20 logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.

Deus sabe que as pessoas no mundo sofrem resistências para passarem a viver e andar em conformidade com a condição de serem justificados por Deus mediante a fé e não por obras, e o Senhor conhece a resistência que há no mundo para que aqueles que foram justificados Nele venham a manifestar os frutos da justiça celestial. Entretanto, o Senhor não chama as pessoas para viver e andar em justiça sem também lhes conceder o que necessitam para andar no caminho eterno ainda que se encontrem no presente mundo.

João 16: 33 Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.

1 João 4: 4 **Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo.**

Hebreus 4: 15 **Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.**

16 **Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.**

1 João 5: 11 **E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho.**

12 **Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.**

13 **Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus.**

E não obstante todas as promessas de amparo que o Senhor nos promete em Cristo Jesus em textos como os acima apresentados, **Deus ainda tornou público que o Senhor Jesus Cristo não somente é o Cordeiro Perfeito, a provisão para a nossa justificação, a Nossa Justiça que habita em nós, mas também que Ele é o Rei Eterno da Justiça, e Rei segundo a Ordem de Melquisedeque.**

Isaiás 9: 6 **Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz;**
7 **para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto.**

Salmos 45: 1 **De boas palavras transborda o meu coração. Ao Rei consagro o que compus; a minha língua é como a pena de habilidoso escritor.**

2 **Tu és o mais formoso dos filhos dos homens; nos teus lábios se extravasou a graça; por isso, Deus te abençoou para sempre.**

3 **Cinge a espada no teu flanco, herói; cinge a tua glória e a tua majestade!**

4 **E nessa majestade cavalga prosperamente, pela causa da verdade e da justiça; e a tua destra te ensinará proezas.**

Para nos amparar em nossa opção pelo dom da justiça de Deus, no crescimento na palavra da justiça e na experiência com a justiça celestial, e para nos auxiliar e sustentar para também vivermos e andarmos na justiça

eterna, Deus nos concedeu o soberano Rei da Justiça que reina sobre tudo e todos, mas que também é o Sumo Sacerdote Eterno que sabe nos ajudar e sustentar em todas as nossas fraquezas.

Nós temos um Rei estabelecido pelo Pai Celestial junto ao seu singular e sublime trono que está acima de todo principado e toda potestade para reinar e estabelecer esta justiça em nós e a nosso favor por onde estivermos na Terra. Um Rei que foi estabelecido como o Rei da Justiça para salvar-nos em justiça a fim de também podermos viver e andar eternamente na justiça do Pai Celestial.

Além disso, quando passamos a ver a condição do Senhor Jesus Cristo também como Rei da Justiça e o Rei da Paz em conjunto com a sua condição de Sumo Sacerdote Eterno, certamente nos deparamos com um conjunto ainda muito mais amplo e inesgotável de aspectos sobre a justiça de Deus e sobre o chamado para vivermos e andarmos nesta justiça.

Quando passamos a conhecer mais de perto o chamado para andarmos instruídos e amparados pelo Rei da Justiça que está assentado à direita do alto e sublime trono de Deus, mas que também habita em nós, podemos crescer, por exemplo, na compreensão do quão importante é o papel da oração do cristão e da sua cooperação com o Senhor para que uma presença maior da justiça do reino de Deus seja manifesta no mundo.

Passar a conhecer a condição de Cristo como o Rei da Justiça e saber os aspectos centrais associados a ela permite ver ou compreender ainda mais amplamente a soberania eterna da justiça do reino celestial.

Quando um cristão passa a ficar mais consciente de quão majestosa e poderosa é a condição de Cristo como o Rei Eterno da Justiça, também a condição de fé deste cristão no Senhor pode ser amplamente fortalecida ou enriquecida.

Assim, a sublimidade da condição de Cristo como o Rei da Justiça, sem dúvida alguma, é digna de ser amplamente conhecida e apreciada, para a qual, porém, não avançaremos no presente material para não nos estendermos demais nele e também para que a abordagem da condição de Cristo como o Sumo Sacerdote e Rei Eterno seja feita oportunamente de maneira mais ampla ou com uma atenção que lhe é devida.

Considerando que uma descrição mais ampla sobre o Senhor Jesus Cristo como o nosso Rei da Justiça também se aplica ao Evangelho da Glória de Deus e da Glória de Cristo, não iremos nos estender no presente material em maiores detalhes desta faceta maravilhosa da glória de Cristo. Ressaltamos aqui, então, que o presente material sobre a justiça de Deus expressa somente uma primeira parte sobre a vida na justiça de Deus, pois o dom da justiça em Cristo nos foi dado para ser experimentado e vivido sob a direção do Senhor de maneira prática e crescente em todos os dias da nossa vida.

Portanto, ao Pai Celestial, ao Senhor Jesus Cristo e ao Espírito Santo sejam toda a glória e toda a honra por terem, na plenitude dos tempos, aberto a nós o caminho para nos tornar parte da Justiça Eterna que Deus revelou e ofereceu dos céus mesmo enquanto nós ainda éramos pecadores.

Romanos 1: 16 **Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;**

17 visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

Hebreus 13: 20 **Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança,**

21 vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre.

Amém!

C31. Visão Resumida sobre a Justiça de Deus

Devido a relevância e a amplitude da justiça de Deus, um cristão é chamado a colocar a busca pela justiça de Deus continuamente em primeiro lugar, assim como para que descubra esta justiça no Evangelho de fé em fé e conforme for avançando em sua caminhada com o Senhor nas mais diversas áreas de sua vida. Razão pela qual seria impossível agrupar resumidamente todos os grupos de assuntos da amplitude da justiça de Deus e seria ainda mais impossível tentar resumir a justiça de Deus em uma só definição.

Entretanto, para ao menos possibilitar uma percepção mais agrupada ou resumida de vários dos principais pontos que estão englobados no tema da justiça do Senhor, apresentamos abaixo uma tentativa de um breve resumo como um anexo ao material exposto nos capítulos anteriores e para incentivar as pessoas a sempre retornarem à percepção do quanto à justiça celestial lhes é fundamental e necessária para a salvação, mas também para a continuidade na novidade de vida recebida no Senhor.

Segue, então, abaixo, uma figura e uma lista com alguns dos pontos centrais que entendemos serem muito significativos de serem continuamente lembrados sobre aquilo que nos é exposto através do Evangelho da justiça celestial.



⇒ 1) **Justiça de Deus: Um Atributo de Deus que:**

- a) Fundamenta o trono de Deus;
- b) Fundamenta todos os juízos de Deus;
- c) Fundamenta todas as ações de Deus;
- d) Fundamenta a Graça, a Misericórdia e o Amor de Deus;
- e) Fundamenta o Evangelho de Deus e o Dom da Justiça.

⇒ 2) **Justiça de Deus: Um Dom Celestial que:**

- a) Trouxe abundante luz sobre a malignidade das trevas, do pecado e do corpo do pecado;
- b) Expôs à luz a fragilidade da Antiga Aliança, da Lei de Moisés ou a inutilidade desta lei quanto à justificação, salvação e aperfeiçoamento dos seres humanos;

- c) Trouxe abundante luz sobre os meios ineficazes, falsos ou vãos de justificação e salvação, quer do modelo denominado de judeu ou circuncisão, quer do modelo denominado de grego ou incircuncisão;
- d) Revelou ao mundo a singular, plena e perfeita provisão de justificação dos seres humanos que ficaram sujeitos à escravidão do pecado e das consequências associadas a ele;
- e) Revelou ao mundo o caminho da salvação eterna;
- f) Revelou ao mundo o meio para a reconciliação dos seres humanos com o seu Criador Eterno;
- g) Justifica todo aquele que recebe este dom;
- h) Perdoa diante de Deus aquele que recebe este dom;
- i) Concede a salvação àquele que recebe este dom;
- j) Concede o novo nascimento àquele que recebe este dom;
- k) É a base para um cristão ser reconhecido como justo diante de Deus;
- l) Reconcilia com Deus aquele que recebe este dom;
- m) Concede que a justiça de Deus, em Cristo, habite no coração de quem recebe este dom, a ponto de Cristo ser chamado de “Nossa Justiça”;
- n) É a provisão pela qual o Espírito Santo e o amor de Deus são derramados no coração daquele que recebe o dom justificador e salvador;
- o) Tornou e torna disponível a contínua comunhão do cristão com o Senhor;
- p) Tornou e torna disponível o perdão também para o cristão caso este tropece em algum pecado, oferecendo a ele inclusive a Cristo como o seu Advogado junto ao Pai Celestial;
- q) Concede a palavra ou o ensino da justiça como um alimento sólido para que os salvos alcancem faculdades exercitadas pela prática para discernirem não somente o bem, mas também o mal;
- r) É a base para o cristão não permanecer na condição espiritual infantil e sujeita a tutores ou pretensos mediadores;
- s) É a provisão para que um cristão não mais precise retornar às associações com obras da injustiça que resistem em reconhecer e aceitar exclusivamente o singular dom justificador e salvador que há em Cristo Jesus;
- t) É a provisão pela qual um cristão pode estar seguro de que não precisa mais se sujeitar à sacerdotes humanos e às regras, ofertas e sacrifícios de suas instituições ou religiões;
- u) É a base para um “justo viver pela fé”;
- v) Possibilita que aqueles que foram salvos pelo dom da justiça também passem a viver e andar em conformidade com a justiça de Deus;

- w) Possibilita que aqueles que foram salvos sejam instrumentos da justiça do Senhor e cooperem com Deus na manifestação da justiça celestial no mundo;
- x) Possibilita que aqueles que foram salvos experimentem ainda uma outra série de frutos, resultados ou benefícios que advém do recebimento e da permanência neste dom;
- y) Possibilita que aqueles que foram salvos sejam guardados no Senhor até receberem a coroa da justiça eternamente e venham a habitar nos novos céus e nova Terra nos quais eternamente habita e reina a justiça celestial;
- z) Revela a Cristo como o Sumo Sacerdote Eterno e Rei Soberano e Eterno da Justiça e da Paz já estabelecido eternamente segundo a Ordem de Melquisedeque e que atua em favor daqueles que Nele depositam a sua confiança.
- ⇒ 3) **Justiça de Deus: Uma condição pela qual o Senhor Jesus Cristo atua como:**
- a) O singular Redentor ou Salvador dos seres humanos;
- b) O único mediador entre Deus e os seres humanos, e vice-versa;
- c) O único mediador da Nova Aliança;
- d) O Singular Sumo Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedeque;
- e) O Senhor dos Senhores e o Rei da Eterna Justiça e Paz também segundo a Ordem de Melquisedeque.

2 Coríntios 5: 21 **Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.**

Salmos 71: 19 **Ora, a tua justiça, ó Deus, se eleva até aos céus. Grandes coisas tens feito, ó Deus; quem é semelhante a ti?**

Bibliografia

Observação sobre Textos Bíblicos referenciados:

- 1) Os textos bíblicos sem indicação específica de referência foram extraídos da Bíblia RA, conforme indicado abaixo.
- 2) Os destaques nos textos bíblicos, como sublinhado, negrito, ou similares, foram acrescentados pelo autor deste estudo.

Bíblia EC - João Ferreira de Almeida Edição Contemporânea (1990).

Editora Vida.

Bíblia LUT - Alemão - Tradução de Martinho Lutero (1912) - CD Online Bible.

Bíblia NKJV - Inglês - New King James Version (2000) - CD Online Bible.

Bíblia RA - Almeida Revista e Atualizada (1999) - CD OnLine Bible.

Bíblia RC - Almeida Revista e Corrigida (1995) - CD OnLine Bible.

GOOGLE. (Março de 2015). *Dicionário do Google Translator.*

J. D. Douglas e outros. (1983). *O Novo Dicionário da Bíblia.* São Paulo: Edições Nova Vida.

James Strong, LL.D, S.T.D. - Léxico Hebraico e Grego de Strong - CD Online Bible.

Merriam-Webster. (2015). *Dictionary.*

Minidicionário Luft -15a Edição. (1998). São Paulo: Editora Ática.